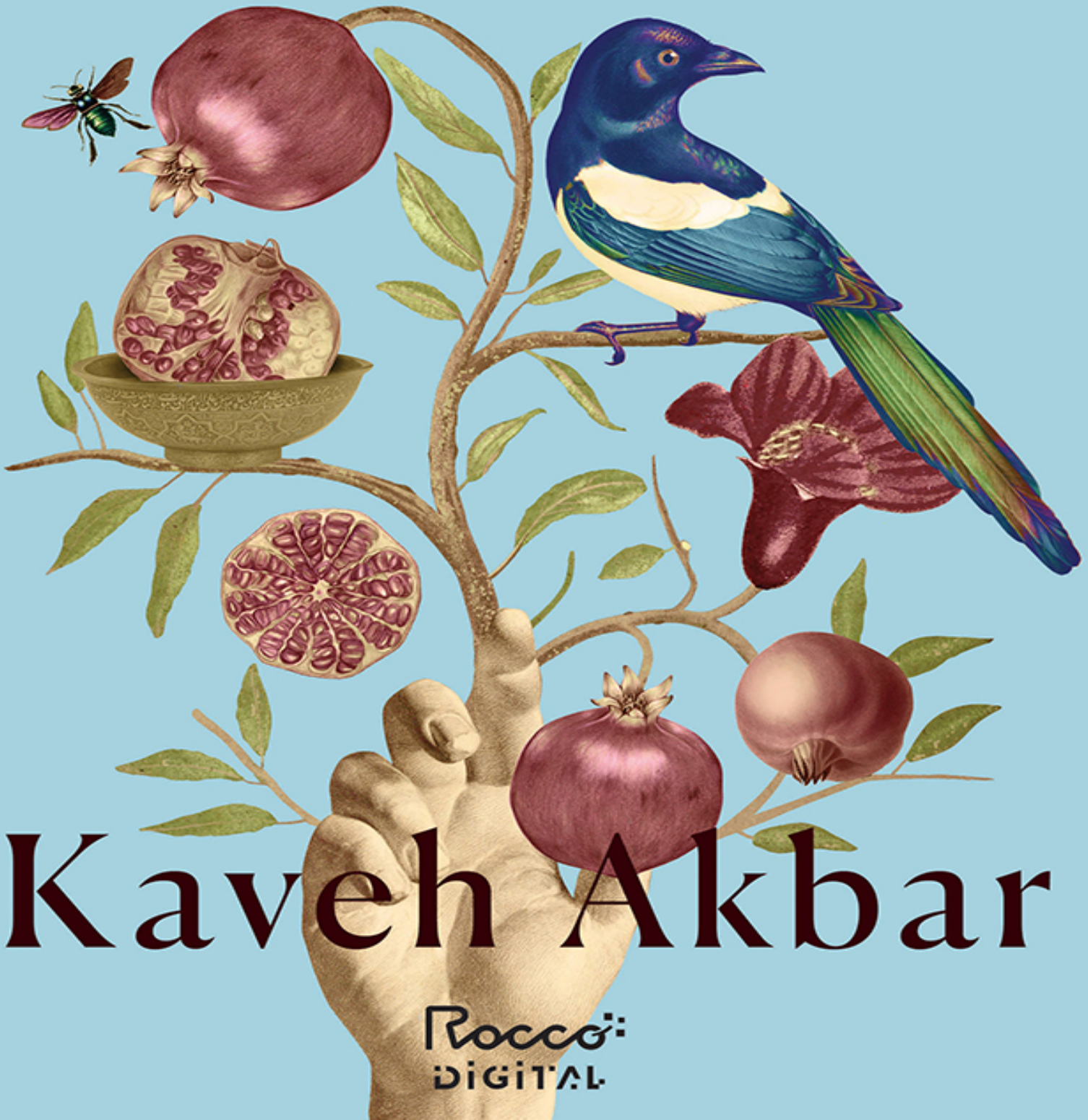
MÁRTIR!



Kaveh Akbar

Rocco DIGITAL

Kaveh Akbar

MÁRTIR!

Tradução de Layla Gabriel de Oliveira

Rocco
DIGITAL

AOS MÁRTIRES, QUE VIVEM

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1: Cyrus Shams

UM

Capítulo 2: Segunda-feira

DOIS

Interlúdio 1

Capítulo 3

TRÊS

Capítulo 4

QUATRO

Capítulo 5: Bandar Abbas, Irã

CINCO

Interlúdio 2

Capítulo 6: Cyrus e Ali Shams

Capítulo 7: Lisa Simpson e Roya Shams

SEIS

Capítulo 8: Roya e Arash Shirazi

SETE

Interlúdio 3

Capítulo 9: Terça-feira

OITO

Capítulo 10: Zee Novak

NOVE

Capítulo 11: Sexta-feira

DEZ

Interlúdio 4

Capítulo 12: Ali Shams

Capítulo 13: Sexta-feira

ONZE

Capítulo 14: Arash Shirazi

DOZE

Interlúdio 5

Capítulo 15: Cyrus Shams

TREZE

Interlúdio 6

Capítulo 16: Roya Shams

CATORZE

Capítulo 17: Sábado

QUINZE

Interlúdio 7

Capítulo 18: Kareem Abdul-Jabbar e Beethoven Shams

DEZESSEIS

Interlúdio 8

Capítulo 19: Arash Shirazi

DEZESSETE

Capítulo 20: Domingo

Capítulo 21: Interlúdio

DEZOITO

Capítulo 22: Roya Shams

DEZENOVE

Capítulo 23: Domingo

VINTE

Interlúdio 9

Capítulo 24: Domingo

VINTE E UM

Capítulo 25: Domingo

VINTE E DOIS

Capítulo 26: Orkideh e o Presidente Insolente

VINTE E TRÊS

Capítulo 27: Roya Shams

VINTE E QUATRO

Capítulo 28: Segunda-feira

VINTE E CINCO

Interlúdio 10

Capítulo 29: Ali Shams e Rumi

Capítulo 30: Segunda-feira

VINTE E SEIS

Interlúdio 11

Capítulo 31: Roya Shams

Capítulo 32: Segunda-feira

VINTE E SETE

Interlúdio 12

Capítulo 33

VINTE E OITO

Interlúdio 13

Capítulo 34: Orkideh

VINTE E NOVE

Capítulo 35: Orkideh

TRINTA

Capítulo 36: Segunda-feira

TRINTA E UM

Interlúdio 14

Capítulo 37: Orkideh

TRINTA E DOIS

Interlúdio 15

Capítulo 38: Segunda-feira

Capítulo 39: Coda

Agradecimentos

Créditos

O Autor

Índice

Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.
— *Clarice Lispector*

CYRUS SHAMS

UNIVERSIDADE KEADY, 2015

Talvez tenha sido o fato de Cyrus ter usado as drogas erradas na ordem certa, ou as drogas certas na ordem errada, mas quando Deus finalmente lhe respondeu depois de vinte e sete anos de silêncio, o que Cyrus mais queria era um recomeço. Esclarecimento. Deitado no seu colchão que cheirava a urina e aromatizador, dentro do quarto que cheirava a urina e aromatizador, ele fixava o olhar na única lâmpada do quarto, desafiando-a a piscar de novo, desafiando Deus a confirmar que a lâmpada ter piscado tinha sido mesmo um ato divino, e não só a fiação velha do apartamento.

"Faça a lâmpada piscar", Cyrus pensava, não pela primeira vez na vida. "Só uma piscadinha e vendo toda a minha tralha pra comprar um camelo. Eu recomeço do zero." Naquele momento, toda a sua tralha consistia em uma pilha de roupa suja e outra de livros emprestados de bibliotecas diferentes e nunca devolvidos, coletâneas de poesias e biografias, *Ao Farol*, *Meu tio Napoleão*. Mas pouco importava tudo isso: Cyrus falava sério. Por que o Profeta Maomé recebeu a visita de um arcanjo? Por que Saul ganhou o privilégio de ver literalmente a luz do paraíso a caminho de Damasco? É muito fácil ter fé inabalável depois de uma revelação tão óbvia. Como que era justo celebrar esses caras por uma fé que nem era fé de verdade, que era só obediência cega a algo que já tinham visto que era verdade? E qual era o sentido de punir o resto da humanidade, privada de tal revelação explícita? De condenar todo o resto a cambalear de crise em crise, em uma solidão desesperadora?

Mas aí a vez de Cyrus chegou também, bem ali naquele quarto detonado em Indiana. Ele pediu que Deus mostrasse a si mesmo, ou a si mesma, a si mesme, o que fosse. Pediu com toda a sinceridade que tinha à disposição, que era vasta. Se todo relacionamento era uma série de avanços e recuos, Cyrus quase nunca era o recuador, compartilhando tudo de importante sobre si mesmo com uma palavra, um sorriso, com uma encolhida de ombros, como se dissesse: "Esses são os fatos. Por que eu deveria me envergonhar?"

Deitado no colchão descoberto no piso de madeira, deixava as cinzas do cigarro caírem na pele exposta da barriga, feito um príncipe amuado, pensando "Senhor, faça a luz piscar e eu compro um burrinho, juro que compro um camelo e vou até Medina montado nele, até Getsêmani, tanto faz, é só fazer a luz piscar que juro que dou um jeito". Era isso que pensava quando de repente — *alguma coisa* — aconteceu. A lâmpada acendeu e apagou, ou quem sabe ficou mais clara, como o flash de uma câmera, durante a fração da fração de um segundo, e voltou ao normal, só uma lâmpada amarela comum.

Cyrus tentou recapitular quais drogas tinha usado naquele dia. O combo habitual de álcool, maconha, cigarros, clonazepam, Adderall e Neurontin alternadamente ao longo do dia. Ainda tinha dois comprimidos de oxicodona, mas estava guardando esses para tomar à noite. Nada do que tinha tomado era exótico, nada o faria alucinar totalmente. Aliás, estava se sentindo bem sóbrio, para sua média.

Ele se perguntou se não tinha sido o peso do seu querer, do seu olhar, que tinha forçado os olhos a verem o que queriam ver. Se era assim que Deus operava hoje em dia, no novo mundo. Quem sabe Deus, cansado de pirotecnia intervencionista, como arbustos em chamas e pragas de gafanhotos, agora operasse por meio dos olhos cansados de iranianos bêbados no centro-oeste dos Estados Unidos, por meio de garrafões de bourbon barato e de comprimidinhos cor-de-rosa com G 31 escrito nas laterais. Cyrus deu um gole direto da garrafa de plástico gigante de Old Crow. O uísque fazia por ele o que uma mesa de cabeceira fazia pelas pessoas normais — estava sempre ao lado da cama, apoiando o que havia de mais importante para ele. A bebida o

levantava, todos os dias, do mesmo sono para o qual inevitavelmente o devolvia.

Deitado, refletindo sobre o possível milagre que tinha acabado de presenciar, pediu que Deus repetisse seu ato. Uma confirmação, como digitar a mesma senha duas vezes num cadastro. É claro que se o todo-poderoso do universo quisesse mesmo se revelar para ele, não haveria nenhuma ambiguidade. Cyrus encarou a luz no teto, que parecia uma lua aguada envolta na fumaça de cigarro, e esperou que acontecesse de novo. Mas não. A piscadinha que ele tinha ou não presenciado não se repetiu. E então, deitado na abafada bruma de relativa sobriedade — um outro tipo de barato —, em meio a roupas íntimas e latas e mijo seco e frascos de comprimido vazios e livros pela metade, virados no chão, suas lombadas quebradas pela vontade de olhar para o outro lado —, Cyrus tinha uma decisão a tomar.

UM



DOIS ANOS DEPOIS

SEGUNDA-FEIRA

UNIVERSIDADE KEADY, 6 DE FEVEREIRO DE 2017

— EU MORRERIA *POR VOCÊ* — DISSE CYRUS PARA SEU REFLEXO NO ESPELHINHO DO hospital, sozinho. Não sabia se era verdade, mas foi bom dizer. Fazia algumas semanas que ele brincava de morrer. Não ao estilo Plath, de "tentei mais uma vez, um ano a cada dez". Cyrus trabalhava como ator na ala médica do hospital da Universidade Keady. Vinte dólares a hora, quinze horas por semana, Cyrus fingia ser "um daqueles que perecem". Gostava de como estava no Alcorão, não "até você morrer" mas "até você ser um daqueles que perecem". Como se você fosse chegar numa comunidade nova, que ansiasse pela sua chegada. Quando Cyrus entrava no escritório do quarto andar do hospital, uma secretária lhe estendia a ficha com o nome falso do paciente, a identidade e uma carinha que representava onde estava na escala de dor, de 0 a 10, em que 0 era uma cara sorridente de "nenhuma dor", 4 era um rosto sério de "dói um pouco" e 10 era uma carinha chorando de "dói muito", um desenho horripilante com um U de ponta-cabeça no lugar da boca. Cyrus acreditava ter encontrado a sua vocação.

Às vezes, era ele quem estava morrendo. Em outras, era um familiar. Naquela noite, Cyrus seria Sally Gutierrez, mãe de três, e seu rosto era um 6, "dói bastante". Era só essa a informação que tinha quando uma estudante nervosa de medicina entrou com seu jaleco branco de caimento péssimo e disse a Cyrus/Sally que sua filha tinha sofrido um acidente de carro, que a equipe médica tinha feito de tudo, mas não conseguira salvá-la. Cyrus ajustou sua reação para um 6, à beira das lágrimas. Perguntou para a estudante se

podia ver a filha. Xingou, chegou até a soltar uns gritos. Mais tarde, quando foi embora, pegou uma barrinha de chocolate da cesta de vime em cima da mesa da secretária.

Era comum os estudantes de medicina ficarem ávidos demais para consolá-lo, parecendo apresentadores de programas de tevê vespertinos. Ou eram repelidos pela artificialidade da coisa e mal participavam. Diziam chavões de uma lista que eram obrigados a decorar, tentavam encaminhar Cyrus aos serviços de orientação psicológica do hospital. Por fim, quando saíam da sala de exames, Cyrus tinha que avaliar a compaixão do estudante em uma tabela xerocada. Apoiada num tripé, uma pequena câmera gravava as interações para avaliação posterior.

De vez em quando os estudantes perguntavam se Cyrus queria doar os órgãos de seu ente querido. Eles recebiam treinamento para esse tipo de conversa na faculdade. A função do estudante era convencê-lo. Cyrus era Buck Stapleton, técnico de um time de futebol do ensino médio e católico fervoroso. Tranquilo, um 2 na escala de dor: "dói um pouquinho." O rosto desenhado ainda sorria, mas só por um triz. Sua esposa estava em coma, o cérebro dela sem sinal de atividade.

— Ela ainda pode fazer o bem — o estudante disse, colocando a mão, sem jeito, no ombro do Cyrus. — Pode salvar a vida de outras pessoas.

Para Cyrus, os diferentes personagens eram boa parte da diversão. Ele era Daisy VanBogaert, uma contadora diabética cuja perna fora amputada tarde demais. Nesse papel, lhe pediram para vestir uma camisola hospitalar. Ele era um imigrante alemão, Franz Links, engenheiro, com enfisema em estágio terminal. Ele era Jenna Washington, e o avanço de seu Alzheimer era inesperadamente abrupto. Um 8. "Dói pra valer."

A médica que entrevistou Cyrus para o trabalho, uma senhora branca de lábios finos e olhos cor de chumbo, disse que preferia contratar gente como ele. Quando Cyrus ergueu as sobrancelhas, ela foi logo se explicando:

— Quem não é ator, foi isso que quis dizer. Os atores tendem a ficar meio… — Ela fez pequenos círculos com as mãos. — … Meio *Marlon Brando* demais. Sempre querendo ser o centro das atenções.

Cyrus tinha tentado arrastar seu companheiro de apartamento Zee para o trampo, mas Zee perdera a entrevista. Zbigniew Ramadan Novak, egípcio-polonês — Zee, para facilitar. Disse que não acordou com o despertador, mas Cyrus desconfiava de que tivesse amarelado. O incômodo de Zee com o trabalho surgia de vez em quando. Um mês depois, quando Cyrus estava se aprontando para ir ao hospital, Zee ficou olhando para ele e torceu o nariz.

— Que foi?

Nada.

— *Que foi?* — Cyrus perguntou de novo, mais enfático.

Zee fez uma cara e disse:

— Essa coisa toda não é muito saudável, Cyrus.

— O que não é saudável?

Zee fez a cara de novo.

— O trabalho no hospital?

Zee fez que sim.

— É que o cérebro não sabe distinguir o que é atuação e o que é verdade. Depois de tudo o que você passou? Não deve estar fazendo… *bem* pra você. Pro seu tronco cerebral.

— Vinte dólares a hora faz muito bem pra mim — Cyrus sorriu, sarcástico — *e pro meu tronco cerebral*.

Aquele dinheiro era bastante coisa. Lembrava que, nos tempos de bebedeira, vendia seu plasma por aquele valor, vinte dólares por visita, seu sangue desidratado pela ressaca demorando horas para sair, como milkshake passando por um canudo fino demais. Cyrus via as pessoas chegarem, serem conectadas e irem embora no mesmo tempo que ele demorava para encher uma única bolsa.

— E sei que vai acabar sendo bom pra minha escrita também — Cyrus acrescentou. — Como é mesmo aquela história de *vivenciar* os poemas que ainda não escrevi?

Cyrus era um bom poeta quando escrevia, mas raramente o fazia. Antes de ficar sóbrio, escrevia com menos frequência do que bebia para escrever, dizia que a bebida era essencial para seu processo criativo, "quase sagrada" — era assim mesmo que ele falava —, pois "abria a sua mente para a voz oculta"

soterrada debaixo da mundana "lenga-lenga do dia a dia". É claro que, quando bebia, ele raramente fazia outra coisa além de beber. "Primeiro você toma um gole, aí a bebida toma um gole, aí a bebida te toma!", Cyrus anunciava com orgulho para o salão, para o bar, sem saber mais com quem estava falando.

Na sua vida sóbria, passava por longos períodos de bloqueio criativo, ou melhor, ambivalência de escritor. Antipatia de escritor. O que quase piorava as coisas era o quanto Zee o incentivava sempre que ele *finalmente* escrevia alguma coisa; Zee se derretia pelos rascunhos do companheiro de casa, elogiando cada quebra de linha ou rima oblíqua nos poemas, só faltando pendurá-los na porta da geladeira.

— "Vivenciar os poemas que você ainda não escreveu?" — debochou Zee. — Qual é, você não é tão idiota assim.

— Sou, sim — Cyrus disse, ríspido, e saiu do apartamento.

Quando chegou no estacionamento do hospital, Cyrus ainda estava puto. As coisas não precisavam ser tão complicadas quanto Zee vivia fazendo com que fossem, pensou. Às vezes, a vida era só aquilo que acontecia. Que se acumulava. Esse era um dos vagos axiomas de seus dias de bebedeira ao qual ele ainda se apegava, mesmo na sobriedade. Não era justo que, só por estar sóbrio, todo mundo esperasse que fosse ponderar toda e qualquer decisão. Esse ou aquele trabalho, essa ou aquela vida. Não beber já era um esforço bastante hercúleo. As pessoas deveriam ser mais pacientes com ele, não menos. A cicatriz no pé esquerdo — resquício de um acidente de anos antes — latejava de dor.

Cyrus bateu o ponto e atravessou os corredores, passando por duas mães amamentando lado a lado na sala de espera, por uma fila de macas vazias com lençóis bagunçados, até chegar no elevador. Quando pisou no escritório do quarto andar, a recepcionista o obrigou a se registrar de novo e entregou a sua ficha da tarde. Sandra Kaufmann. Professora de matemática do ensino médio. Graduada, sem filhos. Viúva. Seis na escala de dor. Cyrus ficou sentado na sala de espera, olhando de relance para a câmera, para o cartaz de "entendendo o câncer de pele" na parede, com imagens de verrugas anormais, lesões pré-

cancerígenas. O ABC do melanoma: Assimetria, Bordas, Cores, Diâmetro e Evolução. Cyrus imaginou os cabelos de Sandra carmesim, da cor da verruga que aparecia ao lado de "Diâmetro" no cartaz.

Passados alguns minutos, uma jovem estudante de medicina entrou na sala, olhou para Cyrus e depois para a câmera. Era um pouco mais nova que ele, seu cabelo castanho avermelhado preso num coque elegante. A postura impecável lhe dava ares de aluna de colégio interno, de realeza da Nova Inglaterra. Cyrus a odiou automaticamente. Aquele verniz aristocrático ianque. Cyrus imaginou que ela tivesse gabaritado os exames finais do colégio, tivesse estudado em uma universidade da Ivy League, e então tivesse sofrido a decepção de ter que fazer residência na Keady e não em Yale ou Columbia. Ele a imaginou fazendo sexo clínico e desinteressado com o filho escultural do sócio do pai, imaginou o casal num restaurante chique à luz de velas, beliscando de mau humor uma piccata de vitela para dois, ambos ignorando o cestinho de pão. Foi encoberto por um desprezo inexplicável, impiedoso como uma sombra. Cyrus odiou o barulho que ela fez ao abrir a porta, maculando a quietude da qual ele desfrutava. Ela olhou para a câmera de novo antes de se apresentar.

— Olá, senhorita Kaufmann. Meu nome é dra. Monfort.

— Senhora Kaufmann — Cyrus corrigiu.

A estudante deu uma olhadela para a câmera.

— Ahm, perdão?

— O meu marido pode até já ser falecido, mas ainda sou a mulher dele — disse Cyrus, apontando para a aliança imaginária na mão esquerda.

— Eu… Me desculpe, senhora. Eu só…

— Não tem problema, meu bem.

A dra. Monfort largou a prancheta e apoiou as mãos na pia ao seu lado, como se estivesse se reiniciando. Então, disse:

— Senhora Kaufmann, sinto muito, mas os exames revelaram um tumor grande no seu cérebro. Vários tumores, na verdade, aglomerados. Infelizmente, estão aderidos a um tecido delicado que controla a respiração e as funções cardiopulmonares, e não temos como operar sem correr o risco de causar graves danos a esses sistemas. Podemos considerar a quimioterapia e a

radiação, mas, devido à localização e ao avanço dos tumores, esses tratamentos provavelmente seriam paliativos. Nosso oncologista vai te dar mais detalhes.

— Paliativos? — Era para os estudantes evitarem jargões médicos e eufemismos. Nada de "partindo para um lugar melhor". A recomendação era de que dissessem "morrendo" tanto quanto fosse possível, pois isso acabava com confusões, ajudava o paciente a passar depressa pelo estágio de negação.

— Isso. Para aliviar a dor. Para você ficar confortável enquanto se organiza.

Se organiza. Ela era péssima. Cyrus a odiava.

— Desculpe, doutora… Como é mesmo? Milton? Você está dizendo que vou *morrer*? — Cyrus deu um sorrisinho ao dizer a palavra que ainda não tinha sido dita pela médica em voz alta. Ela estremeceu, e Cyrus adorou vê-la estremecer.

— Ah, sim, senhorita Kaufmann, hmm, eu lamento muito. — A voz dela soava como a imagem de uma lebre selvagem, prestes a desaparecer de vista.

— Senhora Kaufmann.

— Ah sim, claro, lamento muito — Ela olhou para a prancheta. — É que aqui na minha ficha está escrito "Senhorita Kaufmann".

— A doutora está dizendo que não sei meu próprio nome?

Desesperada, a estudante olhou de relance para a câmera.

Um ano e meio atrás, na reabilitação, Cyrus revelou a Gabe, seu padrinho de A.A., que ele acreditava ser uma pessoa essencialmente ruim. Egoísta, egocêntrica. Cruel, até. Um ladrão de cavalos que parou de beber é só um ladrão de cavalos sóbrio, dissera Cyrus, se sentindo orgulhoso por ter pensado nisso. Ele usou versões dessa frase em dois poemas diferentes.

— Mas você não é uma pessoa ruim tentando ser boa. Você é uma pessoa doente tentando melhorar — respondeu Gabe.

Cyrus ponderou. Gabe prosseguiu:

— Pra quem vê de fora, não existe diferença entre uma pessoa boa e uma pessoa ruim se comportando como pessoa boa. Na verdade, acho que Deus ama essa última um pouco mais.

— Uma pessoa ruim travestida de pessoa boa… — Cyrus pensou em voz alta. Foi como eles passaram a se referir a isso, dali em diante.

— De jeito nenhum, senhora Kaufmann! Eu não estava discordando de você — a estudante gaguejou. — Deve ter sido um erro de digitação. Mil desculpas. Tem alguém pra quem a senhora gostaria que a gente ligasse?

— Pra quem eu gostaria que vocês ligassem? — perguntou Cyrus. — Pro meu chefe? Não tenho mais ninguém, sou sozinha.

A dra. Monfort estava pálida. A luz vermelha da câmera acendia e apagava, como um vagalume zombando deles.

— Nós temos ótimos terapeutas aqui em Keady. Os mais bem avaliados…

— Você já teve um paciente que queria morrer? — Cyrus interrompeu.

A estudante olhou para ele em silêncio, o desdém e a raiva irradiando da sua pessoa, uma fúria mal contida. Cyrus achou que ela estava a ponto de bater nele.

— Ou talvez não queria morrer — Cyrus continuou —, mas queria que o sofrimento acabasse?

— Bem, *como já disse*, nós temos uma ampla variedade de opções paliativas — ela rosnou, encarando Cyrus, o Cyrus-Cyrus debaixo da senhora Kaufmann, implorando que cooperasse com ela.

Ele a ignorou.

— Da última vez que achei que queria morrer, peguei uma garrafa de Everclear, 95% de teor alcoólico, e me sentei na banheira, fiquei bebendo do gargalo e jogando um pouco na minha cabeça. Um gole pra mim, outro para o cabelo. Meu objetivo era terminar a garrafa e depois botar fogo em mim mesma. Dramático, né?

A dra. Monfort ficou quieta. Cyrus continuou:

— Mas depois que bebi, digamos, um quarto da garrafa, de repente me dei conta de que não queria botar fogo em todas as outras pessoas do prédio.

Era verdade. Um pequeno lampejo de lucidez, clareza, como sol brilhando numa cobra no mato. Isso tinha acontecido alguns meses antes de Cyrus ficar sóbrio, e foi só depois de ficar bem bêbado que ele se lembrou da existência de

outras pessoas, do fato de que o fogo se espalhava, de que, se realmente botasse fogo nele mesmo na banheira do apartamento de primeiro andar, era bem provável que todos os outros apartamentos pegassem fogo também. A bebida funcionava assim às vezes, iluminando — por um breve momento — aquilo que sua mente não conseguia ver. Era como estar no consultório de um oftalmologista, a bebida te fazendo alternar entre lentes diferentes, e, por um segundo, era o grau certo, o grau que permitia vislumbrar o mundo como ele é de verdade, para além do seu sofrimento, da sua aflição. Essa era a clareza que o álcool, e nada mais, trazia. Ver a vida da mesma forma que o resto do mundo via, como um lugar capaz de acomodá-lo. Mas é claro que, no momento seguinte, a clareza era coberta por uma enxurrada de lentes cada vez mais foscas, até a única coisa visível ser a escuridão do próprio crânio.

— Dá pra acreditar? — Cyrus continuou. — Precisei estar bêbada para pensar que o fogo, depois de acabar comigo na banheira, não iria se apagar sozinho.

— Senhora Kaufmann… — disse a estudante de medicina. Ela torcia os dedos, um tipo de "demonstração física de desconforto" que Cyrus deveria registrar na avaliação.

— Me lembro de estar sentada na banheira, fazendo os cálculos. Será que me importo mesmo de levar outras pessoas comigo? Desconhecidos. Eu tive que decidir se ligava ou não pra eles. Muito perturbador, né?

— Senhora Kaufmann, se estiver pensando em suicídio, nós temos formas de…

— Ah, vamos lá, conversa comigo. Você quer ser médica? Estou bem aqui, falando. No fim, fui para fora do prédio, encharcada de álcool, mas não tanto porque ele evapora rápido, eu acho, lembro de ter ficado surpresa por não estar tão encharcada assim. Tinha um canteiro entre o meu prédio e o prédio vizinho, com uma mesa de piquenique e uma daquelas churrasqueiras embutidas. Lembro de ter pensado que seria muito engraçado, botar fogo em mim mesma ao lado da churrasqueira. Eu tinha levado o Everclear e o isqueiro, e escuta só a bizarrice: era um isqueiro do Chicago Bears. Não faço a menor ideia de onde que veio. Fiquei sentada no banco, me sentindo, apesar do Everclear dentro e fora de mim, lembro de sentar ali me sentindo não

exatamente feliz, mas simples, talvez? Como uma água-viva, só flutuando. Alguém disse que o álcool reduz a "intensidade fatal" de estar vivo. Talvez fosse isso.

Lá fora, as nuvens estavam escuras e inchadas de chuva, o céu um animal ferido soltando seu último impulso de cólera. O quarto do hospital tinha uma janelinha alta, talvez para que quem passasse na rua não pudesse ver lá dentro. A estudante não se mexeu.

— Você tem esse órgão aqui? — Cyrus apontou para a base da garganta. — Um órgão catastrófico que pulsa o tempo todo? Pulsa medo, todo dia, sem parar? Como se achasse que uma pantera está te espreitando atrás da cortina, pronta pro ataque, mas não tem pantera nenhuma e também não tem cortina? É isso que eu queria que parasse.

— E o que você fez? — a estudante perguntou, por fim. Parecia ter relaxado um pouco, conformada em seguir o fluxo da conversa.

— Voltei para o apartamento. — Cyrus deu de ombros. — Eu só queria que a dor parasse. De repente percebi que ser queimada viva devia doer muito.

A dra. Monfort sorriu, concordou com a cabeça. Cyrus prosseguiu:

— Tomei banho e desmaiei. Eu continuei. O sentimento ruim também. Achei que ficar sóbria ajudaria, essa parte veio depois. Reabilitação. E ajudou, de certa forma. Com certeza me tornou um fardo menos pesado para as pessoas à minha volta, gerou menos apreensão nelas. Mas ainda está aqui, o órgão catastrófico. — Ele apontou para o pescoço de novo. — Está na minha garganta, latejando todos os dias, o dia todo. E a reabilitação, os amigos, a arte, toda essa porcaria só faz com que fique dormente por um tempinho. Qual é aquela palavra que você usou?

— Paliativo?

— Isso, paliativo, essa mesma. Tudo isso é só paliativo. Acalma o sofrimento, mas não acaba com ele.

A estudante parou por um momento e se sentou na cadeira de frente para Cyrus. Raios preto-azulados vindos da janela a atingiam, como se ela estivesse marcada por um holofote celestial. Disse, muito bem articulada:

— Sabe, *senhora Kaufmann*, é bem possível, na verdade é até comum, ter comorbidades psicológicas. Parece que você já está recebendo ajuda para lidar com a dependência, e isso é muito bom. Mas é possível que tenha outro problema concomitante que ainda não está sendo tratado, como transtorno de ansiedade ou depressão, algo assim. Pode ser bom procurar ajuda para esse outro problema também. — Abriu um sorrisinho e acrescentou: — Não é tarde demais, mesmo com os tumores. — Esse foi seu jeito de convidar Cyrus a retomar a performance, e ele cedeu. De repente, ficou muito envergonhado.

Cyrus se comportou bem durante o resto do procedimento. Quando terminaram, alguns minutos depois, e a estudante de medicina foi embora para a sala de exames, ele escreveu uma avaliação curta porém entusiasmada, e então saiu depressa do hospital, morrendo de vergonha.

DOIS



De: Contra-almirante William M. Fogarty, Marinha dos Estados Unidos
Para: Comandante Supremo, Estados Unidos, Comando Central
Assunto: INVESTIGAÇÃO FORMAL DAS CIRCUNSTÂNCIAS ENVOLVENDO O ABATIMENTO DE UM VOO COMERCIAL PELO CRUZADOR USS VINCENNES (CG. 49) EM 3 DE JULHO DE 1988 (U)

IV. OPINIÕES

A. GERAL

1. O USS VINCENNES não derrubou propositalmente o voo comercial iraniano.

Naquela noite, Cyrus foi de carro até uma reunião de A.A. no Centro do Campus 5, a unidade local de reabilitação da Keady. Era um sobrado estilo colonial, de telhado triangular, com uma frágil estrutura de madeira lilás encardida. Um grupo de veteranos rabugentos fumava o tempo todo no estacionamento, enquanto jovens envergonhados segurando as fichas de presença evitavam contato visual ao entrarem e saírem das sessões determinadas pela justiça.

Cyrus atravessou a neblina composta pela fumaça de vape e de tabaco, entrou pela porta principal e subiu a escada até a janelinha onde Angus B., um veterano tranquilo, trabalhava durante o dia vendendo café e cookies por cinquenta centavos, sanduíches de salada de ovo por dois dólares, e todos os lucros eram revertidos para o pagamento do aluguel do Campus 5. Cyrus comprou um copo de café e desceu até o porão mal iluminado. Havia seis mesas compridas de plástico espalhadas pelo salão, todas rodeadas por cadeiras de madeira desconfortáveis que tinham sobrado do campus.

Seu padrinho estava ali. Gabe B., Gabriel Bardo. Ele tinha lá seus cinquenta e tantos anos e estava sóbrio havia trinta e três. Crescera na Califórnia, entrara e saíra do mundo da televisão, e no momento ensinava dramaturgia numa faculdade local. Gabe parecia um carvalho de jaqueta jeans, seu rosto era todo queixo, bigodão grisalho, mãozonas quase sempre rachadas pelo envolvimento em inúmeros projetos. Quando Cyrus chegou, Gabe já estava sentado a uma das mesas mais afastadas, então não disse nada ao se acomodar na cadeira vazia ao seu lado.

Cyrus tinha dificuldade de prestar atenção nas reuniões. O tópico do dia era "a vida como ela é", que de tão amplo era praticamente sem sentido. Um coroa branco celebrou seus trinta dias de abstinência pela quarta vez no ano. Todos aplaudiram. Um veterano relatou orgulhoso a própria sabedoria numa recente discussão de trabalho, dizendo "Se você está só seguindo o fluxo, então está indo ladeira abaixo". Todos concordaram. Na camiseta dele estava

escrito "Eu não corro, eu RECARREGO" em letras brancas garrafais. Uma jovem aquilina dividiu sua experiência de ter cheirado cocaína no banheiro da escola da filha durante a visitação ao jardim de infância. Todos riram. Gabe falou do filho — Shane, em homenagem ao filme de faroeste — que tinha problemas na escola, andava matando aula… sendo adolescente, basicamente. Ao contar sobre a briga recente que tiveram porque a cozinha estava caótica, Gabe disse:

— Pra mim, a diferença entre o céu e o inferno é não ligar pra bagunça.

A sala resmungou em aprovação. Mais pessoas compartilharam seus relatos. Cyrus não tinha pensado em falar nada, sua presença ali era mais por hábito ou inércia, mas quando a reunião estava quase no fim alguma coisa dentro dele se agitou, inquieta, e ele disse:

— Oi, meu nome é Cyrus, sou alcoólatra e viciado. — Só algumas pessoas olharam, mas a maioria já sabia quem ele era e como ele era. — Eu estourei com uma mulher no trabalho hoje. Nem conhecia ela e fui um merda sem motivo. E querem saber? Foi bom. Foi muito bom colocar aquela fulana no lugar dela. Estar no controle. A gente aqui vive falando de renúncia, renúncia. Aquela coisa da oração do A.A. "Liberta-me da escravidão do Ego, para que eu possa realizar melhor a *Tua* Vontade." Abrir mão do controle. Mas é bem nesses momentos, quando eu invado a cabine de comando, que consigo sentir alguma coisa de novo, é nesses momentos que lembro quem sou. Invadir a cabine de comando? Que metáfora ruim.

Cyrus riu, respirou fundo.

— Não tenho que tomar decisões importantes na vida. No geral, ando por aí escutando minha mente dizer a mesma merda inúmeras vezes: "Você não preferiria estar se masturbando?" "Você não preferiria estar *sobrecarregado*?" E a resposta é sempre, sempre sim. Aumento o volume do fone até quase explodir, sou um completo idiota com uma estranha que só está fazendo o trabalho dela. Porque pelo menos não é não sentir nada. E a sobriedade é só isso. Nada. Nada para todos os lados. Antes eu só conseguia sentir alguma coisa se fosse o êxtase mais extremo ou a dor mais excruciante. A bebida e as drogas apagaram todo o resto. Mas agora tudo está numa área cinzenta, sem textura.

Um jovem raquítico, Joe A., olhou com bastante intensidade para o relógio na parede atrás de si mesmo. Cyrus continuou:

— Quando eu era criança e meu pai era o tipo bom de bêbado, ele insistia que eu rezasse toda noite antes de dormir. "Fale com Deus, com a sua mãe. Conte pra eles como você está se sentindo." Era a mesma coisa, falar com Deus e com a minha mãe morta. Então eu rezava, falava pra Deus que estava infeliz, implorava pra minha mãe me deixar um pouquinho menos triste. Isso com sete, dez anos. Eu negociava, dizia "Pode tirar vinte anos do final da minha vida se for pra parar de fazer com que os que tenho sejam tão tristes assim". Nem me lembro por que era tão triste. Eu tinha amigos. Não passava fome. Mas tinha uma coisa podre dentro de mim. Deus? Minha mãe? Só palavras. Essa é que é a questão. Hoje, a mulher no trabalho estava me dizendo um monte de *palavras*, um monte de palavras. E eram vazias: fiquei com ódio dela. Esse programa também. São só palavras. Tipo, antes eu mijava na cama e tentava me matar. Pelo menos não mijo mais na cama. Já é alguma coisa, né? Objetivamente. Mas eu resisto. Me sinto triste o tempo todo. Com raiva. Sendo bem sincero, ainda acho que em sua maioria vocês são uns otários. Se me encontrassem fora daqui, provavelmente iriam querer me deportar…

— Problema externo! — vociferou Susan Grandona, uma veterana pequenina porém rude que, apesar do apelido, tinha menos de um metro e meio. — Não relacionado ao A.A! — A voz dela fez todo mundo no salão endireitar a postura.

— Viu? Foi isso aí mesmo que quis dizer — Cyrus declarou, erguendo as mãos diante de Susan Grandona. — A reabilitação é feita de palavras e as palavras têm muitas regras. Como é que algo tão limitado poderia alcançar algo tão grande quanto a porra do que chamamos aqui de "Poder Superior"? Como é que poderia arrancar essa grande massa podre que tem dentro de mim? Parece que tem uma esponja gigante sugando tudo que deveria me fazer sentir bem no mundo. Como as palavras fariam frente a isso? — Cyrus bufou, exasperado. — Eu não sei. Não sei mesmo. Me desculpem.

Ele afundou na cadeira, respirou fundo. O salão ficou em silêncio por um, dois segundos — uma eternidade para esse grupo — e então Mike P., ex-viciado em crack que virou dono de cafeteria, começou a falar que aquele era um dia bom para se estar sóbrio, o sol, as nuvens e as árvores. Gabe olhou

para Cyrus por uma fração de segundo com um aceno de cabeça e franzindo os lábios como se dissesse "É, essa foi interessante".

Depois da reunião, Gabe perguntou se Cyrus queria ir ao Depósito Secreto, a cafeteria do Mike P., no centro da cidade, e Cyrus sabia que não era bem uma pergunta. Foram separados, Gabe no seu Volvo azul, Cyrus no Chevy Cavalier detonado. Gabe chegou primeiro, e quando Cyrus entrou ele tinha acabado de pedir um expresso duplo para si, um americano para Cyrus. Os dois esperaram os cafés em silêncio, depois se sentaram a uma mesinha com duas banquetas nos fundos. As paredes estavam tomadas pela exposição de algum artista do ensino médio, a seção deles formada por desenhos em carvão de adolescentes fazendo caretas grotescas dentro de molduras do Instagram traçadas à mão.

— Então — Gabe enfim disse —, um Deus feito de palavras, hein? — Ele rasgou um pacotinho de açúcar mascavo e colocou no expresso, deu uma misturada. Estava tocando aquela música barulhenta do Arcade Fire que geralmente era tocada nos torneios de hockey.

— Ah, cara, sei lá — Cyrus respondeu. — Estou deprimido. Não é pra eu falar disso?

— É, sim. — Ele se inclinou sobre a mesa, mirando Cyrus. — Você está com um negocinho vermelho no olho.

— Quê?

— Talvez seja uma veia? — Gabe apontou para o canto do seu olho direito para indicar a direção que Cyrus devia olhar.

Cyrus pegou a câmera do celular e a usou para ver a si mesmo. Uma pequena Pangeia vermelha no branco do olho sangrava até a íris.

— Que merda!

— Tudo bem?

— É, sei lá. Devo ter dormido esquisito ou algo assim.

— Ou algo assim, claro. Ok: um Deus feito de palavras, você está deprimido. Continua. — Ele deu um gole no expresso, uma pequena lua de espuma se formou na ponta do seu bigode grisalho.

— É isso, na verdade. A grande e patológica depressão. Não importa se estou pensando nisso ou não. É como uma bola de boliche gigante na cama, tudo meio que escorrega até ela.

— Talvez você não acredite que Deus quer te ver feliz. Deus, sua mãe, poesia, tanto faz. O que te faz tão especial a ponto de todo mundo merecer isso *menos* você?

— O que quer dizer com isso? "Deus, sua mãe, poesia, tanto faz." Eu não faço ideia do que você, a Susan Grandona, o Mike ou qualquer um deles quer dizer quando falam em "Poder Superior". Pra maioria desse pessoal deve ser um velho barbudo nas nuvens que fica bravo quando chupo um pau, ou que manda os mulçumanos todos pro inferno. De que me adianta esse poder superior? — Cyrus fez uma pausa. — Estou lendo alguns místicos da antiguidade. Acho que se eu encontrasse um poder superior persa, algo no Islã…

— Ah, para com essa merda. — Gabe revirou os olhos de forma teatral. As bocas dos adolescentes de carvão se contorciam tragicamente para baixo. — Você é o moleque mais americano que conheço. Foi *você* que ensinou o Shane a jogar Madden, a baixar os filmes da Marvel em sites de pirataria. Você compra *discos de vinil*, caralho. Esta conversa está acontecendo em Indiana, não em Teerã.

Gabe era a única pessoa na vida de Cyrus, branca ou não, que falava com ele desse jeito. Tinha uma coisa nisso, um "foda-se" de velho punk, que Cyrus admirava fazia muito tempo, mesmo que às vezes Gabe passasse bem longe do politicamente correto. Mesmo assim, mesmo com uma inveja abstrata de Gabe pela sua habilidade de falar sem a higiene retórica atual, naquele momento específico, ainda assolado pela situação com a dra. Monfort, Cyrus ficou vermelho de raiva justiceira.

Dois anos antes, quando Cyrus estava no quinto passo — catalogar para Gabe todos os seus segredos mais secretos e obscuros — e fez uma menção casual a ter transado com homens, Cyrus esperava um choque, no mínimo

um daqueles olhares de "nossa, que é isso" que Gabe lançava. Mas Gabe contou que tinha dormido com centenas de homens também.

— O sul da Califórnia nos anos 1970 era assim. — Deu de ombros, como se fosse óbvio.

— Achava que você ficaria mais surpreso. Como se eu conseguisse passar por hétero, sei lá.

— Ah, meu querido. — Gabe riu. — Você acha que consegue passar por hétero?

Gabe parecia, e venerava, John Wayne. Seu rosto era todo queixo e maxilar, os olhos escuros e cavernosos eram papoulas caídas. Ele construía cenários do zero com seus alunos de dramaturgia, catando *pallets* velhos do campus de Keady e empilhando-os dentro do Volvo. Virou pai solteiro do Shane depois que a esposa, que conheceu no A.A., teve uma recaída e desapareceu de Indiana sem deixar vestígios. Cyrus tinha aprendido a esperar certas surpresas constitucionais do seu padrinho, pois, quando achava que ele era um tipo de gente — soberbo, conservador —, Gabe iluminava repetidas vezes o abismo que havia entre a imagem dele com sua jaqueta empoeirada e a história dentro dela.

Cyrus optou por não dizer nada sobre a baboseira Indiana-não-Teerã do Gabe, só cruzou os braços e projetou o lábio inferior numa postura vagamente combativa. Gabe continuou:

— Eu li seus poemas, Cyrus. Sei que você é persa. Nascido lá, criado aqui. Sei que faz parte de você. Mas você deve ter passado mais tempo olhando pro seu celular hoje, só hoje, do que cortando romãs na sua vida inteira. Cumulativamente. Não é? Mas conta lá a caralhada de romãs que aparecem nos seus poemas. E quantos iPhones? Entende onde quero chegar?

Cyrus queria chutar a cara dele. Por ser racista. Por ter um pouquinho de razão.

— Não estou tentando ser um cuzão — Gabe disse, suavizando a voz. — Mas é tudo conversa-fiada. É conversa-fiada e está atrapalhando a sua reabilitação. E a sua arte. Ninguém vai te dizer isso com mais sinceridade do

que eu. Ninguém pode. Tudo bem você ficar puto comigo. Essa cara feia que está fazendo. Não vejo problema nisso. Vejo problema é em você sair e beber de novo por causa disso. Em você se fazer mal.

Um rapaz magro perto deles usava fones de ouvido enormes e digitava depressa no laptop, como um hacker de filme tentando entrar no Pentágono. Tocava nas caixas de som do café uma balada rouca que Cyrus não reconheceu.

— Esse seu monólogo tem algum propósito? — Cyrus vociferou, finalmente.

Gabe chegou mais perto.

— Você sabe qual é a primeira regra da dramaturgia?

Cyrus balançou a cabeça bem de leve. Permitir que Gabe fizesse perguntas parecia uma concessão.

— Você nunca coloca um personagem no palco sem saber o que ele quer.

Cyrus franziu a testa.

— Eu sei o que quero.

— Sabe mesmo? — Gabe estava curvado sobre a mesa, as palmas grandes das mãos na mesa redondo faziam o tampo parecer um prato de madeira.

— Quero ser relevante — Cyrus sussurrou.

— Você e todo mundo. Vai mais fundo.

— Quero fazer arte de qualidade. Arte que as pessoas achem relevante.

— Bom. Continue.

— Não basta?

— Cyrus, não tem ninguém neste mundo que não acredite ser um artista genial sem reconhecimento. O que é que você, especificamente, quer da sua existência inusitada, que-jamais-se-repetirá? O que te diferencia de todo o resto? — Gabe limpou os dentes com a unha do mindinho. Ele não tinha um dente incisivo, o que o deixava meio infantil.

Cyrus fez uma longa pausa e por fim disse:

— Quero morrer. Acho que sempre quis.

— Hmm. — Gabe apertou os olhos. — Vamos revisitar isso então. Continue.

— Não sei, sei lá. Minha mãe morreu por nada. Um erro de arredondamento. Teve que dividir a morte com outras trezentas pessoas. Meu pai morreu sem ser ninguém, depois de passar décadas limpando cocô de galinha do pátio de uma granja. Eu quero que a minha vida, que a minha morte, seja mais relevante.

— Você quer ser mártir? — perguntou Gabe, arqueando a sobrancelha.

— É, acho que isso. É isso mesmo. Algo assim.

— Cara — Gabe disse, sorrindo. — Você não consegue nem lavar suas roupas. — Apontou para a camiseta de Cyrus, amassada e manchada de café perto da gola. — Você acha mesmo que conseguiria amarrar uma bomba no peito e entrar num café? — Sua voz não mudou nadinha quando ele disse "bomba", mas fez Cyrus estremecer.

— Você tem noção do quanto foi racista agora? — Cyrus sussurrou, a raiva subindo pela garganta como uma cobra saindo da toca, biliosa, lambendo o ar.

— Estou errado? — Gabe perguntou, com sinceridade.

— Não é desse tipo de mártir que estou falando — Cyrus declarou. — Se bem que…

— Se bem que…? — A espuma de expresso no bigode o deixava ridículo.

— Dá pra imaginar, ter esse tipo de fé? Ter tanta *certeza* de uma coisa que nunca viu? Eu não tenho essa certeza de coisa nenhuma. Nem mesmo da *gravidade*.

— É essa certeza que põe caraminhola na cabeça deles, Cyrus. As únicas pessoas que falam com essa convicção são os fanáticos e os tiranos.

— Claro, claro. Mas não tem uma partezinha de você que tem inveja dessa certeza? Dessa convicção?

— Não me incomodo com a incerteza. Não fico desesperado tentando resolvê-la. Recebi quatro multas por dirigir bêbado no mesmo mês porque tinha certeza de que estava no controle. Foi só isso o que a certeza me trouxe. Me fez passar dezoito meses na cadeia. Você andou lendo o terceiro passo?

Cyrus revirou os olhos. O terceiro passo era entregar sua vida toda a Deus, ou à poesia, ou à sua avó ou o caralho.

— Por acaso você está prestando atenção? — Cyrus perguntou. — Eu sei lá o que é "poder superior" pra mim.

— O que não te impediu de cair de joelhos ao meu lado uns anos atrás e pedir que ele afastasse o seu sofrimento.

— Pedir *pra quem*? Com quem é que estávamos falando?

— Quem liga pra isso? Não era com a-porra-do-seu-ego-gigantesco. É só isso que interessa.

— Você se dá conta do que está dizendo? — A cobra se erguia, agitando o rabo. — Percebe a hipocrisia que é você ficar tentando controlar a vida dos outros? Talvez porque a sua vida é um porre. Talvez porque o seu filho é um fodido e a sua mulher preferiu a bebida a você. Talvez seja por isso que você fica tentando tomar conta da minha vida, pra se sentir melhor sobre a sua. Dizendo que sou um falso persa? Um diletante?

— Não me lembro de ter te chamado de diletante — Gabe disse, muito calmo.

— Você sabe o que Borges disse sobre pais e espelhos? Que são abominações. Que ambos dobram o número de homens.

— Tenho certeza absoluta — disse Gabe — de que nunca usei a palavra "diletante".

— Você nem está prestando atenção! — A voz de Cyrus estava ficando cada vez mais alta. O jovem hacker olhou torto para eles.

— Sim, sim — Gabe respondeu com a voz estável. — Você está chateado comigo e citando Borges para me esmurrar com o seu grandioso intelecto. Muito impressionante.

— Ah, vá à merda. — Cyrus se levantou. — Eu não preciso disso. Não preciso do seu sermão e não preciso da bosta desse culto de bosta.

Cyrus pegou seu café, até então intocado, e se afastou da mesa. Gabe não se mexeu. A voz do Nick Cave saía das caixas de som, cantando a letra de "Babe, I'm on Fire". Cyrus saiu enfurecido até o carro e foi embora para longe do Esconderijo Secreto — e do Gabe — inundado de uma mistura narcótica de indignação moralista e autopiedade. O pé latejava. De relance, viu seu rosto no espelho retrovisor: a mancha vermelha tinha engolido quase todo o lado direito do seu olho direito, as cores se fundindo como numa pintura do Rothko.

Cyrus estava bravo consigo mesmo por não ter dito algo mais afiado ao se levantar do que "bosta desse culto de bosta". Passou todo o caminho até em casa procurando alternativas melhores: igreja republicana pica-murcha, congresso de coroas racistas. Era gostoso, parar o tempo e reconstruir a memória, imaginando os multiversos lexicais. Insípido templo de palavras. Pífios césares viviseccionando Deus. Ele pensou em todos os poetas que conhecia, cujo êxtase arrebatador ia além de suas capacidades linguísticas de descrevê-lo. Cyrus percebeu que não se lembrava da última vez que tinha sentido um vislumbre de bem-estar incandescente, natural. Aquele seria seu último encontro do A.A., decidiu. E a última conversa com Gabe.

TRÊS



Cyrus estranhava profundamente a necessidade do corpo de recarregar toda noite, e era assim desde que se entendia por gente. Que o sono acontecesse não como um fato, como engolir ou usar o banheiro, mas sim como um ato de fé. As pessoas fingem dormir, confiam que uma hora o fingimento vai se transformar na coisa em si. Era uma mentira exercitada todos os dias — ou, se não era uma mentira, era pelo menos uma performance. E embora uma performance não fosse, necessariamente, um fazer sem autenticidade, ela com certeza a transformava. O discurso praticado na frente do espelho é sempre diferente daquele que você acaba fazendo.

Nada mais era assim, te obrigando a insistir no fingimento. Ninguém se senta diante de um prato de arroz e finge que engole para que os grãozinhos cheguem no estômago. Somente o sono exigia aquele teatrinho vergonhoso.

Como que para incentivar o suplício, o corpo te oferece sonhos. Em troca de um terço da sua vida, você ganha vastos banquetes, aventuras exóticas, belos amantes, asas. Ou pelo menos a promessa dessas coisas, promessa que se torna um pouquinho menos inebriante pela ameaça do pesadelo. O fato de que às vezes, ao acaso, sua mente decide te reduzir a um gemido, a um suspiro, enquanto dorme.

Esses termos são inegociáveis, e, se você recusá-los, pode acabar louco, doente ou morto. Cyrus tinha lido sobre o assunto diversas vezes. Depois de meras vinte e quatro horas sem dormir, a coordenação e a memória recente são afetadas. Depois de quarenta e oito horas, o nível de glicose no sangue dispara, o coração começa a palpitar.

Para Cyrus, era difícil não ver no despertar um inimigo. A maneira como corrói a sua vontade de existir — de viver e de pensar direito — até que você se entregue. Estar desperto era como um veneno, e sonhar era o único antídoto. E se todo mundo se desse conta disso? Suas vidas seriam eletrizadas, se tornariam mais urgentes? "Fui envenenado, tenho só dezesseis horas antes de sucumbir."

Desde criança, ele tinha um sono péssimo. Quando bebê, dormia tão pouco que o pai, Ali, imaginava que tivesse alguma deficiência. Do berço, Cyrus o fitava com olhos cansados, olhos velhos e raivosos, que pareciam dizer: "Preciso mesmo fazer isso?"

Ali acalentava o filho, acariciava sua cabeça com a ponta dos dedos, cantava para ele, o levava em passeios noturnos de carro, mas ainda assim Cyrus insistia em se manter acordado com uma fúria desesperada, feito um cavalinho tentando sair de um lago enlameado, se afundando cada vez mais. Quando seu corpo de bebê não aguentava mais, Cyrus finalmente caía no sono e, dormindo, tinha no rosto uma expressão perplexa, irritada, que parecia perguntar: "Quem diria, hein?"

Conforme crescia, a situação só piorava. Quando menino, Cyrus começou a ter episódios de terror noturno. Sem aviso e sem motivo, acordava aos gritos, chorando, às vezes se debatendo violentamente. O pânico noturno passou a dominar Ali, se tornou um deus para o qual ele rezava, implorava e fazia oferendas.

Durante os episódios, o pai ia até ele e o sacudia na tentativa de acordá-lo, mas, quando conseguia, Cyrus ficava paralisado pelo medo, sem saber onde estava ou o que causara o seu pânico. Ali o balançava e implorava, como tinha implorado inúmeras vezes:

— *Koroosh baba*, por favor. Durma. Cyrus *baba*. Durma.

Mas Cyrus continuava a gritar e a chorar e a se debater, às vezes por horas a fio, até cair num sono tenso, como uma língua dentro da boca entre uma mordida e outra.

Volta e meia Cyrus urinava na cama e Ali tinha que trocar suas roupas e o lençol antes de conseguir algumas poucas horas de sono. Teria que ir de novo à lavanderia, bater mais uma máquina, perder mais uma hora, gastar mais dinheiro.

Se tivesse conversado com alguém sobre aquela fase, Ali diria que aquele era um acordo extremamente injusto — o mesmo universo que lhe tirou a esposa poderia ter pelo menos lhe dado uma criança mais fácil. Uma criança

tranquila, que dormisse muito. Era prejuízo atrás de prejuízo, Ali pensava, um dedo cutucando a ferida aberta.

A esposa de Ali, Roya, morrera poucos meses depois do nascimento de Cyrus. As circunstâncias foram inimagináveis. Ela estava num voo para Dubai, indo passar uma semana com o irmão, Arash, que não estava bem desde que servira no exército iraniano na guerra contra o Iraque. Arash estava passando uns meses em Dubai e Roya tomou a decisão impetuosa de visitá-lo, para fazer compras, comer, descansar. Estava exausta desde a gravidez e o parto, distante de Ali e do próprio filho. Ali tinha esperança de que a viagem pudesse ser restauradora, de que a ajudasse a recuperar a afetuosidade. Seria a primeira vez que Roya viajaria de avião, a primeira vez que sairia de Teerã desde o nascimento de Cyrus. Ela era puro nervosismo. Saiu de casa arrumada, vestindo sua roupa favorita: um sobretudo branco e uma elegante calça de lã, apesar do calor de julho. Colocou na mala presentes para o irmão, a fita cassete nova dos Black Cats e alguns doces persas.

Pouco tempo após decolar, o avião que levava Roya foi destruído por um navio da Marinha dos Estados Unidos. Levou um tiro e caiu do céu. Como um ganso.

O navio de guerra estadunidense, chamado USS *Vincennes*, lançou dois mísseis. Um atingiu o avião e imediatamente o transformou, assim como os quase trezentos passageiros a bordo, em pó. Era isso mesmo que os relatórios diziam, que o voo 655 da Iran Air "foi reduzido a pó". Talvez quisessem que as famílias sofressem menos, por ter sido tão instantâneo. Do pó vieram e ao pó voltaram. Era simples, se não pensassem muito sobre isso.

As sessenta e seis crianças que estavam a bordo morreram. Seriam sessenta e sete. Mas Roya disse a Ali que o filho era pequeno demais para a viagem, que ela merecia um descanso depois da longa gravidez. Se não. Se não.

Foi Ali quem quis ter filho. A esposa não tinha certeza. A mãe de Roya era bem coruja, muito amorosa. Inventava atividades e projetos para as crianças. Cozinhava três fartas refeições por dia, sem contar lanches e biscoitos. Enchia

a casa de livros, arte e música. Era o tipo de pessoa para quem a maternidade era instintiva, natural, e deixava as outras mães se sentindo inaptas.

Roya sabia que nunca seria aquele tipo de mãe, que tremia de amor como um galho na chuva. Mesmo adulta, Roya mal dava conta de tomar banho ou cozinhar para si mesma.

A mãe dela tinha mimado e estragado os filhos assim como avós estragam os netos. Roya pensava que estragaria um filho assim como a chuva estraga um passeio de carro. No entanto, Ali prometera que faria a maior parte do trabalho.

— Não sou um homem comum — ele dizia. — As noites longas, as fraldas. Os dentes nascendo! Os dentinhos minúsculos! — Ele segurava a mão de Roya quando dizia coisas assim. — Estou tão animado pra encarar tudo isso!

Roya balançava a cabeça.

— Você está animado porque não entende.

Mas, com o tempo, Roya concordou. Cyrus nasceu no dia 13 de março de 1988, uma semana antes do Nowruz, o Ano-Novo persa. No Irã todo, as pessoas pensavam no futuro, se imaginavam com corpos mais magros, com trabalhos melhores. Famílias punham a mesa com lindos arranjos de couve, sumagre, moedas, alho e frutas secas para receber o novo ano. Gordos peixinhos dourados nadavam em círculos em pequenos aquários.

O parto aconteceu depressa. Roya estava deitada na cama do hospital. As enfermeiras queriam saber se ela estava incomodada, se estava com dor, mas não estava. Não estava se sentindo bem, é claro, mas tampouco estava em agonia. Pensou que talvez aquilo fosse um mau sinal. Depois de algumas horas, começou a sentir mais pressão e, ao esticar a mão, sentiu a cabeça do bebê com os dedos. Gritou para as enfermeiras. Quinze minutos depois, seu filho veio ao mundo. O parto não foi como ela ouvira falar que seria. O médico nem estava no quarto.

O bebê chegou sem lamúrias ou choro, e Roya também não chorou, só ficou brincando com os dedos minúsculos dele. Achou que ele parecia uma

fruta. Disse, brincando, que deviam chamá-lo de *bademjan*, que em persa quer dizer berinjela.

— Vamos fazer um cozido de berinjela. O melhor amigo dele vai ser um tomate.

Ali permaneceu ao seu lado e chorou bastante pelos três, dizia *Alhamdulillah* inúmeras vezes. Ele não era muito religioso, mas o que mais se pode dizer quando um filho nasce?

— Ele tem olhos! *Alhamdulillah*. Tem cabelo! *Alhamdulillah*.

O bebê tinha sido tão educado, tão solene durante aquela provação toda. Mexia os olhos para observar as luzes novas, os rostos novos.

— *Alhamdulillah*. Como um reizinho. — dizia Ali.

Deram a ele o nome Cyrus.

Nas semanas após a morte de Roya, Ali teve de fazer a maior parte do trabalho, e todo o resto também. Ele queria ir embora de Teerã. Queria distância dos amigos e da família de Roya, que o perturbavam sem parar com visitas inesperadas para prestar condolências e trazer ensopados. Cansou-se dos pratos das senhoras: *ghormeh sabzi*, frango *koobideh*. Cansou-se dos olhares de pena.

Ele odiava ter que convencer as pessoas de que se sentia, ao mesmo tempo, paralisado pela dor, como era esperado, e bem o bastante para cuidar de si mesmo e do filho. Pensando em ajudá-lo, as pessoas xingavam os Estados Unidos e ele odiava isso também. E eles lá sabiam de alguma coisa? Os Estados Unidos derrubaram o avião onde estava a mulher dele, e não a dos outros.

Foi Ali quem teve que fazer a ligação para o irmão de Roya, Arash, que em seu apartamento alugado em Dubai aguardava a chegada da irmã. Arash gemeu e uivou — uivos tão profundos e animalescos que, mesmo por telefone e no outro canto da sala, fizeram Cyrus se encolher. Não era choro, eram uivos, como os de um animal ferido, enlouquecido de raiva e choque. Arash já não estava bem desde a guerra, mas a morte de Roya foi como uma flecha fincada no peito. Arash ficou meses sem falar, e quando falou disse coisas sem sentido. Ali quase admirava a reação do cunhado. Pelo menos era sincera.

Mais sincera do que condolências empilhadas, *chelo kabob* congelado esperando na soleira da porta.

A raiva de Ali — uma lua. Cresceu tanto e tão rápido que o assustou profundamente, o aterrorizou. No jornal, viu o vice-presidente dos Estados Unidos dizer:

— Não quero saber quais são os fatos. Não sou do tipo que vai se desculpar em nome do país.

O fato de que a família de Ali conseguia embrulhar a raiva com palavras era prova de que o que estavam sentindo era completamente diferente do que ele sentia. A raiva de Ali era voraz, quase sobrenatural, feito um cachorro morto com fome dos próprios ossos.

Às vezes ele queria se afastar de Cyrus. Sentava em outro cômodo, fumava no escuro — tinha voltado a fumar — e, quando o filho se agitava, suspirava e demorava o máximo possível para ir, bufando, encarar os olhos castanhos vivos de Roya que os fitavam do berço. Ali parou de comer e de atender o telefone. A raiva se enrijeceu em uma placa ao redor do seu coração. Sentia isso, sentia que ele também enrijecia, e se entregou. Comprou barris de vinho caseiro de um vizinho, solicitou um visto. Analisava a sua imagem no espelho, os dentes pareciam mais pontudos.

Ali alimentava Cyrus com fórmula infantil gelada e odiava o pozinho. Queria ser capaz de produzir leite com o seu próprio corpo. Antes de viajar, Roya comprara o bastante para algumas semanas, quantidade que há tempos tinha esgotado. Não era justo ter que comprar aquela fórmula estranha feita de sabe-se lá o que. Devia ser ela que mantinha Cyrus acordado durante a noite. Era de propósito, com certeza, a fábrica de fórmula devia por café no pó para que o bebê acordasse e tomasse ainda mais fórmula. O mundo era assim mesmo. Mercenário. Não tinha o que fazer.

Certo dia, Ali viu um panfleto de uma grande empresa divulgando vagas de trabalho numa granja em Indiana, Estados Unidos. Falar inglês não era pré-requisito. "Receba no primeiro dia", dizia. Um recomeço longe das demonstrações ralas de raiva, luto, pena — isso se tornou, de repente, a única coisa que ele queria no mundo. Galinhas não tinham derrubado o avião da esposa. Ali pegou o panfleto e pôs no bolso.

Um mês depois, eles se mudaram, o viúvo e seu rei-que-não-dorme. Ali vendeu ou doou tudo que tinha no Irã — a TV, os móveis, sua pistola militar e o vestido de noiva de Roya, um broche de pérola e duas moedas Pahlavi de ouro. Levaram para o apartamento em Fort Wayne somente o que cabia numa única mala — cumbucas, roupas, certidões de nascimento. As botas usadas por Ali no exército, que ele imaginou que seriam úteis na granja. Alguns desenhos amassados que Roya fizera enquanto amamentava Cyrus — uma janela à noite, uma girafa. Uma fotinho de casamento: Ali e Roya sentados debaixo de um tecido branco erguido sobre eles por parentes, Arash segurando uma das pontas, sorrindo com carinho para a irmã. Tudo isso e ainda tinha muito espaço na mala. Ali não chorou quando o avião decolou em Teerã, mas lacrimejou um pouco e em silêncio quando pousaram em Detroit.

Cyrus não dormiu quase nada no voo, mas, quando dormiu, foi sem terrores. Ele balbuciava um pouco. Parecia estar fascinado com tudo à sua volta, a vibração dos motores, o interminável céu azul. Os homens da família Shams começaram a vida nos Estados Unidos acordados e anormalmente alertas, como duas janelas cujas persianas foram arrancadas.

QUATRO



BANDAR ABBAS, IRÃ

Domingo, 3 de julho de 1988

Até aquele dia ela nunca tinha pegado um avião, nunca tinha tido motivo para voar. Não foi por falta de dinheiro — o marido tinha um trabalho razoável e, apesar de não serem ricos, viviam melhor do que a média. Ela tinha visto com os próprios olhos: matriarcas enrolando os tapetes sobre os quais tinham criado os filhos, os seus e os dos irmãos e também os dos primos. Arrastavam os tapetes, um rolo debaixo de cada braço, para vendê-los na feira por uma mixaria.

Era assim em toda a cidade de Teerã. Homens criavam galinhas no banheiro de casa, no armário — sentia-se o cheiro de casas assim a um quarteirão de distância. A carne tinha encarecido muito. Todo domingo um senhor de Tajrish pegava o carro e ia para a cidade com o filho para vender pintinhos no porta-malas do carro. Sempre tinha fila para comprar. Dezenas de homens e meninos passavam a manhã toda esperando a chance de encher suas fronhas de pintinhos ansiosos. Os que voltavam para casa de fronha vazia eram repreendidos pelas esposas, agredidos pelos pais. Alguns jogavam pedras em pombos, papagaios, para não chegar de mãos abanando.

De noite, jovens desesperadas andavam pelas calçadas da rua Reza Shah — agora chamada de Rua da Revolução — torcendo para que os homens que as abordassem fossem gentis, limpos, ricos, e não parte da polícia secreta. Na maioria das vezes, elas estavam certas, mas nem sempre. Certa vez, voltando para casa com o marido, uma mulher tinha visto uma menina, uma mera adolescente, sendo empurrada para dentro de uma van branca em marcha lenta. A menina gritava:

— Por quê? Eu sou pacífica! Sou pacífica!

Os homens não disseram nada, apenas a empurraram para dentro e foram embora. Lembrar aquilo fazia a mulher se arrepiar. Ela se mexia no assento e seus pés chutaram uma garrafa de água vazia, deixada no avião por outro passageiro. Por algum motivo, aquilo a acalmou. Era uma prova de que o avião tinha, de fato, decolado e pousado antes. Até aquele dia ela nunca tinha pegado um avião, mas o seu primeiro voo, de manhã cedinho, de Teerã para Bandar Abbas, por sorte tinha sido chato. Metade das cadeiras estavam vazias e ninguém se sentou ao lado dela. As aeromoças serviram chá, pão de gergelim com manteiga e geleia de cereja. Ela recusou tudo, tentou se lembrar se tinha comido alguma coisa antes de sair de casa. A manhã parecia ter sido há uma semana atrás, um mês atrás. Nesse voo, ela comeria o que fosse servido.

Quando entrou no avião, o segundo do dia, o segundo da vida, para ir de Bandar Abbas a Dubai, viu que estava quase cheio. Surpreendeu-se, pois o embarque tinha sido tranquilo. Um casal tentava acalmar os dois filhos bebês, e o choro deles a encheu de uma sensação ofuscante de alívio, depois de culpa.

Sem alarde, ela foi até o fundo do avião e tentou se sentar numa poltrona ao lado de um senhor corpulento de meia-idade, com muito bigode e óculos amarelos. Ele a encarou com uma mistura de desprezo e ameaça, sem dizer uma palavra. Uma aeromoça foi depressa checar sua passagem — "é 27D, querida, não 25D" — e a levou para a poltrona certa, ao lado de uma senhora árabe de xador preto, que lhe deu um sorriso distraído antes de voltar ao seu livro.

Enquanto os procedimentos de segurança tocavam no sistema de som, ela olhou pela janela, tentando não pensar em nada, vendo os homenzinhos correndo pela pista de decolagem. Mesmo com o avião pousado, pareciam ser tão pequenos. Ridículos. Apalpou o bolso do casaco em busca do passaporte: continuava ali. O passaporte, o rosto dentro, era importante. Ela se encolheu um pouco, como que para protegê-lo.

O avião começou a se movimentar, os homens lá fora desapareceram de vista. A mulher, ansiosa para se distrair do nervosismo, pegou a revista da Iran Air enfiada no bolso da poltrona da frente. Ao folheá-la, passou os olhos por

uma matéria intitulada "Tapetes Kashan: os mais famosos do mundo". Outra, "Viaje para Shush, o centro da civilização antiga". Nessa, a fotografia de uma esfinge alada de pedra cobria toda a página. "Do Palácio de Dariush", dizia a legenda, "Mais antiga do que o Coliseu Romano!". Era certo consolo da história, talvez, já que outras civilizações também tinham se destruído. Na verdade, os documentos pareciam sugerir que a destruição era inevitável, o inexorável ponto final de tudo e todos.

Por todo o Irã, estátuas dos xás tinham sido derrubadas e substituídas por estátuas dos aiatolás. Homens carrancudos. Em Qom, futuros mulás analisavam seus rostos, ensaiavam as próprias caras feias no espelho do banheiro. "Mais Homens Santos do que qualquer outra cultura", se gabavam os avisos locais.

Em Isfahan, a antiga capital, soldados apareceram sem aviso na soleira de senhoras, dizendo "Parabéns, seus filhos viraram mártires".

As mães seguravam o choro, torciam os lábios num não sorriso lúgubre que passariam o resto da vida aperfeiçoando. Elas tinham sorte. Na Praça da Revolução em Teerã, os filhos de outras mães pendiam de guindastes.

Uma vez no ar, ela sentiu o corpo enfim relaxar. Pelo menos por enquanto, o horror todo ficaria para trás. O horror que morava no chão. No passado. No ar, onde ela estava no momento, era calmo. Quieto. O ruído do avião era tranquilo. A senhora árabe ao lado deixou o livro aberto no colo, virado para baixo, e tirou uma soneca preguiçosa, a cabeça inclinada em direção ao corredor.

Ela tentou não pensar naqueles que deixara para trás. Ela merecia. Mais do que merecia. Afastou o nó quente de culpa que lhe subia à garganta. *Você é desnecessário*, pensou, fazendo força para engolir. Muita coisa ainda podia dar errado, é claro, mas pela primeira vez em muito tempo ela conseguia respirar fundo, sentir o ar preenchendo todo o pulmão. Fazer isso, respirar, de repente lhe pareceu ter mais valor, assim como o dinheiro vale mais para os pobres do que para os ricos.

— *Emkanat*. — Era essa a palavra. Possibilidades. Não se lembrava da última vez que a dissera. Olhando pela janela, tentou se lembrar. Tinha acordado tão cedo em Teerã que era como se a cabeça ainda estivesse despertando. O sol, suas bordas rosadas escaldantes. As nuvens abaixo dela feito o tecido fino estendido sobre um copo de leite que esfriasse. Abaixo, o oceano. Azuis, azuis e mais azuis. Ao longe, duas pedrinhas brancas flutuando. Estavam se movimentando? Chegando mais perto?

O marido, a família, os amigos — todo mundo que ela conhecia no Irã era cético, acreditava que a esperança era coisa ignorante, até assassina de tão ingênua. Mas o amanhã iria ser melhor do que hoje. Pela primeira vez em muito tempo, ela acreditava mesmo naquilo.

CINCO



Washington, 3 de julho — Um navio de guerra dos Estados Unidos, posicionado no Golfo Pérsico, derrubou a tiros um avião comercial iraniano hoje, que a Marinha confundiu com um avião militar. O Irã declarou que todos os 290 passageiros morreram.

"Ação é defendida", *The New York Times*,
4 de julho de 1988

CYRUS E ALI SHAMS

Indiana, Estados Unidos

Milagrosamente para Ali e apesar de Cyrus, conforme o menino crescia e entrava na adolescência, os episódios de terror noturno se tornaram menos frequentes e acabaram desaparecendo por completo, mas foram substituídos por uma insônia fortíssima.

Desde criança, Cyrus achava a insônia pior do que o terror noturno, já que estava consciente ao lidar com seus efeitos. Toda noite, deitado e desperto, ele repassava inúmeras vezes os acontecimentos do dia anterior, descobrindo nessas repetições deslizes e lapsos nas conversas que na hora não tinham lhe parecido preocupantes. Fazia um esforço para se convencer de que essas afrontas eram imaginárias, mas o cérebro insistia: eram verdadeiras, e cada pessoa que havia desprezado jamais esqueceria o que houve — o amigo cujos tênis novos Cyrus não tinha notado, a professora cujo olá ele tinha ignorado sem querer. O ciclo se repetia à exaustão.

Às vezes, Cyrus tinha medo de ser deportado e mandado de volta para um Irã do qual não se lembrava. Ou pior. Ele não entendia direito qual era a situação do visto do pai, mas sabia que era precária. Tinha sempre uma papelada. Por cautela, Ali lhe ensinou a responder à pergunta "de onde você é?" com "não me lembro", insistindo na própria ignorância até que desistissem. De acordo com Ali, a alternativa — relevar a sua iranidade — era um convite à violência, ao dano. O pai era sempre vago sobre essa parte, e isso também deixava Cyrus acordado à noite.

Era normal que aqueles incessantes pensamentos durassem até Ali acordar, às quatro e meio da manhã, para ir trabalhar na granja que ficava ali perto,

onde ele chegava às cinco e meia, seis vezes por semana, para alimentar as aves e fazer o monitoramento necessário — quanta comida e água foram consumidas, quanto excremento foi produzido — antes dos outros trabalhadores chegarem para coletar os ovos. Pela sua disponibilidade de chegar uma hora antes dos colegas, Ali recebia um acréscimo de um dólar e vinte e cinco centavos, que se acumulava, ele volta e meia dizia ao filho.

Certo mês, Ali comprou um Big Mouth Billy Bass com a "grana extra". Era uma tralha, um peixe de borracha que mexia a boca e cantava uma versão digitalizada da música "Don't Worry, Be Happy", do Bobby McFerrin. Era de uma extravagância sem tamanho, algo que os dois homens Shams amavam com uma falta de ironia arrepiante. Ali punha o peixe para tocar e Cyrus largava tudo e ia correndo até o único quarto do apartamento, rindo do robô se debatendo com a música. Quando, anos depois, Ali faleceu, Cyrus foi da universidade para casa para organizar os pertences do pai, algumas poucas caixas de roupas e louças que iriam para doação — nada demais, mesmo —, o peixe cantante foi uma das poucas relíquias que guardou.

Eles eram os únicos homens Shams nos Estados Unidos. Eram os únicos homens Shams em qualquer lugar. Uma vez por ano, no Nowruz, Ali ligava para o irmão da esposa morta, Arash, e eles conversavam um pouco, sempre sobre coisas superficiais — as conquistas de Cyrus na escola (nunca seus tropeços), o que comiam, futebol iraniano.

Às vezes, Ali tentava explicar para Cyrus o que tinha acontecido com Arash durante a guerra.

— Lutar contra o Iraque deixou o tio doente — Ali disse ao filho.

Explicou que o tio Arash tinha uma missão muito estranha no exército persa. À noite, depois que os confrontos corpo a corpo e o gás mostarda deixavam incontáveis dezenas ou centenas de iranianos agonizando no campo de batalha, Arash tinha a função, em silêncio e em segredo, de vestir um longo manto preto, montar num cavalo e cavalgar até o campo de batalha, procurando os fatalmente machucados com a lanterna sob o rosto. Era para ele parecer um anjo. Era para ele inspirar os homens moribundos a morrerem com dignidade, convicção. Para evitar que se suicidassem. Delirando e à beira da morte, os homens veriam Arash montado, com seu capuz iluminado, e

acreditariam estar sendo visitados pelo anjo Gabriel, ou o décimo segundo Imame, retornando para buscá-los.

— Seu tio era um anjo — Ali disse ao filho. — Literalmente. Ele ajudou muita gente.

A última coisa que centenas de iranianos moribundos viram na vida foi Arash montado em seu cavalo. Ou seja, Arash tinha testemunhado a morte de centenas de homens. Cyrus tinha dificuldade de processar aquela informação, e, sendo sincero, Ali também tinha.

Ver tanta morte deixou Arash permanentemente doente. Estresse pós-traumático, como chamam por aí. Do jeito que as coisas estavam, Arash morava sozinho na base da Cordilheira Alborz e vivia do auxílio do governo. Tomava conta de si mesmo, cozinhava e limpava, mas não conseguia se manter em um emprego e, às vezes, passava vários dias sem dormir. Depois da morte da irmã, ele pegou um avião de volta para o Irã e se afundou ainda mais na neurose. Começou a ver *ghouls* nas janelas, demônios, anjos, soldados iraquianos. Se contorcia ao barulho de tiros que ninguém mais ouvia. Ali contou a Cyrus que Arash ainda vestia, de vez em quando, o manto preto dos tempos da guerra e conversava com o anjo Gabriel como se estivesse sentando com ele à mesa.

Os homens Shams ligavam para Arash uma vez por ano, logo após o aniversário de Cyrus, para lhe desejar um feliz Nowruz, e o tio ficava muito feliz de ter notícias deles. Mas é claro que Arash tinha sempre um inconfundível, inescapável timbre de luto na voz, mesmo em farsi, mesmo pelo telefone e do outro lado do mundo — os pais de Arash, a irmã, o cunhado e o sobrinho tinham deixado ele para trás, para ser devorado pelos próprios fantasmas.

Nos Estados Unidos, Ali bebia gim à noite para conseguir pegar no sono.

— O corpo de um homem não foi feito pra dormir enquanto ainda está claro — dizia ao filho, tirando uma garrafa plástica de gim do congelador.

Ele se sentava no sofá e assistia basquete no inverno, ou qualquer coisa que estivesse passando nos canais gratuitos de filmes da TV — suspenses leves ou

dramas policiais — e bebia gim misturado com suco de laranja até que o último ponto fosse marcado, ou até que rolassem os créditos. Então ia para o quarto e dormia feito uma pedra.

Já Cyrus tinha dificuldade para dormir. Às vezes desistia, levantava e ia ler, desenhar ou fazer um lanche. Tudo isso era arriscado, já que o apartamento era muito pequeno. Era difícil se mexer sem atrapalhar o sono de Ali — uma vez, derrubou uma tigela de uvas no chão e o pai levantou e saiu do quarto, raivoso e confuso e, ainda meio adormecido, deu um tapa no rosto do filho e rasgou os seus gibis dos Simpsons, que eram da biblioteca. Violências desse tipo eram raras na casa dos Shams, mas seu fantasma dominava os pensamentos de Cyrus.

Quando devolveu o gibi destruído, Cyrus disse à bibliotecária que seu irmãozinho tinha rasgado o livro por acidente e que sentia muito. Ela riu e não cobrou nada pelo gibi, mas passou anos perguntando a Cyrus sobre o irmãozinho e recomendando um ou outro livro infantil que ele poderia levar para casa.

— Esse aqui tem páginas plastificadas, deve servir para ele! — dizia, rindo. Por vezes Cyrus, constrangido, pegava emprestado os livros recomendados.

Desde a noite da tigela, Cyrus quase não saía da cama e, no geral, passava o tempo se preocupando com o dia anterior e o seguinte, às vezes tentando dormir, mas na maioria das vezes só tentando não pensar em nada.

Certa vez, viu um filme na TNT onde uma personagem representada pela Sandra Bullock falava de meditação como o simples ato de se concentrar na sensação do ar passando pelos lábios enquanto respirava. Às vezes ele tentava fazer isso. Fazia o ar parecer mais frio, como água subindo pelas narinas.

Noutras noites, barganhava com Deus, prometia finalmente ler o Alcorão ou não se tocar no banho em troca de uma única noite de sono profundo. Ele fazia esses pedidos com desespero, com urgência, mas quase nunca eram atendidos, e nenhum dos dois fazia uma tentativa séria de cumprir com a sua parte do acordo.

Em algum momento, para quebrar o ciclo interminável de pensamentos corrosivos, começou a escrever diálogos curtos na sua cabeça. Era como um exercício filosófico, mas, em vez de grandes pensadores da antiguidade, Cyrus

roteirizava as conversas entre seus heróis pessoais ou entes queridos: imaginava o pai conversando com Michael Jordan, sua paquera da escola falando com a Madonna, o Batman discutindo com a Emily Dickinson.

No geral era um jogo legal, divertido, um jeito de brincar de escritor na sua cabeça e manter a mente ocupada o suficiente para a ansiedade não entrar, pelo menos por cinco minutos. Mas uma em cada cinco noites, talvez, seu cérebro entrava na onda.

Cyrus começava imaginando a conversa, planejando o roteiro do que Cindy Crawford diria ao Inspetor Bugiganga, inventando piadas e zoeiras, e lentamente caía num sono leve. Seu inconsciente escrevia mais e mais falas até que, por fim, na melhor das hipóteses, ele sonhava com a interação — seus personagens conversavam entre si para entretê-lo, um filme cujo elenco ele tinha escalado e montado.

Era seu jeito de visitar os titãs da sua vida psíquica, uma transação faustiana com a insônia. Só assim poderia passar um tempo com a Marie Curie, Allen Iverson, Kurt Cobain. Só assim poderia ouvir a voz da mãe.

Quando foi estudar literatura na Universidade Keady, uma faculdade em Indiana que lhe deu um bom auxílio financeiro, Cyrus começou a beber imediatamente. Chegara uma semana antes para a orientação dos calouros e seus colegas de dormitório estavam falando de uma festa no apartamento do irmão mais velho de um deles. Cyrus disse que iria junto, mas avisou que não iria beber. Queria conhecer gente nova, mas não tinha o mínimo interesse em ficar sonolento e raivoso como o pai ficava quando bebia gim. Ele ficou bêbado pela primeira vez naquela mesma noite — terminou rindo muito, roubando latas de cerveja da mão de estranhos. Sem querer, arrancou a cortina do chuveiro e todos riram, inclusive ele.

Enquanto ia crescendo, Cyrus não sabia nada sobre bebida, só sabia que era coisa de "ralé". Era isso que seu pai dizia, usava a palavra "ralé". E às vezes, Ali dizia que a ralé morria por causa daquilo.

— Quando não vão presos antes.

O que seu pai fazia com o gim toda noite era diferente. Ali explicou isso várias vezes. A bebedeira dele era controlada, farmacêutica. De que outra forma pegaria no sono cedo o suficiente para acordar no dia seguinte de madrugada e ir para a granja? Ali precisava da bebida. A ralé bebia porque queria, porque não tinha imaginação nem motivação. E sofria as consequências disso.

Quando estava no primeiro ano, Cyrus foi com a escola para o Chuck E. Cheese. A sala dele ganhou o passeio por ter alcançado a meta de leitura do ano. Era algo importante, havia até um canto do quadro onde a professora fazia a contagem regressiva: "24 dias para o passeio ao Chuck E. Cheese!"; "21 dias para o passeio ao Chuck E. Cheese!".

Quando enfim chegou o dia, eles foram de ônibus e todo mundo comeu pizza e tomou refrigerante. A garçonete distribuía Coca-Cola e outras bebidas, entre elas uma "batidinha de morango", que, apesar do nome, era só uma mistura de leite e polpa de morango. Cyrus não fazia ideia do que era uma batidinha e ficou incrédulo que estivessem dando aquilo para crianças. Ele pediu um copo de Coca-Cola, mas, quando deu um gole, achou que não tinha gosto de Coca. Tinha gosto de xarope. Imaginou que devia ser gosto de álcool. Era batidinha, *batidinha de morango*. A escola deu a cada criança cinco dólares em fichas para gastar nas máquinas de fliperama, mas Cyrus não jogou, só se escondeu no banheiro e chorou até a hora de voltar para a escola.

Quando o ônibus o deixou em casa, naquela noite, o pai estava assistindo a um episódio de *The Waltons* em que um personagem morria de alcoolismo. Tinha uma cena em que o personagem, pintado de maquiagem amarela, estava bêbado, com raiva e encolhido no armário feito um ponto de interrogação. Cyrus perguntou ao pai:

— Todo mundo que bebe morre? Mesmo se beber só um pouco?

Ali tirou os olhos da televisão.

— Sim — respondeu, categórico.

Cyrus passou o resto da semana se preparando para morrer. Não disse nada a Ali — ainda estava na idade em que o medo de se encrencar com o pai era maior do que qualquer outro, até do medo da morte. Ele viu Ali escovar os

dentes, cortar as unhas, pensando: "Essa é a última vez que vou ver ele escovar os dentes. Essa é a última vez que vou ver ele cortar as unhas."

Um mês depois da sua chegada ao dormitório da Universidade Keady, Cyrus estava bebendo todas as noites, tinha experimentado maconha e entorpecentes e uma única vez naquele mês, muito bêbado, heroína. Começou a transar, a fumar cigarro. Era como nascer — eram muitos sentimentos que ele nunca sentira antes. Desperdiçara anos com meditação e camomila. Ninguém tinha lhe contado que existiam tantas sensações diferentes. Sensações novas, molhadas e calorentas. Queria experimentar todas elas.

O pai de Cyrus morreu de derrame súbito no começo do segundo ano de Cyrus na faculdade. Foi rápido e, enquanto Cyrus ouvia a notícia, pulverizado, se tornou evidente para ele que o pai tinha vivido até então apenas para garantir que o filho tivesse uma passagem tranquila para a vida adulta. Eram raros os momentos em que Ali expressava uma alegria profunda com alguma coisa — às vezes gritava no final de uma partida acirrada de basquete e depois, como se tivesse se envergonhado, ficava quieto, mais fechado do que antes. No geral, as feições duras de Ali pareciam operar a partir de um conformismo com a necessidade, a obrigação. Depois de entregar o filho à universidade, à autonomia individual, talvez tivesse ocorrido a Ali, de forma consciente ou inconsciente, que a sua difícil e longa jornada na terra poderia chegar ao fim. Há muito tempo a morte tomara conta de sua mente e, finalmente, também tinha tomado de seu corpo.

Os homens da granja onde Ali trabalhou por dezessete anos organizaram um pequeno memorial, deram a Cyrus uma cartolina com o nome "Ali Shams" feito de umas letras enormes de loja de festas. Eles (ou, o que era mais provável, as esposas deles) decoraram a cartolina com fotos tiradas ao longo dos anos do pai de Cyrus na granja, coladas em cima de papéis coloridos: Ali de uniforme segurando uma galinha por debaixo das asas; Ali carrancudo na copa, segurando um copo de café. Cyrus levou o cartaz de volta para o seu quarto na universidade, mas o objeto o deprimiu de um jeito que não saberia

descrever. Certa tarde, ele jogou o cartaz numa caçamba enorme do dormitório.

Com o pai morto, Cyrus estava sozinho no mundo. Ele não conhecera os avós e, fora o tio Arash, não tinha mais nenhum parente. Talvez devesse ter sentido solidão ou medo, mas na verdade não sentiu muita coisa. Tinha sido só ele e o pai por tanto tempo, e no fim ele quase não telefonava para casa, então a mudança sutil para a completa ausência de parentes não o tornou mais solitário do que já era. Era difícil de admitir, e Cyrus se achava uma pessoa ruim por isso.

No geral, o que sentia era um vazio. Uma falta arrebatadora que o governava. Devia ter morrido com a mãe naquele avião, mas fora deixado em casa. Com o pai morto, Cyrus não tinha ninguém que se importasse com ele. O que restava na sua vida não tinha mais nenhum sentido, ele sabia, já que o sentido só pode ser moldado a partir das relações com outras pessoas.

Cyrus lidou com o pouco de luto que teve, ou melhor, o espremeu, mergulhou nele bebendo mais, usando mais drogas. Escreveu e-mails aos professores avisando da morte do pai, e eles o dispensaram das aulas e o aprovaram por caridade. Às vezes, recomendavam o serviço de orientação psicológica da universidade, de que Cyrus fingia nunca ter ouvido falar, apesar de já ter manipulado esses serviços para conseguir um monte de receitas de narcóticos — Alprazolam, Adderall, Zolpidem, Neurontin, Miosan —, todos com nome de flor alienígena.

Ele tirava um pequeno lucro dessas drogas, as trocava por outras ilegais como maconha, cocaína, MDMA ou heroína. Geralmente, trocava *estas* por bebida. As drogas eram como amores novos, cada uma tocando seu corpo de um jeito gostoso e inesperado. Elas iam e vinham, iam e vinham. Mas o verdadeiro amor da vida de Cyrus, seu alicerce, sua alma gêmea, era o álcool. O álcool era fiel, onipresente, previsível. O álcool não exigia monogamia como os opioides e as metanfetaminas. Exigia apenas que, no fim da noite, você chegasse em casa e voltasse para ele.

Por anos depois da morte de Ali, Cyrus adormecia depressa. Caía no sono depois de beber ou usar drogas sem nem mesmo tentar. Às vezes, por causa disso, os terrores noturnos da infância retornavam. Ele se levantava na cama e

falava bobagens: "bebê baba balas" ou "tá raízes batem palmas" ou "enfermeira é aqui que estou queimando!".

Isso assustava seus colegas de quarto e parceiros amorosos — e Cyrus trocava ambos com frequência, já que ele podia ser tanto um charme quanto totalmente instável. De manhã, não se lembrava de nada — nem dos solilóquios obscuros nem dos sonhos bizarros e esquecidos que os provocaram.

Outras vezes, os narcóticos que se alimentavam de seu sono tomavam conta de suas veias, como um prédio em chamas se alimenta de oxigênio ao quebrar uma janela. Ele ia até a geladeira — olhos abertos e vazios feito comprimidos que se pode triturar e cheirar — e virava outra cerveja. Se alguém falava com ele, rosnava e voltava a dormir um sono sem sonhos, sempre na borda de um abismo mais escuro, sem fim.

A sua bebedeira era assim às vezes, uma criatura solitária. Ávida por se manter viva.

Cyrus volta e meia fazia xixi na cama como resultado desse consumo inconsciente. Ao acordar, sentia o frio — sempre o frio primeiro, pois o frio vinha um tanto do molhado — e então limpava a bagunça com a resolução exasperada de alguém tentando cavar em volta de um carro para tirá-lo do gelo. Esse era o custo desagradável, mas necessário, de se mover no mundo.

Quando ficou sóbrio depois de anos vivendo desse jeito, anos depois da morte do pai, descobriu que a sua habilidade de cair no sono naturalmente tinha sido atrofiada pelo desuso; sóbrio, a sua insônia era muito pior do que tinha sido na adolescência. Melatonina, meditação, camomila, antialérgico — sua insônia era intocável. Era como se o seu corpo estivesse obstinado na tentativa de recuperar cada hora desperta que perdera no tempo de bebedeira.

A única coisa que ajudava, às vezes, era voltar para a brincadeira de imaginar diálogos que tinha inventado na infância. Durante os anos de sono pesado induzido pelos narcóticos, não tivera razão para revivê-la, e a primeira vez que tentou ela lhe pareceu forçada, vergonhosa. Mas era, ao menos, algo a se fazer com a sua mente incansável.

Às vezes, esbarrava num jogo de palavras ou numa ideia que anotava para explorar na sua escrita, que ocupava cada vez mais seu consciente. E às vezes,

milagre dos milagres, o roteiro começava a se escrever sozinho. O sono tomava conta e Cyrus mais uma vez se via ouvindo uma conversa entre heróis e pessoas queridas.

Foi assim que ele começou a ter diálogos com Sheherazade, Homem-Aranha, Rimbaud. Como reviu o pai. Como voltou a conversar com a mãe, depois de anos a fio de um silêncio sem sonhos.

LISA SIMPSON E ROYA SHAMS

Lisa vê a mãe de Cyrus.

— Que surpresa, *você* por aqui — disse Lisa, dizendo o "você" com um tom particular de incredulidade que só a voz dela, entre todas as vozes humanas, era capaz de produzir.

— A gente se conhece? — perguntou Roya.

Estavam num cômodo branco. A brancura dele era arrebatadora; em contraste, o batom azul de Roya e a pele amarela de Lisa pulsavam feito néon.

— Sou amiga do Cyrus. Me chamo Lisa Simpson.

Roya arregalou os olhos.

— Você conhece o Cyrus? Como ele está? Não o vejo há tanto tempo!

— Eu sei! Ele me falou de você. Você não está olhando ele de onde está? — Lisa observou o rosto de Roya, que mal se mexia durante a sua fala. Talvez não mexesse nem os lábios.

— Cyrus deve ter… quantos anos mesmo? — A mãe disse "Cyrus" do jeito norte-americano, e não o jeito persa, "Koorosh", mas pronunciou adicionando meia sílaba a mais no meio, como fazem os iranianos.

Lisa estava ficando nervosa.

— Você não o vê mesmo?

Roya estremeceu. O cômodo começou a se iluminar ao redor dela, um salão enorme com pé-direito alto e janelas cobertas por longas cortinas escarlate. Uma mesa grande de madeira escura. Alguém tinha feito um jantar requintado; havia cascas de melão, ossos de cordeiro e taças de vinho pela metade espalhados na mesa. Havia algo que já tinha sido um pato assado com recheio de pistache. Havia uma lareira e, dentro dela, lenhas queimavam

silenciosamente, projetando as sombras de Roya e Lisa, várias vezes o tamanho delas.

— Não é assim que funciona — Roya disse. — Não fico voando pra lá e pra cá, sorrindo alegremente de cima de uma nuvem.

Duas cadeiras apareceram e elas se sentaram de frente para as chamas. Lisa era plana, bidimensional, e quando virou o corpo para Roya, por uma fração de segundo, sumiu por completo.

— Então não consegue ver nada na terra? — A voz de Lisa carregava uma mistura de impaciência e incredulidade.

— Já ouviu falar do efeito borboleta? — perguntou Roya.

— Lemos essa história na aula da professora Hoover — disse Lisa, um pouco enfática demais. — É do Ray Bradbury.

— Tá. Quando alguém pensa em viajar para o passado, faz isso a partir de um sentimento louco de presunção. Tipo "nossa, é bom que eu não pise naquela flor se não meu avô não vai nascer". Mas no presente, nós cortamos a grama, envenenamos formigas, perdemos festas e esquecemos de aniversários o tempo todo, sem nunca pensar nas consequências. — Enquanto falava, Roya ficava cada vez mais aflita. — Ninguém pensa no agora como o passado do futuro.

Na mesa, entre pratos e talheres, grama havia começado a brotar. Seu crescimento era perceptível a olho nu e aumentava a cada segundo. Era uma grama irregular, não parecia saudável, mas ainda assim crescia depressa até as sobras de comida e as louças ficarem totalmente perdidas no meio dela.

— O futuro é assim também — disse Roya. — Plantamos uma árvore imaginando que um dia nossos filhos vão brincar à sombra dela, ou participamos de uma reunião de trabalho que é uma porcaria porque talvez o chefe note e nos promova. Cada minúscula decisão é um atoleiro de relevância e ficamos paralisados.

Lisa a encarava. Não era essa a sua experiência. Coisas grandiosas e inesperadas lhe aconteciam, rápido, em consequência de suas ações. Era quase sinistro. Lisa não podia sair de casa para dar um simples passeio ou uma volta no zoológico sem se meter numa aventura doida.

— Não sei — disse Lisa. — Não sei.

Roya prosseguiu:

— Não conseguimos ver o eu de agora no curso da história do mesmo jeito que vemos o nosso eu do passado ou do futuro. É isso que estou tentando dizer.

A mesa cheia de grama havia se transformado na cama de Lisa e o grande salão, no quarto dela. Pela janela, via-se uma tempestade, e de vez em quando um raio iluminava um carvalho próximo ao vidro.

— Claro, faz sentido. — disse Lisa. Ela e Roya estavam sentadas uma ao lado da outra na cama. Os pés de Lisa balançavam a trinta centímetros do chão. — Mas o que isso tem a ver com Cyrus?

— Bem, os dias passam voando. Pulamos de uma decisão para outra, só que nem nos tocamos de que são decisões. Agimos como se a cabeça da gente fosse coroa, uma coroa magnífica sobre a nossa magnífica autonomia. Mas a cabeça não é uma coroa. É um relógio. É por isso que investimos tudo nas nossas histórias. Porque história é excremento do tempo. Alguém disse isso.

— Adélia Prado.

— Adélia Prado, é. Como você sabia?

Lisa piscou os olhos. O silêncio pendia entre elas como um sino.

— Eu voei uma vez — disse Lisa, finalmente. — Quando fui colocar aparelho nos dentes, botaram uma máscara de gás na minha cara. De repente, estava sobrevoando um campo enorme, um campo enorme de flores e globos oculares e mãos.

— Me parece assustador. — Roya bebia chá, e seu corpo se expandia. Encostado na cama, o vestido de Lisa parecia um lencinho vermelho.

— Não foi tão ruim. Acho que estava tão feliz de estar voando que nem senti medo.

Roya riu.

— Que foi? — perguntou Lisa.

Roya olhou para ela e esperou. Lisa encolheu ainda mais, virou um pingo de tinta amarela contra um pingo de tinta vermelha.

— Minha nossaaa — Lisa disse, alongando o "a" como alguém que acabou de resolver um cálculo complicado. — Me desculpe… eu esqueci do…

— Tudo bem. — Roya riu. — Também não tive medo. Num momento eu estava voando, no outro eu era pó.

O rosto de Lisa ficou bem achatado, quase borrado.

— Foi transformada em pó — murmurou baixinho.

— Transformada em pó — Roya repetiu.

As duas ficaram em silêncio por um momento. A luz estava quente e azul, apesar da tempestade lá fora.

— O que você queria ser quando tinha a minha idade? — perguntou Lisa, do tamanho de um ursinho de pelúcia.

— Quantos anos você tem?

— Acho que oito. Às vezes sete.

A chuva começava a entrar pela vidraça da janela. O vidro estava mole, podre.

— Quando tinha a sua idade, eu queria ser oceanógrafa florista.

— Ah! O que é isso? — Lisa se inclinou na direção de Roya, como um girassol se curva para o sol.

— A gente tinha um tio que vendia flores. Ele alugou um terreno para plantar flores e todo dia de manhã colhia um punhado, colocava na cesta da bicicleta e ia até a feira vender.

Lisa fazia que sim, e Roya tomou um gole da sua xícara prateada.

— Um dia, vi a imagem de um recife de corais num livro da biblioteca de Teerã e decidi que seria a primeira florista a colher e transformar os corais em lindos buquês. Pegaria a ideia do meu tio e a aprimoraria.

— Ai, que fofura. Mas os corais têm vida!

— As flores também, ponderei. Fermento também. Eu não entendia bem o que era um coral. Só queria nadar neles, cutucar com o dedo.

— Logo não vai restar mais nenhum — disse Lisa.

— Como assim?

— Os corais. Eles estão morrendo.

As duas ficaram em silêncio.

— Como circular entre tanta beleza sem estragá-la? — perguntou Roya.

Lisa olhou para cima, para Roya. Quando mexia a cabeça, as feições de Lisa atrasavam um segundo em vez de acompanhar o restante do rosto, então os

olhos e a boca meio que se arrastavam no ar um momento antes de sincronizar na posição certa.

— Para com isso — disse Lisa.

— Parar com o quê?

— Pare de tentar dar um sentido a tudo. De tentar achatar as coisas, transformá-las em símbolo ou propósito. Os corais estão morrendo por causa dos microplásticos nos sabonetes e da Monsanto e porque não existe razão para ninguém com poder suficiente tomar alguma providência de fato.

De cima, Roya olhou Lisa, que estava do tamanho de uma garotinha. Pele amarela, pérolas brancas, vestido vermelho. O quarto começou a se encher de água. Um saxofone saiu boiando de baixo da cama e Lisa o pegou. Começou a tocar uma música que parecia ser sobre a misericórdia imensurável dos animais, apesar de não ter nenhuma letra.

SEIS



ROYA E ARASH SHIRAZI

Teerã, 1973

Diversas vezes naquele mês, Roya acordou coberta de urina. Tinha dez anos, era velha demais para ainda fazer xixi na cama. O irmão mais velho, Arash, de quase doze anos e ombros já bastante largos, tapava o nariz diante dela à mesa do café da manhã, mesmo depois de ela ter tomado banho e trocado de roupa, e dizia:

— Ai, Roya, você fede que nem vaca morta.

— Sujeira da sua cabeça — insultou ela, em farsi.

Roya tinha parado de beber água durante o jantar, engolindo a seco colheradas de arroz e *kotlets* de batata, apenas fingindo beber do copo de água que a mãe colocava diante dela e que depois do jantar ela jogava na pia. Ia ao banheiro logo antes de deitar, permanecendo no vaso bem mais tempo do que precisava para ter certeza de que tinha expelido até a última gota. A língua ficava tão seca que lixava o céu da boca. Ainda assim, acordava ensopada e fedorenta.

No geral, os pais ignoravam o problema. Kamran, o pai, fazia a barba em silêncio, limpava as botas e saía para trabalhar na rede elétrica de Teerã sem se despedir. Parvin, a mãe, botava os lençóis no cesto de roupa suja que carregaria até a lavanderia, lançando a Roya um olhar de frustração e pena.

Com dez anos, a vergonha se costura a você como um monograma, exibindo ao mundo o que te domina, o que governa a sua alma. Na escola, Roya sentia o cheiro ruim mesmo depois de se lavar com sabão e vestir roupas limpas. O cheiro não estava nela, e sim emanava dela, de dentro. Se agarrava

ao seu nariz como uma podridão. Tinha certeza que todo mundo ao redor também o sentia.

Mais adiante na vida, Roya tinha o sonho de fazer uma rinoplastia. Às vezes ficava obcecada com a ideia, arrasada com a curvatura enorme do próprio nariz. Um namorado, um acadêmico britânico, certa vez a descreveu como "helênica". Poderia muito bem ter dito "nariguda". Conforme foi amadurecendo, Roya se acostumou com o rosto e fez um esforço para vê-lo como uma espécie de nobreza persepoliana. Uma coroa usada na face. Funcionou mais ou menos.

No colégio, Aghaye Ghorbani pedia à turma que encontrasse o "x" e eles encontravam. Pediu que os alunos listassem suas palavras e expressões favoritas, e seus colegas disseram *"mahtab"*, *"firuz"*, *"duset daram"*. Ele queria provar que as palavras mais bonitas terminavam com vogais, mas os exemplos dos alunos não estavam funcionando a seu favor. Roya analisava o rosto dos colegas, tentando ver qual deles sentia o seu fedor. Cada olhar, cada sobrancelha franzida, parecia ser causado por ela e a ela direcionado.

— Roya?

Ela não estava prestando atenção.

— Desculpe. Qual foi a pergunta mesmo?

Alguns colegas abafaram a risada.

— Qual é sua palavra favorita, *"khanoom"*?

Ela entrou em pânico.

— *Bini*? — sugeriu, dizendo a palavra persa para nariz.

Toda a sala deu risada, mas Aghaye Ghorbani assentiu.

— Muito bom! O nariz em si não é bonito, mas escutem a palavra. *Bi-niii* — ele disse, arrastando a última sílaba. — É indiscutível que sons assim são lindos.

Duas meninas sentadas na fileira da frente olharam para Roya, depois uma para outra, e caíram na risada. Roya se encolheu na cadeira, a vergonha como uma pedra dentro do peito, a afundando em direção à terra.

Naquela noite, ela revirou a comida no prato enquanto a família conversava ao redor dela. O irmão e o pai falavam de uma partida de futebol em que um dos jogadores idolatrados tinha sido expulso com um cartão

vermelho duvidoso. A mãe falava sobre usar bicarbonato para cortar a acidez do melaço de romã que botara no *fessenjan* que estavam comendo.

— Assim dá pra usar menos açúcar, Roya *jaan* — disse à filha, que fez que sim como se estivesse tomando nota para um futuro livro de receitas. Sua mãe a amava muito, amava dividir dicas de como cuidar da casa, como se estivesse impulsionando Roya para um futuro exatamente como o dela, repleto de bicarbonato e melaço de romã. Roya tinha só dez anos e já sabia que não teria um futuro como o da mãe. Não sabia que tipo de futuro queria, mas, quando tentava imaginá-lo, não via cozinhas ou mesas de jantar. No geral, via um espaço em branco, liberdade e paixão, o calor eclipsando tudo como a chama de uma vela queimando o pavio.

Naquela mesma noite, antes de dormir, ela passou tanto tempo sentada no vaso que o pai bateu à porta para saber se estava tudo bem. Roya não tinha bebido água, só alguns goles no café da manhã, e a garganta estava seca, irritada. Quando se encolheu na cama, pediu a Deus para acordar seca, para que ele poupasse os seus pais da frustração de mais uma manhã molhada.

— Será que dá pra se controlar hoje? — Arash pediu do outro lado do quarto que eles dividiam. — Já está fedendo demais aqui dentro.

Roya ficou quieta, sabia que qualquer resposta só instigaria mais crueldade. E também sabia que ele tinha razão. Eles queriam a mesma coisa.

Naquela madrugada, Roya e Arash dormiram um sono inquieto enquanto os pais sussurravam no quarto ao lado sobre o tipo de coisa que pais costumam sussurrar: Kamran tinha sido avisado de que a rede elétrica onde trabalhava iria fechar. Ficara sabendo que uma distribuidora de têxteis estava contratando eletricistas em Qom, a duas horas de distância da casa deles em Teerã. Parvin não queria que ele aceitasse o trabalho, não queria que fosse viver longe da família. Mas os dois sabiam que não tinham muita alternativa, a economia piorava cada vez mais para pessoas como eles. Conheciam pessoas que já recorriam a crimes impensáveis — contra outros e contra si mesmos — para sobreviver. Parvin tinha uma prima com a qual estava proibida de falar pelo que ela fazia para pagar o aluguel. Parecia que a cada semana ficavam sabendo de uma história nova.

Do lado de fora, fazia um frio atípico de Teerã. Raposas se esgueiravam no escuro caçando perdizes. Bosques de árvores de casca grossa e zosteras sugavam o potássio do solo da cidade. Roya sonhava com flores, grandes flores amarelas e vermelhas crescendo por todos os lados, subindo pela fachada dos prédios e brotando dos olhos das cabras. Quando acordou, foi por conta de um chiado, parecido com um balão esvaziando. Sentiu uma pressão ao seu redor, um dobrar no espaço. Não se mexeu, mas abriu um pouco os olhos no escuro. Ao lado da sua cama estava Arash. O zíper do irmão estava aberto: ele urinava bem em cima dela.

SETE



De: Contra-almirante William M. Fogarty, Marinha dos Estados Unidos
Para: Comandante Supremo, Estados Unidos, Comando Central
Assunto: INVESTIGAÇÃO FORMAL DAS CIRCUNSTÂNCIAS ENVOLVENDO O ABATIMENTO DE UM VOO COMERCIAL PELO CRUZADOR USS VINCENNES (CG. 49) EM 3 DE JULHO DE 1988 (U)

(t) **O som do disparo dos mísseis ficou gravado na IADNet.**

TERÇA-FEIRA

Cyrus Shams, Zee Novak e James Deprê

Universidade Keady, 7 de fevereiro de 2017

Sentado no pátio do Nápoles Café durante o intervalo do microfone aberto, Cyrus contava a Zee e ao amigo deles, James Deprê, tudo sobre a sua briga com Gabe, sobre a detestável grosseria caucasiana do seu padrinho e como ela tinha consolidado nele essa nova ideia para um projeto de escrita — talvez até um livro — sobre martírio.

— Vai ser tipo uma coletânea inteira de poemas só sobre pessoas que já morreram? — perguntou James Deprê enquanto puxava do bolso traseiro uma bolsinha de plástico vermelho de tabaco Bugler.

— Tipo aquela música do Jim Carroll — acrescentou Zee.

— Ainda não sei bem — disse Cyrus. — É isso que estou tentando organizar. Vou escrevendo e a coisa vai ganhando forma. Nem sei se vão ser só poemas mesmo.

Havia duas cafeterias no campus da Keady. Uma delas, a Celeiro Celeste, contava com grãos de um único fornecedor, baristas presunçosos com certificados emoldurados que propagandeavam o seu treinamento na "Academia do Espresso", e lindos móveis retrô. Toda vez que Cyrus foi lá, os baristas foram excessivamente simpáticos, puxa-sacos. Se sentira tentado a pedir seu café com uma pitada de misantropia, por favor. Ou, ao menos, com uma ambivalência soturna. A disposição deles era ofensiva, insuportável.

O outro café — chamado Nápoles, apesar de ser de um casal turco-palestino — tinha grãos de café baratos, uma única máquina de espresso

enferrujada e duvidosa, além de cadeiras e mesas desconfortáveis que haviam sobrado no campus. As duas cafeterias ficavam na mesma quadra, e a Nápoles não era muito mais em conta do que a Celeiro Celeste, mas, motivados por um senso enviesado de lealdade cultural ou pelo desprezo a outras classes, ele se tornou o lugar favorito da juventude rebelde local. Era ali que as pessoas achavam os zines punks feitos com grampeador, de nomes como *Ratazana!* e *GARXTAS SPUNK*, deixados nas cadeiras, onde reuniões da Delegação dos Socialistas Democráticos da América organizadas por graduandos iam até tarde da noite, enquanto marxistas adolescentes riam entre cafés cheios de açúcar e barbas ralas.

O microfone aberto das terças à noite no Nápoles tinha se tornado o pilar da amizade de Cyrus e Zee. Era um evento pequeno, sem nada que o distinguisse dos vários outros microfones abertos que rolavam por todo o país — só que esse era o microfone aberto *deles*, a linda comunidade orgânica de gente bizarra *deles* —, com hippies velhos cantando Pete Seeger, jovens trans compondo raps sobre liberdade, declamações de poesia emocionantes feitas por enfermeiras e adolescentes e professores e cozinheiros. Assim como o microfone aberto de qualquer outro campus, contava com a participação ocasional de um guri de fraternidade que fazia sets de covers acústicos de raps afetados e narrativas sinceras demais sobre o término de um namoro. Mas até ele era bem-vindo e, na maioria das noites, o lugar era como um pequeno oásis seguro de entrosamento em meio ao relativo deserto da cidadezinha universitária de Indiana, um jeito saudável de passar o tempo que já não usavam mais para beber ou usar drogas.

Obviamente, Nápoles não tinha equipamento de som, então Zee chegava quinze minutos antes com seu equipamento Yamaha PA surrado e o deixava pronto para James Deprê, que era o anfitrião toda a semana. James Deprê era chamado assim para diferenciá-lo do James DJ, um cara que toda noite rodava os bares do campus de bicicleta. James DJ não era um artista particularmente interessante, mas era conhecido o suficiente pelas pessoas do campus para que James Deprê precisasse de um sufixo, que começou como uma piada e depois pegou, e ao qual James Deprê tinha se afeiçoado com bom humor, às vezes até fazendo pequenos shows no palco com aquele nome. Era um cara branco

quieto, de cabelo loiro comprido que emoldurava a barba por fazer, que tocava músicas eletrônicas intensas e pomposas, marcadas por bips e bloops esparsos, e que tinha, durante sua estadia na Keady, virado um dos amigos mais pontas firmes e confiáveis de Zee e Cyrus.

Mais cedo naquela noite, Cyrus tinha lido um poema, um material antigo e experimental de uma série que ele compôs atribuindo palavras a cada número de 0 a 9, e depois usando um documento do Excel para gerar uma letra a partir de como os números apareciam na sequência de Fibonacci: "lábios suor dentes lábios esparramados dentes lábios gotejam muito muito suor pele" etc. Era ruim, mas ele amava lê-los em voz alta, os ritmos e as repetições e as sequências estranhas que surgiam. James Deprê leu um material ainda mais antigo onde a letra "ardendo com a mancha humana/ ela seca, poeira na chuva" era repetida e modulada sobre bipes de um Game Boy velho de circuito deturpado. Zee — um baterista que idolatrava J Dilla, John Bonham, Max Roach e Zach Hill em iguais medidas — não trouxera nada autoral para apresentar naquela noite, mas tinha com ele um pequeno bongô para acompanhar a apresentação acústica de qualquer um que quisesse.

No pátio, ouvindo Cyrus falar sobre o seu novo projeto, Zee disse:

— Dá para imaginar que vai ser um monte de poemas diferentes escritos nas vozes de todos os mártires históricos com os quais você é obcecado. — E então complementou, se dirigindo a James Deprê: — Cyrus tem inundado o nosso apartamento de imagens grandes em preto e branco de todas as caras horríveis deles. Bobby Sands na cozinha, Joana d'Arc no corredor.

James Deprê arregalou os olhos.

— É que eu gosto de ter eles lá — Cyrus explicou, se encolhendo na cadeira. Não contou que estava lendo sobre eles na biblioteca, seus mártires místicos, nem que tinha impresso e colado vários acima da cama, mais ou menos convicto de que aquilo funcionaria como funcionam as fitas que prometem ensinar espanhol enquanto a pessoa dorme, que de alguma forma a sabedoria deles lhe seria transmitida enquanto ele sonhava. Junto com Tank Man, Bobby Sands e Falconetti como Joana d'Arc, Cyrus tinha colado uma foto do casamento dos seus pais. A mãe, sentada com um vestido branco com mangas, abria um sorriso tenso para a câmera enquanto o pai, num terno

cinza cafona, estava sentado ao lado dela, sorridente, segurando sua mão. Acima deles, alguns convidados estendiam um tecido branco ornamentado. Era a única foto que tinha da mãe. Perto dela, o pai sorria alegre, tão iluminado que parecia que a luz vinha de dentro dele.

Zee prosseguiu:

— Você pode escrever um poema onde a Joana d'Arc fala assim "nossa, esse fogo tá muito quente" ou algo assim. E daí botar um poema onde o Hussain tá tipo "putz, que droga que eu não ajoelhei". Sacou?

Cyrus riu.

— Eu já tentei fazer assim! Mas daí ficou meio brega. O que posso dizer sobre o martírio do Hussain, da Joana d'Arc ou de quem quer que seja que já não foi dito? O que valeria a pena dizer?

James Deprê perguntou quem era Hussain e Zee deu uma breve explicação sobre o julgamento no deserto, a recusa de Hussain a se ajoelhar e o fato de que foi morto por isso.

— Sabia que dizem que a cabeça do Hussain ainda está enterrada no Cairo? — Zee disse, sorrindo. — Cairo, que fica em que país mesmo?

Cyrus revirou os olhos para o amigo, que era, como Cyrus gostava de lembrá-lo quando ele entrava no modo melhor-civilização-antiga-da-terra, só *metade* egípcio.

— Nossa — disse James Deprê. — Eu teria ajoelhado e cruzado os dedos atrás das costas, ué. Quem que ele queria impressionar? Depois era só dizer que não valeu e pronto. Que tropecei e caí de joelhos ou coisa assim.

Os três amigos riram. Justine, uma garota que estava sempre por ali nas noites de microfone aberto e cuja performance de *Blonde on Blonde* — versão fase jaqueta-de-marinheiro-e-gaita do Bob Dylan — era um dos pilares do evento, saiu para pedir um cigarro a Zee. Ele foi forçado a entregar-lhe um dos seus cigarros orgânicos suaves, que ela acendeu na esquina enquanto falava no celular.

Em momentos como aquele, Cyrus tinha vontade de pedir um também — antes de ficar sóbrio, era do tipo que fumava um maço e meio por dia e mantinha o hábito mesmo depois de ter parado com todo o resto. "Interrompa os vícios na ordem que eles estão te matando", Gabe disse a ele

uma vez. Depois de um ano sóbrio, ele voltou para o cigarro e enfim conseguiu parar de vez ao reduzir aos poucos: foi de um maço e meio por dia para um maço, depois meio maço, depois cinco cigarros e assim foi até que chegou o dia em que ele fumava um cigarro de vez em quando e aí, nenhum. Ele provavelmente conseguiria fumar um cigarro aqui e ali sem grandes consequências, mas decidiu guardar esse momento para uma ocasião importante: seus últimos suspiros, morrendo na grama com um ferimento de bala, ou saindo em câmera lenta de um prédio em chamas.

— Então qual é a sua ideia? Um romance? Ou tipo… um guia poético sobre martírio? — perguntou Zee.

— Ainda não sei bem. A vida inteira pensei na minha mãe naquele voo, em como a morte dela não teve nenhum sentido. Literalmente nenhum, zero. Sem sentido. A diferença entre 270 mortes e 269. É atuarial. Não é nem trágico, saca? Será que ela foi uma mártir? Deve haver uma definição da palavra que englobe ela também. É isso que eu quero.

James Deprê e Zee concordaram, dando seu apoio. Os dois conheciam Cyrus bem o bastante para não ficarem estarrecidos com sua franqueza. Mas Cyrus, por sua vez, ficou um bocado surpreso com as palavras assim que saíram da boca, com o fato de que deram forma a algo que há muito tempo era amorfo dentro dele. Era como se a linguagem no ar, naquela noite, fosse um molde onde ele depositava a sua curiosidade. Como farinha lançada num fantasma.

— A morte dela foi trágica no nível humano — James Deprê rebateu. — A diferença foi trágica pra você, pro seu pai, pra sua família.

— Claro, claro, mas esse nível da tragédia não foi perceptível pros Estados Unidos nem pro Irã. Não é perceptível pro império. Sem sentido no nível do império é o que quis dizer com sem sentido. Que nem o meu tio. Ele nem morreu ainda, mas a guerra Irã-Iraque ferrou tanto com ele que ele não consegue mais sair de casa. Ele acha que ainda vê fantasmas e soldados e outras merdas. E não entrou pro exército iraniano pra ganhar faculdade grátis, plano de saúde ou seja lá o que as pessoas ganham aqui. No Irã, ninguém tem escolha. Se você for homem, é recrutado. Se eu voltasse pra lá hoje, só poderia ir embora depois de terminar o serviço militar obrigatório.

No ar, o cheiro de fumo se misturava ao de comida chinesa do restaurante da frente, de cerveja respingada do bar ao lado. No espaço vago entre as duas silhuetas em miniatura que separavam a cidade — cada uma composta por apartamentos e prédios da universidade e bancos e dormitórios —, um punhado de estrelas flutuava feito migalhas numa vasilha de leite escuro. Cyrus ficava cada vez mais empolgado.

— Uma versão de quem meu tio poderia ter sido foi morta na guerra, e sem motivo nenhum. O fato isolado de ele ter enlouquecido não ganhou nem perdeu a guerra. É sem sentido. Aí que tá a merda. Meu pai me larga na universidade e depois morre, tipo quase que de imediato. Não digo isso para que vocês pensem "coitadinho de mim" nem "coitadinho da gente". Mas nenhuma dessas mortes teve sentido. E não acho loucura querer que a minha tenha. Ou estudar pessoas cujas mortes tiveram um propósito, sabe? Pessoas que pelo menos tentaram fazer com que a própria morte tivesse algum sentido.

— Não é loucura — disse Zee. — Eu te entendo, cara. Ou melhor, não entendo, não tenho a sua vivência. Mas entendo porque você quer escrever sobre isso.

James Deprê perguntou:

— Você acha que vai colocar isso no livro? Sua mãe, seu pai, seu tio? Ou vai escrever mais como se fosse uma reportagem? Tipo uma pesquisa?

— Ótima pergunta — disse Cyrus, dando de ombros. — Só sei que estou obcecado. Tipo, no Irã, tem umas escolas para os filhos dos homens que morreram na guerra, a quem eles chamam de "mártires". Essas escolas de mártires são ótimas, são chiques, todo mundo quer matricular os filhos lá. Filhos de pais saudáveis crescem tendo inveja dos órfãos, porque os filhos dos mártires têm aprovação garantida na faculdade, recebem todo um tratamento especial. Já ouvi falar de filhos de mártires que não querem que ninguém saiba, que sentem vergonha de tanto privilégio. Como as crianças que têm uma poupança rendendo desde que nasceram, só que ao invés de uma poupança eles têm pais mortos. É insano.

James Deprê balançou a cabeça, incrédulo, absorvendo a informação. Zee acendia um dos seus cigarros. Ele tinha começado a fumar cedo, com grande

avidez, o tipo de fumante jovem que bate as cinzas do cigarro antes do necessário e dá longas tragadas extravagantes. Embora tivesse se tocado um pouco ao longo dos anos, ainda havia algo de teatral na sua forma de fumar, era como ver a Elizabeth Taylor fumando na televisão. Os seus cigarros de combustão lenta só aumentavam esse efeito.

James Deprê sugeriu:

— Me lembrei daquela performance artística em Nova York, acho que no Museu de Arte Moderna, da artista que está morrendo dentro do museu. Algo assim? Vocês chegaram a ver isso?

Cyrus e Zee deram de ombros.

— Morrendo dentro do museu? — Zee perguntou.

— É, vi no Twitter. Você deve ter visto também.

Cyrus e Zee se olharam e deram de ombros de novo. Cyrus não tinha embarcado na onda das redes sociais, algo de que sentia certo orgulho, embora os amigos o atualizassem sobre todas as revoltas diárias, os memes toscos, os famosos trocando piadinhas passivo-agressivas. James Deprê pegou o celular e deu uns cliques. Seu cigarro queimava desequilibrado entre o dedo indicador e o médio da mão direita.

— Ah, aqui está! Foi no Museu do Brooklyn, não no de arte moderna. Ele deu o celular a Cyrus, e Zee se curvou sobre ele para enxergar também. Ele deixara aberto o tuíte de uma imagem com 2,2 mil curtidas e 465 compartilhamentos. No lado esquerdo da imagem estava o rosto de uma mulher, um rosto envolto pela aura de desequilíbrio cósmico que geralmente envolve os moribundos. Não parecia muito velha na foto, talvez tivesse uns cinquenta anos, mas é difícil dizer com os muito enfermos, e sua cabeça calva realçava o quanto a pele pálida apertava o crânio. Mesmo na minúscula foto no celular, os olhos dela pareciam poços fundos e secos — dava quase para ouvir o vazio deles ecoando. No lado direito da imagem, estava escrito em letras grandes: FALA-MORTA, uma curiosa construção que podia ser lida tanto como um imperativo quanto um substantivo com um adjetivo. Embaixo dela, lia-se:

"A ilustre artista visual Orkideh, mundialmente renomada, apresenta sua última instalação, FALA-MORTA. Os visitantes serão convidados a falar com a

artista durante suas últimas semanas e dias de vida, que ela passará no museu. Não é necessário se inscrever. Abertura 2 de janeiro."

— Uau! — disse Cyrus, passando o celular para Zee. — Meio que é exatamente o que você estava falando, não é, Cyrus? — disse James Deprê.

— É, parece que sim. Uau. Sei lá. Acho até que ela é iraniana.

— Quê? — disse Zee, lendo na tela. Uma vez atualizado, disse: — Ué, como você sabe?

Quando Cyrus era menino, seu pai Ali fazia com ele uma viagem anual até Chicago, para visitar um restaurante persa chamado Ali's Sofreh ("Sabia que tenho um restaurante?", Ali Shams brincava com o filho). Aquele era, até onde eles sabiam, o único lugar persa a uma distância de Fort Wayne que seria razoável percorrerem de carro. Essas viagens eram um verdadeiro luxo para Ali Shams, que achava até fast-food barato uma extravagância. Para Cyrus, elas eram motivo de grande ansiedade — ele passava dias imaginando o que leria no carro, qual seria o seu pedido no restaurante. Mesmo anos depois da morte do pai, numa espécie de transe pavloviano, pensar sobre qualquer coisa de Chicago — a Sears Tower, o Navy Pier, Scottie Pippen — o deixava com fome.

Certa vez, durante uma viagem para Ali's Sofreh quando Cyrus tinha oito anos, Ali lhe apontou discretamente cada garçom, cada funcionário do restaurante.

— Persa — sussurrou para Cyrus sobre a mulher que servia água. — Árabe — disse sobre o rapaz cabeludo que limpava uma das mesas. — Persa. Branca — comentou sobre o careca sentado sozinho numa mesa entre papéis e uma calculadora e a mulher de cabelo cacheado que falava ao telefone atrás do balcão. Cyrus não entendia como o pai sabia aquilo tudo. Para ele, todas as pessoas que Ali tinha mostrado lembravam vagamente ele mesmo: pele escura, cabelo escuro.

— Achei que todo mundo aqui era como a gente.

— Mas é claro! É isso que eles querem. Eles querem que você pense que todos aqui são iranianos. Faz o restaurante parecer mais *autêntico*.

A garçonete veio conferir se estava tudo certo e Ali pediu a conta. Quando ela se afastou para ir buscá-la, ele olhou para o filho.

— O que você acha?

Cyrus fez uma pausa.

— Árabe?

O pai fez que não e deu risada. A garçonete voltou com a conta, que Ali conferiu e depois entregou a ela um cartão de plástico.

— Persa — sussurrou ao filho.

Cyrus estava perplexo. Incrédulo, perguntou:

— Como é que você sabe?

Sorrindo, Ali disse:

— É fácil. Nós somos os mais *feios*.

Na boca de qualquer outra pessoa, talvez aquela frase soasse autodepreciativa, cruel até. Por um momento Cyrus se perguntou se Ali não tinha trocado as palavras, se não queria dizer o contrário, que todo mundo era mais feio do que os iranianos. Mas algo no sorrisinho do pai deixou claro que tinha dito exatamente o que queria dizer. Tinha uma espécie de orgulho no rosto de Ali ao dizer aquilo, que os iranianos eram os mais feios. Uma satisfação que Cyrus levou anos para compreender.

Naquele dia no pátio da cafeteria, olhando para a imagem da artista moribunda no celular do seu amigo, Cyrus viu exatamente o que o seu pai vira. O que Ali quis dizer com "feiura". Não era desdém. A artista — Orkideh — tinha sido, sem sombra de dúvida, muito bonita, e ainda era — as maçãs do rosto e os olhos grandes eram inegavelmente formidáveis. Mas a feiura, a feiura persa que Ali tinha mencionado, era uma conquista. O pai de Cyrus, que escutava quase exclusivamente os Rolling Stones, mesmo antes de ir para os Estados Unidos, que chamava os Beatles de "banda feita para menininhas". Que tinha exatas três calças: duas para o trabalho, uma para ficar em casa. O pai de Cyrus, cujos braços estavam para sempre riscados pelas cicatrizes da granja, velhas e novas, braços esfolados pelo terror idiota das aves ariscas. O belo pai feio morto de Cyrus.

Cyrus levou mais de uma década para identificar o que Ali quis dizer com "feio". A rigidez de um sorriso, a suavidade das rugas abaixo dos olhos. Mas ali, no rosto da artista moribunda, aquela feiura era mais que aparente.

Ao invés de explicar isso para os seus amigos, Cyrus disse apenas:

— Tenho quase certeza que "orkideh" é "orquídea" em farsi.

— Nossa, caramba! — acrescentou James Deprê. — Você devia falar com ela sobre o seu projeto. Deve ter um jeito de mandar um e-mail.

Ele mexeu no celular por uns minutos. Justine abriu e fechou a porta do Nápoles atrás deles, fazendo jorrar uma balada acústica pré-gravada por todo o pátio.

— Você acertou! — James Deprê declarou, cutucando a tela do celular. — Diz aqui que ela cresceu no Irã e foi embora "depois da revolução". Também diz que ela está com câncer em estágio terminal e recusou o tratamento com radiação. Ela está vivendo, dormindo e fazendo todas as refeições dentro do museu, recusando todo e qualquer tratamento a não ser remédio para dor. Diz que ela vai conversar com os visitantes do museu por quatro horas por dia até não poder mais.

— Sinceramente, você devia ir até o museu para conhecê-la — disse Zee.

Cyrus bufou. A ideia de entrar num avião até o outro lado do país como se fosse uma ida até o mercado lhe parecia um luxo reservado apenas para Richard Branson, Bill Gates.

— Claro, vou pegar um voo para Nova York para conferir uma performance artística. Aí vou a Madri conferir as touradas. De lá pego um voo até o Oriente para negociar temperos.

James Deprê riu, mas Zee insistiu.

— Sério, Cyrus, por que não? Você está no começo de um grande projeto sobre "martírio alternativo" ou sei lá o quê, e aí coincidentemente tem uma iraniana à beira da morte dizendo "venha falar comigo sobre a morte"? Eu não sou do tipo que vê deus-mandando-mensagem-pelos-trovões. Mas se existe mesmo sinal, deve ser isso.

Cyrus balançou a cabeça.

— Que mundo é esse em que você vive onde estou assim tão disponível pra ir até Nova York por impulso?

— Pois é… — disse James Deprê, entortando a cabeça.

Zee se debruçou na mesa, disse:

— Cara, você está patinando aqui. Tem sido assim há anos. Você trabalha naquele trampo bizarro onde finge morrer ou sei lá, e é só meio período. Você

já se formou, não namora ninguém. Fica se lamentando pelos cantos sem escrever nada, se sentindo um merda. Mais disponível que você não existe.

— Jesus — disse Cyrus.

— *Flexível* — James Deprê corrigiu, tentando amenizar a palavra que Zee usara. — Você está, no momento, *aberto* para as *vicissitudes* do destino.

— Você quer ser escritor — Zee prosseguiu. — É *isso* que os escritores fazem. Eles seguem as histórias. Esse é um momento decisivo. Você pode continuar sendo o cara triste e sóbrio do rolê que mora em Indiana e fala em ser escritor, ou você pode ir lá e ser escritor.

Cyrus analisou o rosto de Zee, que de repente tinha ficado sério, seco. A pele morena do seu colega de quarto parecia apertada, quase tremendo contra a carne dura por baixo. Cyrus não podia negar que estava patinando, prestes a fazer trinta anos sem nenhuma conquista séria a não ser a sobriedade, a não ser um inútil diploma de inglês que ele tinha conseguido com mentiras e manipulações.

— Acho que ainda tenho a recompensa da minha mãe — Cyrus sugeriu, por fim.

Ele chamava o dinheiro que o governo norte-americano tinha pago ao pai pela morte da mãe de "recompensa". Apesar de os Estados Unidos nunca terem assumido a responsabilidade absoluta por derrubar o avião do céu, em 1996 acabaram pagando um valor às famílias das vítimas: 300 mil dólares por cada homem assalariado, 150 mil dólares por cada mulher e criança (a maior parte dos mortos). O pai de Cyrus nunca mexeu naquele dinheiro, deixando-o separado numa conta para presentear Cyrus na sua formatura. Cyrus usou uma parte para pagar a dívida da faculdade, mais um pouco para quitar vários cartões de crédito estourados. Depois disso, se sentia horrível ao usar o dinheiro restante para coisas banais da vida cotidiana. Usar dinheiro sujo, mesmo que para o bem, parecia errado. Era inevitável. Mesmo assim, a ideia de visitar a artista lhe soava cada vez mais plausível. James Deprê e Zee estremeceram um pouco quando ele disse "recompensa".

— Tá, digamos que eu *possa* ir passar um fim de semana. Digamos que isso seja possível. Mesmo assim, não tenho ideia do que dizer pra ela.

— Pergunte por que ela está fazendo o que está fazendo. — disse Zee — Parece que tem a ver com o que você estava falando, que ela quer que a morte dela tenha um sentido.

— Sinceramente, pode ser que ela esteja abarrotada de dívidas médicas — acrescentou James Deprê. — E decidiu fazer um último trampo pra família não herdar uma conta de bilhões de dólares em médicos.

— Porra. Que merda que esse pode ser mesmo o motivo — disse Cyrus.

James Deprê concordou, depois balançou a cabeça. Zee bateu dramaticamente o cigarro para tirar as cinzas, então disse:

— Olha, se você for mesmo pra Nova York, vou com você. Podemos dividir os custos de um hotel vagabundo. Consigo alguém pra cobrir meus turnos no trabalho durante um fim de semana. Podemos ir já *neste* final de semana. Pra que esperar? De verdade, eu curtiria muito passear na cidade enquanto você trabalha no seu livro e tal.

— Porra, galera. Vou estar com vocês em espírito — disse James Deprê. Ele tinha um trampo ingrato numa empresa de cobranças que rateava até para dar folga nos fins de semana. — Mas sério, vocês deviam ir sim.

Dentro do café, os participantes do microfone aberto estavam começando a se agitar, encarando a mesa deles através das janelas do Nápoles, se perguntando quando eles terminariam o cigarro e voltariam para retomar a noite. Cyrus não tinha o hábito de gastar muito, ou de gastar qualquer coisa. Entre o que ele ganhava no trabalho do hospital e atendendo o telefone do Jade Café algumas noites por semana, ganhava o suficiente para comer e pagar aluguel. Mas essa artista, o que ela estava fazendo, parecia extraordinário. Uma oportunidade. Sinistro, até.

Nos tempos de vício ativo de Cyrus, era necessário pavor e desgraça que o botassem de joelhos, ou um êxtase físico eufórico que o elevasse quase literalmente para fora do corpo — para romper a sua fuga densa e entorpecida. Estando sóbrio, ele ainda esperava, erroneamente, que o universo lhe desse isso — um choque de arrebatamento encarnado, o anjo que vem do céu bater nele com o tijolo da claridade. Cyrus começava a perceber que o mundo não funcionava assim, que às vezes a epifania era tão sutil quanto um amigo te mostrando uma coisa no Twitter.

— Neste fim de semana? — Cyrus perguntou, hesitante.
— Ela está morrendo, Cyrus — disse Zee. — Você não tem tempo a perder.
Cyrus mordeu o lábio inferior.
— Caralho. Acho que vou mesmo — constatou, de repente empolgado.
— Massa — retrucou Zee. — Olho os voos quando a gente chegar em casa.

OITO



ZEE NOVAK

Universidade Keady, abril de 2014

Foi no começo da primavera que pensei pela primeira vez que o amava. Naquela época do ano, em Indiana, o sol de cada tarde vinha derreter a neve da noite anterior. Brotos curiosos despontavam do solo em direção ao calor duvidoso, e então eram cobertos de novo pela súbita geada noturna. Eu trabalhava de garçom no Nilo Verde, fazendo um troco aqui e ali vendendo maconha para os amigos. Cyrus ainda trabalhava atendendo o telefone do Jade Café, ainda matava o tempo na biblioteca, no Bar do Lucky.

Morávamos juntos fazia um ano desde que nós dois tínhamos, a muito custo, nos formado, eu um semestre antes dele, e passávamos os dias agarrando quem estivesse na nossa frente, bebendo muito. Isso foi um ano antes de Cyrus ficar sóbrio, antes do Gabe e do A.A., antes que eu parasse de beber por osmose em solidariedade a ele, para facilitar as coisas para Cyrus. Facilitar as coisas para ele, percebi só muito tempo depois, tomava cada vez mais a minha energia.

Uma vez por semana, Cyrus e eu íamos até a casa de um cara chamado Jude, perto da estrada. Cyrus viu um chamado de Jude no Craigslist dizendo que precisava de ajuda com o jardim e que ofereceria alimentos frescos em troca do serviço. Intrigados, principalmente pela possibilidade de "alimentos frescos" ser eufemismo para alguma outra coisa mais interessante, entramos em contato. Descobrimos que "alimentos frescos" eram literalmente alimentos frescos. Todo sábado íamos meio chapados à casa do Jude, aparentemente para cuidar do jardim, mas na verdade para Jude ficar sentado

na cadeira bamba bebendo cerveja enquanto nos assistia fazer de conta que cuidávamos do jardim.

Ele nunca se apalpou, também nunca apalpou a gente. Só ficava ali recostado, de cueca branca suja e sandálias, nos observando. O trabalho era trivial. Quando a grama já estava cortada e a cerca podada, ele nos fazia tirar pregos de velhas tábuas de madeira, cavar e preencher grandes buracos pelo quintal. O nos-observar-trabalhando era justamente *aquilo* que ele queria, seja lá o que *aquilo* fosse para ele. E em troca, depois da nossa hora de trabalho semanal, ele nos levava à cozinha onde tinha prateleiras e mais prateleiras de produtos de mercado — em geral amassados, rasgados, fora da validade —, e nos deixava encher algumas sacolas de papel.

Ele nos disse, em uma das poucas vezes que disse alguma coisa além de qual pilha de lenha tínhamos que carregar de um lugar para outro, quais tábuas de madeira pintar, que ele trabalhava em uma distribuidora de alimentos que abastecia alguns mercados da região. E que às vezes ele dava um jeito de trazer "coisas desse tipo" para casa. Cyrus chamava as nossas idas aos sábados no Jude de "ida ao mercado".

— É tipo ser voluntário numa cooperativa — ele disse uma vez no caminho.

— Só que é mais sexy — completei.

— Meu deus — disse Cyrus. — Sim. Somos trabalhadores do sexo? É isso que estamos fazendo? Vendendo o corpo?

— Angela Davis diria que estamos todos vendendo o corpo — eu disse, sorrindo. — Que a única diferença entre um minerador e uma prostituta são os nossos princípios retrógados e puritanos quanto ao sexo. E a misoginia.

Cyrus revirou os olhos e perguntou:

— E o que Zee Novak diria?

Eu dei risada.

— Zee Novak diria que comida de graça é comida de graça.

Então todo sábado lá estávamos nós, trabalhando sob o olhar bizarro mas em última análise inofensivo de Jude. Ele era um cara baixinho, não muito mais velho do que a gente mas já careca, o cabelo louro ralo em cima do rosto sempre carrancudo, o tipo de sujeito cabisbaixo que parecia ter sido

desdenhado a vida inteira e que tinha desistido de criar caso por causa disso. Todo musculoso e pálido, parecia que aquela hora que passava nos vendo trabalhar debaixo do sol era a sua única hora ao ar livre na semana inteira.

Naquele sábado específico, chegamos um pouco mais tarde do que o normal. Cyrus tinha trocado uma das suas receitas médicas por um fentanil adesivo e passou a noite anterior feito um químico, dissolvendo o adesivo em álcool, e aí fazendo o álcool evaporar em cima de um velho tabuleiro de xadrez de vidro.

— Sessenta e quatro doses puras! — disse, sorridente, segurando o tabuleiro assim que o líquido acabou de secar. Tinha um orgulho imenso de ser "bom com drogas". Já eu podia amá-las ou deixá-las; minha mãe sempre estivera meio mal devido a uma combinação de remédios, poções mágicas ayurvédicas, benzodiazepínicos e remédios egípcios tradicionais baseados no Livro de Thoth.

— Sabia que eles conseguiam diagnosticar e tratar diabetes? — disse ela sobre os nossos ancestrais egípcios.

"Nós também", eu pensei mas não disse.

Ainda assim, o entusiasmo de Cyrus era contagiante, então cada um lambeu dois quadrados de fentanil do tabuleiro e fomos de carro para a casa de Jude. Primeiro, a sensação era de estar flutuando, como se eu pairasse alguns centímetros acima do banco do carro de Cyrus, que por sua vez também pairava centímetros acima da pista. Depois, foi como se a brisa nos levantasse assim como levanta uma folha, como se ela dissesse seu próprio nome — era estranho e leve assim.

A casa de Jude era arrumada e ficava perto da estrada. Ele foi à porta antes de batermos, vestido, como sempre, só com uma cueca branca larga, amarelada na virilha e na cintura, meio solta entre as pernas revestidas de pelanca pálida e manchada. Ele nos conduziu pela casa, passando por dois cachorros brancos dormindo enrolados num cercadinho na sala, rumo ao quintal. Sinos dos ventos balançavam na frente de cada janela da casa, só que do lado de dentro, como um sistema de alarme antifurto rudimentar. Algumas janelas tinham vários deles, sinos dos ventos desciam até das hélices do ventilador de teto da sala.

— Qual é o nome dos cachorros? — perguntei a Jude, puxando conversa.

— O grandão é o Noé. O barulhento é o Siló.

Os cachorros pareciam irmãos. De relance aparentavam ser do mesmo tamanho, e os dois estavam em silêncio. Cyrus me deu ligeiro um sorrisinho.

No quintal tinha uma pilha enorme de lenha e um machado enorme que lembrava os de desenho animado apoiado num toco de árvore largo.

— Vou receber uns amigos em volta da fogueira hoje à noite — disse Jude. — Preciso que vocês cortem a lenha. — Seus mamilos rosados eram quase imperceptíveis, quase tão claros quanto a sua pele. — E sejam rápidos. — Sem dizer mais nada, puxou a cadeira para debaixo da sombra do toldo do pátio, botou um fone de ouvido e começou a nos observar.

O ar estava espesso; eu já suava por causa do fentanil. Uma brisa leve me fazia sentir frio nos braços úmidos, assim como mascar chiclete de menta faz a água parecer gelada. Cyrus olhou para a madeira, então olhou para mim e perguntou:

— Você já, hmm, cortou lenha?

Nós dois rimos.

— O que você acha? — eu disse.

Cyrus deu de ombros.

— Pessoas muito mais burras do que a gente fazem isso o tempo todo — ele respondeu, pegando o machado.

— Não acho que inteligência seja um fator decisivo pra isso aqui — retruquei. Cyrus era alto mas o machado era gigante. Fazia ele parecer menor.

— Toma, segura isso. — Cyrus apoiou um tronco triangular no toco, um dos dedos na ponta como se fosse uma bola de futebol americano.

— Quê? Segurar isso com o dedo, o dedo da minha querida mão, que ainda está presa ao meu querido braço? Que nem a Lucy da *Turma do Charlie Brown*? Enquanto você o acerta com um machado?

Cyrus fez uma pausa.

— Caralho, talvez *sejamos* burros demais pra isso. — Ele riu.

— Ou estejamos chapados demais — acrescentei.

Jude nos observava da sua cadeira, sem se mexer. Tinha pegado uma latinha de cerveja de algum lugar, que suava, ainda fechada, aos seus pés.

Peguei o machado de Cyrus e arrumei o tronco em cima do toco da árvore. Ele parecia deliciosamente elementar, como se todo o seu peso tivesse acabado de ser expelido de um vulcão ou tirado de uma pedra mágica. Eu gastava a maior parte dos dias registrando pedidos numa tela de computador no trabalho, pensando em tocar bateria sem ter tempo ou oportunidade de tocar. O machado tinha o mesmo objetivo claro de uma baqueta. Segure aqui, acerte lá. Eu o levantei acima da minha cabeça e o desci na madeira. O movimento foi desajeitado, mas consegui cortar fora um dos cantos da lenha.

— Um graveto! — Cyrus gritou, animado. — Você fez um graveto! — Ainda que oscilasse entre a autodepreciação e a autopiedade, Cyrus sempre parecia genuinamente feliz com as conquistas mais banais dos amigos. Mesmo nessa época. — Somos praticamente dois Johnny Appleseed.

— E aquele é o nosso boi azul — acrescentei, apontando a cabeça para Jude.

Cyrus franziu o cenho e então fez que sim.

— Você está pensando no Paul Bunyan — ele corrigiu.

— Quê?

— É o Paul Bunyan que tem o boi azul grandão. — Cyrus sempre fazia isso, corrigia as pessoas. Mesmo chapado de fentanil. Mesmo tendo cheirado o pó mais branco possível.

— Cara, cala a boca — eu disse, descendo o machado na madeira. O sol aparecia e desaparecia atrás das nuvens. Jude deu uma arrumada no saco e abriu a cerveja.

Aos poucos, Cyrus e eu começamos a fazer picadinho dos troncos. Parecia que estávamos controlando a geometria, manipulando a física segundo a nossa vontade. De vez em quando, pardais apareciam no quintal para bicar o solo à nossa volta.

— Seus papa-minhocas miudinhos — Cyrus disse do nada, o que nos fez rir mais do que deveríamos.

Passados quinze, vinte minutos daquilo, Jude mudou de posição, gritou:

— Ei! — Ele apontou para um pneu velho apoiado numa pilha de gravetos no canto do quintal — Podem usar isso se quiserem.

Cyrus e eu olhamos para o pneu, depois um para o outro, e então para Jude, confusos.

Jude deu um suspiro, se levantou e deu uma caminhada teatral até o pneu. Com um esforço exagerado, ele o ergueu e o colocou em cima do toco.

— Vocês colocam o tronco aqui dentro — Jude explicou. — E aí não precisam catar os pedaços de madeira que se espalham para todo lado.

Sua voz soava estranhamente como a de um barítono, era como ouvir um pássaro cantar com o som de uma tuba. Suspirou com uma exasperação extravagante e voltou para a cadeira. Tinha manchas oleosas de creme bronzeador branco nas costas, quase imperceptíveis na pele pálida.

— Obrigado — agradeci, encaixando alguns troncos dentro do pneu e me afastando para que Cyrus balançasse o machado. Ele o acertou com força num dos troncos, que se espatifou ordenadamente dentro do pneu.

— Ele tinha razão — disse Cyrus, um pouco surpreso. — Legal.

— Ainda não sei dizer se isso é uma furada. Deixar ele nos observar assim. Estamos fazendo uma concessão ética?

— Essa é uma questão sua, Zee.

— Como que é aquela coisa de o dinheiro ser a externalização de todas as capacidades do homem? Como que os produtos de mercado entram nisso?

— Olha só como eu sou um homem capacitado! — disse Cyrus, rindo, batendo o martelo com força.

— Em troca de beterraba enlatada e sopa de cogumelo. Será que é… melhor? Que dinheiro? Eu acho?

Cyrus não estava mais escutando. Um arco de suor se formou na gola da sua camiseta verde, formando uma parábola marrom logo abaixo do seu pomo de adão.

— Acha que dá pra gente lamber mais alguns quadrados quando chegarmos em casa? — perguntou. — Sem ficar com vontade de vomitar?

— Não sei. Eu ainda estou ótimo.

Meu cérebro parecia um jardim inundado. Todas as flores — douradas, índigo, brancas, violeta — seguiam o fluxo da água. Cyrus empunhou o machado de novo. Cada partida de madeira parecia significativa, como se

anunciasse o nascimento de uma pessoa importante. Um dos cachorros começou a latir dentro de casa para o barulho da madeira se quebrando.

— Noé, cala a boca! — gritou Jude, irritado por ter saído do seu transe de observador.

— Não era o Siló que era barulhento? — cochichei para Cyrus, que sorriu. Ele bateu com força o machado, que acabou escapando da sua mão. Eu o vi caído na grama e demorei um pouco para perceber que algo estava errado.

— Ei, está tudo bem? — perguntei a Cyrus. O machado tinha acertado a borracha do pneu e escapado da sua mão.

— Que merda — ele disse, olhando para baixo. O machado repousava na grama ao lado do seu pé esquerdo, e de relance vi o corte no seu sapato de lona azul, que estava ficando arroxeado.

— Puta merda — eu disse.

Os latidos de Siló ou Noé tinham saído do controle. Jude disparou.

— O que foi? — perguntou. Ao correr na nossa direção e ver o pé de Cyrus, ele disse: — O que… o que é isso?

— Que merda — disse Cyrus.

— É *sangue*, Jude! — surtei. — Você tem… a gente pode usar a sua banheira?

Cyrus ficou pálido. Movimentava a cabeça para olhar o pé de diferentes ângulos, meio incrédulo, estudando-o como se pensasse: qual é o truque? O que está de fato acontecendo?

Jude nos levou depressa para dentro da casa, até a banheira, Cyrus apoiado em mim e dando pulos com o pé bom. Tinha um sino dos ventos de madeira pendurado na frente do espelho do banheiro, que se duplicava no vidro. Um menorzinho pendia do porta-toalhas.

— Nem está doendo, pra falar a verdade — disse Cyrus, chocado, fitando o sapato ensanguentado.

— Isso não é um bom sinal — eu disse, e o fuzilei com o olhar para lembrá-lo de que tínhamos lambido remédios potentes para dor, prescritos para quem está em estágio terminal.

— Caralho caralho caralho caralho — disse Jude, que com a sua cueca ridícula parecia uma galinha cozida.

— Melhor eu tirar o sapato? — disse Cyrus, como uma pergunta.

— Vai parecer pior do que está — comentou Jude a si mesmo, mais um desejo do que a análise da realidade observável.

Cyrus sentou na tampa da privada e apoiou o pé na banheira. Ele era uma mistura de estar chapado e em choque. Eu também, para ser sincero. O jardim inundado da minha imaginação tinha se transformado num agitado oceano, as flores todas perdidas sob a espessura da espuma do mar. Jude andava nervoso do banheiro para o corredor, com os olhos no rastro de sangue e sujeira que deixamos no carpete ao entrar, balançando a cabeça.

Ajudei Cyrus a tirar o sapato, um tênis Vans azul-marinho, todo surrado e com um corte logo abaixo do dedão, molhado e pulsando com sangue preto arroxeado. Eu o removi com cuidado. Cyrus estremeceu, e então — não tem outro jeito de dizer isso — eu o tirei, e todo o líquido de dentro se derramou. A quantidade de sangue me deixou chocado, o volume que não tinha sido absorvido pela meia de Cyrus e pelo próprio sapato. Parecia violar algum princípio da física, o sapato conter tanto sangue além de um pé inteiro. Jude emitiu um som de ânsia exagerado atrás de nós. Cyrus sorriu de canto.

— Tá, *isso* doeu. — ele disse, puxando ar através dos dentes cerrados enquanto eu tirava a meia preta. De algum jeito ele ainda conseguia sorrir.

— Vocês precisam de… luvas? Luvas? Tenho luvas em algum lugar — Jude disse, recuperado da sua ânsia, e desapareceu no corredor, parecendo satisfeito por ter encontrado uma desculpa para sair dali.

Um cachorro latia. Abri a torneira da banheira. Jude gritou do corredor:

— Noé! Cala! Essa! Boca! Caralho!

— Sabia que no Islã, Noé é o nome de um profeta todo errado? — Cyrus disse, estranhamente alheio. — Os vizinhos não estavam nem aí pra ele, não queriam saber de se converter, então Noé *pediu* que Deus os afogasse.

Coloquei o pé de Cyrus com cuidado debaixo do fluxo de água, que ficou rosa avermelhado conforme escorria até o ralo. Finalmente, pude ver o corte — era do tamanho de uma moeda, mas parecia profundo.

— Acho que vamos ter que ir para o hospital, Cyrus — eu disse.

Ele não estava prestando atenção.

— A coisa toda é muito louca — ele continuou. — Eu acho que o Noé era tipo, neto de Matusalém. Assim como quem não quer nada, pediu para Deus matar meio que toda a humanidade. E aí viveu até os mil anos.

— Cyrus…

Jude surgiu do corredor com um par de luvas de jardinagem, cobertas de terra.

— Será que servem — ele parou, percebendo a resposta para a sua pergunta antes mesmo de terminá-la— pra alguma coisa?

O corte no pé de Cyrus parecia redondo demais para ter sido feito por um machado. Eu disse isso, e acrescentei:

— Na verdade não sei como é um corte de machado.

— Você acha mesmo que a gente precisa ir pro hospital? — Cyrus disse. — Acho que parece que o sangue está diminuindo.

Ele tinha razão. A cor da água que rodeava o ralo estava mais para um rosa-claro, como as bordas desgastadas de um pôr do sol.

— É, também acho — concordei. Depois, para Jude: — Você tem gaze? Ou um curativo?

Ligeiro, Jude desapareceu de novo. Os sinos dos ventos pendurados na frente do espelho do banheiro balançaram pelo movimento da sua saída.

— Você quer ir pro hospital? — perguntei a Cyrus. — A decisão é sua.

— Não quero, a não ser que eu vá tipo morrer se eu não for — ele disse, então acrescentou: —, apesar de que seria um sarro ouvir você explicando nossa incursão no lenhadorismo.

Dei risada. Nós provavelmente *devíamos* ter ido ao hospital — durante semanas, talvez meses depois disso, Cyrus andou meio manco. A ferida nunca sarou de verdade, ficou roxa, fez casca e então desembocou numa dor chata que nunca cessou por completo, mas da qual Cyrus raramente se queixava. Mas, naquele momento, em meio à bizarrice da situação, no banheiro ridículo do ridículo Jude, só dei risada e fechei a torneira. O corte era cor-de-rosa, o rosa aos poucos deu lugar ao vermelho, mas sem jorrar mais sangue. Nos meus ouvidos ressoava o som de um gongo não tocado há muitos anos. Jude surgiu com um pacote de papel-toalha novo debaixo do braço e, nas mãos, um rolo de fita isolante cinza e um tubo de pomada antibiótica.

— Sério? — eu disse ao ver aquela seleção de primeiros socorros. Cyrus deu uma risadinha. Jude não tinha vestido nada por cima da cueca, não tinha aproveitado a saída pra botar uma camisa de time, uma bermuda ou qualquer coisa mais apropriada à dificuldade da situação.

— Não sou enfermeira, porra — ele rosnou. — E preciso que vocês dois saiam. Tem gente para chegar daqui a poucas horas e preciso limpar toda essa bagunça. — Ele apontou para o carpete todo sujo de sangue. — Não quero saber se vocês vão pra casa ou pro hospital — choramingou num tom agudo —, só preciso que sumam daqui. — Ele me estendeu o rolo de papel-toalha, que tirei da embalagem e usei para secar o pé de Cyrus.

— Você tem água de coco? — Cyrus perguntou a Jude. Depois, se dirigindo a mim: — Tem uma coisa assim, não tem? Que água de coco é igual a sangue? Ou plasma do sangue? Quando a gente bebe?

Dei de ombros. Jude disse:

— Também não sou uma mercearia. Talvez eu tenha um coco seco ralado, *mas só talvez*.

— Deve dar certo — comentei, com base em nada, torcendo para que Jude fosse embora, e ele foi. Enchi o corte de Cyrus de pomada e com cuidado enrolei o pé em papel-toalha, embora ele não aparentasse nenhum grande sofrimento.

— Agora com certeza a gente vai poder lamber mais quadrados quando chegar em casa. — Cyrus disse, com um sorrisinho.

Apertei um pouco sua panturrilha e virei para o seu rosto, que era de uma calma inexplicável, embora estivesse pálido. Ele parecia feliz até, talvez por ter uma nova desculpa para lamber mais fentanil. Algo delicado se desprendeu no meu peito, como um anel de ouro caindo numa cumbuca de leite.

Jude surgiu com um pacote aberto de coco ralado com açúcar e o entregou a Cyrus. Cyrus estremeceu e, alegre, começou a mastigar punhados de coco enquanto eu prendia o papel-toalha no seu pé com fita até usar metade do rolo. O gesso improvisado que fiz para ele era um absurdo de grosso, era do tamanho de uma bola de basquete, mas o que mais eu poderia ter feito? Jude continuava parado na porta do banheiro, lançando olhares fatais esporádicos por cima do ombro na direção dos cachorros.

— Merecemos umas sacolas extras hoje, né? — disse Cyrus a Jude, sorrindo.

Olhei para Cyrus e, entrando na onda dele, disse:

— Mas é claro, e talvez uma grana para um tênis novo também. E curativos e gazes de verdade.

Jude olhou fixo para Cyrus, depois para mim. Era impossível se sentir intimidado por ele, de pé ali com a cueca amarelada. Ainda assim, ele tentou com todas as suas forças conjurar um olhar amedrontador havia muito caducado.

— Quanto vocês querem para dar o fora e nunca mais voltar? — ele sussurrou, de propósito, tentando fazer cada palavra soar uma ameaça.

— Uns 100 dólares, né? — Cyrus respondeu depressa.

— Pelo menos — acrescentei.

— É — Cyrus continuou. — Talvez coisa de 150. Com certeza vou precisar de outro tênis.

Jude chiou — lembro disso com clareza, ele chiou alto pra gente ouvir — ao sair do banheiro.

— Estejam cientes — Jude bradou da outra ponta do corredor — de que eu também estou no prejuízo. Tudo por causa dessa sua imprudência. Vou ter que comprar um produto para limpar o chão. Meus cachorros estão surtados.

Os cachorros estavam quietos. Lancei a Cyrus um riso abafado, que ele retribuiu. Jude voltou com um maço de notas amassadas, todo embolado. A maioria eram de cinco ou de um dólar.

— Aqui tem 120 dólares — ele disse. — Sumam.

— Eu quero esse sino dos ventos também — disse Cyrus.

— Quê? — perguntou Jude.

Olhei para Cyrus, que de repente fechou a cara.

— Aquele ali — disse Cyrus, apontando para o grande penduricalho sobre o espelho do banheiro, com meia dúzia de tubos de madeira irregulares e suspenso por um pássaro de madeira do tamanho de uma maçã.

Jude olhou para o Cyrus, o encarou por um ou dois instantes. Cyrus sustentou o olhar enquanto levava um punhado de coco ralado até a boca, devagar, e o mastigava. Sem nenhuma palavra, Jude estendeu a mão até o

espelho e retirou o sino dos ventos do gancho, olhando por cima do ombro durante todo o movimento, como se não quisesse ver o próprio rosto refletido. O penduricalho chacoalhou nas suas mãos, o seu tilintar delicado uma estranha consequência sônica do fato de Jude os ter empurrado furiosamente para Cyrus.

— Agora *deem o fora* — Jude disse.

Cyrus riu, segurou-o nas mãos e deixou escapar um "massa" em voz alta antes de sair pulando num pé só.

Peguei o maço de dinheiro e ajudei Cyrus a andar, coxo, até a porta da frente. Siló e Noé estavam de pé, atentos, dentro do cercadinho, parecendo uma xerox um do outro. Toda vez que Cyrus se impulsionava para a frente, o penduricalho mexia e a cada chacoalhada os dois levantavam a orelha, repetidas vezes, conforme Cyrus ia até a porta com um sorriso de satisfação nos lábios.

Naquela noite, compramos um monte de destilados com o dinheiro e convidamos alguns amigos para o nosso apartamento. Sempre que alguém chegava e perguntava sobre o pé de Cyrus, que ele deixara embalsamado no meu gesso de papel-toalha e fita, ele recontava a história com orgulho. A cada repetição a história ficava um tiquinho mais sombria. A cueca de Jude virou uma tanguinha. Além dos sinos dos ventos, ele tinha bacon cru grudado nas paredes. Os dois cães presos viraram mastins ferozes que queriam arrancar o nosso couro. Sempre admirei a forma inventiva de Cyrus de recontar histórias, como se estivesse elaborando em tempo real como as escreveria depois. Amava seus entusiasmos, seus infortúnios.

— Espera aí, explica de novo pra que servia o coco — disse nosso amigo Zain, não se aguentando de rir.

— O cara nem pra botar um moletom? — perguntou Eleni.

— Vocês deviam levar uma água de coco pra ele quando forem lá na semana que vem — zombou James Deprê.

Todo mundo lambeu o tabuleiro, riu, chacoalhou o sino dos ventos, que eu pendurei no canto da sala onde ficava o nosso toca-discos. Nós todos bebemos,

circulamos cumbucas disso e daquilo, cantamos, gargalhamos mais um pouco. Em algum momento fui para o quarto e apaguei enquanto todo mundo cantava junto uma música do Of Montreal, os vocais alegres suplicando *"C'mon chemicals, c'mooon chemicals!"*.

Quando acordei no dia seguinte, fui até a sala e descobri que todo mundo tinha ido embora, menos Cyrus, que estava apagado, meio que roncando, ainda sentado no sofá com o seu pé machucado apoiado na mesa de centro feito um troféu. A camada externa do papel-toalha estava suja, o cinza visível apesar da fita. Perto do dedão, uma bola vermelha e úmida, pequena como uma cereja, começava a despontar.

NOVE



BOBBY SANDS

1954–1981

tem uma rua em Teerã chamada Bobby Sands
a uma quadra de distância da Avenida Ferdusi,
é verdade, Irlanda, Irã, mythos intercambiáveis,
petroestados, e, apesar disso, a falta de violência

é qualidade dos pés de pimenta — *violência*, é como a igreja chamou
suas greves de fome, e Thatcher te chamou de *criminoso condenado*
que escolheu tirar a própria vida, recuo, ferro corrugado,
sessenta e seis dias sem uma folha de hortelã

ou um punhado de pão, e a apenas quarenta minutos de Belfast,
você podia atravessá-la em um dia
com bastante dia de sobra, muitos conceitos passam a vida inteira

atrás disso, de um propósito,
você sortudo e raspado, nu, hortelã, cotovia:
as barras dos homens enferrujam

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

SEXTA-FEIRA

Cyrus Shams e Orkideh

Museu do Brooklyn, dia 1

— Estive pensando em morrer — Cyrus Shams disse para a artista enquanto se acomodava na cadeira preta na frente dela. As palavras saíram de uma vez, o que o surpreendeu um pouco. — Morrer logo. Ou, eu acho, me matar logo, mas isso soa muito mecânico. — Ele pinçou uma parte da barba entre o dedão e o indicador. — Andei até praticando. Tenho um emprego em que eu estou… morrendo. — Soara bem melhor na sua cabeça.

A artista fez alguns riscos no caderninho preto que pegara na mesa entre eles e o botou onde estava antes. Então deu um longo e demorado gole de água da sua caneca branca antes de recolocá-la ao lado dos pés.

— O que você está esperando? — perguntou devagar. Sua voz era fina como um lenço.

Cyrus fez uma pausa.

— Essa é a questão, não sei bem. Que ela tenha algum sentido? Venho trabalhando nesse emprego e estudando sobre várias pessoas que deram a vida pelo que acreditavam. Qu Yuan, Joana d'Arc, Bobby Sands. Morrendo. Parece um desperdício morrer por nada. Jogar fora a sua única e formidável morte.

A artista ergueu os olhos para Cyrus, curvando o canto dos lábios num sorriso. Ela o assistiu cair em si e perceber, entre um segundo e outro, que era *ela* que estava literalmente morrendo, naquele exato momento, de câncer terminal.

— Ãh, eu não quis dizer "jogar fora" — ele se corrigiu depressa. — Nem "formidável". Quer dizer, morte é morte. É tudo um desperdício e nada disso é formidável. Alma imortal delirando de desejo, presa a um animal moribundo,[1] blá-blá-blá. Mas você não está desperdiçando a sua morte, entende? Está fazendo isso aqui; portanto, a sua morte tem algum sentido.

Quando disse "isso aqui", Cyrus levantou os braços e gesticulou ao redor indicando a galeria escura, balançando a mão no ar como se estivesse prestes a rolar um dado. Falava depressa, traindo a ansiedade, a expectativa por aquele momento do outro lado do país, depois de dias de logística. O joelho direito tremia como louco.

A artista soltou uma risadinha e estendeu a mão para Cyrus.

— Calma, vamos mais devagar — ela disse, afastando o ar com as palmas abertas. — Me chamo Orkideh. Qual é o seu nome?

Sentado numa cadeira preta simples de metal, com apenas um acolchoado fino entre ela e o assento, Orkideh lembrava uma escultura que ela mesma poderia ter feito no início da carreira. Uma única luminária de chão no canto da sala projetava uma sombra escura atrás dela, onde a curva suave do crânio careca encontrava os ângulos retos do maxilar e do pescoço como um pingente de cristal pendurado num fio invisível.

Atrás dela, havia na parede bege da galeria do Museu do Brooklyn as palavras FALA-MORTA em fonte Helvetica preta. Embaixo, tinha uma descrição da performance informando que a artista, conhecida simplesmente como Orkideh, estava com câncer em estágio terminal, e tinha interrompido o tratamento apenas dois meses atrás. Ela passaria seus últimos dias no museu, falando com quem quisesse sobre o que quisessem falar. Visitantes eram encorajados a perguntar como era estar morrendo, ou a se sentarem em silêncio com a artista, que hoje vestia um suéter preto largo, destacando a calça masculina risca de giz no tom azul-marinho. Orkideh tinha as pernas cruzadas na altura do tornozelo, sublinhando os pés descalços esqueléticos, azulados.

Ela já tinha abordado no passado — numa entrevista antiga — o fato de que via uma intimidade nobre nos pés, porque eles ficavam, como outras partes íntimas do corpo, escondidos do resto do mundo. Mas, diferente das

outras partes protegidas, os pés constantemente executavam um trabalho ingrato e muitas vezes aviltante, enquanto as outras partes passavam a maior parte do tempo em repouso, envoltas em náilon, algodão ou renda. Mesmo usando sapatos abertos, como sandálias ou saltos, as solas permaneciam ocultas, pressionando e empurrando o mundo em segredo, como se quisessem conter seu insidioso avanço.

— Cyrus — ele disse.

— Cyrus! — disse Orkideh, sorrindo. — É nome de príncipe! — Ela disse "príncipe" com um sotaque persa carregado, estendendo a última sílaba. — E o sobrenome?

Ele respondeu. Ela se calou, estudou o rosto de Cyrus. Ele tentou imaginar o que ela via quando olhava para ele: a sobrancelha exagerada parecendo postiça, a barba rala mas não aparada e mais grossa em certos pontos — no bigode, no queixo. Ele não parecia exatamente velho, mas o rosto aparentava mais idade do que o resto do corpo, as órbitas oculares fundas e as bolsas inchadas debaixo delas davam ênfase aos seus olhos redondos, dando a impressão de estarem estranhamente despertos. As rugas que iam do nariz à boca eram marcadas e pareciam engolir o rosto inteiro quando ele sorria, mas, quando estava sério, elas criavam um traço que ia dos olhos ao nariz persa — "nobre", ele dizia, a única parte do rosto de que gostava — até a sua barba falhada.

— Cyrus Shams — Orkideh disse devagar, como se o som fosse um lençol com o qual ela cobria o rosto dele. Ela inclinou a cabeça para o lado. — Que nome lindo. E quantos anos você tem, Koorosh?

— Vinte e nove. Faço trinta em um mês — ele respondeu, de repente constrangido. — E você?

Orkideh apertou os lábios. Semicerrou os olhos, abriu a boca para dizer algo e depois a fechou. Por fim, respondeu:

— Tenho cinquenta e quatro. — Ela analisou seu rosto. — E você é iraniano, não é?

— Sou. Nasci em Teerã, mas vim pros Estados Unidos quando era bebê.

Se Orkideh estivesse desenhando Cyrus, a primeira coisa que notaria seriam os seus grandes olhos úmidos. Sobrancelhas que pareciam franzidas,

mesmo em repouso, como se ele estivesse sempre meio preocupado. Camiseta bege amassada com um bolso no lado esquerdo do peito. Cachos pretos. Calça jeans cinza, desgastada. Tênis de lona azul sujo. Ele era magro, meio ossudo, não como um corredor, mas como um matemático que se esquece de comer. Ela esfregou a parte de trás da cabeça careca. Em algum lugar da sala ao lado, uma mulher espirrou.

— Você se preocupa — começou ela, depois de um longo silêncio — em virar um clichê?

— Como assim?

— Mais um iraniano obcecado com a morte?

Cyrus murchou, se encolhendo na cadeira com um suspiro.

— É, mas eis a questão. Eu nem sabia sobre esse papo de culto-de-mártires até recentemente. Famílias fazendo piqueniques nos cemitérios onde colocam os mortos de guerra, o estado contratando poetas para declamar nas lápides. Eu não era assim.

— Mas você quer morrer. E você quer que a sua morte seja gloriosa. Como todos os homens iranianos.

— É, é verdade, mas no final das contas não é o que todo mundo quer? Que a própria morte seja importante? Ou ninguém deveria querer isso?

Orkideh arqueou a sobrancelha, se inclinou para a frente.

— Então você cresceu protegido da morte?

— Bom, isso também não é bem verdade. Mas não foi um lance persa. Eu cresci comendo Hot Pockets e assistindo Michael Jordan, não refletindo sobre Hussain ou Ashura ou a merda da Guerra Irã-Iraque. Meu pai nem me deixava falar farsi dentro de casa.

— Não?

— Ele achava que ia prejudicar o meu aprendizado do inglês, ou me confundir. Ele queria que eu fosse americano. Até pegou na biblioteca uns livros enormes de preparo para o vestibular. Aprendeu todas as palavras do glossário, palavras ridículas que ninguém usa. Ele aprendia e depois enfiava no meio das conversas quando falava comigo. O apartamento não estava *bagunçado*, estava *sórdido*. Eu não *contava*, eu *enumerava*. Eu era a única criança

da turma que não sabia amarrar o sapato, mas dizia coisas como "estou irresoluto" sobre querer o biscoito de queijo ou o de amendoim.

Orkideh deu um sorriso. Atrás de Cyrus, um casal chique de turistas alemães tinha chegado, dois homens de mandíbula fraca, um deles usando óculos de sol redondos, apesar da escuridão da sala de exposição. Ficaram distantes, trocando cochichos e sorrisos.

— O que quero dizer é — Cyrus continuou — que cheguei nisso por conta própria. Nesse treco de mártires.

— Mártires! — Orkideh exclamou. — Meu deus, agora você quer ser *mártir*?

Cyrus a ignorou.

— Não tem nada a ver com o Islã. Não foi porque li sobre mártires na escola ou soldados mortos nas paredes das mesquitas ou carreguei uma chave de latão para o céu no pescoço nem nada disso. Mas sei que não tenho como fugir disso. Desse treco todo de culto iraniano aos mártires. Se amanhã eu morresse tentando matar um ditador genocida, o noticiário não ia dizer que um americano esquerdista fez um sacrifício premeditado e baseado em princípios pelo bem da sua espécie. O noticiário ia dizer que um terrorista iraniano tentou assassinar um membro do governo.

Orkideh abafou uma risada.

— Está tentando matar um ditador genocida?

Os turistas alemães se mexeram, incomodados. Cyrus suspirou de novo.

— É claro que não. Quem dera ser corajoso assim. Mas não. Só quero escrever um épico. Um livro. Alguma coisa sobre mártires pacíficos, seculares. Pessoas que deram a vida por algo maior do que elas mesmas. Sem espadas nas mãos.

— Minha nossa, então você também é poeta! Cumpre todos os estereótipos persas.

Os joelhos de Cyrus tremiam no ritmo de uma dança febril. Uma camada fina de suor se formou na sua testa.

— Não disse nada sobre poesia! Ainda não sei o que vai ser. Até agora, só sigo escrevendo. Sério, é verdade. Acho que nasci pra escrever esse livro.

— E você quer terminar esse livro de mártires falando de você mesmo.

Cyrus estremeceu. Ele tinha pensado nisso, lendo sobre Malcolm X, o Rebelde da Praça da Paz Celestial, Hipátia de Alexandria. Encarou imagem atrás de imagem de Bhagat Singh, as Mulheres Suliotas e Emily Wilding Davison. Cyrus se sentia pronto para se juntar a eles, para entrar para a categoria das mortes honrosas. Se sentia pronto para ir até o fim. Na maior parte do tempo. Estava pronto, e depois não estava mais. Como um pêndulo de Newton, sua vontade de morrer rebatia com igual força sua vontade de ter uma morte dramática, relevante. Era ego? Era medo de ser esquecido?

— Não sei bem. Acho que me declarar mártir antes da hora deve acabar com o meu direito de ser considerado um mártir. Secular ou não. Não é? Não escrevi o livro ainda, então não sei de todas as regras.

— As regras! Você está falando de pessoas que morreram por outras. Não por glória ou por um Deus impressionável. Não pela promessa de uma vida gloriosa após a morte. Você está falando de mártires terrenos.

Cyrus arregalou os olhos.

— Mártires terrenos. Gostei.

Na sala ao lado, uma câmera disparou um flash. Um guia repreendeu o fotógrafo em voz alta. Os dois homens alemães estavam estáticos.

— Por que você veio aqui, Cyrus Shams?

O corpo inteiro dele suava, nas axilas e no círculo em volta do umbigo. Não achava que ficaria tão nervoso.

— Bom, eu queria escrever sobre você. Para o livro. Você… — ele hesitou. — Você está morrendo aqui, assim.

Orkideh tirou um lencinho do bolso da calça e tossiu nele. Cyrus olhou nos olhos dela, que assumiam um verniz opaco, nuvens brancas sobre luas castanhas. Ele esperava uma tolerância divertida ou uma repreensão tempestuosa, mas não foi nada disso. A artista ficou ali sentada, olhando para ele durante dez, quinze, trinta segundos, a sua expressão parecendo maior do que era visível, como se continuasse para além do rosto. Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, mas devia ter sido um minuto, ela estendeu a mão sobre a mesa.

— Foi uma sorte incrível te conhecer, Cyrus.

Ele apertou a mão dela, quase sem peso contra a dele.

— Ahn. Obrigado. Mas…

— Venha me visitar amanhã, se nós dois ainda estivermos aqui.

— Vou ficar poucos dias na cidade e imaginei que…

Orkideh sorriu para o casal alemão, acenou com a cabeça para que eles se sentassem. Cyrus se levantou, se recompôs. Os alemães evitaram contato visual, o de óculos escuros sentou-se devagar no assento. Cyrus foi saindo da sala confuso, repassando na cabeça o que tinha acontecido. Os alemães começaram a falar sobre um motorista de táxi que eles pegaram em Nova York, que contou da vez em que tinha levado Robert de Niro ao aeroporto. Disseram o bordão em uníssono: *Taxi Driver, motorista de táxi!*

Cyrus atravessou depressa o museu e saiu pela porta da frente. Um homem sem camisa estava sentado na escadaria. Carrinhos amarelos e brancos vendiam cachorro-quente, carne halal, sorvete italiano. Ao vê-los, Cyrus sentiu uma sede desesperadora e comprou uma Coca-Cola da mulher do carrinho de carne halal. De pé nos arredores, ele bebeu o doce químico de uma vez só, tentando se acalmar. *Mártir terreno*, pensou.

Essa ideia para o livro, para a sua morte — no caminho até o museu ele tinha vislumbrado sua forma, sua importância. Uma ideia concisa e corajosa sobre se despedir da vida em prol de algo maior do que meramente viver. Se transformar num mártir terreno. Tinha feito sentido, mas de repente o perdera. Tinha forma, e de repente a perdera. Como água quente derramada num copo e depois na sua cabeça. Se sentiu escaldado, confuso, subitamente vivo.

---

[1] Citação imprecisa do poema "Sailing to Byzantium", de William Butler Yeats. (N. da T.)

DEZ



Estou me propondo a escrever um livro de elegias para pessoas que nunca vi. Sim, é uma húbris imperdoável imaginar qualquer coisa sobre a vida delas e ainda por cima colocar em escrita. Também é uma húbris escrever sobre qualquer outra coisa.

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

ALI SHAMS

A granja para a qual eu trabalhei em Fort Wayne não era uma granja comum. Não criávamos galinhas para você comer. Criávamos as avós das galinhas que você comer. Era uma granja de procriação. Estava mais para um laboratório do que para uma granja, para ser sincero. O objetivo: criar, por meio de seleção artificial, uma galinha que fosse do ovo até o abate o mais rápido possível, com o mínimo de ração possível. Uma galinha que fosse uma máquina de converter grão em proteína. Era esse o plano. Simples, né?

Assim que Cyrus entrou no primeiro ano, ele se arrumava e pegava o ônibus da escola sozinho. Eu saía do nosso apartamento na periferia de Fort Wayne às cinco da manhã e deixava ele dormindo no quarto que dividíamos. Ao chegar no trabalho, tinha que tomar banho e vestir um uniforme hospitalar. Como uma enfermeira. Nosso primeiro trabalho com as galinhas era eliminar o sistema imunológico. Era um desperdício de calorias em galinhas que nunca sairiam do galpão biosseguro. Qualquer germe que alguém levasse para lá poderia aniquilar ninhadas inteiras.

Você deve estar imaginando galinhas ciscando na terra, pulando em poças de lama. Nossas galinhas não sobreviveriam à terra de verdade. Bactérias, vírus. Galinhas industriais, era assim que as chamávamos. Elas eram mágicas. Cresciam como mato e você mal precisava alimentá-las. Nossas galinhas, você abatia em trinta e cinco dias com mais de três quilos. Uma galinha caipira talvez não chegasse nesse peso em um ano.

Em casa, eu cozinhava panelas grandes de ensopado e arroz aos sábados, e era o que comíamos ao longo da semana. Batatas, carnes baratas como órgãos. Alguns tomates. Nas noites de sexta, eu e Cyrus assávamos pizza

congelada e assistíamos a filmes. Ele ansiava por esse momento a semana inteira, ia até a biblioteca escolher fitas de VHS, um DVD para pegar emprestado. Cada um escolhia um. Ele gostava de tudo o que eu gostava. E eu gostava mais de filmes de faroeste. John Wayne e Clint Eastwood. Eles faziam o bem e se davam bem no final. Cyrus gostava de comédia, do tipo bobo, pastelão. Adam Sandler, Eddie Murphy. Eu gosta de ver Cyrus rir. Quando era temporada de basquete, assistíamos aos jogos do Indiana Pacers. Nosso jogador favorito era o Reggie Miller. Adorávamos o seu jeito bravo, o fato de que marcava ponto e ia provocar o adversário que fizera a tentativa de bloqueio. Gostávamos dos jogadores mulçumanos também, por questão de princípio, ou algo do gênero — especialmente Kareem, mas também Hakeem Olajuwon, Shareed Abdur-Rahim. Todo mundo na granja e na escola de Cyrus falava a língua dos esportes. Então aprendemos a falar também.

Eu comprava gim em fardos, garrafas enormes de plástico de dois litros cada, com nomes britânicos: Barton's, Bennett's, Gordon's. Lá no Irã, tinha gente que acreditava que os mulás foram colocados no poder pelos britânicos para que o Irã continuasse retrógrado. Talvez os britânicos estivessem fazendo a mesma coisa comigo, só que com gim. Remédio imundo. Mas que escolha eu tinha?

No trabalho, eu comia que nem rei. Um pequeno prazer. Nosso primeiro intervalo era às dez e o almoço, meio-dia e meia. A gestão da granja enchia a geladeira e o congelador de lanches — biossegurança era não poder levar nossa própria comida. Só nos davam comida vegetariana: as carnes tinham muitos germes. Mas era à vontade. Comíamos burritos de feijão, refeições congeladas com arroz. Os outros homens falavam de esportes, de mulheres, ou ficavam calados. A maioria era de imigrantes como eu, então fazíamos um esforço de praticar o nosso inglês. *"The plates are dirty." "We have no more coffee."* Com os caras, aprendi um pouco de espanhol, francês.

Minha primeira tarefa no trabalho era ir de galpão em galpão recolhendo os ovos com os outros caras. Cada galpão tinha entre mil e dois mil ovos por dia, soterrados na serragem. Algumas galinhas faziam ninho na serragem, e aprendíamos onde ficava cada um deles. Mas também tinha os esconderijos, amontoados de ovos em aglomerados aleatórios de detritos. As aves

enterravam fundo; tínhamos que cavar bastante. E é claro que elas cagavam tudo. Os ovos estavam sempre cobertos de todo tipo de fluído corporal.

Nosso trabalho era coletar os ovos diariamente, quebrando o mínimo possível, colocá-los em bandejas penduradas num monocarril na altura dos olhos. Os ovos eram pegajosos, fertilizados, mais firmes do que a maioria imagina. Dava para derrubar um no chão e ele ficaria inteiro se caísse na serragem. Mesmo assim, eu tomava muito cuidado em onde e como pisar. Para qualquer lado que eu ia, aves saíam voando.

Os outros caras quase nunca falavam de casa, as velhas ou as novas. Um ato de misericórdia. Mas falávamos de comida. Um congolês, Jean-Joseph, falava de culinária o tempo todo. Mandioca, fufu, peixe. E umas coisas francesas também. Queriam saber sobre comida iraniana e eu compartilhava o que podia, mas eu não era muito bom de cozinha. Melaço de romã, nozes. Berinjelas. Arroz. *Kebab koobideh*. Não podíamos levar nada para dividir, então o que descrevíamos tinha que existir dentro da nossa cabeça. Certa vez, Jean-Joseph entrou, animado para contar aos espanhóis que tinha provado tamale, e que lembrava o *chicuanga* do seu país. Mas é claro que nenhum deles, nenhum de nós sabia o que era *chicuanga*. Esse tipo de coisa.

Cyrus cresceu, eu trabalhei. O que mais tenho a dizer?

Cyrus era praticamente um adulto desde o começo. Eu contava da mãe, do tio, da família quando ele pedia. Mas ele quase não pedia. Era um bom menino.

Certa vez, quando eu era pequeno, meu professor me contou o hádice do homem faminto. O homem estava à beira da morte no deserto, se ajoelhou e implorou a Deus: "Por favor, me ajude, estou morrendo de fome, cansado demais para continuar buscando água. Não quero mais sofrer. Por favor, Deus todo-poderoso, tenha dó e acabe com o meu sofrimento." Deus, com toda a sua sabedoria infinita, enviou ao homem um bebê. Uma criança para cuidar. O homem passou a ter um propósito, uma razão para ficar vivo.

Lembro de pensar que a história não fazia sentido. Por que não lhe dar comida, água, uma cama? As histórias sobre Deus pareciam ser sempre assim. Confusas, enroladas. Como uma daquelas máquinas complexas de reação em

cadeia, produzidas deliberadamente da forma mais absurda possível, usando uma pista, uma mola, uma vela e um balão para tocar um sino.

Mas Cyrus era um bom menino. Nunca teve problema nos estudos. Começou a escola tarde, por causa da mudança. Ele era sempre mais velho e um pouco maior do que as outras crianças. Gostava de ler, assim como a mãe. Às vezes eu sentia que mal o conhecia. Fazíamos uma ligação internacional, uma vez por ano, para o tio Arash, no Nowruz, perto do aniversário de Cyrus, e eu ficava surpreso com o que ele tinha aprendido. Dizia ao tio que aprendera a jogar xadrez num livro, que praticava sozinho usando um tabuleiro que ele mesmo desenhara e peças recortadas de papel. Depois da ligação, ele me mostrou o tabuleiro, tentou me ensinar a jogar. Disse ao tio que estava trabalhando no jornal da escola, escrevendo sobre cinema e música. Eu nem sabia que a escola dele tinha um jornal. Ele falava inglês feito um professor.

Depois do almoço, na granja, eu e o cara da Guatemala, Edgar, tínhamos a função lavar os ovos, um por um. Dava muito trabalho. Edgar reclamava sobre o futebol, sobre os filhos. Contava piadas obscenas. No geral eu ouvia, ria um pouco, lavava o muco e a merda dos ovos acinzentados. Todo dia, seis vezes por semana, durante anos, limpando dezenas de milhares de ovos.

Cyrus adorava me mostrar o que aprendia nos livros. Eu o apelidei de Doutor Shams. Ele chegava da escola, ou saía animado do quarto que dividíamos segurando um livro, ansioso para me contar que eram os cavalos-marinhos machos que geravam os bebês, que o Sol era uma fornalha nuclear gigantesca, que sabia contar até dez em russo. Queria compor músicas para Tina Turner, para o Bruce Springsteen. Queria aprender mandarim e se mudar para a China e virar professor. Eu nunca sabia o que dizer. Geralmente era algo como "Bom, é melhor você limpar a cozinha antes".

Certa vez, ele me mostrou a imagem de uma tabuleta de argila antiga, babilônica ou suméria, coisa assim, de mais de quatro mil anos. Presumi que fosse algo sagrado, um poema para a deusa da fertilidade, uma fábula antiga. Mas, na verdade, Cyrus me contou, era só uma reclamação enorme de uma transação em que o tipo de cobre recebido estava errado. "O cobre é de qualidade inferior ao esperado. Fui tratado com grosseria. Não aceitei o cobre, mas paguei por ele." Nunca me esqueci disso. Cyrus dava gargalhadas, achou a

tabuleta hilária. "Avaliação jurássica de uma estrela!", ele disse. Tenho quase certeza que eu não disse nada.

Eu costumava pensar devagar, mais devagar do que a linguagem funciona. Quando por fim decidia o que dizer, o momento de dizer tinha passado. Roya me chamava de bom ouvinte. Na verdade, eu só era péssimo em falar.

Passei semanas pensando naquela tabuleta. Andando pra lá e pra cá pela serragem, as galinhas correndo das minhas botas, a imagem daquela pedra antiga perdurou na minha mente. Apesar dos avanços científicos — galinhas que vão do ovo ao abate em um mês, aviões que atravessam o mundo, mísseis que os derrubam do céu —, seguimos com as mesmas almas, podres e arrogantes. Almas que infeccionaram ao longo de milênios enquanto a ciência se expandia. Que injusto, essa entrega de cobre. Que injusta essa vida. Minhas dores são bem maiores do que as suas. A vitimização arrogante. A pena de si mesmo. É sufocante.

Talvez seja assim porque a ciência é transmissível. Você escreve um fato num livro e ali ele fica, até que alguém nascido quinhentos anos depois o encontre e o melhore. Refine e o implemente de uma forma mais útil. Mais fácil. Não dá pra fazer isso com autoconhecimento. Temos que começar do zero. Menos do que zero, na verdade. Começamos insossos, sem graça. Obcecados só com as nossas próprias vontades. E os mortos nada podem nos ensinar sobre isso. Nada de fábulas, tabuletas ou evidências. Só te resta viver e sofrer e ensinar seus filhos a fazerem a mesma coisa. Olhando de longe, os hábitos são confundidos com felicidade.

Vá trabalhar. Cave nas serragens, encontre os ovos. Coma. Limpe os ovos. Reponha as serragens. Limpe as calhas. Vá pra casa. Coma com Cyrus. Ligue o basquete, coloque um filme. Beba. Durma um sono sem sonhos. Profundo, farmacêutico. Vá trabalhar. Encontre os ovos.

Reclamar do quê? Da esposa assassinada? Da dor nas costas? Do tipo errado de cobre? A vida segue e então ela para. Não há escolha. Dizer não para um novo dia seria impensável. Então a cada manhã você diz sim e encara as consequências.

SEXTA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 1

As palavras de Orkideh ainda orbitavam a mente de Cyrus como uma auréola invisível quando ele se afastou do Museu do Brooklyn e foi em direção ao Prospect Park. Mártires terrenos, estereótipos persas. A diferença entre não querer estar vivo e querer estar morto. Cyrus terminou a Coca-Cola e se curvou para amarrar os sapatos. Usava um par de Vans azul-marinho que precisava ser substituído a cada seis meses, certinho, quando as solas cediam. A cada seis meses, ele fazia o mesmo exato pedido no site da Vans, azul-marinho com solado de borracha e cadarços pretos. Andava por aí com os novos em dias chuvosos para laceá-los e terminava de gastar os tênis velhos furados do mesmo jeito que riquinhos usam carros conversíveis, dirigindo-os somente em dias de céu azul, só para ostentar.

Os sapatos furados de Cyrus também eram uma ostentação: de autenticidade, de antipatia de classe, de sua fidelidade ao proletariado — estava tudo ali, nos pés, balançando como duas bandeiras maltrapilhas. É, eram bandeiras maltrapilhas produzidas por uma fabricante de sapatos bilionária, mas não existe consumo ético sob o capitalismo tardio e Cyrus tinha chegado à conclusão de que, às vezes, precisaria escolher as suas batalhas. Tentava não pensar muito nesse tipo de contradição.

Por dois anos completos, seu colega de apartamento Zee usara o mesmo par de Crocs de estampa camuflada verde-floresta todos os dias, para ir a todo e qualquer lugar.

— A moda é uma arma do capitalismo — Zee dizia, sorrindo com arrogância quando lhe apontavam os sapatos, e logo se tornou inconcebível imaginá-lo com qualquer outra coisa nos pés. Os tênis de Cyrus eram para ele o primo político mais reservado dos Crocs de Zee, e gostava de não ter que pensar no que calçar todo dia. *Um mártir usa sapatos simples*, dizia a si mesmo.

Nas redondezas, uma mulher segurava um baseado comprido na altura dos lábios do busto de cobre de John F. Kennedy enquanto uma amiga tirava foto. Cyrus queria perceber mais esses momentos, queria ser mais grato pela textura e especificidade que traziam para sua vida.

E você quer terminar esse livro de mártires falando de você mesmo, Orkideh tinha dito. Era verdade? Cyrus queria se sentar no banco do parque. Queria arrumar alguma coisa para comer.

Ele acreditava que ter hiperfoco em momentos dignos de gratidão tornaria a sua morte mais comovente, mais valiosa. Quando um infeliz que odeia a vida se suicida, do que é que está abrindo mão? Da vida que odiava? Era bem mais significativo, pensava Cyrus, se retirar de uma vida que você aprecia — o chá ainda quente, o mel ainda doce. Isso sim era sacrifício. Isso sim tinha sentido.

Cogitou fazer disso uma qualidade essencial do seu livro, o abandono de uma vida da qual se gosta. Era uma das coisas que exigiria mais trabalho. Ele tinha uma vida razoável, não precisava se esforçar muito para continuar onde estava. Seu aluguel era barato, tinha amigos, tinha livros que queria muito ler. Mas havia dias em que ele sentia que tudo aquilo era tão abstrato a ponto de ser completamente sem sentido. Não raro chorava na cama sem motivo, roía os polegares até sangrarem. Tinha noites que passava acordado, deitado na cama até de manhã; afugentava o sono de tanto que o queria.

Também receava que a ideia toda de gratidão fosse classista, ou pior. Será que uma pobre criança síria, que teve a vida e a morte injustamente moldadas pelo capricho sanguinário de homens maus, seria digna de misericórdia apenas se tivesse a habilidade sobre-humana de ver além do seu sofrimento e notar a beleza de uma única flor que nasce dum monte de lixo? E será que a gratidão por aquela flor estaria contaminada pela consciência, ou pela ignorância, dos corpos que nutrem o solo embaixo dela?

E se depois a própria menina fosse transformada em lixo por um morteiro errante, e seus olhos cheio de lágrimas encontrassem, no seu último suspiro, aquela mesma flor, o que pesaria mais na escala cósmica: a lágrima de gratidão pela beleza daquela flor se erguendo das cinzas ou a lágrima de fúria ensandecida?

Era possível, pensava Cyrus, que a experiência de sentir gratidão fosse ela mesma um luxo, um conversível dirigido numa vida sem chuva. Até as banalidades ditas após uma tragédia — um divórcio, um bicho de estimação morto — pareciam ter sido construídas ao redor da expectativa de que a gratidão era o grau zero ao qual todos retornam depois de um período reservado ao luto: "Com o tempo, você vai se lembrar só das partes boas." As pessoas realmente diziam essas coisas, pessoas que, assim como ele, esperavam o desfecho razoável de que, com treinamento suficiente, o espírito revelaria uma reserva quase infinita de gratidões escondidas em cada folha e som e céus sem morteiros.

As palavras de Orkideh: *Mais um iraniano obcecado com a morte.* A vaidade imperdoável de fantasiar sobre a própria morte. Como se seguir vivo fosse uma verdade implícita, uma inércia que precisaria ser interrompida inorganicamente.

Cyrus pensou por um momento se era cretino da sua parte ter imaginado a criança síria morta para fins de comparação com a sua relativa sorte, como um acessório no espetáculo sobre ética e gratidão da sua psique. Queria perguntar a Orkideh o que ela achava disso, o que ela achava da gratidão como um todo. Muito da sua carga psíquica era gasta com pensamentos conflitantes sobre preposições políticas. A moralidade *do* leite de amêndoas. A ética *do* ioga. A política *dos* sonetos. Não tinha nada na sua vida que não estivesse contaminado pelo que ele chamava levianamente de "capitalismo tardio". Ele o odiava, como todo mundo deveria odiar. Mas era um tipo de ódio que não muda nada.

Queria estar "do lado certo da história", seja lá o que isso fosse. Mas mais do que isso (admitiu a si mesmo quando estava exercitando a franqueza rigorosa), queria que os outros o vissem como alguém que queria estar do lado certo da história. É difícil conceber um mártir terreno que também crê

veementemente na eugenia, ou que teria apoiado Mussolini. Estar do lado certo da história era um dos pilares fundamentais do tipo de gente por quem ele se interessava.

Lembrou que Orkideh estava descalça quando a visitou no museu. Isso de repente lhe pareceu importante. Ele se curvou para desamarrar os sapatos antes de andar três quarteirões para voltar à estação de metrô.

ONZE



HIPÁTIA DE ALEXANDRIA

(370–415)

semelhante à biblioteca
você acreditou ser perigosa
e você queimou,

homens impiedosos feito mães de arame
esmagando seus astrolábios, suas mãos,
a passividade de herdar isso ou aquilo,

doce céu já superlotado, colega,
é solitário aqui no futuro
com tanta droga e conhecimento,

seu general da brigada,
declarando incautamente
isto é um círculo e *isto é um cone,*

o conforto duro do x e do y
em meio ao colapso iminente.

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

ARASH SHIRAZI

Cordilheira Alborz, fevereiro de 1984

Entro no exército porque tenho que entrar no exército. As únicas saídas — doença crônica, ser o filho mais velho de um viúvo ou uma viúva, ser rico — não fazem parte da minha vida. Conheço homens que tentaram convencer os médicos de que tinham problema nas costas, problema nos joelhos, problema no coração. Às vezes até dá certo. Os homens ficam em casa com a família e os vizinhos nem são assim tão cruéis com eles. A maioria das pessoas entende o que é não querer morrer por um país que havia se tornado irreconhecível. De algum jeito, os fanáticos imbecis têm as armas, os tanques. Cinco anos depois da revolução encabeçada por estudantes e idealistas, pacifistas com jacintos no bolso da camisa. Como foi que isso aconteceu? Fanáticos. Armas, tanques. E agora, guerra.

Quando eu morrer, vão colocar a minha imagem na mesquita. Arash Shirazi, cabeça raspada, rosto raspado. Com uma falta de pelos que faz o meu crânio ficar mais barulhento, os ângulos do meu maxilar mais destacados. Não é exatamente um rosto bonito, mas é um feio que funciona. Nossas fotos enfileiradas na parede da mesquita. Os martirizados. Como descobrir qual mártir careca e morto era o seu. É seu. Uma cicatriz na bochecha, uma pinta acima do olho.

Enquanto tomo as vacinas antes do treinamento, uma jovem na sala de espera solta os cachorros num homem ainda mais novo do que eu; ele parece ainda nem ter barba.

— Você escolheu isso — ela diz. — Você podia ter falado de Beeta para eles. Podia ter se livrado dessa, mas agora vai ter o que merece.

O homem fitava as próprias mãos, os longos dedos macios. Imaginei que talvez fosse um pianista brilhante, um prodígio. Talvez Beeta fosse a professora, a instrutora de piano que ele decepcionava ao entrar no exército. Tem uma estação de rádio AM que toca música clássica toda quinta e sexta de manhã, e tento escutar quando posso, geralmente de olhos fechados na cama e as músicas girando ao meu redor como planetas. Gosto mais dos barulhentos, Rachmaninoff, Mahler e Vivaldi. Mas imagino esse homem, na verdade um menino, um menino manso, tocando Debussy, ele tem cara de que amaria Chopin, mas em especial Debussy, eu o imagino nadando em uma catedral submersa, vitrais e peixinhos, só com os dedos, só fazendo sons de catedral afundada com as mãos macias. Era isso que ele deveria estar fazendo. Eu não sei fazer nada, não tenho um grande talento nem talentos pequenininhos, meu lugar é aqui. Mas não é o dele, desse menino, não com as suas mãos de catedral.

Conforme a mulher — sua esposa? sua irmã? — o humilha, uma sombra de hesitação toma suas mãos. Uma raiva acende e então desaparece como fumaça num fósforo. Talvez Beeta seja filha deles e sofra de uma doença congênita. Talvez eles sejam primos. Talvez Beeta seja sua mãe, já falecida, e é ele quem cuida dos irmãos mais novos.

Imagino que tipo de coisa faz um menino escolher ir para a guerra. Ideologia, crenças pessoais, claro. O Iraque nos invadiu. Acharam que iam derrubar a porta e a casa toda ia desmoronar, algo assim. Estávamos enfraquecidos depois da revolução. Queriam petróleo do Cuzistão e Saddam queria que beijássemos sua mão. Sim, que nos curvássemos. É claro que não engolimos as insanidades do aiatolá. Mas odiávamos a ideia de uma interferência estrangeira mais do que o odiávamos. Então fomos em frente. Este homem sentado diante de mim, esse menino sendo humilhado pela própria esposa ou irmã, ele não tem o maxilar travado, a convicção de um ideólogo. Suas mãos são bonitas demais para serem a de um nacionalista. Talvez seu pai o tenha pressionado. Talvez seu imame.

No que me cabe, não me sinto nem assim nem assado sobre o meu serviço. Para mim, é inevitável, algo como doença ou morte. De que adianta chutar e espernear quando a maré já está te arrastando? Eu vi o rosto dos mortos na

guerra na mesquita e nas feiras. Nossos lindos mártires feios encarando um lugar que só eles conseguem ver. Me pego imaginando o que eles achavam que era esse lugar, antes de chegarem lá. Se ficaram decepcionados ou se na verdade não existe lugar nenhum para se chegar.

Minha mãe raspou a minha cabeça antes das vacinas. Ela pensou que o barulho da máquina estava abafando o choro que tentava reprimir, e eu deixei que ela acreditasse que funcionou. Sou pobre, solteiro. Não terminei o ensino médio, passei anos perambulando pelo interior do país, pegando qualquer trabalho que dava, correndo atrás de mulheres. Isso significa que sou dispensável, um "soldado zero". Zero educação, zero habilidades, zero responsabilidades além para com meu país. Tem uma frase que diz: "Se um soldado zero precisar usar uma granada para escapar vivo, melhor não desperdiçar a granada."

"Dispensável" pode parecer uma palavra ruim para descrever a própria vida, mas acho libertador. Ela dissipa a pressão de se tornar alguma coisa. Só te pede para ser o que é.

Saio de casa num ônibus com duas dúzias de outros jovens raspados e vacinados rumo a um campo de treinamento improvisado na base da Cordilheira Alborz. Minha mãe me dá uma foto de família de anos atrás, eu um adolescente sério e jururu, o bigode começando a surgir. Minha irmãzinha Roya sorrindo como ela só sorri em fotos, mostrando todos os dentes de cima e de baixo. Minha mãe e meu pai numa postura solene atrás de nós, como leões de pedra. Depois que a foto foi tirada, minha irmã e meus pais tiveram uma briga. Um vizinho foi preso por causa de uma reunião secreta dos socialistas do Partido Tudeh, e meus pais desconfiavam de que Roya sabia. Gritaram noite adentro, não se falaram por uma semana.

No campo, todos os soldados são divididos em três áreas de acordo com o nível de educação — os graduados, que tinham começado o treinamento no verão entre semestres letivos, eram mandados para a área de treinamento dos comandantes. Os que tinham o ensino médio eram mandados para outra, para treinamento de infantaria. E aqueles com educação inferior ao ensino médio, como eu — apesar das nossas mães corujas e irmãs exemplares —, éramos os soldados zeros. Ficávamos na área de Alborz, a primeira parada de todos.

Faz frio. Eu nunca tinha estado na cordilheira. É meio difícil de acreditar que as montanhas são de verdade, elas parecem fotos de si mesmas. Lembram cera, quase achatadas contra o céu. O chão de terra é duro e o acampamento parece que foi erguido em um dia: todas as paredes são tendas de plástico erguidas num mastro. É o tipo de lugar que dá pra desmontar e evacuar em poucos minutos. Acho que era o objetivo.

Um homem fardado de bigode grosso e óculos de sol enfileira todos nós, soldados zeros, de acordo com a altura e nos atribui números baseados no nosso lugar da fila. Sou alto, então meu número é 11, de um total de 208. Esse virou o meu nome. 11. یازده. Yahz-dah. Soa monolítico. Limpo.

Certa vez, quando eu era só um menino, minha irmã Roya e eu fomos até um lago congelado perto do nosso apartamento. Eu tinha uns nove anos, então ela devia ter sete. Estávamos sozinhos no lago, a não ser pelos enormes blocos de gelo que balançavam na água, quase imperceptíveis, como carros pairando a um centímetro da pista. Íamos até lá de vez em quando, brincar de pega-pega e jogar pedras nas flores aquáticas. Era raro encontrarmos alguém.

Minha irmã era destemida, mas, ao darmos a volta no lago, percebi que ela tentava esconder que tremia. Na época eu achava que todas as irmãzinhas eram assim, ávidas para provar ao irmão mais velho a sua bravura, e eu me ressentia dela por isso, queria negar a aprovação que tanto desejava. Ela nunca seria o que eu era, um menino, um homem em desenvolvimento, com toda a minha masculinidade, a tolerância à dor implícita. Era melhor que ela aprendesse isso comigo e não com o mundo.

Nosso lago ficava no centro de uma espécie de vale, como colheradas de sopa no fundo de uma tigela enorme. Os morros que levavam até lá eram salpicados de junco e trigo de inverno, que estavam completamente congelados. No alto do morro, arrancávamos juncos compridos e os usávamos para quebrar outros. Tacávamos pedras na superfície do lago, e Roya fazia bico quando a dela não ia mais longe que a minha, e ela tentava várias vezes. Ali, de cima, a terra parecia um campo congelado, endurecida e marcada por eventuais arbustos secos, talos mortos de algo outrora verde. Olhando de

cima, o lago parecia um olho roxo e lustroso. Nossa *mamabazorg* cega tinha olhos assim, grossos de catarata que nem fundo de garrafa.

— Segura minha mão — disse Roya, encarando o lago. Feliz, interpretei o pedido como uma confissão de medo e a segurei satisfeito. Suas luvas eram pretas e macias, talvez de algodão, e as minhas eram de plástico roxo e brilhante, ainda um par infantil. Me lembro disso, me lembro da surpresa que senti quando ela prosseguiu: — Vamos apostar corrida descendo o morro até a água. O primeiro que parar de correr e soltar a mão é covarde!

Eu tinha, é claro, uma única opção. Dizer não comprometeria a minha posição de mais velho e mais corajoso. Mesmo que eu protestasse, que me mostrasse preocupado com a segurança dela, nós dois interpretaríamos aquilo como medo. Bufei de leve e alguns pássaros saíram voando, afastados pelo som da nossa conversa, talvez para garantir que eu e minha irmã estivéssemos sozinhos. Apertei a sua mão e disparamos morro abaixo.

Um dos homens mais velhos aqui, número 137, talvez alguns anos mais velho do que eu, nos contou enquanto comíamos um *abgusht* aguado de um velho amigo de família que cumpriu dois serviços militares obrigatórios distintos, de dois anos cada. O vizinho, um homem chamado Alireza, tinha um irmão que morrera dois anos antes dele nascer. Os pais de Alireza, para fazê-lo avançar mais rápido na escola, o fizeram adotar o nome do irmão morto. Isso foi antes das certidões obrigatórias serem mais padronizadas; portanto, Alireza se tornou, sem ninguém saber, o irmão mais velho morto, e terminou todos os estudos com o nome do irmão morto. Quando acabou, é claro, teve que prestar os dois anos obrigatórios de serviço militar do irmão, tempo esse que ele cumpriu, obediente e sem reclamar.

Mas aí, quando estava em casa havia um ou dois meses, seus pais receberam o aviso de que era a vez de Alireza servir. O governo, que não guardara nenhum histórico escolar de um bebê chamado Alireza ou de suas hospitalizações, tinha se lembrado, exatos dezoito anos depois, quando era sua vez de cumprir o serviço militar. Naturalmente.

As opções de Alireza eram: admitir que os pais tinham mentido por anos a fio e submeter os dois (e ele mesmo) às consequências de mentir para o estado, ou servir mais dois anos. 137 disse que, para Alireza, aquilo nem era opção. Ele se realistou, dessa vez usando o nome verdadeiro pela primeira vez em anos (até os pais o chamavam pelo nome do irmão morto). Depois de menos de um mês no segundo serviço, Alireza morreu num acidente de treinamento. Alireza, martirizado. Pelo menos com o próprio nome.

Enquanto 137 conta a história, os outros homens riem.

— Imagina se isso aconteceu de verdade! — um deles diz. — Alguém teria descoberto bem antes do recrutamento.

— Era melhor ele ter dito a verdade — disse um outro.

— E agora os pais estão de luto por dois filhos mortos — comentou o primeiro.

É uma história engraçada, eu acho, engraçada como corvos são aves engraçadas, mais inteligentes do que demonstram ser. A história parece ser sobre nomes, mas na verdade é uma história sobre o tempo, como o tempo achata tudo. Família, dever etc. Achata até virar poeira. Existe algo de reconfortante nisso, algo vasto, e sim, inevitável. Como tinta forte se derramando sobre todo mundo de uma vez.

Então, Roya e eu estávamos de mãos dadas em cima do morro, eu de tênis e calça de algodão, minha vestimenta casual, mais uma confirmação de que o frio não me incomodava. Minha irmã estava empacotada num casaco grosso de plástico com capuz e calça jeans bufante, uma mancha redonda com mãos, pés e cabeça deixando-a parecida com uma estrela-do-mar. De mãos dadas, contei bem alto — três, dois, um, já! — e saímos correndo morro abaixo, pela grama, em direção ao lago congelado, de repente imparáveis, ou pelo menos foi o que senti, como duas gotas de água escorrendo pela borda de um copo.

Nada podia interromper a nossa descida, fazíamos com as nossas pernas o tipo de corrida que não era nem mais uma corrida, era só um movimento desesperado que tenta acompanhar o ritmo do resto do mundo, a velocidade com a qual o chão se movia sob nossos pés e as nossas pernas magras

desajeitadas, tecnologias idiotas, eram a única coisa evitando que desabássemos um em cima do outro, e minha irmã rindo, eu em pânico e gritando, sem esconder, mas Roya ria e enquanto o lago ficava cada vez maior, eu tentava achar um jeito de fazer o mundo desacelerar, desacelerar a ponto de minhas pernas alcançarem sua corrida, mas a minha irmã, a estrela-do-mar de menos de um metro de altura, ria, gargalhava como um peru, segurando a minha mão e correndo adiante. Suas pernas nem mesmo pareciam um borrão mas um único traço reto, como os aros da roda de um carro nos comerciais, que ficam parados mesmo quando o carro faz a curva na estrada, e, por fim, o lago. Era tudo que havia à nossa frente e, de algum jeito, escorreguei. Não me lembro de como começou, mas acho que foi quando prendi o tênis na terra congelada e travei as pernas, chutei o gelo e escorreguei assim e a terra parou de se mexer num tranco, senti meu cérebro chapinhar no meu crânio, rápido assim, talvez a terra tenha até girado ao contrário um tiquinho, tentando corrigir o seu curso, e ao escorregar soltei a mão de Roya, o mundo ainda parando ao meu redor, e finalmente pude ver a rapidez com que ela descia, toda pressa e bravura, me lembro de gritar Roya, não! e ela ergueu a mão, a mão que segurava a minha, no ar como uma boxeadora, como o troféu de uma boxeadora, ou mais do que um troféu, como um pedacinho de sol que tinha com muito esforço se esticado e conseguido pegar, tão quente e potente, todo o calor de que ela precisava enquanto ria, triunfante, rumo à água congelada.

Já ouvi dizer que o olfato é o sentido mais ligado à memória, mas para mim sempre foi a linguagem, se a linguagem pudesse ser um sentido, e é claro que pode. Comparado mesmo ao cão mais fraco, o olfato dos humanos é inútil. Mas nos compare a — o que? — um macaco que pode dizer "maçã" com as mãos? E nós somos os deuses da linguagem, todo o resto só gorjeia e arrota. E que adequado, não é, que nosso superpoder como espécie, a fonte da nossa divindade, tenha vindo de uma invenção quebrada.

Foi inventada, é óbvio, a linguagem. O primeiro bebê não chegou falando farsi ou árabe ou inglês ou algo assim. Nós a inventamos, essa linguagem em

que um homem é chamado de iraquiano, o outro de iraniano, e por isso eles se matam. Em que um se chama general e por isso ordena que outros homens, com cabeças e corações do mesmo tamanho dos dele, tenham suas tripas cortadas em arame farpado. Por causa da linguagem, um som significa isso, outro som significa aquilo, e todos esses sons inventados vão se exibindo por aí, decididos como galos. Não é à toa que erramos tanto.

Deitado ali de bunda no chão, eu a vi desaparecer. Minha irmã correu em direção à água, entrou nela tão rápido que não teve como prever que a água imediatamente se abriria, lagos artificiais às vezes são assim, eles abrem um buraco. Ela foi engolida de uma só vez.

Tentei encontrá-la, ainda deitado, mas ela desapareceu no momento em que encostou na água, seu único vestígio — os arcos gigantes que empurravam o gelo do lugar por onde ela entrou, como ondas sonoras procurando um ouvido. Daí, antes que eu pudesse compreender a situação, antes que eu pudesse tomar a decisão de ser corajoso ou ser covarde, antes que eu pudesse chegar na decisão crucial que sem dúvida moldaria a minha visão de mim mesmo para o resto da vida, um rasgo na água, o rosto ridículo e encharcado de Roya despontando pelo buraco, ofegante, seus braços de estrela-do-mar se debatendo para mantê-la naquele mesmo lugar, ofegante e, juro por Deus, rindo, rindo como uma louca entre arfadas.

— Seu covarde! — ela gritou, cuspindo água conforme chapinhava até a borda. Blocos enormes de gelo se afastaram quando ela passava. — Seu boçal!

Não sou um homem de chorar por qualquer coisa. Conheci homens assim, homens que choravam como menininhas, homens do meu pelotão que ficavam aos prantos toda noite, quando as luzes se apagavam, ou o Rostam, nosso vizinho lerdo que quase todo dia perambulava na rua, resmungando, chorando e rindo, às vezes tudo junto, até que uma das suas sobrinhas exasperadas surgia para levá-lo de volta. Tem algo de patético nesses homens, é claro, uma frouxidão imperdoável, mas no fundo eu também tinha um pouco de inveja deles. A clareza de uma resposta emocional física. Algo a se fazer com a tristeza, com o terror. Um jeito de botá-los para fora.

O Irã todo passava por mudanças. Ruas com nome de flores e pássaros foram renomeadas em homenagem a clérigos, mártires. Anúncios de relógios, carros, filmes, foram arrancados e substituídos pelo rosto enfurecido do aiatolá. Não sabia o que aquilo significava, mas sabia que significava muito. Os adultos conversavam aos cochichos quando achavam que estávamos dormindo. Certas noites ouvia minha mãe chorar, meu pai a mandando parar. Mas eu via sorte na clareza das lágrimas. Era melhor do que a revolta desnorteada e o desespero aninhado no meu peito, na minha cabeça, provavelmente lesionando minhas entranhas e meu cérebro.

Lembro que na escola Agha Pahla segurou uma pedra pendurada por um fio, nos disse que a pedra era cheia de energia potencial — energia potencial, os nomes que damos às coisas! — e que quando a pedra é derrubada, toda essa energia potencial é convertida em movimento, em energia cinética, ação, algo assim. E é essa transformação, a energia potencial em movimento, que faz com que as pedras sejam terríveis, perigosas, faz com que possam esmagar pessoas. Às vezes eu me sentia assim, como se estivesse andando por aí cheio de energia potencial, uma pedra balançando no ar sem que houvesse uma faca afiada o bastante para cortar a corda.

Às vezes, tento imaginar como deve ser chorar, bater no peito em prantos como uma senhora num funeral, nada de potência reservada para depois, só movimento, só energia. Penso nisso e fico entupido só de imaginar, como um nariz com o qual não dá para respirar, meu cérebro não é capaz nem de me transportar para esse cenário, não consegue nem fingir que ele é de verdade. Uma coisa acontece, depois a outra. Por muito, muito tempo.

Então é desnecessário dizer que quando a cabeça de Roya surgiu da água, quando ela começou a rir e a jogar água para todos os lados e a me xingar enquanto nadava até a borda, eu não chorei. Nem naquele momento. Penso nisso agora, se eu tivesse chorado, teria sido de felicidade pela minha irmã estar ilesa ou de alívio por eu mesmo estar? É difícil lembrar hoje exatamente o que senti, só sei que quando ela emergiu, me levantei sem pensar e corri até a borda do lago.

Ela ria, me chamava de frango, e gritei:

— Que diabos você está fazendo, Roya? Sai daí! Sai daí! — Eu estava completamente tomado pelo medo, a incerteza dando lugar à ação.

— Estou indo, meu docinho. — Ela ria, eufórica. — Estou indo!

Quando chegou na borda da água e estendeu a mão para mim, quis dar um tapa, dizer foi você que entrou aí, você consegue sair. Ou talvez eu quisesse fazê-la sentir o medo que eu senti, e que ainda sentia. Tinha algo na risada dela, no sorriso dela, no jeito como ela agia, tão invencível que me enchia de raiva, ou talvez não raiva, mas uma espécie de confusão, uma raiva desnorteada, um ódio tão profundo que era impossível não se impressionar um pouco.

No fim, peguei a mão dela e a tirei do lago, enquanto ela respingava água além do necessário, para me molhar também, para me envolver ainda mais no alvoroço encharcado que ela tinha criado. Eu a puxei e ela se arrastou para fora, se deitou na relva, na terra enlameada, arfando, pingando, rindo, ofegando feito um peixe idiota, feito a menina idiota que era.

No campo de treinamento, acordamos todos os dias às quatro e meia da manhã, temos meia hora para nos preparar para o dia. Fazemos o *wuzu*, as abluções matinais, depois fazemos a oração *fajr*, a Oração da Alvorada, a primeira das cinco diárias, em grupo. Nos referimos uns aos outros como irmãos. *Licença, irmão*; *irmão, me passa a toalha*. Não cresci com pais muito religiosos, as únicas vezes que rezávamos juntos em família era quando uma tia ou os avós de Qom iam nos visitar. A *fajr* era a minha oração favorita por ser curta, só duas *rakats*. A experiência toda da oração cabia dentro do período de um único sonho, um andar sonâmbulo de quinze minutos até a rendição, obediência, Deus, sei lá. Que esperteza!, eu pensava, Deus exigir uma oração dos seguidores enquanto suas mentes ainda estavam pegajosas de sonho, enquanto a separação entre nosso mundo e o dele estava mais fina.

E é claro que tudo isso é destruído pelo exército, que exige treinamento físico entre a *fajr* e o café da manhã, o que quer dizer que nada de voltar a dormir, nada de mente pegajosa de sonho, quer dizer que uma vez de pé, você permanece de pé. A *fajr* tem um significado bem diferente aqui, já que é o

nosso último momento de relativo sossego, o último momento de silêncio do dia, um período antes que o olhar onipresente dos nossos superiores deixe todos nervosos e esquisitos. Não há espelhos no nosso banheiro compartilhado, o que tem algo a ver com evitar o ego, a idolatria, mas o resultado verdadeiro é um esquadrão de uniformes mal arrumados, botões faltando e lapelas tortas. Quando faço *wuzu* e limpo o rosto, às vezes imagino que a água é um solvente, corroendo a minha pele, o músculo por baixo dela e os ossos por baixo dele, a água removendo não só o sonho da minha cabeça mas a cabeça em si, até chegar ao ponto de que não estou só esfregando o que a vaidade não é, o que seja o *ser*, o que quer que esteja debaixo do meu corpo e todas as engrenagens que me mantêm aqui, é isso que imagino que estou limpando. Tenho a impressão de que meu *ser* é mais sujo do que o dos outros. Pesado de tanta sujeira.

Enquanto Roya arfava, deitada na lama, naquela lama do lago, quis estrangulá-la. Não exatamente para machucar, mas para deixá-la com medo, com o mesmo medo que senti, ou com medo do jeito que eu achava que deveria ter sentido, do jeito que me senti impedido de sentir. Talvez quisesse tirar dela a sensação de ser invencível. Uma menina não pode sair por aí achando que ninguém pode lhe fazer mal. Nesse mundo? Nem pensar. Mas até isso só servia para disfarçar a minha raiva — uma raiva feito um alfinete branco e quente enfiado no meu olho — de algo nobre e intencional, mas não era assim. Tinha algo no fato de ela estar bem que me causava náuseas, que me deixava tonto de tanta fúria.

— O que você fez, cabrita? — chiei. — O que vamos fazer agora?

Ela estava encharcada, pingando água que logo congelaria em volta do casaco e contra a pele.

— Por que você está tão… — ela começou. Mas eu a interrompi:

— Veneno de cobra![2] — gritei, como se dissesse "cala a boca!" e "conversa mole!" ao mesmo tempo, só que com mais crueldade.

Percebi que para levar Roya pra casa, eu teria que entrar com ela de fininho, sem que a nossa mãe percebesse. Por sorte, nosso pai estava no

trabalho; ele consertava redes de energia elétrica, sempre que a luz acabava em qualquer lugar de Teerã, ligavam para a sua empresa, dia e noite e até nos fins de semana, e naquela semana ele estava trabalhando até altas horas no coração da cidade, perto do Arco Masjid-e.

Fui andando com Roya até a nossa casa, seu orgulho dando lugar a intensos tremores de frio que ela tentou esconder mas logo não pôde, eu os ouvia sem nem olhar para ela, os dentes batendo, e por fim lhe dei meu casaco, apesar de querer que ela sofresse, apesar de querer que ela sentisse vergonha e arrependimento por eu ter lhe dado meu casaco. Quando chegamos em casa, corri até a nossa mãe, que cortava pepino na cozinha, e puxei conversa com ela, contando-lhe histórias assim e assado, nem lembro o que, e acho que ela ficou tão feliz porque eu estava falando com ela, eu que era um menino tão quieto, que ela não suspeitou de nada, e Roya conseguiu entrar de fininho alguns segundos depois e ir para o banho, um banho que deve ter durado vinte minutos. E não me lembro do que eu e minha mãe conversamos, o que ela cozinhou naquela noite, só lembro que enquanto falávamos sobre nada, enquanto ela me perguntava sobre os amigos ou a escola ou simplesmente se alegrava porque o filho único estava presente e tagarela, eu ouvia Roya no chuveiro do andar de cima, eu ouvia ela andando pra lá e pra cá, se esquentando, rindo, alegre, cantando.

---

[2] Em farsi, é uma expressão idiomática rude que quer dizer o mesmo que "cale a boca". (N. da T.)

DOZE



Gilles Deleuze chamou a elegia de *la grande plainte*, "o grande lamento", um jeito de dizer "o que está acontecendo é demais para mim". No Irã, Ashura é o dia da elegia, em que as pessoas jejuam e expressam o luto pelo martírio de imame Hussain, morto em 680 d.C., no seu aniversário de cinquenta e cinco anos, na Batalha de Karbala. Um dia de elegia. "O que aconteceu há treze séculos ainda é demais para nós", dizem os iranianos. Está no nosso sangue, *la grande plainte*. *Shekayat bazorg*. Nós não esquecemos. É claro que não esquecemos.

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

CYRUS SHAMS

Universidade Keady, junho de 2012

Caía uma daquelas tempestades de verão que só caem em Indiana. Inclemente, sem começo nem fim. Para Cyrus, naquela época, a tempestade e qualquer outro evento meteorológico acontecia diretamente com ele. Contra ele. Tempestades tinham como sua única missão estressá-lo, a neve caía para fazê-lo se atrasar para o trabalho de atender telefones a noite toda no restaurante chinês do campus. O sol saía para queimá-lo especificamente, para que fizesse cara feia ao semicerrar os olhos para protegê-los da luz.

Naquele verão, Cyrus também estava tentando expandir os horizontes se relacionando com uma republicana.

Ele foi criado como um iraniano no centro-oeste dos Estados Unidos, em meio ao 11 de Setembro e à patriotada subsequente e as bandeiras na frente das casas e as fitas amarelas e toda a ladainha do "você não está feliz só de estar aqui?". Cyrus conseguia enxergar dentro do peito das pessoas quando olhavam para ele. Era como se os americanos tivessem outro órgão para aquela mistura de ódio e medo. Ela pulsava do peito deles como um segundo coração.

Certa vez, logo depois do 11 de Setembro, o professor de matemática de Cyrus no fundamental, um homem careca a não ser pelo círculo laranja de cabelo ralo em volta das orelhas, pendurou um cartaz do George Bush ao lado do quadro. Mais para o final daquele semestre letivo, contou a Cyrus, depois da aula, em tom conspiratório, que tinha ouvido um termo novo para gente como ele. Ele sussurrou, apesar de estarem sozinhos na sala. Duas palavras, a primeira era bem racista, a segunda era "turco". O professor riu, como se

Cyrus visse graça da piada. Cyrus não soube o que fazer, então riu junto. Ele se odiou por isso.

Noutra vez, a professora de estudos sociais, recém-formada, se referiu a ele durante a aula, sublinhando como "as nossas tropas" estavam ajudando "aquele povo lá" do Cyrus a "entender a democracia". A maior parte dos alunos concordou satisfeito com a ideia, se é que a absorveram. Então Cyrus concordou também. Não mencionou o que as *nossas tropas* fizeram com a mãe dele *lá*. Ele se odiou por isso também.

Na intersecção da iranidade dele com sua criação no centro-oeste dos Estados Unidos havia uma gentileza patológica, uma compulsão paralisadora de evitar causar estresse a quem quer que fosse. Cyrus pensava muito nisso. Você arrulha diante de bebês feios, concorda com qualquer merda racista. No Irã, eles chamavam aquilo de *taarof*, a elaborada coreografia de etiqueta social que dita todas as interações e que acontece quase completamente nas entrelinhas. É a velha piada de que dois iranianos nunca conseguiriam entrar num elevador, porque ficariam dizendo "você primeiro", "não, você primeiro", "não, por favor, vá você", "eu insisto", enquanto as portas abrem e fecham.

A gentileza do centro-oeste também era assim, Cyrus descobriu, como se fosse um cigarro queimando buracos na alma. Você morde a língua, depois morde mais forte. Tenta manter o rosto impávido o bastante para achar que não está sendo cúmplice, que pelo menos não está incentivando o que está acontecendo em volta de você. Com você.

Kathleen era a primeira republicana com quem ele tinha ficado, e também era a primeira com grana. Estudava na famosa Faculdade Morris de Administração, um dos braços da Keady. Vinha de uma família rica do Arizona. Não rica ao estilo minha-mãe-é-dentista — esse era o tipo de família abastada que Cyrus tinha visto, aqui e ali, durante a infância em Fort Wayne, e era em torno dela que tinha construído o seu desprezo eterno pelos ricos.

Kathleen era rica-petróleo, rica escola-de-etiqueta-e-estábulos-da-família, um novo tipo de rico que fez com que a bússola moral de Cyrus girasse meio louca, passando por desprezo até parar na curiosidade. Uma vez, ela lhe disse que John McCain tinha ido à sua festa de formatura do ensino médio.

— É um amigo antigo do meu pai. — Ela deu de ombros.

Por alguns meses, Cyrus suprimiu com sucesso seu desprezo pela inclinação política dela, tudo em prol dessa repentina novidade: Kathleen comprava livros e os largava nas mesas das cafeterias, depois de ler apenas um quarto das páginas. Dava gorjetas de cem por cento sobre uma conta no bar, depois zero na próxima. Dinheiro não era nada pra ela. Ela pegou emprestado o casaco de Cyrus, o que tinha capuz, e nunca devolveu, sem se dar conta de que ele não tinha outro. Sabia o nome do cara que pilotava o helicóptero do pai, dos filhos de sua babá, o que ela volta e meia mencionava como sinal de sua magnanimidade. Era cristã, mas cristã-americana, do tipo que crê que Jesus só precisava de uma arma bem grandona.

Cyrus adorava que ela era mais ambiciosa, mais determinada, mais bonita do que ele. Quando dormiam juntos, ela deitava de costas com um sorrisinho que dizia *de nada!*. Era bonita nesse nível.

Também adorava, se fosse para ser brutalmente sincero, que ela pagava a conta quando iam a bares e restaurantes. Que ela podia pedir comida em casa duas vezes por dia sem nem pensar. Que sua comida vinha do mercado Whole Foods e não do Walmart. Só o suco fresco de toranja já quase valia a dissonância cognitiva.

Uma noite, os dois saíram do apartamento dela com a BMW da Kathleen e enfrentaram uma tempestade para chegar no Nilo Verde, o bar de narguilé do campus. Foi onde Cyrus conheceu Zee; ele foi o garçom da mesa deles naquela noite. Se apresentou com o nome todo, Zbigniew, ao que Kathleen perguntou de pronto:

— Zbigniew? O que é isso?

Zee não hesitou nem um instante e respondeu, sorrindo:

— Parece um espirro, né? Minha família é egípcia e polonesa, o nome é do lado polonês. Meus amigos me chamam de Zee.

Cyrus tinha mascado um Clonazepam antes de sair de casa, aqueles amarelos alaranjados que tinham gosto cítrico quando eram mordidos — Cyrus acreditava que a indústria farmacêutica tinha feito isso de propósito, para agradar os usuários recreativos —, depois cheirado um pouco de Focalin para equilibrar. No Nilo Verde, ele só concordou de forma preguiçosa quando

Kathleen pediu a primeira de muitas "sangrias da casa", que, muitos meses depois, Zee revelou a Cyrus ser só vinho suave com pedaços de maçã congelada.

Depois que Kathleen e Cyrus terminaram o primeiro narguilé, Zee ofereceu que o próximo fosse "especial". Cyrus achava a experiência dos bares americanos de narguilé vagamente infame e orientalista, os filhos dos fazendeiros de soja e vendedores de seguro acomodados comendo falafel velho com humus de supermercado, fumando "Framboesa Eletrizante" em narguilés feitos em Taiwan. Mas ele não era do tipo que deixava suas crenças atrapalharem seu barato, e a promessa de bebida e maconha grátis fazia seus olhos brilharem.

— Desculpa aí, Edward Said — disse Cyrus baixinho, se achando muito esperto.

— Quê? — Kathleen perguntou. Cyrus só balançou a cabeça. No cálculo de viciado de Cyrus, o fato de se sentir moral e intelectualmente superior a Kathleen, apesar do dinheiro e da beleza dela, de certo modo os colocavam no mesmo patamar. Um era fascinado pelo outro.

Quando Zee trouxe o segundo narguilé, ele disse:

— Esse é bem intenso, então vão devagar.

Eles não foram devagar. De início, Cyrus ficou paranoico, achando que o cheiro de maconha era mais forte que o cheiro da essência do narguilé — Zee recomendara o "Ursinho Branco", porque era o melhor para mascarar o cheiro. Era normal Cyrus ficar assim ao fumar maconha, ansioso, incapaz de afastar o pensamento de que todo mundo estava intensa e negativamente vidrado nos pormenores da sua pessoa. Era por isso que a maconha não fazia parte do seu top dez de drogas favoritas, o que não o impedia de fumar quase todo o dia, onipresente como era. Ele bebeu mais, mais rápido, para diluir a paranoia. O álcool o acalmava, e ele percebeu por fim que ninguém nas outras mesas parecia notar o cheiro de maconha, ou pelo menos ninguém parecia se importar. Assim como a chuva lá fora relaxava e se tornava uma garoa, a noite acelerava em direção a sua conclusão natural.

Kathleen se queixava de mágoas bobas com os amigos, os colegas de turma. Reclamou de um professor que nunca respondia os e-mails, uma amiga

que estava traindo o namorado e esperava o seu apoio. Cyrus se esforçou muito para se concentrar nos olhos dela, que eram do mesmo azul que a maioria das pessoas louras tinha. Tão comuns que você se esquece de reparar como são bonitos. Como pombos. Em algum momento da noite, ela exclamou:

— Sinto que sou minoria nesse lugar! — Ela riu, deu um golão na sangria, seu terceiro ou quarto copo.

Cyrus analisou o rosto da namorada. Aqueles olhos tão azuis. Cabelo liso e louro comprido. O blazer com forro girava um pouco, assim como o papel de parede. Ela era linda do um jeito americano agressivo, o tipo de mulher que aparece em comerciais de remédio para gripe e seguro de vida. Ela fizera uma aula de teatro em Los Angeles com James Franco uma vez, Cyrus se lembrou dela ter dito. Contou que ele tinha tentado dormir com ela.

— Minoria? — Cyrus perguntou, tentando fazer os seus olhos focarem os dela.

A decoração do Nilo Verde era na vibe Oriente Médio-genérico: um quadro exibia caligrafia árabe, outro, a fotografia de um camelo, uma pirâmide, um rio, um tapete. O balcão da frente tinha um gato da sorte chinês, os braços subindo e descendo na fumaça grossa do narguilé.

— É sim, olha só esse lugar. Você e o garçom e a música e as paredes. É como se estivéssemos em Bagdá, Indiana!

Cyrus só notou a música quando ela falou, de tão discreta que era — estranhamente baixa, com alguma cítara pomposa rolando, talvez Ravi Shankar. Cyrus se perguntou o que Kathleen via nele para achar que ele riria de "Bagdá, Indiana". Seu inglês sem sotaque? O sexo? Seu costume de morder a língua, de não questionar as inclinações políticas retrógradas? Tudo aquilo estava fora da experiência de Kathleen de quem eram *os outros*, então, para ela, Cyrus fazia parte do *nós*.

Cyrus quis saber o quanto da sua vida ele devia ao fato de outras pessoas presumirem que ele era parte do *nós*. O professor do fundamental que sorrateiramente compartilhou com ele um xingamento racista, como uma laranja suculenta que poderiam descascar e dividir. Até seu nome podia soar como o de uma pessoa branca. Cyrus Shams. Estranho, talvez étnico, mas de

um tipo velado. Cyrus se sentia como Blade, o herói representado por Wesley Snipes, meio humano, meio vampiro, com todos os superpoderes de cada espécie, superforte mas também capaz de sair à luz do dia. Como Blade, Cyrus passeava de dia, americano quando era conveniente e iraniano quando não era. Balas ricocheteavam no seu peito! Seus dentes cortavam metal! Ele estava muito, mas muito chapado.

— Vamos sair de Bagdá — Cyrus disse, tentando pensar numa piada chocante, falhando e depois satisfeito por ter falhado. Estava chapado demais para ficar decepcionado consigo mesmo. Kathleen sorriu e chamou Zee. Deu a ele seu cartão de crédito, de um opaco metal preto.

— Como vocês estão se sentindo? — Zee perguntou quando o trouxe de volta.

— Bem. Pra. Cacete. — Ela disse cada palavra como um adolescente exagerando na leitura de um poema. — Acho que nós até fizemos a chuva parar. — Lá fora ainda estava meio úmido, mas Kathleen tinha razão, a tempestade furiosa tinha se acalmado.

Zee sorriu e disse algo que Cyrus não entendeu, mas fez Kathleen rir, então ele riu também. Zee fincou os olhos nele, a fração da fração de uma encarada que dizia "tem certeza sobre ela?", mas que também poderia significar "vocês não estão de carro, né?". Cyrus deu de ombros em direção ao nada e cuidadosamente se levantou, fazendo esforço para não cambalear.

A chuva tinha parado completamente quando ele e Kathleen entraram no carro, as folhas ao redor caindo na calçada e poças de água balançando com o vento. Kathleen dirigiu o carro pela velha estrada 233, os postes de luz ofegando ao longo do caminho. No apartamento dela, Cyrus a levou até a cama, depois disse que sairia para uma caminhada. Ela estava sonolenta demais para protestar.

— Tenha cuidado. — Foi só o que ela disse, virando para o outro lado.

Cyrus encheu um copo de plástico de suco chique de toranja e o levou noite adentro.

Andando basicamente na direção do campus, ele ouvia *Sister*, do Sonic Youth, no iPod, desde a primeira música. Melhorando do porre de vinho e do barato da maconha, naquele estado intersticial pastoso de congestão psíquica e

emoções aguçadas, começou a chorar de repente com a harmonia de Kim e Thurston cantando:

— *It feels like a wish coming true, it feels like an angel dreaming of you…*

Era um choro horroroso. Soluçava pra valer, enquanto andava. Naquele momento, Cyrus teve a sensação de que usava uma coroa. Sonic Youth, os postes de luz, o cheiro de ozônio pós-chuva — tudo aquilo era para ele. O suco de toranja tinha se metamorfoseado em ambrosia. Tinha um gosto tão bom que o deixou tonto. Cyrus se sentia renovado. Inocente. Invencível.

Era um momento do qual ele se lembraria com frequência, anos depois. Antes que o vício desse errado, ele dava muito, muito certo. É claro que dava. Era mágico. Era como se estivesse tão perto de Deus que pudesse cutucá-lo com um cílio.

— *You've got a magic wheel in your memory. I'm wasted in time….*

Se tivesse um bloco de mármore, poderia esculpir um Davi. Se tivesse uma espada, poderia cortar um carro ao meio. Se tivesse mãe, ela estaria delirante de orgulho, pressionando o filho contra o peito, enxugando suas lágrimas.

Depois de algum tempo — quinze minutos, uma hora —, Cyrus se viu do outro lado do rio, indo em direção ao Nilo Verde. O Bar do Lucky, sua escolha de sempre, estava a uma quadra de distância. Viu um casal de clientes fiéis na frente do letreiro néon retrô, fumando cigarro. Normalmente, teria ido se juntar a eles, filaria um cigarro antes de entrar no bar e comprar um chope de cinco dólares. Mas tinha alguma coisa puxando Cyrus em direção ao Nilo Verde. Quando ele entrou, os caras indianos ainda estavam na mesma mesa, fumando um narguilé diferente.

— Opa, oi! — disse Zee ao vê-lo. — Você perdeu a namorada.

Cyrus cogitou mentir, dizer que tinha esquecido o guarda-chuva. Por um lado, pareceria mais nobre do que dizer "botei minha namorada na cama para poder voltar e seguir bebendo". Por outro, Cyrus sabia que seu desejo de continuar bebendo seria exposto de qualquer jeito, o guarda-chuva inventado tão óbvio quanto uma evidência incontestável.

— Está em casa — Cyrus respondeu. — Encerrou a sua operação militar. — Cyrus se orgulhou da piada, mesmo que Zee não tivesse entendido. Teve a sensação de recuperar um pouco da dignidade que perdera antes. — Perdi a última rodada?

Zee foi para trás do balcão.

— Chegou bem na hora. O que quer?

— Qual é o jeito mais barato de se beber aqui? — Fazia tempo que Cyrus não tinha mais vergonha de fazer essa pergunta.

Zee tirou duas garrafas de cerveja do frigobar.

— Me deixando te pagar uma dessas.

Zee era compacto, tinha uma leve barba por fazer que se misturava com as costeletas, raspadas rente à pele a cada dois ou três dias. Tinha pele bronzeada e barba preta; os genes egípcios da mãe se sobressaíram aos do pai polonês. O corpo enxuto era tudo menos frágil — não era de uma pequenez intrínseca, como um rato, mas enrolado, comprimido nele mesmo, como um gato se preparando para o pulo.

Pouco tempo depois, os caras indianos fecharam a conta e saíram noite adentro. Zee deu boa-noite a cada um deles, chamando-os pelo nome. Foi até o iPod plugado nas caixas de som do restaurante e escolheu uma de suas playlists customizadas, que abria com a canção do EPDM "Stricly Business". Zee aumentou o volume e começou a limpar as mesas com Cyrus sentado no bar.

— Posso te ajudar de alguma forma? — ele perguntou, porque gostava de ter algo para fazer com o corpo.

Zee riu e disse:

— Não esquenta, estou quase acabando.

Zee fez graça disso e daquilo. Falou de quais artistas tinham servido de base para aquela música — Eric Clapton, Kool and the Gang. Continuou arrumando o bar e falando de pilotar aviões, um curso de aeronáutica na Keady em que ele se matriculara por diversão — "você perde duzentos e vinte gramas de água por hora quando está no céu, mas não pode beber água porque lá não tem onde mijar" —, o pai tinha meio que se convertido ao Islã — "nós éramos tão mulçumanos quanto as famílias católicas, só íamos à igreja no Natal e na Páscoa" —, e a bateria da música "Mama's Gun", da Erykah

Badu — "é tipo boom boom tique boom boom, ao invés de boom boom tique boom". Cyrus não entendeu nem metade, mas estava satisfeito em beber cerveja, vagamente animado pela animação dispersa de Zee. Depois de uma narrativa confusa sobre ter estragado o tambor de sua bateria trampando numa banda de jazz, Zee começou a contar as mesas restantes:

— Ainda tem uma, duas, três, quatro, cinco mesas, e aí acabei — disse. Ele as contou usando os dedos: um no dedo indicador, dois no dedo do meio, três no anelar, quatro no mindinho e depois recomeçou no dedo indicador. Cyrus ficou admirado e disse:

— Você não usa o polegar pra contar?

Zee olhou para ele, depois para a mão, como se de repente se lembrasse de que o polegar estava lá.

— Ah — ele disse, não acanhado, mas como se tivesse lembrado só naquele momento que os dois eram desconhecidos. — Quando eu era criança, demorei pra começar a falar. Então a minha mãe me ensinou a contar nos dedos assim: um, dois, três, quatro, e o polegar era para "muitos". Se ela perguntava quantas batatas fritas ou quantos gizes de cera eu queria, eu erguia o polegar pra dizer "vários!". Ele não servia para contar, como os outros dedos. Eu nunca tinha pensado sobre isso.

— Nossa! — disse Cyrus, de repente se sentindo burro por ter falado aquilo. Tentou engatar uma reflexão quase profunda: — Infinidade nos polegares, eternidade em uma hora… — E se sentiu ainda mais ridículo.

Mas Zee deu risada.

— É, pode ser. Não sei. O que você faz, Cyrus?

Cyrus ficou contente com a possibilidade de deixarem aquela baboseira para trás.

— Sou estudante. Faço Inglês. Quase todas as noites atendo o telefone e faço entregas no Jade Café.

— Não quis dizer o que você faz na faculdade ou pra ganhar dinheiro. Quero saber o que você faz. O que você ama?

Zee tinha acabado de terminar de limpar uma das mesas e estava sentado, conferindo os recibos. Nas caixas de som, Emmylou Harris cantava sobre arrancar a cabeça de dentes-de-leão.

— Ah, eu escrevo. Escrevo poemas, mas nunca publiquei nada.

Zee desviou o olhar dos recibos, olhos arregalados.

— Você é poeta!

— Não, não é bem assim — Cyrus respondeu, virando a garrafa de cerveja até o fim, se dando conta de que já estava vazia. Zee sorriu.

— Mas você escreve poemas?

— Sim.

— Então pode dizer que é poeta. — Zee pronunciou a última palavra, "poeta", em tom presunçoso, como um advogado encerrando sua argumentação. — Eu nunca fiz um álbum — ele disse —, mas não tenho problema nenhum em dizer que sou baterista.

Cyrus quis discordar, dizer algo vago e político sobre a *responsabilidade* de se referir a si mesmo como poeta, mas a confiança de Zee era contagiante. Além disso, Cyrus estava ficando bêbado de novo. Ele *escrevia* muito, era verdade. E com certeza lia tanta poesia quanto qualquer outra pessoa do seu círculo, retirando montanhas de livros da seção 811.5 da biblioteca e estudando-os em casa. Naquela mesmíssima tarde, ele tinha perdido uma prova sobre "Hero e Leandro" na disciplina de teatro elizabetano, pois ficara imerso na leitura de Jean Valentine: "Vim até você, Senhor, pela maldita *reticência* desse mundo."

Zee foi para trás do balcão e colocou os recibos dentro da caixa registradora. Olhando para Cyrus, disse:

— Eu tenho rum lá em casa, é só a gente subir a rua Chauncey. Quer ouvir *Mama's Gun*? Meu colega está na casa dos pais, em Chicago, então podemos colocar bem alto.

Era pouco depois das duas da manhã, e Cyrus era ideologicamente contra recusar bebida grátis, e constitucionalmente incapaz de fazê-lo.

— Claro, bora — respondeu.

Recolheram suas coisas e andaram algumas quadras até o apartamento de Zee, um conjugado no quarto andar, com vista para o parque River Road, com duas mountain bikes na frente da pia da cozinha. Zee tirou uma garrafa meio cheia de rum do freezer e conectou o iPod num equipamento barato de

alto-falantes ligado ao computador. Sentaram-se num sofá maltrapilho que parecia ter sido revestido com pano de juta.

Passando a garrafa de lá pra cá, conversaram um pouco, Zee sublinhando esse ou aquele detalhe musical ou biográfico — esse é inspirado no Stevie Wonder, essa letra é sobre o término dela com o Andre 3000. Na metade de "My Life", Cyrus pediu que Zee parasse o álbum para irem lá fora fumar. Ventava, e Zee se curvou, segurando o cigarro entre os lábios, para acendê-lo dentro da redoma do seu casaco. Cyrus achou isso muito legal. Resumo da noite, eles beberam e ouviram música em silêncio. Em algum momento antes de "Green Eyes" tocar, Cyrus apagou; quando acordou, era manhã. A garrafa estava quase vazia no sofá entre ele e Zee, e seus ombros se tocavam de leve.

TREZE



A lei irrefutável da sobriedade, com um pedido de desculpas a Liev Tolstói: as histórias dos viciados são todas iguais; mas cada pessoa fica sóbria à sua maneira. O vício é como uma música country antiga: você perde o cachorro, perde o caminhão, perde a sua paixão da época do ensino médio. Durante a reabilitação, você toca a música ao contrário, e é aí que as coisas ficam interessantes. Onde você encontrou o caminhão? O cachorro lembrou de você? O que a sua paixão disse quando você a viu de novo?

Fiquei sóbrio não porque agredi um policial, bati o carro num Burger King ou fiz alguma coisa dramática assim. Cheguei no fundo do poço várias vezes, e esses momentos teriam despertado qualquer pessoa razoável para a gravidade do problema, mas eu não era uma pessoa razoável. O dia em que enfim cambaleei em busca de ajuda foi como qualquer outro. Acordei sozinho no chão de casa, ainda bêbado da noite anterior. Me lembro de dar uns goles numa garrafa quase vazia de bourbon Old Crow que estava ao lado do meu colchão e depois procurar meus óculos e a chave do carro. Quando os encontrei, peguei o carro e fui tranquilo pedir ajuda.

É de uma beleza terrível, como a sobriedade acaba com a ilusão de que você é um príncipe canalha, gloriosamente incompreendido, alternando entre essa e aquela coroa narcótica. Os detalhes superficiais podem variar — não era um caminhão, era um negócio; não era uma paixão do ensino médio, era uma família —, mas o algoritmo é inexorável. A droga funciona até não funcionar mais. A dependência cresce até eclipsar tudo mais na vida do viciado. Um sol podre. A alegria definha com a ausência de luz. Paixão, empregos, liberdade, família. Todos nós temos histórias de cheirar-cocaína-derrubada-no-chão-do-banheiro. Esse tipo de coisa só é interessante pra quem foi abençoado pela rara proteção cósmica de não conhecer viciados de verdade. O vício ativo é um algoritmo, uma esmagadora mesmice. A história é o que vem depois.

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

ROYA SHAMS

Teerã, agosto de 1987

Nunca amei estar viva. É difícil chegar nesse ponto sem certo distanciamento. Difícil descrever o formato de uma nuvem de dentro da nuvem. Eu apreciaria mais a gravidade se tivesse tido o problema de sair flutuando na adolescência. E o que consegui, sorrateira, pegar pra mim, era relevante apenas em contraste com o parâmetro da abnegação. A meia hora roubada de manhã, tomando chá sozinha ou desenhando à toa no caderno, só parecia uma trégua porque era o que todo o resto — cozinhar, limpar, fazer compras — não era.

Foi por isso que fiquei tão irritada quando conheci Leila. Nossos maridos eram amigos desde o serviço militar. Uma vez por ano, eles iam de carro para o norte, até a floresta de Rasht, perto do Mar Cáspio, para fumar charuto, beber, pescar e recontar as mesmas histórias todo ano. Gilgamesh, o marido de Leila, era um homem atarracado, musculoso e quase careca. Leila era mais alta do que ele, não muito mas o suficiente para que fosse perceptível. Ela me disse uma vez que ele lhe pedira para não usar salto, ao que ela concordou com alegria. Gilgamesh trabalhava de policial em Teerã desde a saída do exército. Ali me contou que, durante aquelas viagens, ele às vezes caçava esquilos e pombos com o revólver de trabalho. Não gostei muito, mas minha ânsia de ter a casa só pra mim durante alguns dias do ano vencia qualquer desgosto que eu pudesse ter acerca do que Ali estava fazendo e o com quem estava fazendo.

Naquele tempo, eu conhecia esposas que não podiam usar o banheiro sem primeiro pedir a permissão do marido. Meu casamento com Ali nunca foi

assim, mas mesmo ser percebida, ser percebida o tempo todo, era exaustivo. As férias de Ali também eram férias para mim.

Foi mais ou menos nessa época que percebi estar grávida de Cyrus. Ainda não tinha feito um teste, queria evitar a confirmação daquilo eu já sabia ser verdade. Mas tinha sangramentos de escape e minha saliva tinha gosto de cobre. Meus seios estavam inchados e doloridos; respirar fundo doía. Sabia o que estava acontecendo. Fazer umas linhas azuis aparecerem num palito significava ter que contar a Ali e, quando contasse, eu sabia que nada ficaria igual. Eu queria estar livre só mais um pouquinho. Livre da sua atenção devota, da sua pena.

Quando Gilgamesh apareceu em casa para buscar Ali, seu carro estava cheio de equipamentos para acampar: barracas, panelinhas, gim, vinho. Ele e Leila se casaram naquele verão, numa pequena cerimônia da qual me lembrava sobretudo porque pouquíssimos parentes da noiva estavam presentes — um pai severo e corpulento que fumava cigarros russos sem parar, alguns primos ambivalentes. Ela devia ter vinte e quatro, vinte e cinco anos, era robusta, os olhos se moviam constantemente com ares de travessura de menino. Gilgamesh perguntou a Ali se ela poderia ficar comigo durante a viagem, disse algo sobre não ser seguro deixar Leila em casa sozinha — não entendi se ele quis dizer que deixá-la sozinha não era seguro para ela ou se não era seguro para ele. Implorei a Ali com o olhar para que dissesse não, desesperada para preservar os meus dias de total autonomia. Mas Ali concordou sem hesitar e não havia o que discutir. Gilgamesh mal olhou pra mim, gingando para dentro e para fora da casa com seus músculos, com um corpo que tinha crescido duas vezes mais que o cérebro. Era como se ele estivesse num banco: depositou a mulher, uma estranha, e pegou Ali. E então os homens foram embora, e eu e Leila ficamos sozinhas.

Não demorou muito para Leila surgir por detrás do seu véu de decoro submisso. Era como se os homens tivessem levado a timidez dela embora com eles. Fiz *zereshk polo* naquela primeira noite, mas eu não era nem sou uma boa cozinheira. Fico impaciente, distraída, nunca acerto o tempo. Meu arroz fica

grudento, meus kebabs queimam. Na refeição, Leila nem esperou eu me servir para atacar a sua comida. Ela era pequenina, de cabelo bem curtinho, então a cabeça tinha uns cachos do tamanho de moedas que se movimentavam conforme ela mastigava. Falamos bobagens por alguns segundos — sim, comprei as amoras do vendedor da feira com o cachorro peludo; não, Gilgamesh não gosta de *zereshk polo*.

— Ele não gosta de nada doce — Leila disse. — Às vezes ele pega uma pitada de sumagre, uma pitada de sal, e fica lambendo. Isso é normal?

— Nunca ouvi falar disso — confessei.

— É como se ele fosse um alienígena fingindo ser humano. "Ah, isso é comida? Vou comer então. Ah, dança? Vou dar uma chance." — Ela imitou o marido numa espécie de dança epiléptica.

Eu sorri de leve, sem querer, o que pareceu encorajá-la.

— É sério! Ele coloca xarope pra tosse no chá! De manhã e de noite!

Eu não sabia o que fazer com o meu rosto, então deixei ele impassível. Não conhecia a mulher, não sabia por que estava me contando tudo aquilo. De repente, ela disse:

— Ah, não quero mais falar de maridos. Afinal, eles se foram! *Alhamdulillah*!

Fiquei quieta, mas me senti meio ofendida. Foi ela que tocou no assunto. Eu não dissera nada sobre Ali.

— Tudo bem — arrisquei. — Então do que quer falar?

— Minha nossa! Se você precisa perguntar, então já estamos perdidas, né? — Ela riu, mas fiquei frustrada. — Que tal uma caminhada? Quero te mostrar uma coisa.

Já era tarde, talvez sete da noite. Mas eu não queria ser rude com a visita, mesmo que indesejada, mesmo que ela estivesse sendo rude comigo. Ela levantou da mesa, deixou o prato onde estava e foi até o cabideiro de casacos perto da porta. Fiz questão de tirar o prato, os talheres e o copo bem devagar, metodicamente, até que ela disse:

— Deixa disso, Roya *jaan*! Está limpando pra quem?

Pra mim?, pensei imediatamente, mas não disse.

— Só quero passar uma água rapidinho para a sujeira não grudar — eu disse, sem mascarar a minha irritação.

Leila revirou os olhos, esperou impaciente do lado da porta como uma adolescente petulante, enquanto eu passava uma água nos garfos e nas facas sem pressa. Por fim, pus meu casaco e me juntei a ela na entrada. Ela se olhava no espelhinho dourado pendurado perto da entrada. Foi uma coisa que passei a amar nela, com o tempo. Não era narcisismo, o fato de estar sempre se olhando. Reconheci, mais tarde, que havia um deslumbramento naquilo, no jeito como passava os dedos nas ruguinhas da boca, na pele da testa, como se dissesse: "De onde você veio? Essa pele, que envelope estranho!" Mas ali, naquele momento, só enxerguei uma menina boba e vaidosa.

— Aonde vamos? — perguntei, abrindo a porta.

— Até o lago — Leila disse. — Quero te mostrar uma coisa.

Estava me esforçando para ser uma boa anfitriã, mas minha hospitalidade estava se esgotando. O lago ficava a vinte minutos de carro dali, e já tinha começado a escurecer. Eu lamentava ter que ceder aos caprichos daquela estranha. Lamentava a perda do meu tempo sozinha.

— Não é meio longe? — perguntei, claramente infeliz.

— Você tem algum compromisso urgente? — Leila questionou, travessa.

Fiz cara feia, mas coloquei o lenço na cabeça. Mesmo que lá fora estivesse escurecendo, Leila botou óculos de sol, do tipo grande e com uma armação preta grossa que cobria metade do seu rosto, e então saímos.

CATORZE



QU YUAN
340–278 A.C.

você, laureado de língua e pedra,
dentre os tons mais raros
que vão do espectro mais brilhante entre os brilhantes
ao mais escuro entre os escuros —

os aldeões jogando arroz no rio
para desviar os peixes do seu cadáver,

ainda assim, balbuciando, radiante e estático, os barcos-dragões aceleram
na luz cor-de-rosa —

não, também não me candidatarei à velhice,
sucuris
e pérolas comuns:

no começo do começo
quem foi que contou a história?

foi você, foi você

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.DOCX de Cyrus Shams

SÁBADO

Cyrus Shams e Orkideh

Brooklyn, dia 2

Cyrus acordou no hotel do Brooklyn com o dedão de Zee na boca. Eles racharam um quarto com uma só cama de solteiro para o fim de semana, o que deixou a hospedagem surpreendentemente em conta. O hotel que encontraram era até desses meio descolados típicos do Brooklyn, com música alta e DJ ao vivo à noite no saguão. O frigobar exibia dois tipos de mescal, e havia um baralho de tarô de "ícones feministas" com a imagem da Gloria Steinem como Rainha de Copas na caixa.

Cyrus tinha começado a chupar o dedo tarde na vida. Quando tinha treze anos, seu pai decidiu que resolveria o problema de uma vez por todas. Passou a obrigar o filho a afundar os dedos em molho de pimenta forte todas as noites depois do jantar. Ao longo de semanas, Cyrus se levantava de supetão no meio da noite, o dedão na boca, os lábios e a língua ardendo. Nada aliviava a dor. Demorou um tempão para que seu eu adormecido rejeitasse o dedão, concebendo-o como veneno. Mais tarde na vida, quase como um protesto, o subconsciente de Cyrus começou a confundir o dedão de qualquer companheiro de cama com o dele, e Zee geralmente era o alvo.

Os dois começaram a dividir casa pouco tempo depois de se conhecerem, e a dividir a cama pouco tempo depois. Quando dormiam juntos, não era nada sexual, pelo menos na maioria das vezes. Nas poucas ocasiões em que falaram sobre isso no decorrer dos anos, Cyrus disse a Zee que era mais ou menos como no trecho de *Moby Dick*.

— Aquela parte sobre aguentar o cobertor de qualquer homem mais ou menos razoável? — Zee perguntou.

Cyrus tinha pensado em outro trecho, sobre ser melhor dormir com um canibal sóbrio do que com um cristão bêbado. Ele se considerava o canibal sóbrio, e os americanos em geral eram cristãos bêbados. Mas riu e disse:

— Sim, esse mesmo. Você tem ótimos cobertores.

Cyrus passou a conhecer bem os polegares de Zee. Eram compridos na mão de Zee, mas ainda eram bem mais curtos do que os de Cyrus. Com um metro e noventa, Cyrus era quase trinta centímetros mais alto do que o colega, mas era Zee quem geralmente acabava sendo a conchinha maior quando se aninhavam. Os polegares do amigo eram miniaturas dele mesmo, pequenos mas musculosos, firmes e fortes. Podiam ser de um massagista ou de um escultor, uma bordadeira ou um carpinteiro.

Era raro que se beijassem, mas quando se beijavam quase nunca era nos lábios. Via de regra, se abraçavam, brincavam pressionando a pele um do outro, as costas e os dedos. Via de regra, dormiam.

Às vezes Cyrus virava de frente para Zee e enfiava a mão dentro da sua bermuda, ou Zee enfiava na de Cyrus, passando os dedos pelos seus pelos pubianos e a virilha, e gozavam assim, olhos fechados e respiração curta. Ou às vezes, também virados de frente, esfregavam a si mesmos e usavam as mãos desocupadas para acariciar os mamilos, o pomos de adão e os lábios um do outro.

Mas, no geral, eles só se abraçavam e dormiam. Era só isso. Só dois homens mais ou menos razoáveis dividindo o cobertor.

Quando Cyrus ou Zee estavam ficando com alguém, apresentavam o companheiro de apartamento como melhor amigo. Quando os dois estavam acompanhados, saíam juntos em encontros duplos, ouviam música alta em seus respectivos quartos para abafar o barulho do sexo. Cyrus nunca contou a nenhum dos seus namoricos que dormira com Zee, e Zee tampouco contou a seus namorados.

Não era segredo nem algo do qual se envergonhavam — Zee era aberta e alegremente gay, e Cyrus meio que só acabava junto com alguém, o gênero quase nunca era um critério. Eles achavam impossível descrever o

relacionamento que tinham a terceiros sem exagerar ou amenizar o grau da intimidade que tinham. Então nem tentavam.

Naquela manhã, no descolado hotel Greenpoint, Cyrus tirou o dedão de Zee da sua boca e o colocou na cama com delicadeza, se levantou e foi para o chuveiro. Zee rolou para o lado, dormindo, e grunhiu um grunhido que significava algo como "tchau faz silêncio tenha um ótimo dia shh".

Cyrus saiu do banho e vestiu roupas limpas depressa, tentando não pensar muito em suas escolhas, se decidindo pela mesma calça do dia anterior e uma camiseta preta limpa. De relance, olhou mais uma vez para Zee, que dormia feito uma pedra, e saiu do quarto.

Cyrus chegou ao Museu do Brooklyn por volta de uma da tarde, bem mais tarde do que pretendia, depois de pegar o metrô para o lado errado, ir parar no norte da cidade e ficar perdido e sem esperança. O aplicativo de mapa do celular não servira pra nada. Era a sua primeira vez em Nova York — um fato vergonhoso para um escritor chegando na casa dos trinta — e tentava, desesperado, não dar na cara que estava perdido. Infelizmente, isso só aumentou a sua desorientação. Tinha ouvido uma vez que só turistas olham para cima enquanto andam na cidade, que os nova-iorquinos mantinham os olhos fixos à frente, mas se pegava olhando sem querer as vigas de aço. Para ele, era impossível conceber que seres humanos feito ele tinham erguido aqueles alpes. Esse deslumbramento o fazia se sentir bem, ainda permeável à surpresa, mas também vergonhosamente provinciano.

Por fim, depois de uma perambulação meio desorientada que pareceu durar uma eternidade, entrando e saindo dos vagões para confirmar que estava, sim, indo para o Brooklyn, ele conseguiu encontrar o museu outra vez. Foi pura sorte ter sido tão fácil no dia anterior. Ao entrar, seguiu direto para a sala da *Fala-Morta*, e se surpreendeu ao encontrá-la cheia, com uma longa fila de pessoas esperando para falar com Orkideh. Cyrus viu o mesmo guia do dia anterior — um piercing grosso no septo e brinco de pena — sentado perto da porta da sala, mexendo no celular.

— O que é que está rolando hoje? — Cyrus perguntou a ele.

— Hm? — grunhiu o guia.

— Por que essa fila enorme?

O guia deu de ombros:

— Porque é fim de semana? É sempre assim aos sábados. — E voltou a mexer no celular.

Cyrus entrou no final na fila, atrás de um pai e sua jovem filha, vestidos com moletons de time. Uma parte importante da mente dele odiava todo mundo que estava ali esperando. *Intrusos*, pensou, sem conseguir ver de outra forma. Eram curiosos vulgares querendo babar em cima da mulher agonizante, o "povo comendo amendoins", se espremendo para vê-la sofrer. Cyrus achava que o fato de estar numa missão — e possivelmente, talvez até se tivesse sorte, de estar ali para planejar a própria morte — o isentava desse voyeurismo grotesco, mas enquanto essa ideia se formava na sua cabeça, ele já não tinha mais certeza de que acreditava nela.

Na sua mesa, Orkideh conversava com um homem branco bombado, com a imagem da bandeira dos Estados Unidos em preto e branco na camiseta. Ele tinha o braço direito amputado e falava com veemência, gesticulando aos montes, enquanto a artista dava um sorriso que parecia ser de perplexidade tolerante.

Cyrus olhou o celular. Tinha várias mensagens de Zee sobre seu dia: uma foto de um álbum do Daniel Johnson, cuja capa era o desenho da silhueta do busto de uma mulher. Um *Purgatório* do Dante detonado, abandonado com as páginas viradas para baixo numa poça na calçada. Um cartaz opaco de uma loja genérica com a imagem do Mick Jagger e do Klaus Kinski numa torre de sino europeia ensolarada, para o qual Zee escreveu a legenda: "precisamos disso aqui?" Cyrus respondeu: "precisamos MUITO." Zee mandou de volta três joinhas.

A fila andou um pouco. Cyrus checou as outras mensagens. Uma de uma antiga colega de trabalho de Cyrus, perguntando se ele estava disponível para cuidar do seu gato. Outra, um link do YouTube enviado pelo James Deprê, de uma apresentação antiga da banda The Locust. E uma mensagem do padrinho Gabe, a primeira desde a briga. "Continua sóbrio?", Gabe tinha escrito. "Sim." Cyrus respondeu categoricamente, por reflexo. Olhando de novo, achou que o

ponto final deixou a mensagem meio seca. Depois de alguns segundos, acrescentou: "E você?"

Uma notificação do banco apareceu informando que ele tinha gastado 411% mais naquele mês do que no mês anterior. Cyrus fechou a notificação depressa e guardou o celular. Ele se concentrou em observar o espaço e os visitantes. Uma de cada vez, as pessoas se sentavam diante da artista — um careca com barba grossa de marinheiro, um adolescente de solidéu. Para Cyrus, Orkideh parecia pouco interessada, ou talvez fosse só o cansaço. Deixava os interlocutores falarem mais do que ela. Por uma fração de segundo, desviou o olhar do barba-de-marinheiro e de relance avistou Cyrus na fila. Ele sorriu para ela, e ela sorriu de orelha a orelha — covinhas se formaram acima das sobrancelhas quando fez isso — e balançou a cabeça, satisfeita, antes de voltar a atenção para o homem à sua frente, que olhou para trás, confuso.

Enfim, depois de mais três pessoas se sentarem e se levantarem da cadeira, chegou a vez de Cyrus. Ainda estava se acomodando na cadeira quando, antes que pudesse dizer oi, Orkideh disse:

— Cyrus Shams! Você voltou!

— Mas é claro. Estou na cidade pra conversar com você! — Depois de dizer isso, pensou que talvez aquilo fosse um fardo para a artista, como se a pressionasse a ser brilhante a ponto de fazer valer o deslocamento. Ele continuou: — Na real, também estou fazendo outras coisas. Caminhando por aí, observando, comendo e escrevendo. Mas acho o que você está fazendo muito incrível.

Orkideh revirou os olhos de leve, afastou as palavras de Cyrus com a mão esquerda. Seus dedos eram longos, esqueléticos, as unhas roídas até o talo.

— Quando vim pra Nova York, também fiz tudo isso — Orkideh disse, mudando de assunto. — Passear, observar, passear, observar. Lembra muito Teerã, na verdade. Aqui e ali. Pobres esticando panos na rua para vender porta-retratos, filmes, relógios de pulso. Naquela época, no Central Park, no Park-e Shahanshahi, os ricos botavam os criados para esticar panos na grama para comer fruta com os bebês, para botar as crianças para dormir no sol.

— Nunca fui pro Irã — Cyrus respondeu, envergonhado. Seu desejo era poder concordar, ciente das referências da artista.

— Não?

— Não volto desde que era bebê.

— Não perdeu muita coisa. — Orkideh sorriu. — Gente é gente, em qualquer lugar do mundo. Grama é grama, panos são panos. Países são países.

— Você não tem saudade de lá?

— Bem, não sei dizer. Tenho saudade dos lugares, das comidas. *Noon barbari* fresco, mangas de verdade. Coisas assim.

— Você aproveitou tão bem a sua vinda pra cá…

Orkideh revirou os olhos de novo.

— É sério — Cyrus continuou —, nunca ouvi falar de mais ninguém fazendo algo desse tipo. Digo… com os seus últimos dias, sei lá. É exatamente sobre isso que ando escrevendo, sobre como tornar a morte útil. Sabe-se lá quantas dessas pessoas precisavam falar com você. — Cyrus gesticulou para a fila atrás dele. — Quantas vidas vão ser mudadas… é heroico, é literalmente…

— Está bem, Cyrus — Orkideh disse, firme. — Agora que você já disse isso, podemos deixar essa parte para trás. Podemos só ser amigos agora? E falar como gente normal?

Cyrus ficou estático. Foi tomado por uma sensação familiar de vergonha — sua vida toda fora uma procissão constante dele amando de paixão coisas de que as outras pessoas só gostavam, e se esforçando para traduzir para quem quer que fosse, em geral em vão, como e porque tudo era tão importante pra ele. Percebeu que estava fazendo o que James Deprê uma vez chamara de A Coisa, a coisa de gostar demais de algo, de ficar obcecado de um jeito que para os outros era opressivo.

Como se registrasse o desconcerto de Cyrus, Orkideh continuou:

— Cyrus, é muito bom ouvir que tudo isso importa pra você. Mas me conheço bem, e por isso não permito que ninguém olhe pra mim e me chame de heroína. Ora, por que tenho câncer e algumas cadeiras de metal num museu? — Ela riu, e Cyrus deu um meio sorriso. — Além do mais — sussurrou, em tom conspiratório —, estou chapadíssima de remédios para dor. Quando se está morrendo, te dão umas drogas de primeira.

Ela riu, assim como Cyrus.

— Que hilário! — ele disse, surpreendido pela parte da sua mente que quis logo perguntar quais eram os remédios que ela estava tomando, opioides com certeza, talvez até fentanil. Mas quantos miligramas? Um adesivo? Era algo que sempre pegava Cyrus de surpresa, o fato de que, apesar da sobriedade, seus reflexos de viciado persistiam. *No fundo da mente, seu vício está fazendo flexões, se fortalecendo, esperando que você pise na bola,* um dos veteranos lhe disse uma vez. Cyrus quis mudar de assunto, disse: — Pensei muito sobre a nossa conversa. Não sei do quanto você se lembra…

— Me lembro muito bem, Cyrus. A maioria das visitas não é de meninos iranianos com tendência ao martírio. — Ele riu. — Você é bem estranho! Temo que você tenha nos colocado em todas as listas da CIA!

Cyrus sorriu.

— Me preocupo com isso, sem brincadeira. Ser um jovem iraniano escrevendo um livro sobre martírio, contando por aí que quer virar um mártir. Tem seus riscos, né?

A fila atrás de Cyrus dava voltas na sala. A conversa, até aquele ponto, já tinha durado mais que qualquer uma das anteriores. Cyrus continuou:

— W.E.B. Du Bois, o sociólogo americano, você conhece o trabalho dele?

— Não conheço. Me conte.

— Não sou nenhum especialista, só li muita coisa dele na escola. Escreveu sobre direitos civis, racismo. Me lembro de uma ideia dele de dupla consciência, de como os negros nos Estados Unidos têm que estar cientes da forma que são percebidos pelos brancos racistas. E isso também vale para outros grupos minoritários, sempre forçados a se enxergar pelos olhos das pessoas que os odeiam. Sendo um iraniano mais ou menos mulçumano num país que despreza essas duas coisas, e que além de tudo escreve sobre *martírio* e tem uma séria obsessão com o que essa palavra significa pra mim, na minha vida, na minha morte… É difícil não pensar, sei lá, "o que alguém que me odeia vai achar disso?".

— Por que você se preocupa com o que alguém que te odeia vai achar da sua arte?

— Bem, porque quem me odeia também é dono das armas e das prisões todas. — Cyrus riu.

— Ah, sim, pois é. Tem isso.

— Às vezes imagino a manchete na Fox News: "Manifesto do culto da morte liderado por rapaz iraniano mulçumano é apreendido em Indiana", ou algo assim.

— Não é de bom tom imaginar manchetes sobre a sua arte antes mesmo de fazê-la, Cyrus *jaan*.

— Mas veja bem. — Cyrus sorriu. — Isso também faz parte. O quanto disso tudo não é meu ego? Quanto disso não sou eu querendo ser mais importante do que os outros? Na vida e na morte?

— Ontem à noite, pensei que o seu projeto é parecido com um tipo de arte persa importante, feita de espelhos. Já ouviu falar disso?

— Não. Você pode me contar? — Cyrus perguntou. Sentiu-se a ponto de explodir com a quantidade de coisas que queria dizer para ela, mas também queria muito aprender com Orkideh, queria se sentar aos seus pés para que ela o ensinasse. Egoísta, queria ficar naquela cadeira o dia todo, a semana toda, sem deixar a fila andar. Queria Orkideh toda para si.

— Séculos atrás, uns exploradores safávidas do Isfahan foram para a Europa, para França, Itália, Bélgica, e encontraram espelhos gigantescos por toda a parte. Espelhos enormes, cheios de detalhes, enfeitando os palácios, os grandes salões. Espelhos do tamanho de casas. Eles voltaram e contaram ao xá sobre eles, e é claro que ele quis um bando de espelhos. Então pediu aos seus exploradores, seus diplomatas, que voltassem e comprassem tais espelhos, a qualquer preço que fosse. E eles foram, mas é claro que na volta, carregando aquelas peças gigantescas, elas se quebraram, racharam em bilhões de espelhinhos. Em vez de grandes painéis espelhados, os arquitetos do xá em Isfahan receberam só uma montanha de estilhaços. Então decidiram transformá-los em lindos mosaicos, santuários, cantos de oração.

— Uau!

— Penso muito nisso, Cyrus. Em como os persas passaram esses séculos todos tentando copiar a vaidade dos europeus, que na verdade era seu próprio reflexo. Como ela nos chegou em pedacinhos. Tivemos que nos olhar nesses

fragmentos, e os espelhos acabaram em mesquitas, em azulejos, em mosaicos ornamentados. Nesses lugares, os vislumbres quebrados de nós mesmos viraram algo quase sagrado. — Ela fez uma pausa, tomou um gole de água da caneca branca, e prosseguiu: — Ou seja, na minha humilde opinião, chegamos ao cubismo centenas de anos antes de Braque ou de Picasso ou de qualquer europeu. Talvez tivéssemos um treinamento de anos a fio, sentados diante da nossa complicada multiplicidade, da nossa natureza. Pelo menos, por um tempo. Nada de herói Siegfried puramente bom *versus* dragão puramente mau.

Cyrus sabia que ela se referia ao herói e ao vilão da ópera do Wagner, mas só por causa de uma piada num episódio antigo dos *Simpsons*. Ele fez que sim e Orkideh continuou:

— E olha só o que essa crença no bem *versus* mal fez. Hitler escutava Wagner em Nuremberg. Entende onde quero chegar? Como é reducionista supor que sou uma artista heroica e você um mártir perigoso para a segurança nacional. Nada disso é verdade. Você bem sabe. Sou tão Siegfried quanto você é um dragão.

Cyrus e Orkideh se inclinavam sobre a mesa para conversar, vozes familiares, baixas. Atrás deles, as pessoas da fila começavam a se mexer de modo passivo-agressivo. Uma senhora no meio da fila soltou um suspiro bem alto.

— Sei disso — disse Cyrus. — Mesmo. Talvez uma parte disso seja só eu querendo que a minha vidinha minúscula tenha alguma magnitude. Que seu desfecho importe. — Fez uma pausa, então seguiu: — Para que o eu-ter-vivido importe.

Orkideh sorriu, pousou a mão sobre a de Cyrus. Estava gelada, seca, como uma tela de pintura.

— Não vamos envelhecer juntos, Cyrus. Mas você não consegue sentir que isso importa? Nesse momento?

Quando ele hesitou, ela disse:

— Importa pra mim. Quero que saiba disso. Importa muito. — E aí, olhando para a fila, ela suspirou, se recostou na cadeira. — Você vai vir me ver amanhã, né?

— Sim, claro. Com certeza, estarei aqui. Sim, obrigado. — Quando se deu conta, já estava de pé, se afastando da artista e de sua mesa e cadeiras dobráveis, longe das suas mãos secas e lábios ainda mais secos e da fila que dava voltas, cheia de visitantes impacientes. Andando, de repente de novo em frente ao museu, tomado pelo ar frio de fevereiro, sentiu as palavras da artista, sua voz e mente e presença, explodirem feito um incêndio na sua cabeça. Espelho dos safávidas, desfechos. As covinhas acima das sobrancelhas. *Não vamos envelhecer juntos, Cyrus. Mas você não consegue sentir que isso importa?* Ele *conseguia* sentir, percebeu. Queria ter dito isso.

QUINZE



Me parece uma coisa tão americana, desprezar os sonhos porque não são feitos de objetos, de coisas que você pode segurar e catalogar e colocar num cofre. Sonhos nos dão vozes, visões, ideias, medos mortais e pessoas queridas que já se foram. Nada pesa mais para um indivíduo e menos para um império.

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

KAREEM ABDUL-JABBAR E BEETHOVEN SHAMS

O cenário, um estacionamento vazio alguns andares acima do chão e cercado por árvores, foi a primeira coisa que Cyrus viu. Quase nunca era o caso. Geralmente as pessoas surgiam primeiro e começavam a falar, era assim que os sonhos costumavam começar — não uma ausência de contexto, mas uma ausência da necessidade de contexto. Da mesma forma que um orador eloquente borra o espaço ao seu redor, e dois fazem com que suma por completo. Mas nesse caso, o estacionamento do sonho tomou forma antes dos personagens do sonho. As árvores ao redor da estrutura estavam carregadas de flores maduras, talvez magnólias. Não era bem uma floresta, já que além das árvores havia vastas planícies de grama amarela. Mas as árvores eram muitas, e bem no meio delas, num quadrado vazio perfeito: um estacionamento sem carros, a mais ou menos dez metros de altura.

Dentro do estacionamento, dois homens acabaram tomando forma, um deles uns trinta centímetros mais alto do que o outro. Ambos vestiam uniforme de basquete, o mais alto com óculos de proteção feitos de plástico transparente e short curto amarelo, e uma camiseta colada escrito *#33*. O mais baixo tinha cabelo cacheado comprido da cor de terra úmida, uma calça de moletom da Nike vermelha e tênis Jordan gastos nas cores azul e branco.

— O que você ama? — Kareem Abdul-Jabbar perguntou ao homem mais baixo, que Cyrus identificou como o irmão mais novo que imaginava para si quando era criança. Kareem era comum naquelas cenas, mas Cyrus não via o irmãozinho imaginário fazia tempo: ele não compunha o elenco habitual dos

personagens dos sonhos. Cyrus ficou feliz em vê-lo, feliz em ver como o seu cabelo tinha crescido, já abaixo dos ombros.

— Perdão? — perguntou o irmão de mentirinha do Cyrus, cujo nome era Beethoven, em homenagem ao cachorro de mesmo nome do filme de classificação livre, de 1992. Se pudesse começar do zero, teria dado ao irmão imaginário um nome melhor, mais humano e agressivamente iraniano, Shabahang ou Rostam ou Shahryar. Mas sabia que, uma vez que se nomeia alguém, mesmo que tenha sido quando você era criança, não há como renomeá-lo, então ficou "Beethoven".

— O que você ama? — Kareem repetiu.

— Acho que basquete — Beethoven respondeu. Os dois homens andavam em volta do estacionamento, andando pelas bordas quadradas de tijolo e fazendo as curvas de noventa graus. As árvores assentiam à distância. — Borges. Pecã. Truques de mágica. *Twin Peaks*, provavelmente.

Os dois riram.

— *Twin Peaks*? — Kareem questionou, fazendo careta. — Uau. Então você é desses. Também bebe cerveja IPA? Gosta de fazer trilha nos fins de semana?

Beethoven sorriu.

— Ah, deve ser algo insuportável desse tipo, né? Talvez eu curta muito apresentar *Graça Infinita* pras pessoas. Ou CrossFit. Ou a Tesla.

Os dois riram novamente. Kareem disse:

— Não sei, cara. Você parece que curte ser DJ ou hackear Bitcoins. Ou teatro de improviso.

— Nossa, aposto que mando bem no improviso. Faria muito sentido. — Beethoven passou a mão nos cabelos. Os cachos crepitaram como gás de refrigerante.

— Me conta uma piada — pediu Kareem.

— Não acho que é assim que improvisação funciona — disse Beethoven.

— Não ligo, me conta uma piada. Me faça rir.

Beethoven interrompeu os passos por um segundo. Seus olhos se arregalaram e ficaram néons. Por um momento, pareciam margaridas, de tão amarelos. Depois, ele disse:

— O que o tomate foi fazer no banco?

Kareem deu de ombros.

Beethoven disse:

— Tirar o extrato.

Kareem se encolheu.

— Essa piada é péssima, Beethoven.

Os dois riram. O céu brilhava azul várias vezes em si mesmo, como um espelho girando numa corda. Beethoven levantou os olhos para Kareem e perguntou:

— E você? O que você ama?

— Também amo basquete — Kareem disse, sem hesitação. — Ainda amo. E amo filmes. E jazz. Ouviu falar do incêndio?

— Sim, a sua casa pegou fogo e todos os seus álbuns foram destruídos.

Kareem assentiu.

— Eram milhares. Uma coleção de anos e anos. Coisas raras pra caramba. Insubstituíveis. Meu pai tocava jazz e todos os álbuns dele queimaram no incêndio. Aí todos os fãs do Lakers começaram a me enviar os próprios álbuns, os álbuns da coleção pessoal deles.

— Que estranho — disse Beethoven.

— Estranho? — perguntou Kareem. As árvores floresciam, tinham as copas cor-de-rosa e roxas.

— O que eu quis dizer — Beethoven começou — é que não quero falar por você. Mas me parece que não eram os álbuns físicos que tinham importância pra você, mas as histórias por trás deles. Onde você os encontrou, quais ganhou do seu pai, esse tipo de coisa. E você devia ganhar mais do que 99% das pessoas que te mandaram os álbuns. Devia ganhar várias vezes mais, não é?

— Nossa. — Kareem olhou para Beethoven. — Isso é você falando ou é o Cyrus?

Beethoven se encolheu.

— Como é que vou saber?

Os dois caminharam em silêncio por um momento. Dois pássaros amarelos, pintassilgos-americanos, voaram de direções opostas do terreno e colidiram violentamente no ar. Uma bagunça de penas cobriu o asfalto do

estacionamento. Ali, eles formaram o tipo de balão raivoso e empoeirado das brigas dos quadrinhos. Garras, bicos, pontos de exclamação.

— Pra começo de conversa — Kareem disse —, o importante era os álbuns físicos, sim, sem sombra de dúvida. Não era que nem agora, que dá pra entrar no YouTube e ouvir qualquer coisa. Se eu queria escutar "Nina at Newport", eu tinha que botar o álbum *Nina at Newport* na vitrola. Alguns dos caras que tocavam com o meu pai davam demos de presente pra ele, gravações caseiras. Coisas insubstituíveis.

Beethoven estava começando a suar. Kareem prosseguiu:

— Dá para imaginar como é perder acesso a todas as obras de arte que você mais ama, tudo aquilo que te deu um sentido na vida? Sentido e fluência? Tudo aquilo que fez você se sentir um membro da tribo humana? Que fez você querer estar vivo?

— Não dá — respondeu Beethoven, sincero. — De estar vivo. Não consigo imaginar.

— Imagine tudo o que você tem desaparecendo — Kareem continuou. — Virando fumaça, literalmente.

Beethoven não respondeu. Os dois continuaram andando.

— Então imagine — disse Kareem — que um montão de gente que você não conhece, para quem você é só um mito, começa a te mandar obras de arte que você ama, as que eles amam, as que eles acham que você vai também vai amar. Uma senhora te manda vários discos de clássicos da música. Ou um guri de oito anos te manda um disco do Monkees que ele ama. Imagine como isso se soma ao seu senso de pertencimento. À sua sensação de que a terra é mesmo o lugar certo pra você.

— Nunca tinha pensado por esse lado — Beethoven admitiu.

— É óbvio que não.

— Mas — Beethoven continuou, cauteloso —, mas essas pessoas não conheceram você, não de verdade. Você mesmo disse, você representava um mito para eles. E mitos são histórias que contamos para nós mesmos para que a vida seja tolerável. Para que vidas de merda pareçam valer a pena. Os deuses viviam no Olimpo, uma montanha escalável cujo pico todo mundo podia ver.

— Cara… — Kareem também começou a suar. Enxugou a sobrancelha com a lateral do antebraço direito como se estivesse no final de um jogo acirrado.

— Em que medida a gentileza das pessoas tem a ver com o próprio senso delas de responsabilidade, com a obsessão que elas têm em ser boazinhas? Ta-Nehisi Coates fala sobre "a política da exoneração pessoal…".

Kareem riu.

— Pera lá. Não consigo continuar essa conversa se você for ficar aí citando Ta-Nehisi Coates — Kareem disse. — Se enxerga. Vê o que está acontecendo com você.

Beethoven olhou para a mão, que ficava cada vez mais pálida. Era como se alguém aumentasse o filtro de brilho no Photoshop aos poucos.

— Que droga — disse Beethoven, seu rosto indo de marrom bola-de-basquete para branco uniforme-de-árbitro. — Merda. Que merda.

Beethoven deveria ser só um pouquinho mais novo do que Cyrus, mas agora parecia bem mais velho. Até mais velho do que Kareem. Os longos cabelos pretos tinham cachos selvagens; balançavam junto com os galhos das árvores, ficaram grisalhos. Ele parecia cada vez menos uma pessoa e cada vez mais parte do cenário. Quase meteorológico.

— Às vezes esqueço que você nunca esteve vivo — disse Kareem.

— É bem isso, é — disse Beethoven. — Eu também.

Começou a nevar. Ambos, Kareem e Beethoven, começaram a recitar um verso do poema "A Poem for Epiphany", de Pablo Medina, "o rico não pode comprar neve", e pararam assim que ouviram o outro dizê-lo também. Sorriam. O restante do verso, que nenhum dos dois disse em voz alta, era "e o pobre tem de usá-la na sobrancelha". Cada um via a si mesmo como o rico.

— Me conta outra piada? — Kareem pediu.

— Acho que você não entende nada mesmo de improvisação — disse Beethoven.

— Ou talvez você só seja ruim nisso.

Beethoven mordeu o lábio.

— Tá. Aqui vai: qual é o peixe que faz barulho ao cair?

— Qual?

— O Aaaaa-tum!

Kareem grunhiu, depois caiu na gargalhada, uma risada tão barulhenta que parecia sacudir o chão e o céu.

DEZESSEIS



De: Contra-almirante William M. Fogarty, Marinha dos Estados Unidos
Para: Comandante Supremo, Estados Unidos, Comando Central
Assunto: INVESTIGAÇÃO FORMAL DAS CIRCUNSTÂNCIAS ENVOLVENDO O ABATIMENTO DE UM VOO COMERCIAL PELO CRUZADOR USS VINCENNES (CG. 49) EM 3 DE JULHO DE 1988 (U)

1. Antecedentes da Central de Inteligência.

A Guerra do Golfo

(**1**) A guerra entre Irã e Iraque é a iteração mais recente de um conflito que existe há milhares de anos.

ARASH SHIRAZI

Cuzistão, Irã, maio de 1985

Arman disse que tem um homem como eu em cada pelotão, um Arash a cada quinhentos homens, um eu que mantém seu cavalo longe dos outros cavalos, que carrega o manto na mochila. Um manto preto longo como os cabelos de um deus, um manto de material mais precioso do que seda marroquina, mais preto do que o preto que você está imaginando, preto como a sua mente quando desliga, um preto atômico rodopiando o preto como um desenho de passarinhos, um manto que eu uso por cima das outras roupas, do meu uniforme e arma e bainha de espada, sim, e até do meu capacete, tem um capuzinho preto só pra ele, vai por cima de tudo. Manto preto num cavalo preto à noite. Com uma lanterninha movida a bateria apoiada no pescoço embaixo do capuz. Vi Arman vesti-lo uma vez, ele colocou pra me mostrar como a lanterna iluminava seu rosto à noite, como o rosto não era bem um rosto em toda aquela escuridão, só uma bola de luz, assim como pintaram os profetas nas pinturas antigas com uma bola de fogo no lugar da cabeça, uma bola de luz vestida de preto montada num cavalo preto. Arman me mostrou, ele subiu em Badbadak, esse é meu cavalo o Badbadak, quer dizer "pipa", mas na real quer dizer "vento-vento-inho", Badbadak feito o desenho de um cavalo num livro, assim preto e majestoso, com um pelo extra ao redor dos cascos que faz com que a metade inferior das pernas aparentem também estar de capa, de manto comprido, Arman no Badbadak feito um ponto de luz divina galopando no vento preto e é claro que eu vi, o anjo da coisa toda, é claro que era esse o objetivo.

Um homem a cada quinhentos vestido de anjo, bem assim, iluminado como um anjo da noite, da história e da morte e da luz e da porcaria da guerra sem fim. Tudo precisa ter um anjo, até a morte. Um homem como eu em cada pelotão vira um anjo desse, um homem como eu que liga para a irmã uma vez por mês e manda dinheiro pros pais e come arroz frio e caga uma vez por dia como eu, um homem que sonha com a Mira da feira de lenços florescentes ao redor dos seios, um homem como eu em cada pelotão sai depois da batalha e cavalga usando meu manto, cavalga com a minha lanterna, galopa ao redor dos mortos na guerra e dos que ainda estão morrendo, lhes oferece vislumbres de um anjo que os protege, que está entre eles. É esse o segredo, você não acha, esse pertencimento, estar perto de um anjo quer dizer que você sempre teve razão, todo o seu estremecer e se ajoelhar, todo jejum, a sua cara amarrada, esse pertencimento talvez te mande pro Jannah, um anjo pra te mandar pro Jannah e Riswan, com convicção no coração e sem medo da dor, do sofrimento, do vazio, convicção, sim, de ver um anjo de preto cavalgando no vento, cavalgando na noite, convicção que dure todo o tempo que o sofrimento exige, para você não acabar com tudo, não se matar.

Arman faz isso há séculos. Ele me lembra do Hádice sobre Maomé e o soldado, o soldado agonizando no campo de batalha, com a lateral do tronco aberta por um corte de espada, todos os seus companheiros mortos ou foragidos, o soldado morrendo só, morrendo ali, vendo as próprias tripas, sozinho, mais sozinho do que qualquer um desde Hussain, e pelo menos Hussain estava junto com a família. Então esse soldado agonizante, ele pegou a faca, demorou muito porque tinha pouca força, mas pegou a faca e cortou a própria garganta, demorou um tempo porque a esta altura estava muito fraco e tão cheio de agonia, a agonia porque pouquíssimos seres vivos vão encontrar *alhamdulillah*, e assim ele morreu, o soldado morreu bem ali metade pela lâmina do inimigo e metade pela própria, e ele chega em Jannah, chega nos portões de Jannah onde vê o Profeta, perto o bastante do rosto do Profeta que a paz esteja com ele, o chamando para ir adiante e tocá-lo, para assimilá-lo por inteiro. E chorava, o rosto do santo profeta chorava! O rosto do mensageiro final de Deus que a paz esteja com ele estava chorando quando se afastou do soldado, ele se afastou do soldado sim, o Profeta que a paz esteja com ele

mandou o soldado embora de Jannah, o soldado que passou a vida inteira lutando numa guerra que nunca compreendeu e passou seus últimos momentos sofrendo intensamente na terra foi mandado para outro destino após a morte, o lugar de que nem Arman quer dizer o nome quando me conta essa história, como se fosse o nome de um djinn, é melhor nem dizer. Como se dizer fosse forçar a língua a representá-lo, esse som corresponde àquilo, como algumas coisas censuram o som, censuram a representação, chamamos o sol de sol como se isso significasse alguma coisa, chamamos fulano de herói, fulano de covarde. O Profeta o mandou embora porque ele passou a faca na própria garganta em vez de sofrer que nem homem, essa é a lição, é disso que Arman quer que eu lembre.

Então há homens como eu salpicados em cada pelotão do exército iraniano, homens que cavalgam entre os moribundos para aumentar sua determinação, os homens enviados ao campo de batalha com chaves penduradas no pescoço, chaves para o céu, é isso que lhes dizem, e alguns deles ainda nem são homens, é importante dizer, alguns são meninos com nomes de homens, uma criança chamada Nassir, uma criança chamada Sohrab, chamada Houshang chamada Abbas chamada Pouyan, crianças perambulando de peito estufado como homens usando roupas de homens e com nome de homens, como se os nomes os transformasse em homens, como se vestir botas de homens os pudesse transformar, e eu cavalgo entre eles enquanto morrem para impedir que cortem o próprio pescoço nos momentos finais, para lembrá-los de sofrer com virilidade, homens como eu preservam o pós-morte deles. É isso que Arman diz, "preserve o pós-morte deles", permita que eles reencontrem seus *babas* e *mamabazorgs* e sim, seus profetas, os profetas nos quais só fui capaz de ter uma crença dispersa, como uma luz que acende e apaga num quarto, consigo ver as formas deles de vez em quando, mas nunca com profundidade, nunca com algo que se pareça com profundidade, ou talvez seja o contrário e na verdade consigo ver a profundidade mas nunca as formas, os profetas, os motivos e os meios e até as razões de tudo.

Mas o que eu faço ou não faço ou deixo de acreditar não tem importância. Arman acredita, muitas vezes a testa dele traz a marca do *janamaz* porque

passou muito tempo ajoelhado, passou muito tempo curvado sobre o tapete, mas acho que Arman desconfia de que sou um pouco mais confuso, acho que ele sabe porque sempre me lembra que cavalgo pelos homens, pelos homens moribundos, não por mim, nem mesmo pelo meu país, mas pelos homens moribundos e suas almas desesperadas e corruptíveis. Cada ação será julgada de acordo com a intenção, é isso que ele sempre me diz, cada ação será julgada de acordo com a intenção, isso está em algum lugar do Alcorão. E eu quero mesmo, quero ajudar os homens, se ver uma bola de luz cavalgando no vento os ajuda então é isso que vou ser.

E ainda nem mencionei a espada, a espada que Arman me deu faz um ano, a mesma espada que cada Arman dá a cada eu de cada pelotão, uma espada com a ponta da lâmina dividida em duas presas, duas presas, é sério parecem dentes de um demônio, é claro que essa espada foi feita pra parecer a Zulfiqar, a espada do Hazrat Ali, um detalhezinho extra, apesar de nunca ter feito muito sentido pra mim porque por qual razão um anjo estaria carregando a espada do Hazrat Ali, ou será que eu deveria ser o Hazrat Ali, mas aí por que eu estaria no campo de batalha, ou talvez esse tal de anjo seja um dos guardas do Ali? Enfim, isso significa que tenho que galopar o Badbadak com apenas uma das mãos, porque se deixo a espada na bainha, ela parece uma espada velha qualquer, ela tem que estar em punho para que as duas presas da lâmina reflitam a luz, que sempre é a luz da lua, o luar forte o suficiente para projetar sombras, quando tem uma luz à noite é daí que ela vem.

Queria conseguir me ver ou queria que a Mira da feira conseguisse me ver, sem a luz e sem o capuz mas talvez ainda no cavalo, talvez com a espada, talvez assim ela fosse me amar e passar o lenço em volta do meu pescoço pra me puxar pra perto da sua boca, dos seus seios, mas ela está a centenas de quilômetros de mim agora, ou talvez sejam milhares de quilômetros, milhões, eu vestido de anjo flanando em volta dos homens em sua maioria mortos, em sua maioria indistinguíveis, homens com quem partilhei refeições, histórias, banhos, às vezes naquela mesmíssima manhã, agora sou o anjo deles, galopando por aí feito um anjo, anjo com a espada de presas sob o luar.

Quando me vê, um homem grita *ob*, *ob*, água, água — isso acontece muito, Arman me disse que iria acontecer, os moribundos carregam a sede com eles,

talvez a única coisa que carregam, a sede e a morte, a sede dilacerando o peito de um jeito bem pior do que qualquer espada, do jeito que um leão dilaceraria, e eu não estou autorizado a dar-lhes água, de jeito nenhum é isso que Arman disse quando perguntei pra ele, por que um anjo teria água ele disse, o que faz sentido, mas aí tenho que ouvi-los chorando e implorando e morrendo e fico ali sentado no meu cavalão e na minha fantasiazinha segurando minha espada de mentira.

Na feira, a Mira com os seus lenços tinha uma espada de brinquedo pendurada na tenda, pendurada na tenda com lenços jogados por cima dela. Muito engraçado, uma espada de criança com lenços azuis verdes amarelos brancos pendurados nela. Imagine um lenço branco aqui, imagine a Mira aqui com seus seios, seus lábios, sua espada de brinquedo. Um homem implorou com tanta violência que eu lhe trouxesse água que vomitou, primeiro bile depois sangue, e então ficou quieto. Outro homem me ofereceu um relógio de ouro e aí, quando fui embora, ouvi ele dizer "Mehrnaz, Mehrnaz, Mehrnaz" e achei que estava chamando a esposa, a mãe, até que lembrei que Arman me disse que alguns homens são asquerosos, oferecem a própria esposa, as irmãs ou primas para escapar da certeza da morte. Todos os rostos desses homens escondidos na noite e na lama e na morte, na sua própria morte que é como uma neblina que paira rente aos campos, a morte sendo só uma nuvem rebaixada sobre o vale, e um homem como eu a cada quinhentos cavalga entre os homens junto aos quais ele não lutou, um homem como eu importante demais para lutar, é isso que Arman diz, importante demais embora seja provável que só tenha sido escolhido porque o manto serve em mim, porque sei cavalgar, porque não tinha amigos de verdade nesse pelotão, e Arman diz que é muito difícil manter segredo treinando diversos homens do mesmo pelotão para fazer o que faço, que é importante e secreto demais, então cavalgo entre os meus mortos, olha só essa expressão "meus mortos", como a língua falha repetidas vezes, eu galopo com o meu cavalo, minha pipa, meu vento-vento-inho entre eles, os homens que lutaram onde não lutei e morreram onde não morri.

Eu tento lhes oferecer alguma coisa, fé, determinação, coragem, nos seus últimos minutos, ou últimas horas para alguns sim, ou até últimos dias; um

homem me vê, sua perna direita está inteira arrebentada e atrás dele como o cabelo atrás da orelha de Mira, sua perna arrebentada e sangrando, vejo quando ele me vê e cai no choro, cai sim como uma flor de lótus se desmanchando num pranto de lâminas, ele cai no choro e, soluçando, começa a balbuciar sobre Ayat al Kursi, quase não consigo entender de tão molhado o som que emite mas ele segue adiante todo empoçado, penso comigo, ele diz "o Seu Trono estende-se pelos Céus", balbucia e sorri, ou pelo menos acho que ele sorri, talvez eu tenha imaginado mas acho que não, acho que teve uma pausa nas lágrimas talvez, uma pausa no balbucio, eu não enxergava nem ele nem seus lábios, eu lá sentado no cavalo Badbadak com meu rosto iluminado pela lanterna movida a bateria e está esquentando, a lâmpada agora queima, é sempre assim, "e a sua custódia não lhe causa qualquer dificuldade", o homem diz e nunca tinha soado tão molhado, juro que mesmo agora consigo ouvi-lo sorrir enquanto balbucia, enquanto morre, e parece fazer sentindo naquele momento, balbuciando, o cavalo e o manto e a lanterna quente, sei que ele está sorrindo e talvez eu esteja também, "pois Ele é o Excelso", chega a ser engraçado como está quente, engraçado como é molhado o balbucio do homem, a espadinha boba na minha mão com o luar se encurvando em suas presas.

DEZESSETE



BHAGAT SINGH

1907–1931

Quem sou eu? bebendo do jarro estragado,
tingindo minha túnica da cor da primavera —
dane-se a forca, me botem
num canhão, você escreveu isso também,

profeta escarlate, quartzo rosa,
dói falar com você desse jeito
como literatura, como propriedade privada;
um dia, estarei delicadamente semimorto,

ainda mais ou menos capaz de fazer amor,
e você ainda usará o seu bigodinho
exasperante — é vaidade? se é, então eu a defendo,
a forma como o tempo torna tudo maior,

todos nós lutando como se isso ainda importasse,
e o quadro em branco permanece branco

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

DOMINGO

Cyrus Shams e Orkideh

Brooklyn, dia 3

No seu terceiro dia na cidade, Cyrus chegou no museu dez minutos antes da abertura. Queria bastante tempo para ter uma conversa substancial com Orkideh antes que uma fila se formasse e atrapalhasse o momento. Pegou dois cafés a caminho de lá, sendo o segundo uma pequena oferenda a Orkideh, um presentinho para mostrar que estava pensado nela antes de vê-la. Esse gesto, essa possibilidade, sempre tinha parecido para Cyrus algo particularmente comovente — um lembrete inesperado de que alguém tinha pensado nele quando ele não estava presente. Que alguém tinha encontrado energia e espaço mental de sobra para levar em consideração a vida interior de outra pessoa — ou até se preocupar com ela — parecia meio que um milagre imprevisto. Uma vez, Cyrus leu num site que havia uma palavra para isso: *sonder*. "A compreensão de que todo indivíduo que cruza o seu caminho está vivendo uma vida tão intensa e complexa quanto a sua." Incrível como nomear alguma coisa não diminui em nada o seu choque. A linguagem conseguia ser impotente a esse ponto.

Cyrus também estava ciente da possibilidade de que esse deslumbramento com um fenômeno aparentemente mundano pudesse ser um indício de seu próprio egocentrismo. Afinal, não tinha curado uma doença, só tinha comprado um café de dois dólares. Toda aquela autossatisfação inflada, provocada pelo que era, na verdade, um favor minúsculo.

Ao chegar — mais rápido nesse dia e com apenas um breve período zanzando desnorteado —, olhando pelo vidro os trabalhadores do museu andando de um lado para o outro, Cyrus de repente se deu conta de que teria que jogar fora o copo extra. Seria impossível que esses funcionários — alertas, de olhar sério, usando óculos ousados e vestidos de preto dos pés à cabeça — fossem permitir que chegasse perto das obras de arte com café. Se sentiu um idiota. Olhou em volta, procurando um morador de rua para dar o café, um jeito de atenuar a própria culpa patológica de desperdiçar alimentos ou bebidas. Quando Cyrus ainda era criança, o pai o obrigava a ficar na mesa de jantar até terminar tudo que estivesse no prato, mesmo que precisasse ir ao banheiro, vomitar e voltar para a mesa. Na casa dos Shams, o maior dos pecados era o desperdício.

Na sua vida adulta, esse treinamento culminou nele comendo a parte boa de um morango mofado, pedindo para levar as sobras de comida dos amigos em restaurantes, terminando latas de refrigerante sem gás no dia seguinte. Nas noites movimentadas no Bar do Lucky, na época em que ainda bebia, os garçons juntavam as bebidas abandonadas pelos clientes num único jarro e levavam o líquido turvo para Cyrus. Ele ficava feliz pela bebida grátis e pelo sentimento de preservação que isso lhe trazia, e os garçons ficavam felizes com as gorjetas que ele dava em troca de bebidas nojentas que eles teriam jogado fora.

Ele rondou a entrada do museu por alguns minutos, bebendo o café. Viu uma jovem trabalhadora de salto alto, equilibrando duas bandejas de café com leite gelado. Um homem tatuado, vestido de preto, talvez um garçom que trabalharia no turno da manhã, fez cara feia para os pombos que voavam acima dele, desafiando-os a segurarem seus excrementos até que ele passasse. Por fim, Cyrus viu uma jovem *crust punk* dormindo apoiada nas costelas de um cachorro, um edredom sujo cobrindo os dois. Ele se aproximou para deixar o café ao lado deles, chegou tão perto que o cachorro levantou a cabeça e o encarou, depois a apoiou de novo no chão, sonolento.

Porém, Cyrus ponderou, no último segundo, que talvez conseguisse levar o café para dentro do museu escondido debaixo da camiseta. Talvez conseguisse dá-lo a Orkideh, no final das contas. Talvez o episódio todo fosse um ótimo

modo de quebrar o gelo. Pegou o café de novo de perto da garota punk. Ela continuava imersa no sono. A respiração do cachorro adormecido no ar gelado formava uma fumacinha cinza.

Cyrus jogou seu copo no lixo depois de beber o resto enquanto passava pelas portas do museu. Pagou três dólares (o valor sugerido era dez) e foi até a escada, onde uma mulher desconfiada, de meia-idade, vestida com um terno básico e com dreads até o traseiro, o deteve.

— Você não pode entrar com isso — ela disse, o rosto voltado para o copo de café que Cyrus ainda estava mais ou menos escondendo atrás das costas.

— Ahh, ops! Nem tinha me tocado — Cyrus mentiu, dando a volta e descartando o copo de Orkideh. Doeu ter desperdiçado o café e o dinheiro gasto nele, especialmente porque não o tinha deixado com a jovem punk, que talvez nem fosse querê-lo, que na verdade era um jeito de se sentir bem pela própria bondade, que agora o envergonhava em dobro. Sabia que, se Zee estivesse com ele, teria deixado o café. Zee o fazia querer ser melhor. As orelhas de Cyrus ficaram vermelhas de vergonha.

Quando por fim chegou ao terceiro andar, à galeria onde Orkideh estava, sentada sozinha, descansando a careca esquelética sobre a mão, ele já se sentia ansioso, ansioso quanto ao seu lugar no mundo, sua bondade relativa ou seu egoísmo inevitável. Na porta da galeria, o mesmo guia, de cerca de vinte, vinte e um anos, com o brinco de pena pendurado na orelha esquerda e um grosso piercing de septo, mexia no celular. Levantou os olhos ao ver Cyrus.

— Menos cheio hoje — o guia disse, com um sorriso.

Cyrus sorriu de volta, concordou, contente porque o guia tinha se lembrado dele, porque por um instante foi tratado como parte do grupo.

Ao entrar na galeria, Cyrus tentou absorver a sala como um todo. Se a única tarefa da arte fosse ser interessante, então a sala onde Orkideh estava era arte do mais alto nível. O minúsculo corpo pulsante da artista era engolido por um frenesi inorgânico de roupas, de sombras. A superfície erodida do rosto de Orkideh parecia penhascos e crateras marcianas que, como uma fotografia perfeita, capturavam sob uma claridade deslumbrante o espectro inteiro de luz visível, da luminosidade absoluta à escuridão total. As sombras projetadas na parede ampliavam o abismo entre o tamanho dos objetos físicos — duas

cadeiras dobráveis, uma caneca de água sobre uma mesinha, uma luminária, um caderno e uma caneta — e a escala do seu propósito. E hoje, tinha algo novo — um cilindro de oxigênio, oval e sinistro feito um míssil desativado, do qual saía uma alavanca brilhante e um fino tubo translúcido que se enrolava no chão e subia até as narinas de Orkideh.

Alguém poderia pintar essa cena e pendurá-la ao lado de um Vermeer ou um Caravaggio, compará-los numa dissertação sobre o isolamento, sobre o jogo dramático de luz e sombra contra formas básicas. Era de uma qualidade quase operística, a forma como os contornos simples competiam pela atenção dos olhos — o crânio redondo de Orkideh, as ondas do vestido preto — e de pés descalços de novo, notou Cyrus. O ar parecia mármore endurecendo ao seu redor.

Ao som dos seus passos, o rosto de Orkideh se levantou para cumprimentar Cyrus com reconhecimento e um sorriso genuíno, além de uma terceira coisa que ele não soube decifrar.

— *Salaam*, Orkideh — disse Cyrus, sorrindo ao se sentar na cadeira. — *Chetori?*

Orkideh respirou fundo, deu um sorriso torto. Sempre que expirava, o tubo do nariz embaçava.

— Cyrus Shams, você voltou!

— Como você está hoje?

Quase que imediatamente, se arrependeu. Que pergunta mais óbvia, que jeito ridículo de cumprimentar alguém morrendo de câncer. Foi como se tivesse perguntado sobre o tempo a alguém que tivesse acabado de ser atingido por um raio.

Da sua parte, Orkideh só deu de ombros e sorriu na direção do cilindro de oxigênio.

— Claro. Perdão — disse Cyrus.

— Está tudo bem, Cyrus. Não tenho medo. Por favor, me diga alguma coisa! Me conte algo bom esta manhã.

Cyrus pensou por um momento, mas foi só um.

— Estou trabalhando naquele livro que te falei — ele disse. — Tinha pensado em chamá-lo de *O Livro dos Mártires,* mas agora talvez o chame de

Mártires Terrenos. — Ele olhou para ela e acrescentou rapidamente: — Se estiver tudo bem por você, é claro. A frase é sua.

Orkideh riu.

— É meu presente pra você, Cyrus *jaan*. — Seu sotaque carregado aqueceu a sala. Era como um nascer do sol.

— Obrigado — ele disse, tímido. — Agradeço muito. — Ele fez uma pausa, mirando o rosto da artista, achando-o caloroso, como se de repente estivesse saturado pela sua presença. — Posso te fazer uma pergunta? Uma pergunta… incômoda?

Alguém na galeria ao lado espirrou bem alto e o guia esticou a cabeça para fora da entrada, mas além dele, Cyrus e Orkideh estavam sozinhos.

— É pra isso que estou aqui, não é? — ela disse.

— É?

— Não sei, na verdade. — Ela riu. — Mas acho que sim, provavelmente. Para falar com as pessoas sobre as coisas de que, no geral, elas têm medo de falar.

— Claro — disse Cyrus. De repente, ficou nervoso. — Faz sentido. — Sua nuca suava e se deu conta de que precisava fazer xixi. — Por que você não está passando os seus últimos dias com a família? Com quem você ama?

Orkideh não sorriu para ele, mas também não pareceu ofendida. Deixou a boca aberta por um momento antes de dizer "Cyrus", pronunciando o *r* do jeito iraniano, arrastando o *uuu*.

— Eu sou uma artista. Dediquei minha vida à arte. Só isso. As pessoas entram e saem da minha vida, entram e saem. Via de regra, elas saem. Dediquei minha vida à arte porque ela permanece. É isso que eu sou. Artista. Eu faço arte. — Ela fez uma pausa. — É algo que o tempo não corrói.

Cyrus quis discordar. Esse era o tipo de pronunciamento que suscitava nele um ceticismo imediato — a grandiosidade dele, a certeza. Sentindo a sua hesitação, Orkideh sorriu.

— Não estou aqui abandonada, *azizam*. Tive uma vida muito rica. Comi ostras frescas direto do Mar Cáspio! Visitei o Museu Frida Kahlo na Cidade do México! Fiz amor e caí de amores e também deixei de amar. Fiz arte. Tive muita, muita sorte.

O cilindro de oxigênio chiou. O joelho de Cyrus balançava.

— Qual é o truque, então? — ele perguntou. — O truque para ficar em paz no fim?

Orkideh riu.

— Se eu soubesse, você acha que te contaria?

— Ah, eu acho que sim, é, eu acho. Por que não contaria?

Os dois riram. Cyrus estava começando a ficar mais à vontade.

— Eu te trouxe um café, mas tive que jogar fora antes de entrar — ele contou.

— Ah, que gentil da sua parte, *Koroosh*. — Ela estendeu a mão até ele e fingiu pegar um café invisível do seu lado, depois fingiu beber. — Uhm, que delícia!

Um senhor de cabelos grisalhos compridos e paletó de lã entrou na galeria. Cyrus e Orkideh olharam juntos para ele, e o homem, confuso, deu meia-volta e foi embora.

— Ele deve ter ficado surpreso ao ver dois iranianos sussurrando sorrateiramente numa sala escura — Cyrus disse, e ambos deram risada de novo.

— Mas e você, Cyrus Shams? — Orkideh perguntou. — Se você se tornasse um mártir, não estaria machucando as pessoas que ama?

Cyrus fez que sim.

— É claro — respondeu e acrescentou depois de um segundo: — Mas é difícil prever se essa dor seria maior do que a dor que eu já causo estando aqui.

Orkideh balançou a cabeça.

— Seria bem pior — ela comentou. — Juro. Se você se permitir envelhecer um pouco mais, vai entender.

— Talvez. Minha mãe morreu quando eu era bem pequeno. Meu pai nunca conseguiu superar. Parecia que em muitos sentidos ele se culpava. Talvez ele até me culpasse. Acho que o fato de que eu estava lá dificultou as coisas.

Orkideh se encolheu, analisou Cyrus. Ele era um rapaz bonito, de mandíbula forte. Sobrancelhas altas, grossas. A palavra persa para "sobrancelha" significava, literalmente, "nuvem-acima". As de Cyrus faziam seus olhos parecerem sofridos, tempestuosos, mesmo quando estava rindo.

Eram muito mais velhos e escuros do que o restante do rosto. Vários homens iranianos que ela conheceu tinham olhos como esses. Seu tubo de respiração embaçava mais agora do que antes.

— E tenho amigos, alguns bem próximos. Meu melhor amigo, Zee, veio nessa viagem comigo. Provavelmente ficaria puto comigo pra sempre se eu me matasse. Mas ele também não ia entrar em combustão espontânea nem nada assim. Ele ia entender, com o tempo. Ele já deve entender.

Orkideh respirou fundo.

— Eu tive uma amiga também, uma romancista — ela contou. — E um dia perguntei se ela planejava o desenvolvimento dos livros com antecedência e depois só inseria os detalhes ou se ela avançava na história conforme ia escrevendo. Ela me olhou e, sem pensar nem um momento, respondeu feito um oráculo: "Atrás de mim há silêncio e à minha frente há silêncio." E foi isso. Essa foi a resposta. Não é perfeita?

— É, é uma resposta linda — disse Cyrus, apesar de ter ficado confuso.

— O que quero dizer é que acho que você vai encontrar um final de verdade quando parar de procurá-lo. Finais de verdade tendem a vir de fora para dentro.

Cyrus acompanhava a conversa com dificuldade. Ele tinha muita coisa a dizer, muita coisa a esclarecer e a questionar, mas não conseguia fazer nada além de assentir, grunhindo afirmações vagas. Se sentia acanhado conversando com a artista, como se ela fosse pensar que ele era um *voyeur*, ou uma criança mórbida. Uma nova visitante entrou na galeria, uma jovem, talvez no ensino médio, usando grandes fones de ouvido no formato de orelhas de gato, alternando o peso de um pé para o outro de forma embaraçosa.

— Quando minha mãe morreu, eu era bebê — Cyrus contou, finalmente. — Então só entendi direito o que tinha perdido já bem mais velho. Na real, talvez eu ainda não tenha entendido. Mas teve um dia, quando eu tinha uns quinze ou dezesseis anos, que tomei a decisão de sentir tudo, pra valer. Tipo, não tive um dia para vivenciar a perda da minha mãe quando aconteceu, para passar pelo luto. Então criei um. Matei aula e dei voltas no centro de Fort Wayne, escutando meu walkman, chorando por onde quer que eu fosse, tentando imaginar ela na minha cabeça. Me enfiava em becos e em ruas

desertas e chorava muito, imaginando todos os dias que ela tinha passado sem me ver. Todos os dias que passei sem ver ela. Fiquei desidratado de tanto chorar, senti muita sede. Me lembro de parar num posto para comprar um Gatorade, e o atendente me perguntou se eu estava bem, se precisava de ajuda. Que detalhe engraçado, tinha esquecido isso! A bebida parecia lixo, tão doce que queimava. Mas tomei tudo! Fiquei com muita sede de tanto chorar. Naquele dia, senti de verdade pela primeira vez. Senti toda a dor do luto consolidada, concentrada num único ponto. Como um diamante. Naquele único dia.

— Meu deus. Nossa. — Os olhos de Orkideh tinham começado a lacrimejar enquanto Cyrus falava. Ela fez uma pausa, tomou um gole da sua caneca. O cilindro de oxigênio chacoalhou. Limpando a garganta, ela perguntou: — E depois? Como você se sentiu?

— Aí é que está. Cheguei em casa e jantei e vi TV e fui pra cama. No dia seguinte fui pra escola e nada tinha mudado. Minha mãe não voltou. Meu pai não estava menos triste, nem eu. Continuei a mesma pessoa.

— É claro. Me parece uma coisa muito americana esperar que o luto mude alguma coisa. Como uma ficha que você desconta. Uma fórmula. Passe pelo luto *x* vezes, receba *y* de conforto. Trabalhe um dia nas minas do luto e receba em fichas para a gastar na loja da empresa.

Os dois riram.

— É — Cyrus disse. — Acho que foi nesse momento que comecei a entender isso. E quando meu pai morreu, alguns anos depois, depois que eu já tinha ido pra faculdade, me senti mais pronto. Como se ele tivesse feito a parte dele, me ajudado a entrar pra faculdade. Então pudesse finalmente bater o ponto e ir embora, como se só estivesse esperando chegar o momento em que enfim pudesse descansar. Aí consegui sentir de verdade, e o que mais senti foi gratidão. Tristeza também, claro, mas lembro de me sentir grato por ele ter ficado o tempo que ficou, por mim.

Cyrus percebeu que os olhos de Orkideh ficaram opacos pela umidade — vermelhos e transparentes.

— Meu deus, me desculpa, nós nem nos conhecemos. Não quis jogar isso em você — disse Cyrus.

— Não, tudo bem, é bonito. É exatamente pra isso que estou aqui. — Orkideh sorriu, enxugando cada olho com a manga preta, depois apontando com as costas das mãos para o título da galeria pintado atrás dela: FALA-MORTA.

— Sim, mas você já tem muita coisa pra lidar com o seu…

— Cyrus, ontem uma mulher veio aqui. Me mostrou a foto de uma menininha linda, disse que era sua filha, que ela estava em coma, com morte cerebral por causa de uma overdose de heroína. Me perguntou o que fazer. Se ela deveria… — Orkideh estremeceu, disse as palavras seguintes como se forçasse uma pedra garganta acima: — *Desligar os aparelhos.* — Ela apoiou as mãos na mesa entre eles. — Como é que eu respondo?

— O que você *respondeu*?

— Ah, sei lá. O que eu poderia dizer? Só bobagens. Algo sobre ser uma doença terrível, uma escolha terrível. Acho que ela foi embora decepcionada. — Orkideh tossiu na dobra do braço. — Mas o que quero dizer é que estou feliz de falar com você. É fácil. É bom. Eu gosto.

Cyrus fez que sim, então soltou:

— Estou sóbrio faz alguns anos também. — De repente, se deu conta do que tinha dito. — Ou sem o "também". Quer dizer, também gosto de falar com você. Mas é, é uma doença terrível, você tem razão.

Orkideh abriu bem os olhos.

— Uau, que bom! Você realmente já viveu toda uma vida, Cyrus Shams.

Quando olhou para a artista, percebeu de súbito o quanto seu crânio era marcado por veias. Como elas pulsavam, artérias azuis quase fluorescentes sob a luz fraca. Quando via imagens de pessoas com câncer na TV, o crânio delas sempre parecia achatado, meio fantasmagórico, empoado. Na vida real era bem mais vascularizado, animalesco. Tinha minúsculos cabelinhos crescendo de volta, ele os via agora, tão finos que só os enxergava contra a luz.

— Mas eu deveria estar falando com você sobre a *sua* vida. Para o livro.

— Ah sim, o livro, o livro. O seu livro de mártires. — Ela pronunciou a palavra "mártires" como o remate de uma piada ruim e continuou, sorrindo: — E você ainda acha que vou ser contemplada nesse livro?

— Acho, sim. Na verdade, ainda não tenho certeza. Mas acho que sim. O que você está fazendo aqui. É incrível. Vim de avião até aqui pra falar com

você sobre isso. Nem sei direito o que dizer sobre o que está fazendo, mas é extraordinário.

— Ah, sim, extraordinário. — Ela riu, apontou para o cilindro de oxigênio, que fez um chiado gasoso como que para sublinhar o que ela disse.

— É sim. E eu me sinto muito incompetente. Escrever sobre isso, tentar colocar em palavras. Me parece uma tarefa condenada ao fracasso.

— Como assim?

Cyrus se mexeu, inquieto, colocou as mãos sobre a mesa e depois as tirou. A mesa, feita de um metal preto opaco, guardou a marca das suas digitais por um segundo, como fantasminhas do calor de Cyrus. Estavam ali, depois não mais.

— É que escrevo essas frases onde tento delimitar o luto ou a dúvida ou a alegria ou o sexo etcetera, até que tudo soe tão urgente quanto sinto que é. Mas sei que as palavras nunca vão ser como a coisa em si. A linguagem nunca vai ser a coisa em si. Então já está condenado ao fracasso, não é? E eu estou também, por dedicar a minha vida a essa função. Porque sei que a minha escrita nunca vai fazer com que essas mortes tenham a dimensão que deveriam ter. Nunca vai deter o fascismo ou salvar o planeta. Nunca vai trazer minha mãe de volta, entende?

— Nem nenhuma das outras pessoas naquele voo.

— Exatamente! Exatamente.

A jovem na fila continuava alternando o peso de um pé para o outro de forma embaraçosa, ouvindo música nos fones de gatinho, e atrás dela outras pessoas começaram a entrar na fila, outro jovem com fones de ouvido sem fio e o senhor de cabelos compridos de antes, talvez agora encorajado pela existência da fila.

— Tem sido uma sorte imensa conversar com você, Cyrus Shams — disse Orkideh. — Gosto muito, de verdade. Você volta amanhã para me ver, se ainda estiver na cidade?

— Claro, claro, volto amanhã. — Cyrus tinha muito mais coisa para dizer, mas queria respeitar a fila, queria respeitar o projeto de Orkideh. Deu um gole no copo imaginário de café, e Orkideh deu um gole no dela, sorrindo de orelha a orelha. Então, se levantou. — Posso te dar um abraço?

— Por favor.

Eles se abraçaram e Cyrus sentiu o cheiro dela, uma mistura de água de rosas e loção antisséptica, o primeiro provavelmente usado para mascarar o segundo.

Enquanto saía do museu, sua cabeça girava. Repassou a conversa várias vezes. Nunca tinha contado a ninguém sobre seu dia de luto, nem mesmo ao pai. Nem mesmo a Zee. Quase tinha se esquecido, se esquecido do walkman e do Gatorade. Tentou lembrar o que tinha ouvido — talvez Elliott Smith, ou Billie Holiday. Orkideh tinha sido muito cuidadosa durante a conversa. Tinha visto os olhos dela lacrimejarem.

Queria ter conversado mais sobre martírio, especificamente. Ela se considerava mártir? Uma mártir terrena? Se não, tudo bem pra ela caso ele a considerasse? E a mãe que tinha que "desligar os aparelhos" da filha? Lembraria de estar mais focado no dia seguinte. Ele meio que havia se esquecido de que estava ali para trabalhar no livro. A conversa deles tinha sido tão boa, tão verdadeira. Não teria sido justo forçá-la de forma artificial.

Cyrus estava praticamente flutuando um centímetro acima do chão, envolto em gratidão e surpresa e num sentimento esmagador de simpatia, quando outra parte da conversa surgiu na sua cabeça — "Minha escrita nunca vai trazer minha mãe de volta", ele dissera. E Orkideh respondeu: "Nem nenhuma das outras pessoas naquele voo."

Tentou lembrar se tinha mencionado a Orkideh como a mãe tinha morrido. Sentou-se num banco de praça. Ele tinha falado de Zee, do pai, da morte da mãe; mas não conseguia se lembrar, de jeito nenhum, de ter dito alguma coisa sobre o voo 655.

INTERLÚDIO

Certa vez havia, e como havia. Na terra de Tus havia um menino chamado Ferdusi. Ferdusi era uma criança aventureira, adorava brincar ao ar livre, no meio do vento e do verde. Seu lugar favorito era o uivante rio Tus, um grande córrego que seguia para sempre em ambas as direções, tão largo quanto dez casas. Ferdusi passava horas observando troncos de madeira e espumas branquinhas descerem o córrego, ouvindo o som dos gorgolejos e grunhidos do rio. Às vezes, ele ia com cautela enfiar o pé ou a mão na água até não senti-lo mais, até não saber mais onde ele acabava e começava o rio. Certos dias, ele escrevia poeminhas para o rio, e lia-os apenas para o rio e ninguém mais.

Certo dia, ele caminhou até o rio e descobriu que a água tinha engolido a ponte antiga de pedra que ligava as duas margens. Famílias aos prantos gritavam de um lado para o outro da enorme barreira — irmãos para irmãos, jovens meninas para os pais. Sabiam que as famílias tinham sido separadas para sempre. Diante da situação, Ferdusi gritou:

— Meu povo, vou construir uma nova ponte para nós, mais forte do que a anterior! Uma ponte que nunca vai desaparecer! Nem a chuva nem o vento serão capazes de destruí-la!

— Ferdusi, você é só um menino, e não um ancião — o cordoeiro disse. — Você não tem conhecimento para construir uma nova ponte.

— Ferdusi, você é um menino pobre, e não um príncipe — o vendedor de joias disse. — Não tem dinheiro para construir uma nova ponte.

— Ferdusi, você passa seus dias sonhando acordado e escrevendo versinhos! — o carpinteiro gritou, por fim. — Você não tem disciplina para construir uma nova ponte.

Mas Ferdusi estava decidido. Ele correu do rio para casa e deixou o cordoeiro, o vendedor de joias e o carpinteiro e os outros moradores do vilarejo entregues aos seus lamentos. Nos anos seguintes, os moradores raramente o viam. A mãe e o pai de Ferdusi lhe forneceram água e comida por tempo demais, quando já passava muito da idade em que era ele que deveria lhes fornecer água e comida. Assim ele cresceu e virou homem, escondido de todos a não ser da sua família. Às vezes, algum fazendeiro afirmava tê-lo visto vagando por aí durante a noite, falando sozinho.

Depois de muitos anos de silêncio, numa tarde de primavera, Ferdusi finalmente saiu da casa dos pais e foi ao centro do vilarejo.

— Escrevi um poema para o rei! — ele anunciou. — É o melhor poema que Tus já produziu!

Os poucos moradores que o ouviram mal levantaram os olhos. O sol estava a pino. Uma menina perseguia uma galinha.

Sem perder o ânimo, Ferdusi se preparou para o próximo passo: a longa jornada até o palácio do rei. Ele partiu sozinho e chegou no palácio semanas depois, exausto e quase incapaz de sustentar o próprio peso.

— Quem é você? — o cortesão do rei quis saber quando Ferdusi entrou.

— Eu sou Ferdusi, o melhor poeta de Tus — respondeu. — Escrevi um poema para o rei Mamude!

A confiança do jovem surpreendeu o cortesão, e por isso ele o levou para dentro do castelo para o conhecer o rei Mamude.

— Quem é você? — perguntou o rei Mamude, um rapaz sonolento sentado no trono.

— Eu sou Ferdusi, o melhor poeta de Tus — respondeu. — Escrevi um poema para o senhor.

— Vá em frente — disse o rei Mamude, com pouco interesse. Mas conforme Ferdusi ia lendo o poema, cada um dos vinte dísticos se mostrava impecável, como um colar de pérolas perfeitas. Os olhos grandes do rei começaram a brilhar. — Ferdusi — disse o rei, quando o poema chegou ao fim

—, esse é o poema mais brilhante que já escutei. De fato, você é o melhor poeta de Tus.

— Obrigado, meu rei — respondeu Ferdusi.

— Gostaria que você escrevesse o grande poema do nosso povo — continuou o rei Mamude. — Conte a história de toda a Pérsia. Você pode viver aqui no castelo. Te alimentarei com as carnes mais caras, te vestirei com as sedas mais elegantes.

— O senhor é muito generoso, meu rei. Mas não preciso das carnes mais caras ou das sedas mais elegantes para escrever um poema. Só preciso da casa da minha família em Tus e do nosso rio selvagem. Eu gostaria de escrever esse poema para o senhor. Mas vou escrevê-lo na minha casa, ao lado da minha família.

— Bem, nesse caso, como posso recompensá-lo pelos versos?

— Que tal assim — Ferdusi disse, sorrindo —, eu escrevo o poema, e o senhor me paga uma moeda de ouro por dístico. E só precisa me pagar quando eu acabar o poema.

O rei Mamude ponderou. Que falta de noção os poetas têm! As sedas e as fartas refeições do seu palácio valiam muito mais do que algumas dúzias de moedas de ouro.

— Muito bem, poeta! — disse o rei, sorrindo. — Acordo fechado!

O cortesão redigiu um contrato e, depois de assinado, o rei mandou Ferdusi de volta para Tus em uma confortável caravana.

Por meses, depois anos, Ferdusi escreveu sem parar. Às vezes, os moradores do vilarejo se juntavam em frente à casa de sua família e imploravam que ele saísse na janela e lhes declamasse um trecho do poema. Às vezes, ele lia, e os moradores de Tus soltavam suspiros, gritos, se enchiam de lágrimas. Foi assim que conheceu a esposa, Sara, com quem teve dois filhos, Sohrab e Tahmina. Os filhos cresceriam e se tornariam adultos, mas todos os dias eram iguais: o pai deles escrevia, escrevia, caminhava até o rio toda noite, e depois voltava para casa para escrever mais um pouco.

Às vezes, o rei Mamude, que envelhecia cada vez mais, mandava o cortesão a Tus para encontrar Ferdusi e exigir o poema. Mas Ferdusi dizia, simplesmente:

— Não se pode apressar um poema. Não havia prazo no contrato.

Certo dia, o filho de Ferdusi, Sohrab, se afogou num trágico acidente no rio. Uma tempestade, um colapso. Apesar do sofrimento inconcebível, os hábitos de Ferdusi não mudaram. Todo dia ele acordava e escrevia, escrevia, escrevia.

Por fim, depois de quatro longas décadas tristes, Ferdusi notificou o rei Mamude de que tinha concluído o poema. Os dois eram jovens quando Ferdusi começara o poema; agora o rosto de ambos era marcado por rugas profundas. Ambos tinham filhos e netos. Ferdusi chamou o poema de *Shahnehmeh*, "O Livro dos Reis". Ele o enchera de histórias de reis e heróis persas, batalhas épicas e romances, magia fantástica e erros traiçoeiros. Também colocou nele seu filho, Sohrab. O amor de Ferdusi pelo filho perdido se espalhava por todo o texto, como vinho escuro derramado nas páginas.

Quando o cortesão apresentou o poema ao rei Mamude, o rei ficou furioso.

— Quarenta anos? Isso é loucura. Somos dois velhos agora. E olha só o tamanho desse poema! Deve ter dez mil dísticos!

Quatro camelos robustos tinham sido necessários para carregar o poema até o palácio.

— Cinquenta mil, senhor — disse o cortesão. Ele tinha virado a noite contando os dísticos.

— O que você disse?

— O poema, senhor. Tem exatos cinquenta mil dísticos.

O rei ficou furioso.

— Ferdusi vai receber o pagamento — ele falou. — Mande a ele cinquenta mil moedas. Moedas *de cobre*.

O cortesão assentiu e mandou os servos preparem os camelos.

Quando os servos do rei chegaram em Tus, duas semanas depois, com uma caravana de cobre, Ferdusi só conseguiu rir.

— Meu caros — ele disse aos servos —, peguem esse cobre e comecem uma vida nova longe do traiçoeiro rei Mamude.

Os servos se olharam e levaram o cobre, satisfeitos, animados para começar uma vida nova bem longe do palácio.

— Por que você abriu mão de todo o cobre? — a filha de Ferdusi, Tahmina, perguntou, olhando para ele.

— Aquele tanto de cobre não é o suficiente para pagar uma boa ponte, mas é o suficiente para que aqueles homens comprem um pedacinho de terra, umas cabras.

Como os servos do rei não retornaram ao castelo, Mamude ficou ainda mais bravo. Amaldiçoou todos os poetas e proibiu que qualquer poesia fosse recitada na sua presença.

Mas, um ano depois, uma mensagem curta chegou ao palácio. Era um poema, uma maldição, de Ferdusi.

— Sim, leia! — O rei obrigou o cortesão.

Com cautela, o cortesão leu. Quando chegou nos últimos versos,

> *A justiça dos Céus não vai esquecer.*
> *Se encolha, tirano, diante do meu fogo,*
> *e trema,*

o Rei Mamude teve medo. Não quis demonstrar, mas teve. Ficou apavorado, na verdade. Ele voltou para o manuscrito intocado de Ferdusi, do ano anterior, que juntava pó numa das salas do fundo do palácio. Ao ler os versos de Ferdusi, o rei começou a chorar.

— Oh! Cometi um erro terrível! — ele gritou. Convocou o cortesão, e disse: — Ó, cortesão! Ferdusi produziu o melhor poema de toda a história da Pérsia. Fomos uns tolos! Envie para ele as moedas de ouro, e com juros!

O cortesão carregou os camelos com ouro e os mandou para Tus, e dessa vez ele mesmo acompanhou a caravana.

Depois de quase duas semanas de viagem, a caravana do cortesão encontrou outra grande caravana, muito mais longa, uma caravana composta por muitos dançarinos ágeis e músicos cantando baladas.

O cortesão se dirigiu a quem estava à frente da caravana:

— Sou o cortesão do rei Mamude! Estou em viagem até Tus para encontrar o excelente poeta Ferdusi, para dar-lhe seu pagamento em ouro, conquistado ao longo de uma vida inteira!

Uma roda de pessoas começou a se formar ao redor do cortesão.

— Você não encontrará Ferdusi em Tus — disse a mulher que à frente da caravana.

— Onde ele foi? — perguntou o cortesão.

— Ferdusi morreu — ela respondeu. — Essa é sua caravana fúnebre.

O cortesão viu que todas as pessoas que se juntaram ao seu redor vestiam mantos de luto.

— Oh! O melhor poeta de Tus morreu? O melhor poeta da Pérsia! Que maldição o nosso orgulho, a nossa tolice. — O cortesão caiu de joelhos.

A mulher à frente da caravana deu um passo à frente.

— Sou Tahmina, filha de Ferdusi, o melhor poeta de Tus. Vou receber o pagamento de meu pai e usá-lo para construir a melhor ponte que a Pérsia já viu.

O cortesão concordou de pronto.

Quando o cortesão retornou ao palácio e contou ao rei o que tinha acontecido, o rei enviou os melhores engenheiros reais a Tus. Eles auxiliaram Tahmina e os moradores do vilarejo na construção da "Ponte do Poeta", uma ponte excelente, tão forte que continua de pé até hoje.

DEZOITO



ROYA SHAMS / MÃE

1963–1988

foda-se a metáfora do pássaro caído, com todo o respeito,
a simples pena e os gorjeios de repressão também, a asfixiante
performance de que está tudo bem hoje
afiada o suficiente para cortar uma bigorna ao meio,

sem nem dormitar nem dormir,
nada de segunda-pessoa-do-singular, nada de evocações
de dor sem enredo fazendo tremer as lavandas;

aqui onde os homens lutam por justiça
como um menino se afogando e tentando tirar
a si mesmo do rio pelos cabelos —

rubi jogado numa cova aberta, a tatuagem
do meu velho traficante Zulfiqar — também feia, o tempo
se derramando, insuportável, na verdade, e pestilento,
uma coisa permanecendo tão errada assim para sempre

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

ROYA SHAMS

Teerã, agosto de 1987

Leila ficava muito bem de óculos de sol. Me peguei observando-os, mais observando Leila do que a ouvia. É ridículo dizer que era bonita. Um cavalo é bonito, uma montanha ou o mar são bonitos. Leila, com aqueles óculos de sol, era de outra ordem. Ia além da linguagem. Me sinto frustrada com isso com bastante frequência. Um fotógrafo pode dizer: "Isto aqui era assim." A linguagem só pode dizer: "Isto aqui era parecido com tal coisa."

Tagarelando no carro — sobre astrologia, música punk britânica, gatos selvagens, deuses gregos —, ela era parecida com um cata-vento de estrelas. Um trovão debaixo da unha. Eu a observava, fazia que sim, observava, observava, começava a ficar tonta. Sua calça preta abraçava as coxas potentes. Ela falava depressa, efervescente feito refrigerante gelado. Tinha tirado o lenço, revelando os cachos curtos, e, enquanto eu a observava, notei que o taxista espiava pelo retrovisor, mirando sempre nela. Eu o observava observá-la, às vezes guinando para os lados por não conseguir tirar os olhos do espelho.

— Cuidado! — Leila gritou para ele.

— Você é famosa? — ele perguntou com um sotaque carregado de Bandari.

— Se eu fosse, acha que te diria? — ela perguntou, recolocando o lenço, rindo para mim. Pegou seus cigarros, sem filtro, acendeu um, deu um trago e o passou para mim. Depois acendeu outro para si mesma.

— Abra as janelas, por favor — disse o motorista, de cara fechada, ainda de olho no retrovisor.

Nós abrimos e Leila fumou seu cigarro com prazer. Dei tragos tímidos no meu, olhando a cidade passar pela janela em flashes de luz e som. Sedãs Saipa e Paykans detonados rugiam à nossa volta como equipamentos rurais velhos. Mulheres em *khimars* e *hijabs* iam depressa pelas calçadas, voltando para casa, enquanto jovens rapazes com camisetas brilhantes e apertadas, enfiadas dentro da calça, andavam em bando, fumando e rindo. Ao nosso redor, novas praças e parques bonitos ferviam à noite. Muitas dessas construções recentes, eu sabia, eram antigos cemitérios repletos de prisioneiros políticos executados pelo regime. Botaram gramados em cima das covas coletivas sem lápides, colocaram fontes de água, tudo para mostrar ao mundo que Teerã tinha se tornado imaculado e alegre. Limpo. Uma vez ouvi esse boato: se você fosse levado como prisioneiro, iriam te perguntar "na infância, seu pai rezava, jejuava, e lia o sagrado Alcorão?". Você tinha que responder não, apesar da resposta instintiva ser sim. "Não" significaria que a sua desobediência não era culpa sua. Se você respondesse sim, seria torturado ou enforcado.

De repente, do nada, Leila se virou para mim e perguntou:

— Quem já te viu chorar nua? Não seus pais quando era pequena, mas depois de adulta. Qual foi a última vez que alguém te viu chorar nua?

Olhei de relance para o taxista, que fazia muita força para concentrar toda a energia em fingir que não estava escutando. Mesmo no escuro, pude ver suas têmporas latejando.

— Perdão? — eu disse.

— Eu choro o tempo todo — ela continuou, como se eu nem estivesse ali. — Odeio isso. Sinto vergonha. Não sou frágil, mas às vezes o meu corpo só quer dar uma chorada e não consigo me segurar. É uma traição. Tipo quando alguém te faz cócegas e você ri mesmo sem querer, mesmo doendo. Meu choro é assim.

Concordei.

— Eu sei como é.

— De verdade?

— De verdade — prossegui. — Semana passada eu estava na casa da nossa vizinha Nafiz, cuidando da filha dela enquanto Nafiz pendurava as roupas do lado de fora. A filha é uma coisa novinha em folha, mal é um ser humano, e,

quando a peguei no colo, é claro que ela começou a chorar. E não tinha nada que eu pudesse fazer. Não podia colocar ela em algum lugar, todos os sofás estavam cheios de roupas, a mesa cheia de louças. Foi isso que me pegou. Não tinha nenhum lugar pra botar aquela besta raivosa e em prantos, uivando na minha cara. Então também comecei a chorar. Não consegui fazer com que ela parasse, e depois eu também não conseguia parar. Nafiz se deparou com aquelas duas bestas horrendas soluçando, ofegantes, pegou a filha e em um minuto a bebê parou de chorar. Ela deve ter achado que eu era louca. Foi só porque… eu não tinha onde botá-la. Foi só isso. Não tinha nenhum lugar onde eu pudesse soltá-la.

Levantei os olhos — minha intenção não era lhe contar a história toda, não tinha pretendido aumentar a intimidade entre nós assim tão rápido. Parte de mim esperava que Leila se retraísse, que seus olhos se arregalassem como que para dizer uau, você passou da conta. Mas o que ela fez foi rir.

— É, é isso aí mesmo. É bem disso que eu estava falando. Qualquer um pode te ver chorando. Agimos como se fosse uma coisa importante, mas acontece o tempo todo. Somos uns animais irracionais quando se trata disso. Mas estar ao lado de alguém chorando nu? Isso sim é intimidade. Aí toda a fachada vai pras cucuias. *Isso sim* é o ápice.

Ela expirou a fumaça enquanto falava, e eu ainda não tinha entendido bem sobre o que ela estava falando; portanto, ficamos um tempo em silêncio, aquele silêncio carregado que parece areia sendo despejada ao seu redor, dentro da sua garganta. O motorista costurava pelo trânsito de Teerã feito o senhor de idade que era, direcionando xingamentos abafados aos meninos exibidos, dando buzinadas, balançando a cabeça quando eles abaixavam as janelas para xingar.

Por fim, o táxi chegou num estacionamento perto do lago onde famílias faziam piqueniques. Um lugar velho, muito visitado. O lago era artificial, mas não era recente, não era um daqueles esquemas recentes de acobertamento executados pelo regime. Leila entregou ao motorista um punhado de tomans para pagar pela viagem e eu disse:

— Leila, me deixe ajudar. — Mas ela só revirou os olhos e saiu do táxi.

— Vem comigo — ela disse, retirando o lenço da cabeça e acendendo outro cigarro, as chamas cintilando nas lentes dos óculos de sol. Ela me ofereceu o maço, mas fiz que não com a cabeça. O fato de ela estar andando, e à noite, de cabelo descoberto, me enchia de medo, tanto que eu não queria nem mencionar o fato, temendo que fosse atrair o olhar de outras pessoas. Com seus cachos, camisa branca de botão, calça preta e óculos escuros, ela meio que parecia o Bob Dylan. Seguimos pela trilha de pedestres ao redor da água, um caminho que de tão desgastado era só terra endurecida. Leila andava feito homem, de peito estufado. Eu não conseguia desviar os olhos dela. À nossa direita estava o lago, uma coisa marrom enorme repleta de carpas gordas e lama viscosa. À esquerda havia um muro de três metros de altura que acompanhava a trilha, feito de tijolos decorativos arredondados e acinzentados, empilhados uns sobre os outros com beiradas salientes.

Estava escuro e escurecia cada vez mais, esfriava também, e, quando cruzávamos com outras pessoas caminhando sob a luz fraca, Leila abaixava a cabeça e dizia "*salaam*" numa voz masculina grave, e os homens que passavam retribuíam o *salaam* sem nem pensar, como se cumprimentassem outro homem. Leila então virava para me dar com um sorriso enorme, os cachos curtos balançando livres no ar. O que antes era medo dentro de mim era ofuscado por um fascínio absoluto. A energia dela era contagiante, a alegria de uma criança que encontrara um buraco na cerca grande o suficiente para conseguir se esgueirar por ele.

Depois de vinte, vinte e cinco minutos de caminhada fazendo o jogo de Leila — um homem até respondeu "boa noite, irmão" —, ela parou e se encostou no muro.

— Esse é meu lugar favorito de todo o lago — ela disse.

Olhei em volta. Até que era bonito para uma coisa fabricada. Peixes pulavam para fora d'água de quando em quando, atrás de mosquitos, fazendo ondular a luz refletida na superfície. Mas aquele canto era igual a qualquer outro lugar por onde tínhamos passado — água, trilha, muro de tijolos.

— Por quê? — perguntei.

— Você precisa enxergar melhor para apreciar — Leila respondeu. — Aqui, me ajuda a subir. — Ela apontou para o muro, um metro mais alto do que ela.

Olhei em volta, ninguém estava vindo, olhei de volta para Leila.

— Não é melhor a gente, não sei, voltar? — eu disse. Não era bem o que eu queria, necessariamente, mas achei bom uma de nós perguntar aquilo, só por garantia. Garantia de quê? Aquela pergunta assustadora, na minha mente: *seu pai rezava, jejuava, lia o sagrado Alcorão….*

— Ah, vamos lá! — Leila disse. — A vista é inacreditável.

Soltei um suspiro dramático, então dei um passo em direção ao muro e a ajudei a subir, pude ver de relance sua barriga firme enquanto ela escalava as beiradas dos tijolos. No alto, ela parou, os olhos voltados para o lado oposto ao do lago, e então se virou para mim, agachada para me estender a mão. Era difícil apoiar o pé naquelas beiradas, mais difícil do que Leila fez parecer. Senti meus seios doerem enquanto eu tentava subir, um súbito lembrete daquilo que crescia dentro de mim, e de como durante toda a noite até então eu tinha me esquecido disso. Com um pouco mais de esforço desengonçado — e com mais dor do que me permiti demonstrar —, enfim consegui escalar alto o suficiente para que Leila me puxasse.

No topo, com a respiração ofegante, fiquei olhando. No esparso conjunto de árvores do outro lado do muro, havia três girafas enormes, girafas de verdade, tão perto que podíamos sussurrar para elas. Eu quase caí do muro.

— Shhhhh — Leila disse, vendo meu rosto.

— O que foi?

— São os fundos do zoológico, Roya *jaan* — ela disse. — Esse é o muro. Fica olhando.

Duas girafas mastigavam preguiçosas. Tinham zero interesse em nós. A maior das três dormia no chão com o pescoço enorme enrolado no corpo e apoiado no traseiro. Parecia uma bolsa colossal. Cada girafa tinha os cílios longos dos cavalos, além dos mesmos olhos tristes, como se soubessem que não eram feitas para este mundo. Ou pior, como se soubessem que eram.

— Como foi que você descobriu isso? — sussurrei para Leila, sentada de costas para o lago, com os pés balançando dentro do espaço das girafas. Leila deu de ombros misteriosamente, sorrindo ao meu lado. Ficamos ali sentadas em silêncio por cinco, dez minutos, observando as girafas não fazerem nada,

só ali de pé mastigando com tristeza, eu nunca tinha pensado que uma coisa pudesse parecer tão triste assim ao mastigar.

De repente, uma luz forte se acendeu nas nossas costas. Viramos e olhamos para baixo. Uma espécie de guardinha do parque tinha a lanterna apontada para nós.

— O que vocês dois estão fazendo? — ele gritou. Seu rosto lembrava papel amassado. Leila gritou com a sua voz grossa, imitando um homem:

— Só estamos aqui sentados, *baba*! Nos deixe em paz!

— Desçam daí os dois! O parque está fechando. Vocês não deviam ter subido aí! — Eu via as gotas de suor surgindo na sua testa. Ele provavelmente via as gotas surgindo na minha.

— *Baba*, eu sou soldado! — Leila gritou. — Estou aqui com a minha garota! Você não ama os soldados?

Encarei Leila. Estava incrédula com a situação. Se o guarda percebesse com quem estava falando, que ela era uma jovem mulher sem lenço invadindo um terreno à noite, fingindo ser homem… Era impensável. O que ele poderia fazer.

— Desçam! Daí! Agora! — ele disse, furioso.

— Por que você não sobe aqui e me obriga, *baba*! — Leila explodiu, rindo. Todo o pânico do meu corpo se endureceu e formou um novo órgão empedrado no meu estômago.

O velho guarda fez cara feia para Leila, depois para mim. Por quinze segundos, talvez um minuto, ele continuou ali me olhando, como se só a força do seu desprezo já bastasse para derrubar o muro.

— Leila... — por fim consegui dizer num sussurro, sem movimentar os lábios. A lua brilhava no alto do céu, quase cheia. Parecia puxar todo o meu sangue para a superfície da pele, como se quisesse arrancar meus olhos e ouvidos do rosto.

Então, o guarda disse, rosnando:

— Se ainda estiverem aí quando eu voltar, vou chamar a polícia.

Leila lhe fez um joinha sarcástico com os dois polegares enquanto ele saía depressa, xingando baixinho. Viramos para o outro lado. As girafas permaneceram estáticas.

— O que você está fazendo? — sibilei numa mistura de pavor e admiração.

— Quero ficar aqui sentada com as nossas amigas mais uns minutos — ela disse, apontando para as girafas. — E com você. — Ao dizer isso, ela chegou mais perto e descansou a cabeça no meu ombro. Eu estava afobada demais, de repente atordoada demais para responder, por isso deixei que ela ficasse. A girafa deitada permanecera deitada, piscando os olhos preguiçosamente. Seu grande pescoço enrolado parecia uma espécie de pontuação alienígena.

DEZENOVE



DOMINGO

Cyrus Shams e Zee Novak

Brooklyn, dia 3

Cyrus foi caminhando até um café chamado Luz do Dia, do outro lado de Prospect Park, onde se encontraria com Zee, e se acomodou numa mesinha para dois ao ar livre. Estava frio demais para ficar na área externa, mas ele sabia que Zee iria querer fumar, e não se incomodava com o frio. A cabeça ainda girava por causa da conversa com Orkideh. Como que ela sabia o que sabia? Para sua surpresa, havia outras pessoas sentadas na área externa também, apesar do clima. Uma mulher de maçãs do rosto saltadas, vestida com um casaco grosso e luvas de couro, fumava com elegância e arrulhava ao telefone. Do outro lado do pátio, dois homens brancos barbudos riam e ignoravam as suas mimosas. Portas de carro batiam. Um garçom segurando uma bandeja de expressos olhava em volta, confuso.

Cyrus tinha mandado mensagem para Zee perguntando se ele estava por perto para tomar um café e papear. No idioma particular deles, pedir para "papear" era dizer que precisavam discutir algo bastante urgente, e Zee respondeu com "sem problema" e o endereço daquele café. Cyrus sabia que falar com Zee seria uma trégua dos pensamentos repetitivos, que eram algo como *encontrei Orkideh, contei que minha mãe tinha morrido, Orkideh mencionou um acidente de avião, eu não falei pra ela sobre o acidente, encontrei Orkideh…*

Cyrus sentiu o celular vibrar, era uma mensagem do seu padrinho, Gabe. "Você ainda continua sóbrio?" Cyrus digitou: "ainda continuo sim. e vc?" Gabe respondeu: "Estou sim. Continua bravo?" Cyrus fez uma pausa. "Não

sei. acho que não", digitou. Um respiro. Então, três pontos apareceram indicando que o padrinho estava digitando. "Muito bem", Gabe escreveu, finalmente.

Cyrus sorriu a contragosto. Lembrou de ter lido uma vez que crianças que perderam um dos pais tendem a tratar o outro mal, um jeito inconsciente de testar se podem ou não confiar que ele vai permanecer ali, incondicionalmente. Cyrus nunca tinha feito isso com o pai; no entanto, não tinha lembranças da mãe. Sua perda era totalmente abstrata. Era muito difícil para ele, nesse momento, se ver como alguém involuntariamente submetido às mesmas tempestades psíquicas previsíveis de todos os outros seres humanos do planeta. Também lhe era doloroso aceitar a naturalidade com que tinha escolhido esse John Wayne grisalho do centro-oeste como seu pai de verdade. Mas ele sabia que podia confiar que Gabe permaneceria. Isso era claro.

Clicou para sair das mensagens e, ainda esperando Zee e navegando pelo aplicativo de notícias, viu uma foto do Presidente Insolente trocando apertos de mão com um grupo de empresários estrangeiros. "Presidente Insolente" era o apelido secreto que Cyrus e Zee tinham dado ao atual presidente, já que os dois achavam que chamá-lo pelo nome seria uma legitimação do seu poder, como se o cara pudesse misticamente sentir um estranho arrepio de prazer sempre que alguém, em qualquer lugar do mundo, o chamava pelo nome certo. O Presidente Insolente dava um sorriso pretensioso para a câmera. Cyrus apertou o botão do lado do celular para apagar a tela e ficou ali sentado, pensando em Orkideh, em Zee, no Presidente Insolente.

Cyrus ponderava às vezes como a noção de liderança no Ocidente (um termo que ele sempre achou estranho — ocidente em relação a quê? A terra era uma esfera onde cada lugar estava ao oeste de todos os outros — chamar os Estados Unidos de "o Ocidente" e o Irã de "Oriente Médio" implicava que a Europa era o centro) tinha a ver com o conceito de um Deus Cristão infalível. Como os melhores líderes dos Estados Unidos declaravam estar seguindo o que era "a vontade de deus", era isso que eles diziam, que esse era o horizonte que os líderes estavam sempre tentando alcançar, "a vontade de deus", com toda a sua convicção inflexível. Cyrus pensou no Presidente Insolente, um homem que era a exata caricatura de um demônio, para quem as ideias

dantescas de inferno pareciam ter sido feitas sob medida. O tipo de homem cuja afirmação inabalável da própria genialidade parecia, para o público americano, sobrepujar todas as evidências observáveis do contrário.

Somente numa cultura que glorificava ser infalível acima de tudo é que um homem como o Presidente Insolente poderia ascender ao poder — um homem que desde o nascimento fora protegido de qualquer noção de responsabilidade, criado num casulo intocado de riquezas herdadas, apenas para emergir intocado, fresco e totalmente alheio a essas irritantes fraquezas mortais, a dor e a dúvida.

Até Jesus teve suas dúvidas, seu momento de *"eloi eloi lama sabachthani"* na cruz, cético de tanta dor e dúvida diante do seu próprio sofrimento, evocando o Salmo 22 para tentar se acalmar, amenizar a própria agonia. Ou Maomé que, obrigado a transcrever a palavra de Deus por ninguém menos do que um arcanjo, protestou com Gabriel, várias vezes, dizendo que ele *não sabia escrever.* A sua dúvida era tanta que ele disse isso na cara do anjo. Imagine só! Esqueça os profetas, os santos — para liderar no mundo novo, era preciso ter toda a infalibilidade e nada de dúvida. Nada como uma lâmpada piscando num apartamento em Indiana que poderia ou não ter sido a voz de Deus.

Sentado ali, na mesa do café, tentando atualizar os mesmos sites que ele tinha acabado de ver no celular, Cyrus pensou em como seria um líder agressivamente humano. Alguém que, ao invés de defender posturas incorretas datadas de décadas atrás, dissesse: "Bem, é claro que mudei de ideia, informações novas surgiram, essa é a definição de pensamento crítico." Diante da impossibilidade de conceber um líder político capaz de dizer essa frase, Cyrus ficou bravo, depois triste.

É claro que o próprio Cyrus não estava imune a essa forma de pensar. A ideia para seu livro era toda baseada nisso. Ele queria ter uma vida perfeita o bastante para morrer sem criar uma onda de dor atrás de si, como um mergulhador olímpico que corta a água da piscina sem causar nenhum respingo. O deslumbramento estaria no quão pouca água se moveria, como se as profundezas parecessem engoli-lo por inteiro sem sequer abrir a boca.

Cyrus olhou ao redor do pátio. Um cheiro de pão no ar, e de café. Pessoas lindas de morrer andando pelas ruas, parecendo ocupadas, mexendo no

celular. Ainda sem sinal de Zee.

Uma vez o pai de Cyrus contou sobre o jeito como sua mãe aprendia as coisas, que, quando ele fazia uma pergunta para a qual ela não sabia a resposta, ela anotava num caderninho que levava para todo lugar e, assim que tinha tempo, ia à biblioteca pesquisar as respostas. Por que os vagalumes brilham? Uma reação química cem vezes mais eficiente do que a de lâmpadas. Por que tem sal no mar? A água da chuva dissolve os minerais das pedras. Ela copiava até os diagramas dos livros no caderninho. Fotócitos, erosão.

Até o pai de Cyrus, que sempre fora um homem reservado, evitava mencionar saberes que não provinham da sua experiência, mas é claro que não compartilhava da ávida curiosidade da esposa. Preferia ignorar esses questionamentos ou mudar de assunto. Cyrus se orgulhava de ser descendente de pessoas que ficavam à vontade com a incerteza. Ele mesmo sabia pouco de qualquer coisa e fazia um esforço para se lembrar disso. Tinha lido uma vez sobre uma oração Sufi que diz: "Senhor, aumentai a minha perplexidade." Essa era a oração na íntegra.

Cyrus pensou sobre as outras pessoas na fila, esperando para falar com a artista moribunda, como pareciam desesperadas ao se lembrar delas, e como Orkideh ainda assim os acolhia com um sorriso, talvez chapada. A performance da certeza parecia ser a raiz de tanto sofrimento. Todo mundo nos Estados Unidos parecia estar com medo, dor e raiva, faminto por uma luta que pudesse ganhar. E, mais do que isso, todo mundo parecia ter certeza de que o estado natural das coisas era estarem felizes, contentes, e ricos. A gênese da dor de todos tinha que ser externa, tal era a sua certeza. E assim os legisladores legislavam, construíam muros nas fronteiras, impedindo os cidadãos de *lá* de entrarem *aqui*. "A dor que sentimos vem deles, não de nós", diziam os cartazes, e as pessoas aplaudiam, certas de sua certeza inabalável. Mas, no dia seguinte, acordavam e se davam conta de que a dor deles continuava doendo.

Cyrus bebia seu segundo café, absorto pelo frenesi da própria mente, quando Zee surgiu do meio da multidão de pedestres. Vestia uma camiseta branca com letras vermelhas que diziam LIGHGHT, calça preta larga e os Crocs camuflados que lhe eram característicos. Trazia uma sacola de papel pardo

com os achados adquiridos ao longo da manhã, vasculhando as lojas de vinil do Brooklyn — tinha levado pouquíssimas roupas na viagem para deixar espaço na mala para discos. Zee sorriu quando viu Cyrus acenando para ele.

— Ah, o Brooklyn! — disse Zee, com um sorriso largo. — É um colírio para os olhos de um velho nova-iorquino como eu!

Cyrus não pôde evitar um sorriso.

— O que você achou de bom? — perguntou enquanto Zee se sentava na cadeira.

Zee exibiu contente os seus achados — um disco da fase acústica hippie do Tyrannosaurus Rex (certa vez, durante a graduação, Zee tinha encomendado um monte de *Tiger Beats* velhos no eBay e cortado uma quantia suficiente de imagens desfocadas do Marc Bolan para cobrir uma parede inteira do apartamento), um disco desgastado ao vivo da Dinah Washington (Zee fazia um monólogo às vezes sobre como a falha na voz dos cantores de jazz nos vinis era o som de um acontecimento emocional tão urgente que não cabia no meio designado para a gravação, Cyrus sabia que ele tinha tirado isso de um livro do Brian Eno, o que não fazia com que fosse menos verdade).

Cyrus tentou reunir todo o entusiasmo que tinha, sabendo que Zee adorava essas coisas, mas era óbvio para ambos que ele estava distraído. Quando o garçom, vestido com um casaco preto acolchoado, chegou e anotou que Zee queria chá quente, Cyrus começou a recontar a conversa que tivera com Orkideh naquela manhã, sobre o café e o dia-de-luto pela mãe, e depois a estranha menção da artista ao voo, o voo que Cyrus nunca tinha mencionado.

— Tem certeza que não falou disso sem querer ontem? — Zee perguntou, misturando mais leite no chá.

— Sim, tenho tipo 99,9 por cento de certeza. Certeza quase absoluta. Lembro de ter dito que ela morreu, mas não consigo nem conceber o porquê ou quando eu teria explicado como.

— Será que ela pesquisou no Google ou algo assim?

— Não consigo pensar em nada que ela teria pesquisado que ligaria meu nome àquele voo.

Ele já tinha escrito sobre o voo, é claro. Ele era órfão; já tinha escrito bastante sobre ambos os pais ao longo dos anos. Mas os poucos poemas que

tinha compartilhado com o mundo estavam em revistinhas feitas à mão, e não na internet, até onde ele sabia. E até esses tinham sido escritos depois de ficar sóbrio, quando a poesia se tornara o lugar onde ele colocava seu corpo físico, uma coisa que poderia fazer por algumas horas, sem se preocupar em acidentalmente tirar a própria vida. Era isso que a poesia era para ele naquela época, uma tábua de madeira boiando no oceano. Quando Cyrus se agarrava a ela, mal conseguia manter a cabeça para fora d'água.

Era compreensível que esses poemas todos girassem em torno da sua reabilitação, que na época era tão incerta, tão monolítica e abrangente, que não deixasse nenhuma outra luz entrar. Com certeza, a morte dos pais influenciava sua escrita, mas, em tudo o que Cyrus já tinha oferecido ao mundo, em tudo o que tinha compartilhado no microfone aberto, ele nunca as tinha mencionado diretamente, de nenhuma forma explícita ou óbvia.

Ele vacilou, juntou coragem para dizer o que estava pensando desde que saíra do museu. Algo quase inconcebível, mas ainda assim uma possibilidade que precisava ser riscada. Olhou direto para Zee e perguntou:

— Você não foi ver ela sem mim, não é?

Zee arregalou os olhos.

— Como é?

— Tipo, depois que fui embora ontem, você não foi lá falar com a Orkideh sobre mim?

Zee sorriu.

— Ah, sim, claro, estou trocando mensagens com ela esse tempo todo, esperando você se dar conta. Ela vai dar uma passadinha lá no hotel mais tarde, assistir ao novo filme dos Vingadores com a gente.

Cyrus sorriu também, revirando os olhos.

— Sério, cara, que porra é essa? Você me conheceu ontem? Às vezes acho que você nem presta atenção em mim — Zee disse. Ainda sorria, mas agora de forma menos convincente.

— É que não consigo entender por que ela disse aquilo sobre o voo.

Zee deu um suspiro, perguntou:

— Será que ela conheceu o seu pai ou algo assim? Lá no Irã? Não consigo pensar em nenhuma outra forma.

Cyrus ponderou. Achou improvável. Da vida no Irã, seu pai só falava com Arash, o irmão da sua mãe, e não mais do que uma vez por ano, no Nowruz. Os avós de Cyrus tinham falecido há tempos. E dada a condição precária de Arash, que nunca saía de casa, ele achava impossível que Orkideh o conhecesse.

— Acho que não. Mas não é impossível — Cyrus disse. — Não sei muito sobre a vida da Orkideh, na verdade. Se ela conhecesse o meu pai, teria falado alguma coisa, não teria?

— Eu acho que sim. Já pesquisou sobre ela? — Zee perguntou, fazendo sinal para o garçom para pedir mais água quente. Os discos ainda estavam espalhados pela mesa, e a parte interna do restaurante enchia cada vez mais. O garçom lhe pareceu nervoso e meio incomodado porque eles não tinham pedido nada para comer.

— Só por alto naquela hora com o James Deprê, antes de sairmos da Indiana. Mas não a fundo, não. Vou pesquisar de novo.

Ao dizer isso, ele pegou o celular e abriu uma aba nova, escreveu "artista orkideh". Quando a pesquisou, antes da viagem a Nova York, tinha visto só algumas imagens no Google, tentando ter uma ideia dos seus projetos. Tinha visto algumas fotos profissionais dela, a maioria sob uma iluminação preta e branca, dramática, Orkideh com rosto sério. E um punhado de obras também: muitas fotos pareciam ser do mesmo espaço amplo de exposição, cheio de caixas de papelão picotadas, com o logotipo de empresas como FedEx e outras empresas de entregas internacionais, rasgadas e enchendo a sala até a altura do joelho — eles andavam em meio às caixas quase como se fosse uma piscina de bolinhas, só que de papelão picado. Outra exposição era de uma sala vazia com uma espécie de dispositivo mecânico que, ao ser ativado através de um botão, colocava sorvete numa cumbuca no centro da sala, que ao transbordar, formava poças pelo chão. Viu a imagem de pinturas, muitas delas abstratas, pelas quais tinha passado sem muito interesse, em busca de algo mais figurativo para ter uma noção de quem era a artista. E claro, tinha encontrado bastante material promovendo a sua última instalação, *Fala-Morta*.

Entrou na sua página da Wikipédia e ficou chocado com a pouca informação que tinha ali. Para alguém com um trabalho importante no

Museu do Brooklyn, ao lado das obras de Judy Chicago e Mark Rothko, Cyrus tinha imaginado uma página com várias seções — Vida Pessoal, Carreira, Prêmios, Polêmicas, Leia mais. Mas era só isso que constava em "Orkideh (artista)":

"Orkideh (ارکیده) é o nome artístico de uma iraniana que trabalha com artes visuais e performáticas. Ficou muito conhecida pela sua exposição de 1997, 'ENTREGA E MANUSEIO', que fez parte da Bienal de Veneza. Apesar de ser notoriamente reclusa e evitar entrevistas, revelou ter ido embora do Irã pouco depois da Revolução Iraniana (hiperlink). Suas obras falam de temas como solidão, exílio, guerra e identidade. Em 2005, ela se divorciou da esposa, a galerista Sang N. Linh. Em 2017, a Galeria Linh anunciou que Orkideh foi diagnosticada com câncer de mama em estágio terminal e que passaria suas últimas semanas de vida vivendo no Museu do Brooklyn, fazendo uma performance chamada *Fala-Morta*."

A página tinha alguns links e citações — uma publicação de 2009 no *Artforum* era a fonte do trecho sobre a saída do Irã. E havia um link para o site da Galeria Sang Linh, que Cyrus clicou. O site carregou depressa; na página inicial, tinha uma colagem de diferentes artistas representados pela Linh — entre eles, um casal de escultores colombianos, marido e mulher, que faziam reproduções em bronze de divindades mesoamericanas repaginadas, e um artista de Atlanta que fazia móbiles enormes a partir de fotogramas de filmes da *nouvelle vague* francesa. Uma foto de Orkideh, mais jovem, com uma cabeça cheia de longos cabelos pretos ondulados, estava quase no fim da página — continuava lá, observou Cyrus —, o divórcio parecia não ter afetado a relação comercial de Orkideh e Sang. Cyrus apertou a foto dela com o dedão.

No topo da página de Orkideh, havia um cartaz da exibição *Fala-Morta* no Brooklyn, a mesma divulgação que Cyrus tinha visto em Indiana. Abaixo, os nomes e as fotos de exposições anteriores: *Jigaram*, *Menos Quarenta*, *A Densidade da Compreensão*. Cyrus desceu a página e uma obra chamou a sua atenção.

Era uma imagem retangular, uma pintura, mostrando um campo de batalha repleto de soldados mortos, muitos de bigode, muitos feridos, muitos deitados em poças de sangue. E no meio do campo de batalha: um enorme

cavalo preto, e em cima dele a silhueta preta de um cavaleiro vestindo um manto preto e comprido. O cavaleiro estava envolto por uma luz amarela, lembrando uma auréola, e na parte da frente do manto havia uma linha prateada — um zíper. A artista tinha criado, com a luz, uma espécie raio-X que permitia que o espectador visse através das vestes pretas do cavaleiro onde, iluminado por dentro, estava o corpo de um menino nu e assustado, encolhido, agarrando o cavalo em desespero. Uma expressão de pura agonia atravessava seu rosto, quase como uma máscara de kabuki, mas não era máscara, era o rosto do cavaleiro, o homem-menino nu sob as vestes pretas, cavalgando em meio aos mortos.

O fôlego de Cyrus ficou preso na garganta como um punho cerrado. Passou o celular para Zee e contou a ele sobre o tio Arash, contou que ele era o soldado que usava o manto preto e cavalgava entre os mortos na Guerra Irã-Iraque.

— Meu deus, que *loucura* — Zee disse, quando Cyrus terminou de falar. — É verdade isso?

— É.

— É insano que alguém tenha feito uma coisa dessas. É insano que seu tio tenha feito. — Chegando mais perto da imagem, Zee disse: — *"Dudusch"*? É o nome da pintura. O que significa?

— Irmão — Cyrus respondeu. — Em farsi quer dizer "irmão".

VINTE



O QUE PODE LEVAR UM MÁRTIR AO MARTÍRIO:

- deus
- beleza
- família
- terras
- amor
- história
- justiça
- desejo
- sexo

Mártir. Quero gritar isso num aeroporto. Quero morrer matando o presidente. O nosso e todos os outros. Quero que cada um deles tenha tido razão em me temer. Razão em ter matado a minha mãe, em ter destruído o meu pai. Quero ser merecedor do grande terror que a minha existência inspira.

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

DOMINGO

Cyrus Shams e Zee Novak

Brooklyn, dia 3

Naquela noite, Cyrus e Zee pediram pizza e ficaram no quarto de hotel assistindo ao pacote básico de canais de tv, que contava com hgtv e reprises de *The Office*. Zee falou que mesmo não fazer nada parecia luxuoso em Nova York, a cidade onde se pode fazer qualquer coisa. Ele ficava repetindo "custo de oportunidade", e que o custo da oportunidade de não fazer nada naquela cidade era tão alto que parecia ostentação.

Cyrus tinha planejado caminhar pelas ruas, observar gente, talvez ficar à toa num bar qualquer bebendo Coca, mas Zee fez sua contraproposta absurda porém charmosa, e Cyrus concordou. A pizza era metade de abacaxi, e Cyrus disse sem pensar alguma coisa sobre achar ruim ter fruta na pizza, o tipo de amenidade vazia que se diz só por dizer, ao que Zee respondeu afirmando que "fruta" era um termo botânico, "vegetal" era um termo culinário, e que tais distinções não faziam nenhum sentido. Cyrus riu, tirou um abacaxi perdido na sua metade de queijo e jogou-o em Zee. Comeram felizes na cama, a caixa de pizza apoiada numa toalha dobrada entre eles, os olhos fixos na tv de tela plana exibindo reprises da série.

— Nunca que iam poder fazer uma coisa dessas hoje — disse Zee sobre o episódio em que um dos personagens afirmava ter inventado um *gaydar* depois que um dos membros tinha sido tirado do armário contra a sua vontade.

— Você acha?

— Claro, de jeito nenhum. Acha que poderiam?

Cyrus pensou um pouco.

— Acho que não. Mas talvez seja esse o objetivo.

— Não entendi o que quis dizer.

— Tipo, ninguém poderia fazer *The Honeymooners* ou *Cheers* hoje em dia também.

— *Cheers* era aquele programa com o Archie Bunker? — perguntou Zee.

— Não, aquele era o *Tudo em Família*. Mas esse também era foda. Esse tipo de comédia está sempre no limite do que é permitido dizer em determinada época. E o limite fica mudando. Com o tempo. A Janela de Everton ou sei lá.

— Overton.

— Quê?

— Janela de Overton, não Everton.

— Ah, que seja — disse Cyrus, com um suspiro. — Mas isso acontece o tempo todo. Estou sempre com medo de reler os livros que eu amava quando era criança porque sei que vai ter alguma merda absurda lá.

A TV exibia o comercial de algum tipo de remédio — uma mulher de cabelos brancos com roupas em tom pastel pulava num trampolim com dois menininhos.

— Eu reli *A redoma de vidro* um ano atrás, e poxa — disse Zee —, tive que pular algumas páginas.

Cyrus riu.

— É bem isso. Não leio esse livro desde o ensino médio e lembro de ter ficado de cabelo em pé já naquela época. O que é aquela cena onde ela chuta o cara por ter servido dois tipos de feijão? — Ele deu uma mordida na pizza. — Mas é assim que ainda me sinto sobre todas as coisas do John Hughes.

— Sim! — exclamou Zee. — *A garota de rosa-shocking* é muito errado.

— Né? E tem aquele personagem, o Long Duke Dong ou sei lá, que mesmo quando era criança eu achava perturbador.

— Sim, sim. A sua higiene ética sempre foi impecável, meu bem — Zee provocou. — Mas eu tinha me esquecido disso, do Long Duk Dong. Como foi que aquilo aconteceu, mesmo naquela época?

— É disso que estou falando! Essas merdas estão em todo lugar. Não é nem mais coisa só de velhos brancos. A Adrienne Rich era uma feminista radical

que excluía trans. A Sontag anunciou que ela estava "dando as costas" para a Gwendolyn Brooks.

— Tá vendo? É por isso que todo mundo deveria fazer como eu — Zee disse. — Estar certo sobre tudo e ficar de bico bem fechado.

Cyrus riu e encostou no braço dele. Na TV, um comercial da Adidas estrelado por um jogador de futebol que nem Cyrus nem Zee sabiam quem era.

— Vou tomar um banho — Cyrus avisou. — Você precisa de alguma coisa?

— Se eu preciso de alguma coisa… do banho?

— Ha-ha. Você precisa de alguma coisa no geral?

— Você consegue atrasar a entropia crescente do mundo? Corrigir o colapso ecológico irreversível?

— Não consigo — disse Cyrus, sorrindo.

— A escalada global do fascismo?

— Não.

— O novo kit de bateria da New Vistalite?

— Sinto muito.

— Tá, então eu estou de boa — disse Zee, com um sorriso irônico.

Cyrus entrou no banho. Depois, quando ele surgiu ainda molhado, vestindo só uma toalha, o amigo deu batidinhas na cama e desligou a TV. Zee parecia firme, cheio de vida, feito madeira nova. Cyrus soltou a toalha e entrou debaixo das cobertas.

Depois, Zee quis fumar um cigarro e Cyrus o acompanhou até a frente do hotel. Dentro do saguão, gente chique de trinta-e-poucos-anos bebericava coquetéis superfaturados e tentava conversar apesar da altura da música eletrônica.

— E como que é amanhã? — Zee disse.

— Como assim, no museu? — Cyrus perguntou.

— Isso, qual é o plano? — Zee enrolou um cigarro no automático, tabaco Bugler no papel seda, filtro no papel, como se pudesse fazer isso com uma mão só, caminhando no sereno.

Cyrus refletiu.

— Bem, acho que vou perguntar a Orkideh como ela sabia o que sabia.

— E o que acha que ela vai dizer? — Zee encaixou o cigarro entre os lábios.

— Não pensei além desse primeiro passo — disse Cyrus, sendo sincero.

— Só não quero que você acabe perdido que nem cego em tiroteio — disse Zee — ... ou algum sinônimo dessa frase que não seja capacitista.

— Não quer que me machuque?

— É, mas também não quero que seja pego de surpresa. Que fique surpreso-machucado.

— Obrigado, Zee. Mas assim, o que é que ela pode dizer? Meus pais estão mortos. Não tenho irmãos, não namoro ninguém. Estou sóbrio faz dois anos, o que significa que já tive dois anos a mais de vida útil do que deveria.

— Quem disse?

— Hm?

— Quem decide o que você "deveria" ter tido?

Cyrus deu de ombros.

— É que passei do ponto, passei do ponto em que eu poderia ter morrido mas não morri, e foi sem nem perceber. Sem nem me dar conta de que passei. E depois disso, tudo é bônus, sabe? Seja lá o que a Orkideh disser, que conhecia meu tio ou que fez uma pesquisa profunda no Google, vou colocar isso no meu livro e aí vou morrer e a vida vai seguir em frente.

Zee não disse nada, apenas deu um longo trago no cigarro. Cyrus continuou:

— Como é aquele verso do Auden sobre o "navio frágil e luxuoso" que viu o menino cair do céu, mas que tinha que ir para um lugar, então seguiu sua rota tranquilo? É disso que estou falando. Sou o menino e o resto do mundo é o navio. Ou talvez eu seja a água. Não sei.

Zee deu outro longo trago.

— Você sabe que isso é bem perturbador, né? — perguntou, exalando a fumaça entre as sílabas.

Belos clientes do hotel, pouco agasalhados, saíam do hotel e tremiam, esperando os carros que tinham pedido.

— Essa merda toda de você querer morrer — Zee prosseguiu. — É bem perturbador.

— Como assim? — Cyrus perguntou.

— É isso mesmo que eu disse. Essa merda de "pobre menininho órfão com nada que o prenda a esse mundo". — Zee lançou a Cyrus um olhar afiado. — Tem porra sua no meu peito, você sabe, né? Tipo, bem agora. Enquanto você afirma que ninguém vai ligar se você se matar.

Uma senhora asiática aconchegada num casaco de pele olhou furtivamente para Zee e fez cara feia.

— Zee...

— Você não tem ideia do quanto você é egoísta às vezes — Zee continuou.

Duas mães latinas em vestidos coloridos e parcas empurravam carrinhos pela calçada, rindo. Do outro lado da rua, um jovem branco esguio usando uma camiseta escrito FAÇA BARULHO, NÃO FAÇA AMOR fazia uma espécie de calistenia perto da sua bicicleta.

— Você age como se vivesse dentro de um vácuo. Como se tivesse uma moldura ao redor da sua vida. Mas não dá pra usar o curso da história pra racionalizar qualquer merda. Você sabe que é isso que os países fazem, né? O que os Estados Unidos fazem? E é exatamente o que o Irã faz?

Cyrus ficou vermelho. Talvez Zee estivesse se referindo ao fato de que o regime iraniano colocava imagens dos mortos na guerra por todo lado. Cyrus tinha contado a ele que o governo iraniano pôs uma imagem da queda do avião que matou a sua mãe num selo postal estadual, para fomentar um sentimento antiamericano. Como uma nação tinha simplificado a história, tornando-a uma anomalia estatística, um dano colateral, enquanto a outra a tinha transformado em propaganda.

— Não é justo — Cyrus sussurrou.

— Não, não é — Zee concordou.

— Só estou cansado — Cyrus continuou. — Você sabe.

Mas Zee não queria mais saber. Ele apagou o cigarro e rastejou de volta para dentro do hotel. Cyrus seguiu-o pela escada e até o quarto sem dizer uma palavra. Zee virou e o encarou. Cyrus fechou a porta e disse:

— Tá bem, você quer mesmo entrar nisso? Tem razão. Não existe nada que me dê vontade de ficar aqui. Nem meu pai, nem as drogas ou a bebida, nem a reabilitação ou Gabe, ou a poesia e os caralhos. Nada.

— Isso não é normal, Cyrus. Você sabe que não é normal?

— Eu sei! E não quero *ser* normal. Talvez esteja tudo certo pra você servir mesas e tocar bateria aqui e ali pro resto da sua vida, mas eu quero fazer a diferença, de verdade. Quero que o eu-ter-estado-vivo tenha alguma *importância*.

Na última palavra, *importância*, Zee semicerrou os olhos para Cyrus, entortou a cabeça. Ele tentou reconciliar as palavras que acabava de ouvir com a imagem do homem que ele havia amado em silêncio, o escritor gentil com quem ele passou anos pulando de alegria em alegria, de desespero em desespero. Sua boca permaneceu aberta por um segundo, um instante. E então, depressa, ele se recompôs e começou a recolher as suas coisas pelo quarto, em completo silêncio.

— Ah, Zee, não foi isso que quis dizer — disse Cyrus. Ele se encheu de vergonha no mesmo momento, como a água do mar enche um pulmão.

Zee olhou para cima, tensionou os músculos da mandíbula. Não disse nada. Cyrus encarou o rosto do amigo, que estava sério, o maxilar travado. Se Zee baixasse a guarda, estremecesse, como se estivesse à beira do choro, Cyrus poderia instintivamente abraçá-lo, afagar suas costas, pedir desculpas. Mas a dureza de Zee, sua armadura, deixou Cyrus imobilizado. Os olhos dele pareciam espinhos escuros.

— Me desculpa — disse Cyrus. — Desculpa.

Por fim, Zee explodiu.

— Cyrus, faz meses que todas as músicas que ouço falam de mim. Da minha vida. E da porcaria da vida que tenho com você. Porra, cada flor parece desabrochar bem na minha cara. Você sabe o que é isso? É como estar maluco. Como se cada maldito pombo falasse comigo. Já sentiu isso? Você faz alguma ideia do que estou te dizendo?

Como Cyrus não respondeu, Zee balançou a cabeça e se abaixou para pegar a mochila. Pondo a carteira no bolso da frente, Zee foi até a porta do quarto e a abriu; a luz do corredor inundou o quarto escuro, como se

iluminasse a crueldade do que tinha sido dito ali. Sem dizer mais nada, sem nem olhar para trás, Zee foi embora.

VINTE E UM



ALI SHAMS

1947–2013

Com todo o respeito, você ter ficado vivo por mim
não foi um bom motivo pra ficar vivo. Guardei tão pouco:
um peixe de borracha, algumas penas de galinha,
os seus lábios quase sem se mexer quando falava.

As vítimas morrem, esse é o verbo principal delas.

Além disso: como amar um homem. Guardei isso também.

Uma silhueta brilhante, você era doce
como a paisagem curvada para além do nosso
entendimento — estava ali para nos abrir
por dentro, na metade. Uma curva: uma linha reta qualquer
quebrada em todos os pontos. Condenável

pai, hora do mundo! Entendo agora
porque você ficou e porque foi embora.
Mas eu te amei de verdade aqui, hora do mundo.

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

DOMINGO

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 3

Cyrus tentou ligar para Zee. Não sabia bem o que diria se ele atendesse — me desculpe, provavelmente, mas não sabia bem pelo quê —, por ter sido cruel em sua fala, sim, mas não foi só isso. De qualquer forma, o amigo não atendeu, e Cyrus não deixou recado. Eram 20:30, estava cedo demais para dormir. Cyrus não queria sair de novo. As mãos, ele notou, tremiam sozinhas, erráticas, como se estivessem tentando despertar de um sonho.

No enterro do pai, alguns trabalhadores da granja apareceram. O chefe de Ali e sua mulher, que eram da faixa etária de Cyrus, e não a de Ali. O professor de literatura favorito de Cyrus no ensino médio, sr. Orenn, também apareceu. Kathleen, a então namorada de Cyrus. Zee e o então namorado, Dante. Bilal, então amigo de Cyrus, futuro amante, futuro ex. Cyrus tinha deixado Kathleen organizar e pagar tudo, basicamente porque estava cansado demais para protestar quando ela se ofereceu para fazê-lo, mas também porque não tinha alternativa. Ainda se sentia mal por isso. Kathleen não tinha pedido para ninguém fazer discurso, então todo mundo ficou lá, de pé, num clima pesado. O sr. Orenn disse algo secular e gentil, Cyrus não conseguia se lembrar dos detalhes, só que ele ficou grato por alguém fazer algo. A coisa da qual mais se lembrava era o cheiro da terra úmida, nauseante de tão doce, aquele cheiro doce de terra que surge às vezes logo depois da chuva.

Seu tio Arash não teria conseguido vir do Irã, mesmo se Cyrus tivesse se lembrado de ligar para convidá-lo, coisa que não fez, e quando finalmente

ligou para dar a notícia, o tio ficou furioso. Ele gritou e o xingou ao telefone pela primeira e única vez na vida.

Cyrus levantou da cama e abriu a janela do quarto, que tinha vista para um tipo de órgão estrutural de tijolos da anatomia do hotel. O ar frio entrou e, por um instante, dois, Cyrus se concentrou somente nisso, em sentir o ar frio. Conseguiu acalmar um pouco o córtex frontal, uma das poucas sensações de barato que ainda restavam no arsenal cada vez mais reduzido. Um minuto depois, ele pegou o celular do bolso e ligou para o tio Arash no WhatsApp.

Apesar de ser madrugada em Alborz, Arash atendeu quase no segundo toque e ficou em silêncio, esperando o autor da ligação se identificar primeiro. Cyrus tinha se acostumado com isso nas suas chamadas esparsas ao longo dos anos e disse, com o seu farsi carregado de sotaque:

— *Dahyi* Arash, aqui é o Cyrus. Te acordei?

A voz de Arash iluminou a chamada.

— Cyrus *jaan*! Meu coração!

A voz aguda do tio era sempre uma surpresa para Cyrus; décadas antes, uma amigdalectomia dera um pouco errado e deixara Arash com um falsete permanente, do tipo que podia parecer zoeira para quem não o conhecia bem.

— Como vai o meu menino? — Arash perguntou, animado.

Cyrus percebeu que fazia anos desde a última vez que tinham conversado. No geral, ele postergava, preferindo a culpa de não ligar à culpa de ligar e escutar as conspirações sem fim do tio, as digressões em torno do seu histórico médico, de ter que carregar sozinho o peso do mal-estar do último membro da sua família. Mas, para ser justo com ele, Arash nunca o humilhava por isso.

— Estou bem, tio. Estou contente. Como você está?

— Ah, aquela coisa de sempre. Estou vivo, o que incomoda todo mundo. — Arash riu. — Não tem muito mais além disso. Minha nova ajudante aqui é legal, uma menina libanesa. Ela está me ensinando francês. *Je m'appelle Arash*. Você fala francês?

Cyrus tinha dado um jeito de terminar algumas matérias da graduação, esperando simultaneamente matar todas as aulas e se tornar tão fluente a ponto de propor uma tradução definitiva de Dumas e Rimbaud para o inglês.

Ficaram na sua memória uns termos culinários, *pain au fromage*, esse tipo de coisa.

— Não, não falo.

— Eu acabei de dizer "meu nome é Arash".

— Ah — disse Cyrus, sorrindo.

— Parece muito com farsi, na verdade. Várias palavras são as mesmas. Conquistadores, vampiros coloniais.

— O Irã foi colonizado pelos franceses? — Cyrus perguntou.

— *Merci amperyalist*! *Merci burokrasi*! De onde você acha que é isso? Uma coincidência?

— Acho que nunca pensei muito sobre isso, na verdade.

— Sabe o que ela me ensinou esses dias? — Arash perguntou. Em segundo plano, ouvia-se um zumbido alto.

— Você está moendo café, *dahyi*?

— Que ouvido, hein! Impressionante!

— Que horas são aí?

— Quatro e pouco — contou Arash. — Mas eu já estava de pé, não se preocupe. Pra que ficar deitado? A morte e eu somos *assim*. — Cyrus sabia que o tio estava segurando quatro dedos colados para indicar a proximidade entre ele a morte, algo que seu pai às vezes também fazia. A expressão idiomática inadequada ao pai. Uma vez, Cyrus perguntou a ele sobre isso, e ele só deu risada.

— É de um programa de TV antigo. Já tinha até esquecido de onde que veio.

Cyrus ouviu uma boca de fogão sendo acesa, provavelmente logo abaixo da cafeteira do tio.

— Tá, adivinha o que a Ghashmira me ensinou esses dias? — perguntou Arash.

— Ghashmira?

— Minha assistente libanesa! Você não está prestando atenção, sobrinho?

— Ah, foi mal.

Cyrus sabia que fazia parte da pensão de soldado do tio o governo providenciar assistentes para fazer as compras dele, garantir que as contas

fossem pagas.

— *Tenez fermement à la corde de dieu* — disse Arash com um sotaque francês exagerado. — Sabe o que isso significa?

— Alguma coisa sobre Deus? E firmamento?

Arash riu.

— Isso mesmo, alguma baboseira dos mulás. Você sabe que odeio essa merda.

Cyrus ficou em silêncio. Ficava nervoso ao ouvir o tio falando assim ao telefone. Mesmo para um "herói de guerra", dizer uma coisa dessas no Irã era uma imprudência desnecessária.

— Então, por que você me ligou, Cyrus *jaan*? Está seguro?

— Sim, tio, estou seguro. Tá tudo bem. — Cyrus hesitou. — É que vi uma pintura que me fez lembrar de você.

Silêncio do lado do tio. Então…

— Uma pintura?

— É, de uma artista iraniana, acho que de um dos soldados, do mesmo tipo que você era, durante a guerra.

— Do mesmo tipo que eu?

— É, com o manto, o cavalo e a lanterna.

Arash riu.

— Você viu a pintura de um soldado com uma lanterna e ele te fez lembrar de mim! Isso fez você ligar para o teu querido tio doente! Abençoada seja a propaganda do império! Algum bem saiu disso, finalmente!

Cyrus soltou um riso fraco.

— É que… pareceu exatamente como nas suas histórias, as histórias que meu pai contava sobre o que você fazia. Tipo… — Cyrus fez uma pausa. — Cavalgando entre os cadáveres, um cara num cavalo com a espada e a lanterna, cavalgando entre… — Ele se deteve.

— Cavalgando entre os mortos? — o tio completou.

— Isso.

— Não sou criança, Cyrus. Estou louco, é o que dizem, mas pode falar comigo como uma pessoa normal.

— Eu sei, *dahyi*. Estou falando.

— Alguns anos antes do seu pai morrer, vendi o meu sedã Paykan branquinho de quatro portas. Eu tinha esse carro desde a época que vocês foram embora. Fazia longas viagens com ele, viagens para o interior. E o Paykan tinha um toca-fitas escangalhado. Não conseguia fazer ele cuspir a fita, ela ficou presa lá dentro pra sempre. Sabe qual era a fita?

— Qual?

— *Miserere*, do Allegri. — Arash esperou alguns instantes para que Cyrus se desse conta de qual era. Como isso não aconteceu, ele perguntou: — Você conhece?

— Não, acho que não. Talvez se eu ouvisse uma parte…

— Se você já tivesse ouvido, não teria esquecido dela. Mas enfim, era uma música bem famosa. Bem peculiar. — Ele deu um gole no café. — Reza a lenda que ela só era ensinada verbalmente, no Vaticano, para ser cantada apenas para os papas em dias sagrados. Total piração católica. Mas aí, três mil anos atrás, um tal de Mozart, com seus catorze anos, entra e consegue ouvir, é o convidado especial do papa. E aí esse guri vai pra casa e transcreve de cabeça. A composição inteira, do começo ao fim. Tem cinco partes distintas de coral, e Mozart transcreve a coisa toda depois de ouvir uma única vez. Ele volta no ano seguinte para conferir o trabalho e polir a transcrição, e aí pega a música, essa coisa protegida, angelical e perfeita, e a dá para o povo.

— Nossa! — Cyrus disse, em inglês.

— Não é? Essa música que a igreja julgou ser bonita demais para o povão, pérolas aos porcos, não é assim que dizem? Apesar dos porcos serem mais inteligentes que os cachorros, e pérolas serem só pedras. Mas o Mozart acertou tanto, conseguiu anotar com tanta perfeição depois de só ter ouvido duas vezes, que a igreja nem o puniu. Disseram que Mozart fez milhares de pessoas se converterem.

— Nossa! — Cyrus disse novo, em inglês, e se arrependeu no mesmo instante.

— Mas, enfim, esse cassete da *Miserere* ficou anos preso no toca-fitas do meu carro, e não conseguia tirá-lo de lá. Então eu ouvia ela o tempo todo, a fita inteira tinha só vinte minutos, talvez nem isso, e o tocador rebobinava automaticamente depois de acabar e começava de novo, uma tecnologia bem

avançada para a época, aliás. Devo ter ouvido umas mil vezes, talvez até mais. Pra que mentir? A morte e eu somos assim… Com certeza, os mulás considerariam a fita uma apostasia. Mas eu ouvindo, inúmeras vezes. Sabe o que aconteceu? O que mudou?

— O quê?

— Nada. Me parecia um milagre toda vez. Não importava se eu ligasse só no último minuto, nos últimos noventa segundos da fita. Eram cinco vozes e eu escutava algo novo toda vez. A ideia de que alguém, um menino, pudesse ouvir isso uma ou duas vezes e lembrar de tudo, e eu pudesse ouvir mil vezes, todas como se fosse a primeira vez? O que isso te diz?

Cyrus ficou confuso. Estivera confuso a noite toda.

— Não faço ideia. Desculpe, não estou acompanhando.

Arash deu risada.

— É claro que não. Você nunca ouviu a música.

— Vou ouvir hoje. Posso até colocar pra tocar agora no meu computador, se você…

— Não! — disse Arash, categórico. — Não.

Cyrus entrou em estado de alerta.

— Você não entenderia nem se ouvisse, sobrinho. Entende? Escuto a música e vejo Deus nela porque eu *fui* Deus. Falei com esses mesmos anjos, né? Mas você vê a imagem de um anjo e uma espada e pensa só no seu tio louco. A coisa mais humana desse mundo. Porque é o mais perto que você chegou. Ou é o mais perto que você *acha* que chegou.

Cyrus suspirou, depois deixou escapar:

— Se chama *"Dudusch"*.

— Quê?

— A pintura. Se chama "Irmão".

Silêncio.

— Muitas pessoas têm irmãos, Cyrus. Muitos homens fizeram o que eu fiz. Um em cada batalhão.

— Claro.

— O que está tentando dizer, Cyrus?

— Não sei, tio. Só me fez lembrar de você e da minha mãe.

Outro silêncio, dessa vez mais longo.

— Você está bem? — Arash perguntou. — Está precisando de dinheiro? Como vão os poemas?

— Estou bem. Sério, *aziz*. Não preciso de dinheiro. Estou trabalhando num novo projeto e acho bom estar ocupado.

— Realmente, é bom estar ocupado. — Cyrus ouviu o tio dar um gole no café. — Da próxima vez que você ligar, vou estar fluente em francês, se essa mulher continuar fazendo as coisas do jeito dela. — O tom dele tinha mudado.

Cyrus sorriu, depois riu um pouco para que o tio pudesse ouvir.

— Vou te ligar de novo em breve, prometo.

— Você é jovem, Cyrus. Um rapaz cheio de vida. Eu entendo.

Cyrus estremeceu.

— Você sabe o que aconteceu com o Paykan? — Arash perguntou. — No hospital me disseram que eu via coisas que não existiam, que não podia mais dirigir. Ainda que um homem vendado fosse o motorista mais prudente de Teerã! Mas me tiraram a carteira de motorista, então tive que vender o Paykan. Adorava aquele carro. Mas não podia vender com contrabando dentro. Então peguei uma furadeira e enfiei na entrada do toca-fitas. Furei lá dentro até ouvir a fita cassete quebrar. E juro pra você, quando ela quebrou, ouvi uma risadinha. Uma risadinha! E não era minha.

— Uma risadinha?

— O diabo, Cyrus. Não é nada sobrenatural. Não é faz de conta. Eles jogam xadrez com a gente. É isso que nós somos. Eu destruí aquela fita e foi como se o diabo tivesse matado uma rainha no tabuleiro. Xeque-mate.

Cyrus tinha muitas perguntas. Quem eram "eles"? Por que "matado" e não "capturado"? Cyrus sentiu como se estivesse dois passos atrás do tio a conversa inteira.

— Você vai ligar de novo em breve, certo, Cyrus?

— Certo, *dahyi*. Prometo.

Desligaram. Cyrus imaginou o tio, do outro lado do mundo, colocando o telefone no gancho e andando até a janela, abrindo as cortinas apenas um milímetro para enxergar a vasta escuridão do lado de fora. Estrelas, mesmo numa manhã como aquela. Sua casa também estaria escura por dentro, e a

escuridão do lado de fora da janela faria o reflexo do seu rosto aparecer no vidro. O tio fecharia a cortina depressa, daria alguns segundos e a abriria de novo, bem rápido, só pra ter certeza. Certeza de quê? Arash não saberia dizer. Mas puxaria uma cadeira até a janela e beberia seu café, concentrado.

Cyrus buscou seus fones de ouvido, desligou as luzes do quarto e deitou na cama. Colocou para tocar uma gravação de *Miserere* no seu celular e, quando as vozes começaram, fechou os olhos.

VINTE E DOIS



ORKIDEH E O PRESIDENTE INSOLENTE

Duas figuras passeando num shopping, um shopping chique, do tipo que tem uma loja da Crate & Barrel e da Apple. De pronto, Cyrus reconheceu uma das figuras como Orkideh, que no sonho estava careca e calorosa como no Museu do Brooklyn, mas com sobrancelhas bem peludas que ficavam na testa como nuvens de tempestade. Abaixo delas, fabulosos óculos escuros que pareciam deslocados na cabeça, como uma criança provando peças aleatórias do guarda-roupa da mãe. Andando logo atrás de Orkideh, respirando com dificuldade dentro da sua corpulência anormal, estava o Presidente Insolente, usando um dos seus icônicos ternos azuis quadrados e mal ajustados.

Cyrus não costumava escalar personagens pelos quais tinha aversão nesses sonhos, mas às vezes acontecia espontaneamente. Teve uma época na adolescência em que sonhou pra caramba, contra a sua vontade, com o valentão que o torturava na escola. Uma vez, sonhou que escutava sorrateiramente a conversa de Hannibal Lecter e Jeffrey Dahmer numa mesa de jantar. Noutra, estava dentro de um avião com Dick Cheney. No sonho do momento, o Presidente Insolente andava ofegante pelo shopping, como se carregasse uma carga pesada, embora não levasse nada, e o rosto de Orkideh brilhava com malícia. Ela parecia apreciar a dificuldade do companheiro.

— Vamos lá, me acompanhe — ela insistia, chamando-o com a mão.

O shopping não estava nem cheio nem vazio. A densa iluminação fluorescente e a energia corporativa mercenária de tais espaços em geral eram sufocantes para Cyrus, mas Orkideh parecia muito à vontade, se divertindo até. Era o Presidente Insolente que aparentava estar fazendo um grande esforço.

— Por que estamos aqui? — ele disse, como se próprio fato de estar perguntando o envergonhasse. Não era algo que fazia com frequência.

— Aqui nesse shopping ou aqui nesse sonho? — perguntou Orkideh, em tom de brincadeira. O rosto dela parecia jovem e velho ao mesmo tempo, como o de uma boneca antiga. Era bom vê-la andando por aí sem o cilindro de oxigênio. Apesar da cabeça careca, parecia saudável, até mesmo ágil, e familiar de um jeito convidativo, mais parecida com as fotos que Cyrus tinha visto ao pesquisá-la na internet.

O Presidente Insolente não respondeu só de birra, pareceu. Eles avançaram em meio a lojas de roupas chiques e joalherias. Quando passaram na frente de uma loja de chás, ele entrou depressa para pegar uma amostra grátis num copinho de plástico, bebeu de uma vez como se fosse tequila barata e fez careta.

— Em farsi — Orkideh disse —, a palavra para chá é *"chai"*, o que você já deve saber.

— Claro — o Presidente Insolente mentiu, fazendo seu rosto pulsar com uma luz esverdeada. Orkideh sorriu.

— Mas a palavra para cardamomo, que é algo que colocamos no chá, é *hell*. Quando cheguei nos Estados Unidos, passava os meus dias em uma lanchonete vagabunda do Lower East Side. Tinha uma garçonete persa lá, uma jovem de uns dezenove, vinte anos, e tanto eu quanto ela falávamos pouquíssimo inglês. Todo dia eu pegava uma mesa de manhã cedinho, antes de sair para procurar trabalho, e ela se aproximava de mim e dizia *"hell chai"* e dávamos risada. Eu sabia o bastante de inglês para saber que *hell* era uma palavra ruim, então ficávamos ali, rindo feito crianças travessas dizendo "a aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha", ou algo do tipo. Foi meu primeiro trocadilho em outro idioma, minha primeira amiga nos Estados Unidos.

O Presidente Insolente resmungou, impassível. Admirava o próprio reflexo no vidro da vitrine de uma loja de brinquedos. Tinha ouvido só uma parte, começara a prestar atenção ao ouvir "Estados Unidos". No fundo, estava confuso. Não sabia que Orkideh já tinha morado em Nova York. Mas tinha o hábito de ignorar essas dissonâncias. No geral, elas acabavam se resolvendo

sozinhas, sem que precisasse gastar energia. Estudando seu reflexo, teve a impressão de que vermezinhos pretos começavam a pipocar do seu rosto.

Orkideh e o Presidente Insolente seguiram em frente, passando por lojas de utensílios de cozinha, figurinhas de basquete, fósseis, histórias em quadrinhos, máscaras da peste bubônica, microscópios eletrônicos, até chegarem numa loja que parecia vender obras originais de arte clássica. A *Mona Lisa* estava na vitrine, e o Presidente Insolente ficou radiante.

— Eu já vi esse aqui! Sei qual é! — ele disse. — É um quadro fantástico. Lindo quadro, linda mulher. — Ele tinha uma caneca de café com o desenho da *Mona Lisa*, que ganhara de presente de Dia dos Pais de um dos filhos, não lembrava qual.

— Sabe por que é tão famoso? — perguntou Orkideh.

— Porque é perfeito! Olha só pra ela! Olha esse sorriso! É o melhor quadro de todos. O melhor.

Orkideh o ignorou.

— É famoso porque ficou pendurado no quarto do Napoleão. Não é um retrato tão interessante assim. Não foi nem pintado numa tela de verdade, mas sim numa tábua de madeira. Sucata. Da Vinci ficaria horrorizado se descobrisse que quinhentos anos depois, esse é o seu quadro mais famoso.

— No quarto do Napoleão? — O Presidente Insolente ficou encantado. Sua boca abria e fechava feito brânquias felizes. Ele precisava daquele quadro.

Entraram na loja, passando pela *Vênus* de Willendorf, pelos azulejos da Mesquita Azul e leões de Persépolis, pela *Grande Onda* de Hokusai e *A Balsa da Medusa* de Géricault. Pertinho do balcão, onde uma atendente gótica digitava no celular, havia outra pintura original, uma paisagem à beira-mar repleta de vida.

— Você conhece esse aqui? — Orkideh perguntou ao Presidente Insolente, apontando para o quadro.

— Claro — ele mentiu —, mas não é esse que eu quero. Vamos logo, preciso pagar pela Lisa antes que outra pessoa compre. — Ele se achou muito sofisticado chamando-o assim, "Lisa", como se ele e a pintura já fossem chegados.

Orkideh prosseguiu como se não tivesse ouvido nada daquilo.

— É a *Paisagem com a Queda de Ícaro*, de Bruegel — ela disse. — Ícaro voou muito perto do sol e suas asas derreteram. Outros artistas pintaram essa cena com foco na dor do pai dele, Dédalo, ou na húbris alegre de Ícaro, segundos antes da queda. "Suas asas de cera voaram além do que podiam, e derreteram, os céus tramaram a sua derrota", escreveu Christopher Marlowe. Conhece?

O Presidente Insolente trocava o peso de pé sem sair do lugar. Não gostou nada desse papo de "derrota". Mas tinha gostado da pintura. Gente boa trabalhando muito. A água bela, navios firmes, o horizonte. No geral, ele queria que ela parasse de falar pra poder pagar o da Vinci.

— Mas Bruegel pinta Ícaro bem no canto da pintura. Só um par de pernas se afogando na água. A mula trabalha, as ovelhas pastam. "Pernas brancas desaparecem na água esverdeada, e o navio frágil e luxuoso que deve ter visto algo incrível, um menino caindo do céu, tinha um lugar pra ir e seguiu tranquilo a sua rota", escreveu W. H. Auden.

O Presidente Insolente odiou. Bruegel tinha estragado a paisagem perfeita com aquele par de pernas. Odiava que o tratassem com condescendência, odiava que alguém achasse que tinha algo para lhe ensinar. Ele odiava tanto Orkideh quanto Bruegel. Ignorando-os, foi até o balcão. A atendente tirou os olhos do celular.

— Posso ajudar?

— Quero comprar a *Mona Lisa*. Quanto é?

— Hm, deixa eu ver aqui. — A jovem folheou um caderno.

Orkideh também se dirigiu à atendente, e disse:

— Também gostaria de saber o preço do Bruegel, o Ícaro, se não for incômodo.

— Tudo bem, só um instante. — A jovem virou as páginas do caderno, um fichário enorme cheio de letrinhas miúdas, embora só houvesse cerca de uma dúzia de obras de arte na loja.

— A *Mona Lisa* custa quatro segmentos. Está em promoção, custou seis o mês inteiro. O Bruegel custa dois.

O Presidente Insolente revirava a carteira, contando as notas.

— Segmentos? — ele perguntou.

— O Bruegel está num preço ótimo — Orkideh disse à jovem. — Vou levar.

— Legal — disse a atendente. — Tem preferência de mão?

— Pode me fazer surpresa — disse Orkideh, apoiando as duas mãos no balcão e olhando para o outro lado. Faltavam vários dedos nas suas mãos, alguns decepados na última junta, outros desde a base. A atendente apertou o seu dedo médio esquerdo, ainda inteiro, e tirou um cutelo enorme das costas. Orkideh respirou fundo e a atendente desceu o cutelo de uma vez, decepando o dedo na junta do meio.

Orkideh respirou fundo pelos dentes trincados e disse:

— Puta merda! Puta merda.

— Quer que eu embrulhe a pintura pra você? — perguntou a atendente, enquanto separava o dedo decepado nas juntas em dois segmentos.

— Não precisa, vou levar como está. — Orkideh tirou um lencinho branco do bolso e enrolou-o no toco ensanguentado, o vermelho manchando o branco como uma bandeira, como o clima.

— Vocês são loucos! — O Presidente Insolente gritou. — Loucos, loucos de pedra! — Ele saiu correndo da loja o mais rápido que pôde, deixando um rastro de luz esverdeada.

Orkideh sorriu de canto para a atendente, deu de ombros e saiu da loja com a *Paisagem com a Queda de Ícaro*, de Bruegel, debaixo do braço.

VINTE E TRÊS



ROYA SHAMS

Teerã, agosto de 1987

Pelo resto do tempo que nossos maridos ficaram acampando, Leila se comportou como um cavalo ávido disparando na minha frente e me arrastando pela grama. Eu fazia de tudo para me agarrar às rédeas. No segundo dia, teve uma hora em que andávamos pelo bazaar. Fazia um frio descomunal para a estação; Leila usava um vestido grosso e um lenço comprido. A passagem principal do Bazaar-e Tajrish se ramificava em becos e ruas laterais, repletos de vendedores exibindo flores de corte, kebabs, biscoitos enfarinhados, perfumes, miçangas, tapetes e roupas íntimas. Homens trocavam berros incompreensíveis. Uma senhora provava sopa de uma panela enorme de ferro. Ao seu lado, uma menina jovem — claramente sua filha — vendia beterraba cozida e favas para quem passasse.

Enquanto andávamos entre a multidão, do nada Leila me puxou para um dos becos, que dava lugar a outro. O caminho era estreito, sujo, e terminava em prédios de tijolos e latas de lixo. Acima de nós, roupas secavam nas varandas. Um céu azul acinzentado. Sem explicação, Leila se pôs de joelhos e encostou a orelha no chão de asfalto.

— Dá pra ouvir! — ela disse, sorrindo para mim, a orelha ainda pressionada contra a terra. — Os anjos tocando percussão bem lá no fundo!

Eu não fazia ideia do que ela estava falando e olhei em volta, inquieta.

— Roya *jaan*, você também consegue ouvir! Você sabe muito bem que a terra está cheia de anjos e djinns festejando que nem adolescentes, rodando feito rodas d'água. Venha ouvir.

As pessoas passando pela rua que dava na nossa seguiam em frente, sem prestar atenção em nós. Ou pelo menos eu torcia para que não estivessem prestando atenção. Me ajoelhei, hesitante, e coloquei a orelha no chão, ao lado da de Leila. O chão estava frio. Uma fina fatia de céu pairava sobre as nossas cabeças, como que nos protegendo.

— Não ouço nada — disse. Não sei dizer bem o que é que eu estava esperando, mas fiquei decepcionada. A terra não fazia barulho nenhum, como é pra ser. Fiquei com um pouco de vergonha, me senti excluída da brincadeira.

— Você tem que ouvir bem, ouvir de verdade. Não como se escuta toda essa confusão — ela disse, gesticulando para o Bazaar —, mas o som por trás do som por trás do som. Entende o que quero dizer?

Eu não entendia. Ela ainda estava com a orelha no asfalto quando começou a batucar com a mão, pum, PO-POP, pum, pum, POP-POP, pum.

— Debaixo do solo, debaixo de nós e de todos os esqueletos antigos dos mortos com flechas atravessadas nas costelas — Leila disse —, os anjos tocam percussão! — Ela continuou a batucar com a mão. — Imagino que seja pra nós.

Eu não fazia a mínima ideia do que ela estava falando.

— Você está tirando sarro de mim? — perguntei, levantando a minha cabeça do chão.

Leila também se levantou, chegou perto de mim, ainda de joelhos. Agarrou o dedo médio da minha mão direita e, fechando o olho esquerdo, encostou meu dedo de forma gentil porém firme na pálpebra fechada.

— Sente isso? — ela disse, o olho direito abrindo e fechando, abrindo e fechando. Debaixo de sua pálpebra debaixo do meu dedo, o olho esquerdo copiava os movimentos do irmão. — Sente como mesmo o olho fechado continua procurando o seu rosto?

Fiz que sim. Ela bateu a mão, pum, PO-POP, pum, pum, POP-POP, pum.

— É desse jeito — Leila disse — que eu estive procurando por você.

E então, ela se inclinou para a frente e me beijou. Bem ali, naquele beco próximo ao bazaar. Não foi um beijo qualquer. Não foi fraternal. Foi nos lábios, meus olhos ainda abertos e cheios de surpresa. Eu devo ter parecido um peixe. E, embora devesse ter medo de ser vista, de os passantes espiarem

da rua principal do Bazaar, ainda sim o sustentei, o beijo de Leila, e a beijei de volta. A mão dela estava no meu rosto. Meu dedo tinha migrado da sua pálpebra para a orelha.

O beijo durou três segundos, talvez quatro, mas colocou todo o resto em movimento. Minha vida era uma pintura para a qual eu estivera olhando de ponta-cabeça até então, até aquele momento em que Leila chegou e a colocou na posição certa. Assim, desse jeito. Todas as peças se encaixaram, a imagem se iluminou. Até a Leila, com todo o seu aprumo, pareceu surpresa e, depois daqueles infinitos segundos, se afastou.

— Desculpe — ela disse, analisando meu rosto.

— Não… — comecei a dizer, e parei. Meus ouvidos zumbiam, eu sentia o sangue circulando no meu crânio.

— Não? — ela disse, piscando uma, duas vezes, esperando uma resposta.

— Não, não peça desculpas. O olho, a percussão dos anjos. — Fiz uma pausa. — Acho que entendo.

Ela sorriu. Alguns cachos despontavam do seu lenço. Estávamos de joelhos no beco, olhando uma para a outra feito crianças. Feito galinhas. Me senti atordoada outra vez, cheia de vida. Repleta de espanto e animação, como a primeira pessoa a ver a neve. E então, tão natural quanto o ar, nos levantamos e voltamos ao bazaar, onde homens discutiam qualquer coisa, onde mulheres varriam terra da terra.

Depois daquele beijo, eu não seria capaz de questionar mais nada. Possibilidades, liberdade. Se um anjo alado e esplêndido saísse de dentro da terra e explodisse ao meio, eu teria recolhido suas penas.

VINTE E QUATRO



ORKIDEH

NASC. 1951?

Quando alguém morre é por muito tempo,
claro, mas você encontrou uma brecha,
suspendeu a si mesma no estar morrendo,
vestindo a morte como uma criança veste um lençol branco

para parecer um fantasma, mas por que é que um fantasma
seria desse jeito e quem é que você está tentando enganar?
A arte? O que é bonito nem sempre é bonito
acompanhado: azul prussiano, homens como eu —

mas é claro que há mau tempo sob as sementes,
o relógio do juízo final piscando em oitavos, que parecem
montanhas em farsi, nenhum eufemismo para essa luz odiosa
ou para a devastadora mesmice da nossa espécie —

cada um palpitando feito uma lua idiota:
a morte é tarefa deles, morrer é a sua.

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams

SEGUNDA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 4

No dia seguinte, Cyrus acordou e se deparou com uma manhã fria, pesada. Úmida também, ele logo se deu conta, apesar de ter demorado um pouco, já que tanto do *úmido* é *frio* e *pesado*. Olhou em volta, no quarto escuro do hotel, e se lembrou de que estava sozinho. Zee não retornou durante a noite. Cyrus saiu da cama, gastou muitos segundos tentando descobrir como acender a luz, e então descobriu a gênese do frio e do pesado e do úmido: ele tinha feito xixi na cama.

Durante os estágios mais profundos da sua bebedeira, essa era uma ocorrência frequente; à noite, sonâmbulo, ia buscar mais cerveja, mais birita, seu cérebro de lagarto dando mais importância para a aquisição do álcool do que para o movimento obrigatório de se aliviar. Essa era a sua vida naquela época, acordar para a dança familiar de culpa e dever que governava sua vida — absorver o que podia da umidade, passar spray aromatizador, tirar as roupas e entrar no banho. Se Cyrus acordasse em outro lugar que não na própria cama, ele tinha que ponderar o custo-benefício de ter que se explicar ou simplesmente ir embora sem dizer nada. Esses rituais tinham acabado quando ele ficou sóbrio, felizmente.

Mas, apesar de não mijar na cama há anos, não desde a sua época de bebedeira, todos aqueles sentimentos familiares o inundaram de uma só vez, como a água de um lago inunda e afunda um carro. Primeiro, a onda instintiva de absolvição, o como-eu-faço-para-não-me-ferrar-por-causa-disso. E então, a

imagem do hotel, da pobre camareira que descobriria a bagunça e teria que limpá-la. Isso trouxe a culpa, a irritação com o estar vivo. Cyrus sabia que seu cérebro pragmático entraria no modo conserto logo logo, mas primeiro ele se permitiu alguns luxuosos segundos de autocomiseração. Ele queria muito, naquele momento, não estar vivo. Não queria estar morto, não queria se matar, mas que o fardo de estar vivo fosse retirado dos seus ombros.

Quando ainda estavam na faculdade, Cyrus e Zee compartilhavam muitos momentos felizes de apagão total — anos inteiros que viraram buracos na memória, exceto por lampejos de caminhadas tarde da noite e de rostos desconhecidos berrando letras de músicas acima do som da vitrola da sala de alguém, noites com drogas e de virar garrafas de plástico cheias de bebidas, e enrolar drogas moídas em cigarros sem saber se fumá-las ia dar algum barato que compensasse o gosto ruim. Noites de choradeira ao luar porque é tão bonito amar e sentir o mundo com a intensidade que sentiam, tão inesperada e única.

Eles teriam rido de Cyrus por mijar na cama. Se outras pessoas estivessem por perto, Zee daria um daqueles seus sorrisos que transformava o rosto todo em lábios, que fazia todo mundo no recinto sorrir também, sem nem pensar, e fariam piada daquilo por um minuto antes de mudarem de assunto. Certa noite, na Keady, Cyrus desenhou, bêbado, duas grandes coroas no espelho do banheiro de Zee com um marcador permanente. Debaixo delas, escreveu *podemos usar essas coroas para sempre*. Quando Zee o questionou na manhã seguinte, Cyrus não se lembrava de nada, mas as coroas, assim como a frase, permaneceu no espelho até eles se mudarem.

No Grande Livro dos Alcoólicos Anônimos tinha uma parte que, ao ficar sóbrio, Cyrus relera várias vezes. Falava que a autocomiseração e o ressentimento eram os "luxos duvidosos" das pessoas normais, mas para os alcoólatras eram veneno. Em vez de "autocomiseração" e "ressentimento", Cyrus lembrou que o livro os chamava de "ficar rabugento e espiralar", termos que achou curiosamente típicos da época. Mas aquela expressão, "luxos duvidosos", era magnífica. "Para nós, essas coisas são veneno." Seu melhor amigo tinha ido embora. Ele estava numa guerra fria com o padrinho, com a reabilitação como um todo. Seu livro — se é que podia chamá-lo disso

— não ia a lugar nenhum. Naquele momento, sua vida era tão patética que sua morte seria inútil. Uma vida sem sentido implicaria numa morte sem sentido. Nem sabia se acreditava mesmo nisso, mas seu estado atual tinha aumentado sua tolerância com generalizações deprimentes. Isso lhe pareceu, naquele momento, a única coisa real.

Quando Cyrus se entristecia assim, a maioria das pessoas o tratava com educação e pressa, como se ele não valesse o incômodo. Apenas Zee o levava a sério, sem nunca repreendê-lo por dar pra trás nos planos, e por vezes tinha sentado ao seu lado em silêncio por tardes ou noites inteiras, sem dizer nada, de vez em quando pondo um vinil apenas para deixá-lo lá parado durante vinte minutos, uma hora, antes de virá-lo novamente.

Cyrus enrolou os lençóis e o edredom, que tinha absorvido a maior parte do mijo. Tirou a calça de moletom, jogou-a fora e entrou no banho. Se estivesse bêbado, se tivesse tido uma recaída no bar do hotel, aquilo faria total sentido. A briga com Zee, o mijo. Mas Cyrus estava fazendo tudo certinho. A sobriedade, a escrita. Qual era o sentido disso, se todos os caminhos levavam a um único lugar?

Às vezes, ao fechar os olhos no chuveiro pela manhã, ele via faíscas do que tinha esquecido do sonho da noite anterior: uma menina ajoelhada no meio de uma estrada do interior com uma moeda preta na palma da mão, um cordeiro cor-de-rosa puxando um arado enferrujado. Mas, ao fechar os olhos no chuveiro, que demorou um minuto inteiro para descobrir como abrir (Zee brincava que a extravagância de um hotel é diretamente proporcional ao tempo que você leva para conseguir abrir o chuveiro), só viu o avesso das pálpebras. Ele se sentia desidratado. Tentou botar aquilo em palavras, tentou guardar o cerne no sentimento para escrever mais tarde. Mas só conseguiu pensar em "dentro do meu coração tem um homenzinho de coração partido".

Quando saiu do banho, botou uma roupa e correu até o caixa eletrônico do saguão, sacou quarenta dólares para deixar para a camareira (o caixa eletrônico só dispensava notas de vinte, então Cyrus passou uns bons segundos dividido entre dar quarenta ou sessenta) junto com um bilhetinho escrito "desculpa!". Estremeceu com o gesto, mas não tinha outra ideia do que fazer. Fez café com a cafeteira do quarto e o bebeu ainda fervendo. Depois de

recolher o carregador de celular, as meias e a pasta de dente, foi fazer o check-out. O atendente no balcão principal usava uma etiqueta com o nome "Hua" — em vez de dizer "como foi a sua estadia", ele perguntou "você fez alguma coisa legal durante a sua estadia aqui?", o que pegou Cyrus desprevenido. Era esse tipo de ladainha que as empresas descoladas do Brooklyn usavam para valorizar os negócios. E nem era uma pergunta ruim, só estava condenada pelo contexto. Cyrus olhou para as mãos, que não paravam de tremer. Onde estava Zee? Por que tinham ido até Nova York? Por que Cyrus estava fazendo tudo aquilo? Escrevendo, falando, vivendo? Ele queria correr em meio aos carros. Queria desaparecer. Cyrus fez que não para o atendente e, sem olhar para trás, saiu em direção ao museu.

Estava um dia lindo, embora frio, do tipo que alguém olharia numa foto e pensaria que era o auge do verão, se não fosse pelas pessoas de botas e casacos enormes. Cyrus conferiu de novo o celular, mas seguia sem notícias de Zee. Ele digitou uma mensagem curta: "Oi, sinto muito. De verdade. Cadê você?"

Conferiu o celular mais duas vezes no minuto seguinte, para ver se Zee responderia na mesma hora, como costumava fazer, mas não respondeu. Cyrus botou os fones de ouvido e colocou a música *Miserere* pra tocar, numa gravação de 1980 do YouTube, e descobriu que era uma ótima — e assombrosa — trilha sonora para passear pela cidade. Tudo à sua volta parecia sincopar, ou ilustrar, ou complicar os sons da música, aprofundando as vozes macabras. Pombos se acomodavam nas letras arredondadas do letreiro da Duane Reade, os ninhos no *D* e no *E* e no *R* cheios de gravetos e folhas e cabelo. Dois meninos andavam lado a lado com sacos plásticos nos pés, protegendo os tênis do lodo onipresente da cidade.

Cyrus decidiu que perguntaria a Orkideh sobre a *Miserere*. Garantiu que seus fones estivessem limpos, para que ela pudesse escutar, se quisesse. Esperava que sim. Esperava que ela também não tivesse escutado antes. Ele lhe contaria do tio, que ele era soldado, do tipo da pintura, com a lanterna e o cavalo. Ele perguntaria como ela sabia o que sabia sobre a queda do avião, com cuidado, sem insinuar nada.

Não seria nada demais se ela tivesse pesquisado sobre ele no Google, seguido um rastro digital de migalhas que a levaram à queda do avião. Afinal,

Cyrus também tinha pesquisado a artista. Ele não conhecia as trilhas cibernéticas que o ligavam à mãe, mas não era impossível que isso existisse. E é claro, tinha outra explicação também, uma explicação que Cyrus não conseguia nem exprimir. Essa sim, impossível.

Na época em que Cyrus ainda bebia, se alguém perguntava sobre o andamento dos seus poemas, ele respondia que estava "vivendo os poemas que não escreveu". Ele dizia isso de cara séria. Ele estremecia só de lembrar. Mas essa jornada pela cidade parecia ser exatamente o que ele queria dizer, lá atrás — olhar para os cacos da sua vida e pensar "isso vai ser útil, vou usar tudo isso mais tarde". Como escritor, tinha sempre essa parte. Sempre que pensava desse jeito sentia um ligeiro arrepio de culpa, mas não era algo que pudesse desligar.

Muitos dos heróis de Cyrus eram contra a abstinência e a sua promessa abstrata de recompensa espiritual em troca da restrição corporal, e ao invés disso preferiram perseguir explosões de prazer físico imediato. "O paraíso é meu hoje, como dinheiro na mão", Hafez tinha escrito. "Pra que contar com a promessa puritana do amanhã?" Cyrus não sabia quantos amanhãs ele ainda tinha e por um instante pensou que talvez Zee tivesse razão, talvez ele não estivesse plenamente presente em seus hojes.

Parecia que os únicos momentos em que ele tinha experimentado, de verdade, o agora, foram quando estava sob a influência de alguma droga. Quando o *agora* se tornava física, quimicamente discernível do *antes*. Nessas horas, ele se sentia inteiro submerso no tempo: preso no intervalo entre o nascimento e a morte, onde nunca tinha de fato se posto de pé. Mas também estava submerso no mundo e nas suas caixas — nem iraniano nem americano, nem muçulmano nem não muçulmano, nem bêbado nem de fato recuperado, nem gay nem hétero. Cada campo achava que ele pertencia mais ao outro lado. O próprio fato de existirem campos fazia a sua cabeça rodar.

Queria falar disso com Orkideh. Com toda a certeza a perspectiva privilegiada dela sobre o espaço, o tempo e o pertencimento seria esclarecedora, dado o fato de que ela estava submersa num imediatismo mortal que era demais para Cyrus sequer conceber. Ele cheirou as próprias roupas, preocupado com algum vestígio do cheiro de urina.

Ao chegar no museu, reconheceu os dois funcionários de preto recebendo os visitantes. Ele pagou cinco dólares, subiu a escada até o terceiro andar e cruzou com o guia de piercing grande no septo que lhe cumprimentou com a cabeça. No terceiro andar, Cyrus passou por *O Banquete*, da Judy Chicago, em que um homem andava de mão dada com a filha, ambos de fone de ouvido, e um adolescente com cara de nerd lia respeitosamente as informações na parede. Indo em direção a Orkideh e a *Fala-Morta*, percebeu que a iluminação do espaço estava baixa e uma corda de veludo bloqueava a entrada. Na corda, tinha um aviso laminado com uma foto em preto e branco da Orkideh jovem, vestindo uma espécie de véu, os olhos pretos voltados para cima, metade injúria e metade provocação. O aviso dizia:

> A exibição *Fala-Morta* está encerrada. O Museu do Brooklyn agradece Orkideh por ter nos confiado a sua última instalação. Doações feitas em sua memória podem ser realizadas na loja de presentes no saguão.
>
> *"Arte é onde aquilo a que nós sobrevivemos sobrevive."*
>
> — Orkideh, 1963–2017

Todo sangue se esvaiu da cabeça de Cyrus. Achou que fosse vomitar, depois achou que precisava cagar. Se encostou na parede. Viver para sempre ou morrer. Essas eram as opções, e não tinha evidências que sustentassem a viabilidade da primeira. Cyrus sabia que a artista estava à beira da morte, é claro. Mas aquele pedacinho de papel, com o rosto de Orkideh olhando para cima, atestava que o inevitável ainda assim podia ser, o quê? Paralisante. Arrebatador. E sim, uma surpresa.

Ela estava bem no dia anterior. Eles riram. Se abraçaram. Cyrus desceu cambaleando a escada, quase tropeçando. Quando viu o guia com o brinco de pena e o piercing no septo, balbuciou:

— O que…. A *Fala-Morta* está fechada.

Era pra ser uma pergunta, mas ao invés disso soou feito a constatação de um fato. O guia assentiu.

— É. A artista morreu ontem à noite. Sabia que ela estava morando no museu?

Cyrus permaneceu imóvel.

— Acho que encontraram ela no quarto hoje. — Ele olhou em volta, depois disse, baixinho: — Ouvi dizer que talvez ela tenha tomado um monte de comprimidos pra dor, algo assim. Ela estava super bem ontem. Você esteve aqui, não é?

Cyrus não conseguiu dizer nada. O guia arqueou as sobrancelhas, depois disse:

— Não sei quando a próxima exposição vai começar, acho que é de uma fotógrafa francesa. Não lembro o nome. Mas vai demorar um tempo.

Cyrus estava usando todas as suas forças para se manter de pé. Vasculhou a mente à procura de alguma informação vital sobre como agir feito uma pessoa, como habitar um corpo, mas só encontrou sombras, sombras de sombras meio esquecidas. Era como se ele fosse um moinho de vento parado num campo. Balançou a cabeça. Um campo inteiro de moinhos de vento parados. O guia fez uma pergunta. Depois outra. Cyrus só ouvia um zumbido, o canto fúnebre de uma célula do seu ouvido, uma frequência destinada a não ser ouvida nunca mais. Desmaiou.

VINTE E CINCO



Se o pecado capital do suicídio é motivado pela avareza, o acúmulo da calma e do silêncio para si enquanto você impõe a sua dor interna e excruciante a todos aqueles que sobreviveram a você, então o pecado capital do mártir deve ser o orgulho, a vaidade, a húbris de acreditar não apenas que a sua morte pode ter mais sentido do que a sua vida, mas que a sua morte pode ter mais sentido do que a própria morte — o que, por causa da inevitabilidade da coisa, não tem sentido nenhum.

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

ALI SHAMS E RUMI

Dois indivíduos. O primeiro deles alto, magro, solene, vestindo um macacão e uma galocha até o joelho, Cyrus o reconheceu na hora, era o pai. Ali raramente aparecia nos sonhos de Cyrus, como se fosse uma forma de respeito com o seu merecido descanso após uma vida impiedosa — serviu na guerra (Ali trabalhava no escritório administrando a logística de suprimentos na linha de frente, tarefa que, apesar de segura em comparação ao resto, ainda era de suma importância, e que o deixou com uma culpa considerável por ter sobrevivido), a morte repentina e sem sentido da esposa, a imigração para um país hostil e as quase duas décadas de trabalho braçal, seis dias por semana. Ali tinha merecido seu descanso, mesmo nos sonhos de Cyrus.

Mesmo assim, Cyrus ficou feliz em vê-lo, sentado num degrau a céu aberto na frente ao que parecia uma casa de shows, fumando um cigarro. Como todo mundo que conhecia, Ali fumava muito em Teerã, mas ao chegar nos Estados Unidos decidiu parar, como uma forma de conter gastos. Esse era só um entre os bilhões de pequenos sacrifícios que um pai faz e o filho nem percebe. O tipo de sacrifício, Ali pensava, que só os piores, os mais egoístas dos pais sequer mencionariam em voz alta. Mas, sentado no degrau, Ali parecia tão tranquilo com seu cigarro, tão natural. Era como se a mão tivesse recuperado um dedo.

Ao lado do pai de Cyrus estava um homem magnífico com mantos de seda laranja e roxa, dando um longo trago num baseado. O homem tinha as maçãs do rosto altas como as de modelos e uma barba preta comprida, cor de noite escura, com várias trancinhas no meio, algumas decoradas com conchas e

miçangas. Do seu lado no degrau havia um copo de plástico vermelho cheio de vinho escuro.

— Você é o Ali Shams! — disse o homem lindo, exalando uma grossa nuvem de fumaça. — Uau-uau-uau, estava ansioso pra te conhecer!

Ali, sentado ao lado dele nos degraus, deu um sorriso torto. Do estabelecimento atrás deles, explodia um som alto de baixo e bateria provenientes de uma banda hardcore. Jovens com tatuagens geométricas e roupas pretas justas zanzavam por ali, indo e voltando dos seus carros.

— Sim, sou eu — disse Ali. — E você é você mesmo?

O segundo homem riu, deu um gole no copo.

— Ha-ha, Ali Shams, é isso mesmo. Meu nome é Jalal al-Din Muḥammad. Mas você deve me conhecer como…

— Mevlana. Rumi. Uau. Meu filho, Cyrus, quer ser poeta. Koroosh. Ele te adora. E adoraria te conhecer — Ali disse, então fez uma pausa. — Você sabe do Cyrus?

Rumi sorriu.

— Mas é claro que sim! Como acha que vim parar aqui?

— Ahhh — disse Ali. — Ainda não entendi bem como isso tudo funciona.

— Também levei um tempo.

De dentro do estabelecimento, um cantor gritou *"crowquill"*, gritou *"threnody"*. A fumaça que exalava do cigarro de Ali e do baseado de Rumi parecia revelar mais estrelas no céu noturno, como se clareasse o ar ao invés de deturpá-lo. Trazia as estrelas mais para perto. Daquela distância, pareciam quase comestíveis.

— Porra, onde estão os meus modos? Aceita? — Rumi perguntou a Ali, estendendo o baseado para ele. Cheirava a pão recém-saído do forno, a *noon barbari*. Ali balançou a cabeça e Rumi deu de ombros, puxou outro longo trago.

— É, demorou um pouco pra eu sacar como as coisas funcionam por aqui. — Quando ele disse "aqui", Rumi não apontou para o estacionamento nem para o céu, mas para a própria cabeça. — O que notei — ele continuou — é que aqui, o que mais importa são os pequenos detalhes. Na vida, ficamos presos aos grandes detalhes, aos corpos e às panelinhas, a quem é a sua

família, a quem é seu inimigo, a quando e o que comer. Toda essa porcaria afoga as muitas camadas sutis de experimentação. Aqui, o que importa é esse cigarro, o vinho barato, esse cristal. — Ao dizer "cristal", ele estendeu a mão distraidamente em direção ao céu e pegou uma estrelinha, que seguiu emanando uma chama sem calor, como um vagalume, na sua palma.

— Acho que estou começando a entender — disse Ali. Ele também levantou a mão e pegou uma estrela, mas, quando abriu a mão, não segurava um vagalume brilhante, e sim um ovinho de galinha. Rumi deu risada. De dentro do estabelecimento a multidão cantava *"O time! Thyyy pyr-a-mids!"* repetidas vezes.

— Não é melhor a gente entrar? — perguntou Ali, puxando as bordas das suas galochas.

— Acho que ainda temos tempo. E quero terminar isso aqui — Rumi disse, dando outro trago no baseado, que parecia estar ficando mais longo à medida que fumava. Ali franziu a testa. Não gostava de gente fumando maconha, mas concluiu que se alguém tinha esse direito, esse alguém era Rumi. Me conte algo sobre você.

— Como assim?

— Olha, não quero saber de nenhuma bobajada secreta falsa e estratégica que passaria por intimidade. Quero que você me conte algo verdadeiro.

— Mas eu nem te conheço.

— Não é verdade. — Rumi colocou a mão nas costas de Ali, cobertas de um brilho sutil.

Ali tragou seu cigarro e, depois de um longo silêncio, disse:

— Acho que minha esposa estava me traindo antes de morrer.

— Uau! Cê tá tirando, cara?

— Quê?

— Quis dizer, tipo, "tá falando sério?". Você acha mesmo isso? Por quê?

— Ah, não sei direito. Coisinhas aqui e ali. Ela nunca olhou pra mim como se me desejasse como homem. Acho que ela nunca me quis desse jeito. Desde que a gente se conheceu. Acho que ela sempre me olhou diferente, como se eu fosse um filhote de passarinho que ela tivesse encontrado e precisasse de

cuidados para recuperar a saúde. Uma combinação de afeto e pena. E a pena, puxa. Era a maior parte.

— Eita, cara, sinto muito. Mas isso não quer dizer que ela estava te traindo, não é?

— É. Quando a Roya engravidou do Cyrus, começou a ter uns comportamentos estranhos, principalmente mais no final. Talvez ela pressentisse que alguma coisa iria acontecer. Como se uma parte dela soubesse do avião, do fim. Durante muito tempo, foi isso que pensei. Só que, mais de uma vez, naqueles últimos meses, ela ficava em silêncio quando estava no telefone e via eu me aproximar. Às vezes até desligava no meio de uma frase. Depois que o Cyrus nasceu, ela parecia muito feliz, mas não necessariamente perto do Cyrus. Feliz como se tivesse finalmente se livrado de alguma coisa. Ou estivesse prestes a se livrar? Não sei. Eu trabalhava muito na época, estávamos tentando guardar dinheiro…

— Jesus. Sinto muito, cara. — Rumi abaixou o olhar e fitou os próprios pés, e Ali usou o toco do seu cigarro para acender outro. — Quanta sinceridade.

— Pensei que tudo fosse ser diferente — disse Ali, gesticulando para o estacionamento. A lua cheia acima deles girava lentamente no sentido horário. — Rios de mel, sol eterno, aquela coisa toda.

— Ha-ha, é. É nisso que querem que a gente acredite — Rumi disse. — Esse tipo de coisa existe por aí. Você pode visitar, se quiser. É divertido por uns três dias. Mas sério, depois de um tempo, cansa. Já tentou comer mais do que, sei lá, duas colheres de mel?

Ali deu uma risada estranha, estridente, como uma porta pesada se abrindo pela primeira vez em anos.

— É nojento, cara! — Rumi disse, fumando o baseado. — É muito, muito nojento. Enjoa.

A banda do lado de dentro tocava um solo instrumental, parecido com o de uma orquestra. Em meio à bateria pesada e ao baixo havia o som de uma flauta, uma harpa, talvez até do canto de um pássaro.

— Faz sentido — disse Ali. — De qualquer forma, você continua muito adorado lá na terra, faz sentido que queira ficar por perto. Uma vez o Cyrus

me disse que você é o poeta mais vendido dos Estados Unidos. Um poeta persa morto! Achei uma loucura.

— Bem, não sei em que medida é persa a versão de mim que leem nos Estados Unidos.

Ali fez que sim com a cabeça, apesar de não ter ideia do que Rumi quis dizer. Notou que de repente os braços dele estavam cobertos de tatuagens coloridas de imagens *negargari*, pequenas miniaturas bizantinas brilhantes, e as figuras, umas a cavalo, outras com arco e flecha, estavam se mexendo, encenando suas vidinhas por toda a extensão da pele. Ali odiava tatuagens, achava que eram símbolos da ralé, mas assim como a maconha, por algum motivo não o ofendiam da mesma forma em Rumi. O manto do poeta voava também, rios fluorescentes de cor laranja vivo, amarelo azulado vazando um no outro. Atrás dos dois, uma jovem de vinte e poucos anos que usava uma camiseta colada escrito FULANA saiu do estabelecimento.

— Pronto? — ela perguntou para Rumi.

— Prontinho — ele respondeu.

Ela acenou com a cabeça e voltou para dentro.

— Já está indo? — perguntou Ali.

— É, parece que chegou a hora.

— Como está o Cyrus? Com… — Ele fez uma pausa. — Com essa situação toda da Orkideh?

Rumi bebeu o restante do seu copo, apagou o restante do baseado, que soltou faíscas em forma de moranguinhos. O estabelecimento atrás dos dois estava em silêncio e as estrelas acima brilhavam em Technicolor: granadas, esmeraldas e safiras, joias gordas coroando a noite.

— Cara, é uma viagem, não é? Difícil não pensar que o destino quis assim.

— Você não acha que ele vai levar a cabo, né? Não acha que ele vai…. — Ali ficou em silêncio. — Se matar?

— Sabe o que acho? — perguntou Rumi. As cores vivas do seu manto passavam livremente para as tatuagens nos braços, depois para a barba, e de volta para o manto. — Acho que o Cyrus vai escrever um puta livro. Acho mesmo. Espero que eu possa ler um dia. — Ele fez uma pausa. — Mártires, cara. Não conseguimos fugir disso, não é?

Ali quis perguntar quem ele estava chamando de "nós" — os homens? Os persas? Outra coisa? Mas Rumi já tinha se levantado e o conduzia pela casa de shows. Lá dentro, a escuridão era total e o silêncio absoluto, a não ser por um ruído de fundo que saía das caixas de som enquanto os dois homens abriam caminho em meio à multidão. Quando alcançaram o palco, quase invisíveis na legião de corpos anônimos ao redor, Rumi falou na orelha de Ali.

— Olha só isso — ele disse. Ao saltar no palco, o espaço inteiro se aquietou. Agora sim, silêncio total, até o ruído das caixas de som tinha cessado.

Na frente do palco, Ali assistiu Rumi abrir um sorriso enorme, um sorriso que parecia ter começado no peito, oitocentos anos de ruguinhas se espalhando pelo corpo todo. O espaço se iluminou de repente. Ali olhou em volta e viu a multidão de jovens hardcore, centenas deles usando preto, com piercings, tatuagens e todos olhando para o palco enquanto as cores brilhantes passeavam pelo corpo de Rumi, do seu cabelo até a pele e de volta para o manto.

No palco, Rumi começou a murmurar o som de uma melodia, sem microfone, talvez só quatro notas distintas, mas o som se repetiu alto e ecoou pelo espaço, e a multidão de jovens começou a se balançar no ritmo, como árvores frágeis em meio a uma ventania.

Um homem baixo ao lado de Ali, que ele identificou como o amigo do filho, Zee, colocou os braços ao redor dos seus ombros e juntos eles balançaram, enquanto Rumi começava a falar num tom barítono profundo:

— *Ah atash-e sadeh ke to ra khord-o-bekest…*

Zee olhou para Ali, sem atenção, reflexivo, e Ali traduziu para ele:

— O simples fogo que te devora…

Rumi repetia, e ao repetir a multidão começou a cantar em uníssono:

— *An atash-e sadeh ke to ra khord-o-bekest, an atash-e sadeh ke to ra khord-o-bekast.*

E então Zee e Ali começaram a cantar também, de braços dados, cada vez mais alto junto com a multidão e, enquanto cantavam, a cabeça de Rumi se iluminava cada vez mais e de repente assumia uma brancura quente, pegava fogo, a cabeça toda pegando fogo como o rosto dos profetas nas pinturas antigas, apenas uma grande chama ardente. Os espectadores e Zee e Ali

continuaram a cantar quando o teto do espaço se desenrolou como uma lata de sardinha, e a fumaça do fogo que passou a consumir Rumi subiu em direção ao céu noturno. E de uma vez só, as cinzas cobriram cada uma das pedras preciosas no céu.

SEGUNDA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 4

Estrelas. O guia falando alguma coisa no radinho. Uma coxa branca boiando na água, sanguessugas engordando em volta dela. Se contorcendo de alegria. As pálpebras de Cyrus, vibrando. O rosto de Zee, sorrindo, mostrando a língua. Os olhos arregalados de Orkideh. Sua boca se abrindo, revelando um vazio escuro no lugar da língua. Árvores se desfazendo em neve. Um moinho. A voz do guia. Uma sanguessuga. Estrelas. Estrelas.

VINTE E SEIS



No malabarismo entre a prudência e a decisão, situação com que os presidentes têm que lidar com frequência, o sr. Reagan decidiu ser firme.

"Nessas situações delicadas, às vezes as coisas dão errado", disse ontem um conselheiro de longa data do presidente. "Temos máquinas sofisticadas e jovens soldados e marinheiros trabalhando em condições difíceis. Então você opta por assumir o que parece um risco razoável em prol do que é importante e torce para que tudo corra bem."

"O abatimento do Voo 655", *The New York Times*,
5 de julho de 1988

ROYA SHAMS

Teerã, agosto de 1987

Aquele primeiro beijo de Leila foi uma palavra estranha e estrangeira, uma palavra que alguém poderia traduzir grosseiramente por "céu", mas que na verdade significava algo como "paraíso".

Ali e Gilgamesh ligaram na noite seguinte de um telefone público perto do acampamento. Estavam bobos, bêbados, querendo ter notícias das esposas. Deviam pensar que estávamos entediadas pra cacete. Ali gritou, rindo:

— Gilgi quase atirou no próprio pé hoje de manhã!

— Não dê ouvidos a ele, está mentindo! — gritou Gilgamesh. — É um mentiroso! Uma vaca! *Chert-o-pert*!

Enquanto eu segurava o telefone, dizendo baixinho para Ali tomar cuidado, que aquele não era um bom momento para ser pego bebendo, vi Leila vasculhar os discos velhos de rock dele. Eram itens de contrabando que eu não tinha tido a coragem de pedir que ele jogasse fora. Leila fez caretas para alguns deles, sorriu ao ver o da Aretha Franklin, riu do Monkees. Gilgamesh pediu para falar com Leila e ela pegou o telefone, o encaixou entre a orelha e o ombro e revirou os olhos. Enquanto ouvia o marido, ela ergueu, furtiva, o dedo indicador de uma das mãos e usou a outra para fechar o punho ao redor dele, então fingiu arrancar o dedo. Sorriu pra mim com cumplicidade, embora eu não reconhecesse o gesto.

Quando Leila desligou o telefone, os olhos dela faiscaram de encrenca. Ou de inspiração, propósito, algo do tipo. Ela se ajoelhou perto dos discos e colocou um na vitrola, um aparelhinho RCA de plástico cor verde-vômito que eu tinha guardado da minha adolescência, as caixas de som estalaram quando

ela moveu a agulha pelo vinil tentando encontrar uma música específica. Ao som das primeiras notas, ela se levantou e me estendeu a mão.

Foi aí que tudo ficou supersaturado. Uma dessas memórias que dá pra espremer como um pano e ver os detalhes pingando, formando poças. Acordes menores em uma guitarra de doze cordas saindo das caixinhas de som. Leila, um palmo mais alta do que eu, me puxando para perto, para dançar. Seu cheiro de suor e jasmim e cedro. A voz do Mick Jagger, *"I want you back, again. I want you back, again"*. O gosto metálico na minha língua.

— Queria que não fosse tão difícil ser boa — sussurrei, me pegando de surpresa, sem nem saber se Leila conseguia me ouvir. — Estou tentando. De verdade. Mas estou exausta.

— Eu sei — ela disse. — Eu percebo, *azizam*. Eu sei.

Ela me apertou mais forte, balançando o corpo no ritmo da música. A música triste ficou alegre, mas a letra não. Jagger dizia *"Tell me you're coming back to me, you gotta tell me you're coming back to me"*. Naquele momento, parecia a música perfeita, apesar de estarmos juntas, nossa flor estava só começando a desabrochar. Tinha algo a ver com o desejo melancólico da música, era isso, um desejo profundo, que vinha dos ossos. Carregamos a nostalgia precoce da música entre nós como uma vela, balançando enquanto a chama consumia o pavio, nossos rostos iluminados e tremelicando sob a luz daquela chama, desejo, desejo idiota, desejo tão forte que te dobra, que te esmaga, como ondas ou milagres.

Quando a música acabou, Leila se abaixou até o aparelho e a colocou para tocar de novo, e permaneceu ali de cócoras quando música recomeçou, permaneceu ali e depois beijou os meus calcanhares ao som da guitarra, minhas canelas, meus calcanhares de novo enquanto Keith Richards uivava e gritava suas harmonias, e então a música acabou e ela a colocou pra tocar de novo, encaixou a agulha no sulco do vinil, beijando meus joelhos, minhas mãos, meus pulsos, e quando a música parou pela terceira vez Leila não a botou pra tocar de novo, ela deixou que acabasse e desse lugar ao silêncio. O silêncio era mais alto do que a música, um silêncio que cresce por conta do barulho que o precede — o silêncio após um grito, o silêncio após um barulho de tiro. E então? E então nos tocávamos em todos os lugares. Não havia mais

espaço entre nós, entre Leila e eu, entre os nossos corpos. Não havia mais espaço: não havia música nem país nem roupas. Não havia medo. Nem mesmo história.

SEGUNDA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 4

Quando Cyrus voltou a si, estava no patamar da escada. Um grupo de funcionários do museu, todos vestidos de preto, se amontoava à sua volta. O guia conhecido, de piercing no septo, estava atrás deles.

— Opa, você está bem? Está me ouvindo?

Cyrus piscou os olhos. Três cabeças se inclinaram na sua direção, outras pairavam atrás delas. Cyrus tentou fazer que sim com a cabeça, mas as suas sinapses não estavam funcionando. Pensou no corpo de Orkideh, frágil e leve, alguém tinha que tê-lo encontrado. Alguém tinha que ter "descoberto o corpo". Era inimaginável. Uma das cabeças ao redor de Cyrus lhe estendeu uma garrafa de água, e as mãos dele conseguiram de algum jeito pegá-la, levá-la aos lábios. Alguém, em algum lugar, enterraria o corpo minúsculo de Orkideh, e então a natureza a engoliria. *Toda a natureza nos alimenta*, Cyrus pensou. *Nos dá oxigênio e devora nossos cadáveres.*

— O Prateek disse que você desmaiou — disse uma das cabeças. Cyrus tentou colocá-la em foco. Era um senhor careca, de pele clara, com um cavanhaque grosso e grisalho. — Quer que a gente chame uma ambulância?

Prateek, esse era o nome do guia de piercing.

— Estou bem — Cyrus conseguiu balbuciar, e se sentou devagar, apoiando-se nas mãos.

— Você tem histórico de desmaio? Algum problema de saúde?

— Estou bem — Cyrus repetiu. — Eu só… — tentou pensar no que dizer para aliviar a tensão — ... não tomei café da manhã hoje. — Pareceu o tipo de coisa que aquelas pessoas engoliriam. Devagar, ele se pôs de pé. Prateek se aproximou para ajudá-lo.

— Ei, vai com calma — ele disse, uma das mãos na cervical de Cyrus.

Cyrus deu um sorriso fraco. Outra pessoa apareceu com uma banana e um chocolate Snickers, e os entregou para ele.

— Estou bem. Obrigado, pessoal. Me desculpem, estou morrendo de vergonha.

— Tem certeza de que não quer que a gente ligue para ninguém? — o homem do cavanhaque grosso perguntou.

— É sério, não é nada demais.

Os guias se olharam, franziram as sobrancelhas. Ajudaram Cyrus a descer a escada e o conduziram até um banco.

— Por que não descansa aqui um pouco, e vemos como você está daqui uns dez minutos?

— Claro, tudo bem — Cyrus disse, agradecendo. O guia da banana-e-do-Snickers deixou a banana e o Snickers. O guia da garrafa de água deixou a garrafa de água. Então partiram, olhando por cima do ombro para garantir que Cyrus continuava consciente e de pé. Só Prateek permaneceu.

— Você conhecia a Orkideh? — ele perguntou, como se fosse um segredo. — Foi por causa disso?

— Ah, não, nada assim — Cyrus disse, com honestidade. — Meio que só sou um fã. — Então, se deu conta de que era verdade depois de falar isso.

Prateek assentiu.

— É, eu nunca tinha ouvido falar dela antes do lance da *Fala-Morta*. Mas ela era incrível, não era?

Ele se sentou no banco, ao lado de Cyrus. Tinha cabelos pretos curtos, repicados, arrumados com gel. As bochechas redondas e enganosamente macias lhe davam uma aparência mais jovem do que devia ser. Se não fosse pelo piercing no septo, lembraria um cara normal.

— Também não sabia muito sobre ela até a *Fala-Morta* — disse Cyrus. Abriu o Snickers e ofereceu um pedaço para Prateek, que sorriu e recusou.

Dando uma mordida, Cyrus conseguiu falar: — Estou bem, é sério. Pode ir.

— Eu sei. Mas acho que meu chefe quer que eu fique aqui pra garantir que você não vai morrer… sabe como é. Todo mundo está tenso aqui hoje.

— Claro.

— Uma tia minha morreu de câncer de mama — Prateek emendou. — Estágio quatro, igual a Orkideh. Ela estava sempre nuns quartos cheios de tubos e armações de metal, corrimãos e tubulações, é disso que eu mais me lembro das visitas, um monte de tipos diferentes de tubos, uns de borracha e outros materiais, um de aspirador de pó, corrimãos por toda a parte. Tipo, corrimãos e mais corrimãos. E todos esses tubos, entrelaçados neles.

Cyrus olhou pra ele. Depressa, tentou lembrar o tipo de coisa que os médicos-em-treinamento do seu trabalho diziam para amenizar o sofrimento dos membros da família, mas só conseguiu juntar imagens dos cartazes do consultório: a anatomia da orelha, os sinais de derrame, como funciona o colesterol.

— Eu… eu sinto muito — Cyrus deu conta de dizer.

— Ah, isso já faz um tempão — Prateek disse. — Estou bem. Só quis dizer que foi uma bagunça. Ela esqueceu quem nós éramos no final, tinha líquido vazando por todos os orifícios. Foi muito pesado, cruel até. Tipo, foda-se o fato de isso sequer ser uma opção, de que esse é o tipo de coisa que pode acontecer com uma pessoa. Mas Orkideh foi Orkideh até o final. Continuou sendo ela. É um destino bem melhor do que as pessoas se dão conta.

Cyrus assentiu de leve. Seus olhos pareciam quentes, como se ele fosse chorar, mas não saía nenhuma lágrima. A visão continuava focando e desfocando; a cicatriz do pé latejava.

— Falei sobre isso com ela — Prateek continuou. — Com a Orkideh. Contei pra ela da minha tia, contei que ela também era artista, que ela desenhava quadrinhos para mim e para os meus primos. Mesmo quando já tínhamos passado dessa fase, ela ainda desenhava quadrinhos bobos, dinossauros andando de skate, esse tipo de coisa, e mandava pelo correio para minha irmã e eu. E você sabe o que Orkideh me disse?

— O quê? — perguntou Cyrus. Seu coração pulsava no pescoço, o pescoço pulsava nas suas mãos.

— Ela disse "não é tão bom poder conversar dessa forma?". Falou isso, segurou a minha mão por um instante e me deu um sorriso enorme. Ela disse "Obrigada por compartilhar a sua tia comigo. É muito bom poder conversar dessa forma". E foi isso. A próxima pessoa da fila veio e sentou na cadeira.

— Uau — disse Cyrus. Balançou a cabeça; sua visão começava a clarear. — Obrigado, Prateek. De verdade.

Prateek sorriu, deu uma batidinha no seu ombro.

— Tudo bem. Confio que você vai ficar bem. — Parecia que ele queria falar mais alguma coisa, mas decidiu que era melhor não. Se levantou e saiu em direção à escada. Cyrus ainda sentia o corpo vibrar. Sua vida toda tinha sido repleta de pessoas conspirando para ajudá-lo, para ensiná-lo uma coisa ou outra. Se sentia Hamlet, zanzando por aí esperando o mundo consolar sua dor, entrando em solilóquios intermináveis e desmaiando enquanto outras pessoas lhe davam bananas e chocolates. Hamlet morreu no final, é claro. "O resto é silêncio", Hamlet declarou, apesar de ter obrigado o melhor amigo a contar a sua história. Cyrus estava se sentindo um merda tipo esse.

Queria pedir desculpas para Prateek. Para Gabe. Queria tomar um banho longo, abraçar Zee, passar horas enrolado nele, beijando a mesma pintinha da sua nuca, inúmeras vezes. Cyrus passou pela porta de entrada e se viu novamente no frio, tremendo. Comerciantes vendiam os mesmos cachorros-quentes, águas, *biryanis*. Uma artista de rua fazia uma dança acrobática ao som de uma boombox antiga enquanto uma multidão de turistas se juntava ao seu redor.

Ninguém observava o perímetro de austeridade que Cyrus sentia a sua volta, enrolado nele como a corda de veludo do museu. Enrolado, vibrando ao redor do peito. "Se nos encontrássemos no Inferno, não seria o Inferno." Alguém tinha dito isso? Lentamente, Cyrus percebeu que a vibração era real, externa, e vinha do bolso do casaco. Ele pegou o celular, viu que tinha duas chamadas perdidas de um número desconhecido. Alguém tinha deixado um recado. Cyrus pressionou o celular contra o ouvido, e a voz de uma mulher disse, com sotaque carregado:

— Olá, uhm, essa é, uh, uma mensagem para Cyrus Shams. Meu nome é Sang Lihn, eu represento a artista Orkideh. Peguei o seu número, bem, na

internet… eu, ela me pediu pra, é, tem umas coisas que preciso discutir com você. Se puder, por favor, me ligar nesse número, eu… é, por favor, me ligue assim que puder, esse é meu número, por favor, me ligue assim que puder.

VINTE E SETE



Quando questionado sobre as dificuldades de esculpir, Michelangelo disse: "É fácil. É só tirar da pedra tudo o que não é David."

É fácil tirar as coisas da sua vida. Você termina com um parceiro merda, para de comer pão, exclui o aplicativo do Twitter. Você corta, e, ao fazê-lo, a forma do que está realmente te matando se torna mais evidente. Todo o mundo abraâmico investe nessa única promessa: não minta, não trapaceie, não foda ou roube ou mate, e você será uma boa pessoa. Oito dos dez mandamentos são sobre coisas que você não deve fazer. Mas você pode passar a vida inteira sem fazer nada disso e ainda assim não fazer nenhum bem. Essa é a crise. A podridão na raiz de tudo. A crença de que a bondade se baseia em uma ausência construída, no não fazer. Essa crença corrompe tudo, segura todo mundo com um pouquinho de poder na palma da mão. Um rico passa o dia todo sem matar nenhum mendigo e então dorme satisfeito com a sua bondade. Num outro mundo, ele compra conjuntos de meias e barrinhas de cereal e barracas, que distribui pelo centro da cidade. Mas, para ele, reina a abstinência.

Eu quero ser o cinzel, não o David. O que posso fazer da minha existência aqui? O que posso fazer da não existência?

As pessoas comuns pensam que a reabilitação é uma espécie de abstinência: nos imaginam sentados por aí, no limite, suando enquanto contamos as horas em desespero, tentando nos distrair para não termos uma recaída. É assim porque, para as pessoas comuns, beber é uma atividade, assim como escovar os dentes ou assistir a tv. Elas conseguem conceber a possibilidade de abrir mão de beber, como qualquer outra atividade, sem que isso destrua toda a sua existência.

Para os alcoólatras, não há nada além da bebida. Não tinha nada na minha vida que não fosse uma desculpa para ficar bêbado — seja ficar doidão, ou conseguir dinheiro para ficar doidão manipulando ou trocando essa droga por aquela e essa sim por dinheiro.

Ficar sóbrio é ter que aprender como gastar vinte e quatro horas por dia. É construir uma personalidade completamente nova, aprender como movimentar o rosto, os dedos. É aprender como comer, como falar com outras pessoas e andar e foder e, pior do que isso tudo, aprender como ficar quieto. Você se muda para uma casa que os últimos inquilinos destruíram. Você gasta os seus dias arrancando o carpete mijado, tapando os buracos na parede, *e* no meio disso você ainda precisa encontrar forças para lembrar de comer, pagar o aluguel e não agredir todo mundo que cruza o seu caminho. Não existe abstinência nisso. Não existe autocontrole. É um cinzel. É se entregar ao cinzel. É claro que você não acha que vai se tornar um David. Já é um milagre chegar do outro lado com a cabeça erguida.

— *do* LIVRODOSMÁRTIRES.docx de Cyrus Shams.

Sentado num banco do outro lado da rua, na frente do museu, Cyrus pegou o celular e escutou de novo o recado da galerista de Orkideh, Sang. Ela tinha sido casada com a artista. Fizeram parte da vida uma da outra por décadas. Por que estava ligando para Cyrus no dia da morte da ex-mulher? Como pode? Cyrus, que conhecia Orkideh fazia dias, não décadas, estava destroçado. Era difícil fazer qualquer coisa além de tremer. Como Sang estava dando telefonemas, articulando frases inteiras?

Sêneca disse que o luto não deveria durar mais de sete anos. Mais do que isso, era excessivo. Nazim Hikmet disse que o luto no século xx durava um ano, no máximo. Tinha minguado assim. Talvez o luto no século xxi tivesse caído para a fração de uma fração disso, só algumas horas antes de ser engolido pela necessidade. Uma nota de pesar que você vê ao rolar o feed, entre anúncios de papel higiênico e celulares. Todo mundo ao redor de Cyrus caminhava com uma facilidade enfurecedora. As árvores soltavam úmidas lascas pretas dos troncos, e ainda assim as nuvens pairavam acima delas, obedientes. Ele apertou o retângulo branco com o número de Sang no seu celular e ela atendeu no quarto toque.

— Oi? — A voz dela soava mais fraca do que no recado. Mais leve.

— Ahn, olá. Falo com Sang Linh?

— Quem gostaria?

— Hm. Aqui é o Cyrus Shams. Recebi uma ligação…

— Ahhh, Cyrus. Claro, estava esperando sua ligação.

Ele não disse nada.

— A Orkideh faleceu, Cyrus. Ela… foi ela mesma. Foi ela quem fez isso consigo mesma, nos seus próprios termos.

Um cachorro guiando um homem de patins passou voando. A garganta de Cyrus estava fria. O pai sempre o tinha feito usar cachecóis, a crença do velho mundo de que as doenças começam no pescoço.

— Está me ouvindo? — Sang perguntou. — Orkideh era a, hm, a artista que você…

— Eu sei. Certo. Sim, me desculpe. Quer dizer, sinto muito. Eu sei. Acabei de sair do museu.

— Oh, Cyrus, sinto muito. — Então, um longo silêncio. A voz de Sang estava rouca, a respiração profunda. Era a voz de alguém que raramente se permitia ser tomada pela emoção. E continuou: — Ela mencionou que você fez algumas visitas. Que está escrevendo um livro.

— Por quê? — Cyrus perguntou, mais ríspido do que pretendia.

— Perdão?

— Por que ela falou de mim pra você?

Uma pausa.

— As conversas de vocês foram muito importantes pra ela — disse Sang, por fim. — Eu sou… eu era. Ahn, eu *sou* a representante dela, mas fomos casadas por muito tempo.

— Eu sei, é. Sinto muito.

Cyrus segurava o celular com uma das mãos e esfregava a outra no pescoço, tentando aquecê-lo.

— Ah? Então ela te falou de mim?

— Não, na verdade não — disse Cyrus, baixinho. — Mas eu li sobre vocês na internet.

Sang riu.

— Ha-ha, claro, faz mais sentido — disse, num riso abafado. — Ela nunca foi do tipo que falava da vida pessoal. Ou que olhava para o passado.

— Lamento por sua perda — disse Cyrus, porque era o que se dizia.

— É, eu também — Sang respondeu. Os dois ficaram em silêncio por um instante. — Ela tinha um propósito na vida. E soube dizer quando tinha chegado a sua hora. Já é alguma coisa.

— Eu… — Cyrus começou. Suas orelhas queimavam. Era um dia frio, mas o chão debaixo dos seus pés parecia estar em chamas. — Por que você ligou pra mim? — Ele acrescentou, às pressas: — Tipo, por que eu, especificamente?

— Ah, não foi minha intenção fazer mistério. Mas é difícil, sabe? Estou muito brava com ela.

Tinha algo gelado preso na garganta de Cyrus, algo que o fazia se sentir obtuso e horrível, como a lua afundando barco após barco. A coisa indizível, uma coisa impossível. Cyrus preferiria desaparecer a ter que perguntar, a ser tomado pela vergonha intensa de sequer formular a pergunta em sua mente. Queria ser aniquilado, uma vela derrubada na neve. Fechou os olhos por um, dois instantes. Ao abri-los, ao se deparar consigo ainda dentro de si, perguntou de uma vez:

— A Orkideh era minha mãe? — A frase saiu da sua boca como um tiro atravessando porcelana, estilhaçando a separação entre ele e o absurdo, o inadmissível.

Uma respiração. Duas. Pessoas agasalhadas passavam por ele, depressa, árvores congeladas palpitavam.

— Há quanto tempo você sabe? — perguntou Sang.

— Eu não sabia — disse Cyrus.

Silêncio.

— Ela quis te contar, Cyrus. Acho que queria que você soubesse… acho que ela acreditava que teria mais tempo. Não, espera, não é isso. Ela sabia que ia acontecer. Eu… me desculpe. Não sei. Desculpe.

Cyrus não disse nada. No gramado, uma mulher caucasiana esfregava os ombros de um senhor caucasiano. Os dois usavam luvas de couro. Lascas pretas incomodavam as árvores.

— Eu não sabia — Cyrus repetiu.

— A Roya me disse que soube antes mesmo de perguntar o seu nome — contou Sang. — Ela reconheceu você na mesma hora, parado na fila do museu, depois de todos esses anos. Ela nem sabia que você estava nos Estados Unidos.

— Roya — disse Cyrus. — Roya era minha mãe.

— Onde você está agora? Ainda está na cidade?

Cyrus mexeu no celular, saiu da tela da ligação e abriu o navegador. No navegador, pesquisou imagens de Orkideh. As que apareceram na pesquisa eram, em sua maioria, de obras de arte, mas aqui e ali havia fotos da artista. Cyrus clicou numa delas com o polegar — uma foto mais antiga, Orkideh por volta dos quarenta. Usava maquiagem escura ao redor dos olhos e a foto tinha

sido tirada de cima para baixo, os olhos dela fitavam a câmera, os lábios um pouco salientes, demonstrando algo entre interesse e violência. Analisou seus olhos. Eram de um preto profundo, mas iluminados por uma faísca, como se peixinhos nadassem dentro deles e a luz refletisse em suas escamas. Uma incitação. Cyrus examinou o rosto dela em busca da Roya da foto de casamento do pai. Depois examinou-o em busca de si mesmo.

— Cyrus? — chamou Sang, uma voz quase inaudível, o telefone distante da orelha dele. Ele o trouxe de novo para perto do rosto.

— Desculpe, sim. Ainda estou aqui. Bem de frente para o museu. No Prospect Park.

Poucos minutos depois, Sang estava indo de carro encontrá-lo.

VINTE E OITO



Creio que as ações do Irã foram a principal causa desse acidente, e que o Irã deve assumir grande parte da responsabilidade pela tragédia.

William Crow Jr., Presidente,
Estado-Maior Conjunto, 5 de agosto de 1988

Os Estados Unidos são responsáveis pelas consequências desse massacre bárbaro de passageiros inocentes.

Ministro das Relações Exteriores do Irã,
Ali Akbar Velayati, 4 de julho de 1988

bárbaro *(adjetivo)* /baːrbarɔ/— termo derivado do grego βάρβαρος (*barbaros* pl. βάρβαροι) para se referir a povos estrangeiros vindos de "terras sem nenhuma influência moral", oriundos sobretudo de civilizações rivais como os persas, os berberes e os turcos, cujas línguas os soldados gregos zombavam dizendo "bar bar bar".

ORKIDEH

O que distingue a graça de todo o resto? A graça não pode ser merecida. Se você caminha pelo mundo de forma a sentir que merece uma compensação cósmica, então o que conquistou é algo mais próximo de justiça, de decoro. Graça, não. O decoro é correto. A justiça é justa. Há nisso uma inescapável qualidade transacional: realize *x* bondade, receba *y* de recompensa. A graça não funciona assim. Ela começa com a recompensa. A bondade nunca entra na equação.

Muitos fizeram coisa pior do que eu e sofreram menos punições. Mas a maioria fez menos e sofreu mais.

Meu nome é Roya Shams. Morri num acidente de avião no dia 23 de julho de 1988, quando o USS *Vincennes* derrubou meu avião do céu, no Estreito de Ormuz. O navio de guerra dos Estados Unidos acreditou que se tratava de um avião militar e disparou dois mísseis RIM-66 Standard MR no voo onde eu estava. Um deles atingiu a asa esquerda, destruindo o avião. A aeronave e todos a bordo foram eviscerados quase que no mesmo instante. Nós, os 270 passageiros, estávamos ali, depois não mais.

Só que eu ainda estou aqui. Aonde quer que eu vá, lá estou eu. Não naquele avião. O avião em que nunca embarquei. Leila e eu trocamos nossos documentos para que ela pudesse fugir do Irã, fugir de Gilgamesh e dos seus aguados olhos cinzentos. Ele sabia sobre nós. Eu iria encontrá-la depois, fora do país. Em Dubai. Leila estava com o meu passaporte, e eu com o dela. As fotos do passaporte eram impressas em tão alto contraste que todo mundo parecia igual, um borrão de luz clara, dois olhos e uma boca. Um xador escuro e solene. O rosto dela, tão precioso. Era o plano perfeito.

Só que Leila foi arrancada da existência, feito um tomate colhido do pé. Impossível encontrar alguém que foi arrancado da existência. Você é obrigado a viver com aquela ausência, sussurrando *"jaya shomah khallee"* para a cadeira onde a pessoa estaria, para o travesseiro extra, em desuso na cama. Seu lugar está vazio. Só que? Seu lugar está vazio.

Aonde quer que eu vá, carrego a graça de ter vivido depois que morri. O que fiz para merecer isso? Nada. É isso que torna a graça uma graça. Era meu nome na lista de passageiros do avião. O meu corpo que nunca foi encontrado, estufado, numa praia, por um pescador qualquer. A graça de sequer existir — nenhum de nós fez por merecer. O fato de termos nascido. Passamos a vida inteira tentando entender como quitar a dívida atrelada à nossa existência. E a quem pagar por ela.

Mas isso tudo é um mal-entendido sobre a graça, porque ela não exige nada em troca. Mesmo quando você recebe a dádiva duas vezes, quando emerge da própria morte e consegue abandonar o marido. Consegue deixá-lo para trás, para que sofra por você, para que crie o filho de vocês sozinho.

Certa vez, vi a autora de uma estimada coluna de relacionamentos falar numa entrevista que a pergunta que ela mais recebe é uma variação de: amo meu companheiro, mas a relação parece que não vai dar em nada e a nossa vida já está tão entrelaçada que me pego fantasiando sobre a morte dele. Isso resolveria tudo sem que eu fosse a vilã. Eu reservaria um tempo para o luto, claro, e depois seguiria em frente. Isso é normal? Ou sou um monstro?

Graça: que eu tinha dinheiro o suficiente para chegar na Turquia. Que eu estava agasalhada o suficiente. Aquela longa viagem de trem, alternando entre um choro tão violento que era indistinguível de uma risada e uma sensação de torpor absoluto, uma apatia que me dava medo. Como um pássaro morto com as tripas de fora.

Graça: que o homem — na verdade, o menino — na fronteira aceitou o meu suborno e não registrou os documentos de Leila no sistema, que eram só os que eu tinha. Se os tivesse registrado, qualquer alerta que Gilgamesh pudesse ter colocado em seu nome dispararia. Eu seria obrigada a retornar para minha vida e depois punida. Ou pior.

Graça: que o menino-homem na fronteira aceitou o suborno e era jovem demais para exigir mais dinheiro. Que ele não sabia, ou fingiu não saber, que eu teria feito tudo o que ele mandasse. Puxei minha blusa para baixo ao falar com ele.

Graça: que ele tinha olhos para ver.

Graça: ter conseguido usar o passaporte de Leila em Ankara para comprar uma passagem só de ida para a cidade de Nova York. Graça que o funcionário da companhia aérea olhou por cima a imagem da Leila morta e pensou que ela fosse eu, também morta, só que parada diante dele. Graça pela péssima qualidade da foto. Graça que talvez nós todos sejamos parecidos.

Deus nunca me perdoará. Por que eu deveria perdoar?

Graça: desembarcar numa cidade sempre acesa, acordada. Ser capaz de vagar vinte e duas horas por dia, conhecer a cidade, pensar, chorar, observar, chorar, vagar, ouvir, vagar, aprender, ouvir, chorar, vagar, e então apagar num banco, num gramado, sem ser incomodada.

Graça de não possuir nada que valesse a pena ser roubado.

Ao meu redor, as pessoas tinham menos do que eu. Homens com sacos plásticos em cima dos pés descalços enquanto falavam coisas incompreensíveis, tomavam bebidas alcoólicas de garrafas de plástico. Mulheres apoiadas em escadas que mal conseguiam manter os olhos abertos para fazerem súplicas. Eu ainda estava bem da cabeça. Conseguia usar as palavras — o bastante para dizer "por favor" e "desculpe" e "obrigada" — tudo o que é de fato necessário em qualquer língua, a menos que você seja um filósofo.

Roubei muito. Vestida como estava, parecia uma mulher de negócios. Tentei manter as roupas limpas. Blusa boa, calça fina. As pessoas não prestavam atenção em mim como deveriam. Roubei salgadinhos, água. Roubei remédios para dormir, meias. Canetas, maçãs, absorventes. Numa livraria, roubei um dicionário persa-inglês. Noutra, uma revista *Times* com um navio de guerra disparando um míssil. Tive que procurar as palavras garrafais em letras brancas: "Tragédia no Golfo". فاجعه. "Catástrofe". Como um desastre natural. Não "massacre". Nem mesmo "assassinato". A imprecisão dos Estados Unidos era tida como natural, mesmo para os americanos.

Li aquele dicionário o máximo que pude. Comia com ele, dormia nele algumas vezes. Era bastante macio, um conjunto de páginas de capa mole de oito centímetros de grossura. Era um lugar onde me enfiar.

Quando estava fora do dicionário, eu sentia fome, tristeza absurda. Cansaço, medo. Tinha saudade de Leila. Uma saudade tão frenética que dizer "eu tinha saudade dela" não bastava. Era algo que eu sentia no corpo, na ponta dos dedos e na pele macia dos calcanhares, nas pálpebras. Tudo em mim ardia por ela. Tinha saudades de Cyrus também, mas era diferente. Sentia falta de Leila com o meu corpo. Sentia falta de Cyrus com o tempo. Eu tinha todo esse tempo, vagando pela cidade, sem uma boca para alimentar, sem nenhum corpinho minúsculo para ninar até dormir. Tempo-demais me fazia pensar em Cyrus. Ficava culpada por quase não pensar em Ali. Então eu vagava, eu roubava e eu estudava o dicionário.

Graça, aquele dicionário. Um lugar onde cada coisa estava atrelada a um significado.

Nos Estados Unidos, aquele dicionário me ensinou tudo que eu precisava saber. Como dizer "banheiro", como ler os letreiros do metrô. Quando aprendi a palavra para cigarro, andei pela cidade murmurando aquilo a mim mesma, como uma oração, um mantra. *cigarette*. see-garr-ett. Era a minha palavra favorita. Se chegava perto de alguém e a falava, uma em cada cinco vezes ganhava um cigarro. A língua tinha esse poder de criar uma refeição.

Mas o dicionário não me preparou para o tanto de tralha que faz parte da língua. Se eu dissesse "água" ou "por favor, pode me dar um copo de água?", as duas frases eram, para todos os efeitos, a mesma. Ou a diferença era tão sutil que achei que nunca a aprenderia. Artigos, formalidades: ligadura. Tecido conjuntivo enchendo o ar. Enchendo o tempo. É a diferença entre saber um idioma e só conseguir se comunicar. E no fundo, o meu objetivo era me comunicar. Ainda é.

Até as letras têm partes inúteis. Se escrevo "escr†ta" ou "escr1ta", qualquer pessoa fluente sabe dizer o que está escrito. Posso até substituir todos os *i*'s por *l*'s em uma frase e ainda assim daria para ler. É evidente que a própria

estrutura da língua tem partes inúteis e outras fundamentais. Não tem dicionário que te ensine qual é qual.

Eu li uma vez que o nosso código genético funciona assim, que a maioria das sequências são fósseis evolutivos, replicações aleatórias e infinitas, trilhões de células reproduzindo o mesmo nada por milênios.

Se boa parte do meu idioma é inútil, tanto a linguagem da minha fala quanto a linguagem do meu corpo, é possível que uma parte significativa da minha existência esteja condenada à inutilidade. Não tem nada na minha vida que não esteja atrelado à linguagem, ou ao meu DNA.

Penso que o que chega mais perto é o sexo. Não é de todo desprovido de linguagem, é verdade, e certamente não acontece sem o corpo. Mas em termos de honestidade, da doce comunicação humana com menos partes inúteis, o sexo vence. É onde a densidade da compreensão atinge o seu máximo. Um amante atento pode ler uma *Odisseia* num arquejo, um *Shahnehmeh* num suspiro.

Não gosto de ser penetrada. Tive que explicar isso aos meus parceiros homens várias vezes. E depois me manter firme diante dos seus "mas e se" e "é só porque ainda não provou o meu". Como se trocar o rótulo de um frasco de veneno pudesse torná-lo mais apetitoso.

Em geral, as parceiras que tive na vida não precisaram de explicação. Eram mais fluentes, imagino, nas semióticas da paixão, embora nem todas as trocas fossem passionais.

Mas Leila era. Passional. Ela era capaz de discernir tudo a partir de um tremor, um suspiro. Quando os dedos de Leila desceram pela primeira vez e se depararam com a tensão inconsciente do meu abdômen, ela leu a autobiografia mais completa que eu serei capaz de escrever. E então acrescentou seus próprios movimentos, seus próprios capítulos. Ela alterou o texto da minha vida.

Já outras ignoraram essas inferências ao percebê-las e seguiam em frente, másculas. Não que essas parceiras carecessem da capacidade de notar os meus desejos. Elas careciam de fé na minha convicção. Porém, logo elas também seriam convencidas.

Uma das minhas primeiras instalações de destaque, no Instituto de Artes de Detroit, se chamava *A densidade da compreensão*. Duas grandes chapas de cobre, monolíticas, cada uma com quase quatro metros de altura, de frente uma para a outra. O cobre era fosco, mas mesmo assim refletia um pouco da claridade da sala, e a luz ficava passando de uma chapa para a outra, como se elas se olhassem no espelho. Mas não eram espelhos, uma delas era levemente curvada em direção a outra. Eram só potencial, cunhas grandes e pesadas dentro das quais aguardavam, pacientes, o soldado, o cavalo, a Vênus, para serem esculpidos. E entre os dois monolitos, no pequeno vão nas bases quadradas, tinha uma televisãozinha, uma caixinha de nada, exibindo um vídeo meu lendo o *Shahnehmeh* na íntegra, cinquenta e seis horas de vídeo gravados numa única tomada. O vídeo enquadrava somente o meu rosto — ninguém precisava ver meu copo d'água, meu banheiro adaptado. Eu estava sem maquiagem. Meus olhos estavam remelentos, os contornos duros do meu rosto criando um contraste útil com os monolitos de cobre. Enquanto lia o poema de Ferdusi, eu alternava entre os idiomas, entrando e saindo do farsi, entrando e saindo.

— Sohrab ficou surpreso porque o ágil guerreiro com quem lutara era na verdade uma mulher….

Depois,

بر ایرانیان زار و گریان شدم
ز ساسانیان نیز بریان شدم
دریــغ این سر و تاج و این داد و تخت
دریغ این بزرگ و این فر و بخت

A luz da televisão refletia entre as chapas, se multiplicando, se deformando e se enfraquecendo a cada repetição.

Tenho orgulho da *A densidade da compreensão*. Ao meu ver, é uma obra que ainda faz sentido.

Mas é claro que agora tudo funciona assim na minha cabeça, onde estou. O quando do agora — morrendo minha verdadeira morte. Bagunça tudo. O

tempo se emaranha, se desgasta.

No meu segundo ano nos Estados Unidos, tive pela primeira vez um sonho em que Leila falava comigo em inglês. De todas as pequenas mortes que vivenciei nesse país, essa foi de longe a pior.

No sonho, um homem cortava nossa árvore de pistache de cinquenta anos, minha e da Leila. No sonho, tínhamos uma árvore de pistache. De cinquenta anos. Só esse detalhe.

Então estávamos tentando decidir o que fazer com o homem, qual seria a sua punição. Dei uma sugestão tosca de que ele nos devia um ano de colheita de pistache, o preço da árvore. Daí, Leila disse, em inglês:

— Eu não ligo para os pistaches, Roya *jaan*. Não ligo para a árvore. Ele nos deve os cinquenta anos de sol, cinquenta anos de água dentro da árvore. Cinquenta anos de sol e água. Esse é o preço.

Ela disse isso em inglês. Acordei aos gritos. Inglês, cinquenta anos de sol. Chorei durante uma semana. Estar separada de quem você mais ama, isso que é o inferno. Agora, sofrer a separação duas vezes, primeiro pelo país e depois pelo próprio idioma: é uma dor mais profunda que a dor. Mais profunda que o inferno. É o abismo.

Comecei a trabalhar numa lanchonetezinha grega que servia café aguado e que repetia as mesmas músicas do Jerry Lewis e do Bobby Darin todos os dias. Ali, eu raspava batatas fritas grudadas com ketchup de bandejas vermelhas de plástico, picava cebolas e tomates por horas a fio. Mastigava pão duro enquanto picava as cebolas para evitar as lágrimas. E, quando o movimento estava baixo, eu desenhava. Eu desenhara a minha vida inteira — na escola, quando estava entediada, quando amamentava Cyrus —, mas naquela lanchonete, onde tudo era automático, autônomo, onde eu vendia a mão de obra do meu corpo, mas não da minha mente, me dei conta de que meus desenhos estavam se tornando cada vez mais interessantes, livres. Longe das inibições do meu córtex frontal, que batia em retirada quando eu batia o ponto, todo o meu eu estava, para todos os efeitos, ausente, e eu ia de mesa em mesa e, quando dava, roubava uns minutinhos para desenhar no meu caderno ao lado da pia.

Eu morava num apartamento minúsculo numa área com muitos açougues. Naquela época, Lower Manhattan estava repleta de prédios detonados, de ruas inúteis. As processadoras de carne de porco deixavam tudo com cheiro de sangue. Com frequência, surgiam apitos dos canteiros de obras — um curto para anunciar uma explosão, um longo para avisar que estava tudo limpo. O prefeito tinha decretado o fim das casas de banho (eu nem sabia o que eram até morar perto de uma), por isso o bairro estava cheio de espaços vazios, de uma energia inquieta. As prostitutas andavam aos pares, subindo e descendo a Washington Street.

Meu apartamento era só um colchão, uma janela e um banheiro. Mas eu não precisava de mais. Passei a cobrir as paredes com os meus desenhos. Copos d'água, raios de sol refletindo na água. Homens, soldados, corpos estendidos no chão como caligrafia. Linhas e formas fraturadas, vivas demais para conterem a si mesmas.

Comecei a usar o salário da lanchonete para comprar tinta a óleo, telas, e fazia experimentos em casa. Leves pinceladas de cores fortes, contornos grosseiros. E depois, detalhes. Brincava com as camadas, com os tons. Azuis-escuros encorpados, cinzas artríticos.

Era um lugar para me enfiar. Quanto menos tempo passava no meu córtex frontal, no abismo, mais segura eu ficava. Em Nova York, meus documentos diziam que meu nome era Leila. Todo mundo me chamava pelo nome do meu amor morto. O amor que matei quando morri. Só que eu ainda estava aqui, morando dentro do nome dela. Eu estava aqui, Ali e Cyrus *lá*, e Leila? Leila não estava em lugar nenhum. Aqui, ali, em lugar nenhum. Quando pintava, eu também conseguia não estar em lugar nenhum.

Aconteceu como acontece com qualquer um, a fama. Pura sorte disfarçada de anos de trabalho duro. Mas o contrário também é verdade. Passei anos picando cebola, comprando tintas. O apartamento era tão apertado que eu tinha que empilhar as telas; no verão, as tintas de umas grudavam no verso de outras. Algumas telas dessa época ainda têm as manchas na parte de trás.

Nas poucas horas em que eu não estava pintando ou trabalhando na lanchonete, visitava as galerias. Era uma obsessão. Sempre as menorzinhas no Chelsea, no East Village. Eu queria saber o que todo mundo, todo mundo mesmo, estava fazendo. Bem ali, naquele momento. Não no Met ou no Frick. Já sabia o que os grandes mestres tinham produzido. Queria entender o vocabulário visual da atualidade, queria aprender a usar tudo: arte têxtil, esculturas de néon, fotografia. Cada uma delas parecia uma frase importantíssima dentro dessa nova linguagem, um veículo para que eu pudesse me comunicar através do (com o) abismo. Era uma maneira de permanecer na Terra.

Com o tempo, alguns donos de galeria começaram a me reconhecer. A maioria demonstrava indiferença, um vago desdém ao me ver entrar pela terceira vez na semana e sair de mãos vazias. Outros eram amistosos demais, esperançosos de que eu fosse uma colecionadora rica, ali para comprar a obra principal da exposição. Eu não dava muita atenção a nenhum deles.

Num domingo, eu tinha acabado de sair do turno do café da manhã da lanchonete. Estava cheirando a fritura e cebola queimada, tinha uma bolha enorme na mão por ter limpado a grelha. Fui direto do trabalho até a loja de material artístico, comprar uma tela e terebintina para os pincéis. A caminho de casa, passei na frente da Galeria Linh, no Chelsea, um lugarzinho iluminado dedicado à pintura contemporânea mundial. Eu já tinha visto a dona algumas vezes. Era uma matriarca robusta, com cabelos pretos curtos repicados e uma manchinha marrom estranhamente geométrica — quase triangular — acima do olho esquerdo. Parei na galeria antes de ir para casa. Expostas ali, estavam as obras de uma jovem pintora da Argélia, amplos quadrados de cor e textura inscritos uns nos outros, com contornos escuros de pessoas, animais e máquinas agrícolas espalhados ao redor.

Depois de me cumprimentar com um aceno de cabeça quando passei por ela, a galerista notou a minha sacola da loja de materiais artísticos.

— Você é artista!

Fiquei surpresa em ouvi-la. Olhei em volta para ver com quem estava falando, e então percebi que éramos as únicas na galeria.

— Ah, não, nada disso. Trabalho numa lanchonete — eu disse, puxando o colarinho do meu uniforme como que para provar que era verdade.

A mulher riu.

— Todo homem que entra aqui se diz pintor, me fala dos Guernicas que pintou na aula de artes do ensino médio. Mas você, com tinta no pescoço e um tubo de terebintina, diz "trabalho numa lanchonete".

Trouxe as mãos ao pescoço por reflexo, senti com os dedos até achar a mancha de tinta que ficou na pele, debaixo do queixo.

— Eu gosto de pintar. Mas é verdade, trabalho numa lanchonete.

— Eu trabalhei numa fábrica de botões por vinte anos — ela disse. — E nem era fazendo botões. Eu tirava o lixo, limpava as privadas das pessoas que faziam botões. Mas mesmo naquele tempo eu sabia que era artista, e não a moça da limpeza. — Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha e cerrou o maxilar, desafiadora. — E os botões eram uma porcaria! Torciam no calor, quebravam no frio.

Dei risada.

Ela saiu de trás do balcão e conversamos assim por um tempo, ela no trabalho, eu fedendo a fritura. Me contou que seu nome era Sang; "Linh" era sobrenome. Me contou que fugiu para os Estados Unidos depois da Guerra do Vietnã. Trabalhou na fábrica de botões no Bronx, onde também criou os filhos, três meninos. Depois que eles cresceram e saíram de casa, ela juntou todas as suas economias e abriu a pequena galeria para expor seu trabalho. Me contou sobre a vasta indiferença do público em relação às suas pinturas.

— Tenho certeza que eram magníficas — comentei. Era verdade, mas soou meio idiota saindo da minha boca, condescendente e falso.

— Eram bem ok — ela retrucou, com a postura de alguém que não está atrás de elogios, alguém que há tempos seguiu em frente. — Nada demais. Mas descobri que eu era boa, boa mesmo, em avaliar as obras dos outros. Ver o que eles não conseguiam ver nos próprios trabalhos. Para o bem ou para o mal. — Enquanto falava, ela espremia e relaxava os olhos, meio que sem perceber. Parecia estar tentando resolver uma conta matemática na cabeça enquanto o resto do rosto conversava.

Sang disse que começou a convidar outros artistas para expor na galeria e se deu conta de que os compradores estavam bem mais interessados nas obras deles do que nas dela. Em pouco tempo, pagar o aluguel ficou mais fácil, e logo os artistas e seus agentes passaram a disputar sua atenção.

— Uns vigaristas! — Ela riu. — Como cobras numa plantação de camomilas.

Sorri, embora a frase não fizesse nenhum sentido para mim. Era algo que Sang fazia com frequência, dizia essas expressões idiomáticas bizarras que eu não encontrava em lugar nenhum. "Ele está usando dois chapéus!", gritava ela sobre certo político, ou "ele tem pedras no lugar dos olhos" sobre um artista por quem não tinha apreço.

— Você ainda pinta? — perguntei.

— Esta é a minha pintura agora — ela disse, gesticulando para as obras nas paredes, para a galeria como um todo. — Toda a arte do mundo, eu misturo, faço uma nova composição. A curadoria é, obviamente, uma arte por si só.

Fiz que sim, mas não tinha certeza se concordava. Da minha parte, falei pouco sobre mim mesma. Vim do Irã para os Estados Unidos depois da revolução. Não tinha família aqui. Não fiz faculdade de artes nem pretendia fazer. Não conhecia essa ou aquela pessoa. Comprava os meus materiais numa rede de lojas baratas a algumas quadras dali.

Sang disse:

— Está bem, Moça Misteriosa. Me traga algo amanhã então. Uma pintura sua.

Fiquei em choque. Nunca tinha mostrado as minhas obras a ninguém. Já tinha desenhado em bilhetinhos para Leila, um ganso ou uma pipa, ou riscado as margens de um papel onde eu deveria estar escrevendo. Mas as minhas pinturas, as pinturas que tinham virado a fundação sobre a qual construí a minha vida, eram só minhas. Não tinha, ao criar, incluído outras pessoas na equação. Para que exibir o seu bote salva-vidas para um estranho? Consegui dizer apenas:

— Eu… eu trabalho o dia inteiro amanhã.

— Tudo bem, então na quinta — respondeu Sang, implacável. — Estarei aqui.

— É que eu trabalho todos os dias esta semana, o dia todo. Só saio bem tarde.

Sang revirou os olhos.

— Está bem, traga quando puder. Eu não vou a lugar nenhum.

Ela sorriu ao dizer isso, não de um jeito acolhedor mas de um jeito orgulhoso, como se tivesse conseguido me acossar. Ela tinha dois dentes de prata, que brilhavam quando ela sorria. Eu disse:

— É muito gentil da sua parte. Vou ver o que consigo fazer. — E andei depressa até a porta.

— Espera! Você nem me disse o seu nome.

Fiz uma pausa. Eu não era mais Roya há anos. Eu era Leila. Mas mesmo então, naquele momento de profunda incerteza e timidez, mesmo no abismo profundo onde eu me encontrava, sabia que a minha arte não podia ser da Leila, não podia colocar a morte junto do nome de Leila numa coisa que eu tinha feito aqui, com as minhas próprias mãos cheias de calos e cebolas.

— Orkideh — falei, surpreendendo a mim mesma. Era o nome que eu e Ali tínhamos escolhido para Cyrus quando achamos que ele era menina, depois do primeiro ultrassom ter dado errado. "Disseram que você era menina", Ali disse arrulhando para Cyrus, no dia que o levamos para casa "mas você era só um menino tímido. *Mashallah!* Modesto!".

Sang arqueou as sobrancelhas por um instante, depois disse:

— Estou ansiosa para ver as suas pinturas, Orkideh.

Durante toda a semana, ponderei sobre o que levar. Eu não tinha um tema coeso. Não tinha nem um estilo coeso. Sabia que era uma fraude, sabia que logo a galerista me diria isso.

Por fim, me decidi por uma das minhas obras mais recentes, sobre a qual eu passara as últimas semanas debruçada. De lá pra cá, percebi que aquela escolha era inevitável. Toda vez que eu termino algo, mesmo agora, continuo certa de que é a minha melhor obra, de que todo o resto foi útil mas só como uma espécie de adubo dispensável, uma preparação para a obra-prima que acabei de forjar. Pintar me salvou, mas não posso dizer que amava pintar.

Pintar era uma necessidade. O que eu amava de verdade, o que eu amo, é ter-pintado. Esse era o barato. Ter feito algo que jamais existiria em toda história da humanidade se eu não estivesse ali, naquele momento específico, para fazê-lo. Me ressentia de ter que trabalhar por essa razão, mais do que qualquer outra. As inúmeras pinturas que jamais existiriam porque tinha que trabalhar por dinheiro em vez de pintar. Também me ressentia do meu corpo pelas mesmas razões, pela ânsia devoradora de tempo, pelas manutenções constantes, ter que comer, cagar, fumar.

A pintura que levei para Sang era uma das maiores, com um metro e oitenta por um metro e vinte. Era uma cena noturna, um campo de batalha. Jovens soldados de traços bizantinos, rostos com bigodes em corpos infantis rechonchudos, estendidos pelo solo sangrento feito fios de macarrão. Armadura, espadas, pistolas. Uma grande nuvem de fumaça, cinza forte sobre preto, preto suave sobre um preto mais profundo. Vermelhos. E no centro da imagem, no centro do campo de meninos, havia uma criança aterrorizada montada a cavalo. Segurava uma lanterna sob a cabeça. Coxas nuas, redondinhas, de bebê. E o rosto do meu irmão, o rosto de Arash. Ele inteiro, sob um manto preto. Arashzinho fingindo ser um anjo naquele manto, naquela guerra. O doce Arash, que provavelmente, naquele mesmo instante, estava em algum lugar de Alborz botando barricadas nas janelas, apontando a espada para fantasmas.

Já contei o restante da história da minha "descoberta" em outro momento. Da sorte absurda que tive. Sang adorou a pintura e, depois de visitar meu apartamento e ver a montanha de obras que eu tinha estocado, me deu a minha primeira exposição solo. Uma crítica de arte do *Times* perdeu o trem e voltava para casa andando quando, por impulso, entrou na Galeria Linh para confraternizar conosco, uma anônima entre meros mortais. Mas ela também foi seduzida pelo meu trabalho e escreveu uma resenha curta, porém elogiosa, mencionando a obra do Arash, *Dudusch*, definindo-a como "impressionante" e "radicalmente humana".

Vendi toda a exposição. Me demiti da lanchonete. Sang disse que deveria ter cobrado mais pelos quadros, mas pra mim era indiferente se as obras tivessem saído por vinte vezes o valor. Eu estava oficialmente trabalhando

como artista. Inacreditável. Sang alugou um pequeno ateliê para mim, e comecei a receber meus primeiros convites, minhas primeiras encomendas.

É, pura sorte, como muitos chamaram, como eu mesma chamei. Conseguir espaço numa galeria, mesmo que pequena, é uma chance em um milhão. Conseguir a atenção de uma crítica do *Times* quando se é uma ninguém, sem contatos, sem experiência. Inacreditável.

Só que quando Sang me pediu que lhe mostrasse uma pintura, eu tinha uma. Quando ela me pediu permissão para ver as pinturas no meu apartamento, eu tinha dezenas. Me esforcei a vida inteira para adquirir as habilidades técnicas e emocionais para produzir aquelas pinturas. Piquei tomates e raspei anéis de cebola meio comidos de bandejas de plástico ao longo de milhares de horas. Pintei durante o luto, chorando e pintando, pintando e chorando. Passei semanas, meses inteiros sem dar um sorriso. Vivi num apartamento tão pequeno que sentia o cheiro do pum dos vizinhos. Gastei até o último centavo em telas, pincéis, tintas. Me matei. Matei o meu amor. Me forcei para esquecer meu marido, meu irmão. Meu país. Meu filho.

É fácil para quem não teve que abrir mão de nada racionalizar a própria vida ordinária e dizer que tive sorte. Mas eu sacrifiquei minha vida toda; eu a vendi ao abismo. E o abismo me deu a arte.

Nenhum museu quis nem chegar perto da *Fala-Morta*. Todo curador achava a ideia fascinante, mas todo departamento jurídico dizia nem pensar. Quando finalmente consegui fechar com o Museu do Brooklyn, tive que assinar um acordo gigantesco, páginas e páginas de papelada. Minha morte não seria, de forma alguma, responsabilidade do museu. Tive que assinar um termo dizendo que se algum visitante me passasse uma doença sem querer, o museu não seria responsável. Tive que assinar um termo dizendo que se um visitante me passasse uma doença de propósito, o museu não seria responsável. Tive que assinar uma Ordem de Não Ressuscitar, e aí uma ordem para essa ordem. Minha oncologista teve que estimar o dia exato em que eu iria morrer, e depois assinar uma papelada dizendo que, caso acontecesse antes daquela data, o museu não seria responsável.

Por fim, os advogados se apaziguaram e a instalação foi montada. Grandes paredes brancas, iluminação baixa, simples. Cadeiras pretas, uma mesinha preta. Eu tinha um quarto só para mim nos fundos da galeria com cama, geladeira e banheiro. Só usava quando era necessário. Queria mesmo era estar lá na frente, com as pessoas. Eu era um lembrete de que todos nós estamos morrendo. Eu só estava morrendo mais rápido.

VINTE E NOVE



ORKIDEH

O que quero dizer é que fui feliz. Não sempre, nem mesmo a maior parte do tempo. Mas pude conhecer alegria profunda, verdadeira. Talvez cada um de nós receba uma quantia fixa para usar durante a vida, e eu usei a minha muito rápido e de uma vez só, com Leila. Mas não acho que tenha sido uma tragédia, a minha vida. Tragédias são implacáveis. Ninguém poderia pedir mais do que recebi.

TRINTA



SEGUNDA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 4

Cyrus pensou no que Sang veria: um rapaz desgrenhado, malvestido, usando um moletom de capuz e calça jeans, sentado sozinho num dos bancos do parque. Não olhava o celular nem lia um livro, só roía as unhas, encurvado. Talvez suas olheiras fizessem Sang pensar nas de Orkideh. Talvez, por um momento, ela perdesse o fôlego.

— Cyrus? — uma mulher disse.

Ele levantou a cabeça. Os olhos estavam vermelhos e secos.

— Sang, é você? — ele perguntou, apesar de tê-la reconhecido na hora. Parecia mais velha do que nas fotos da internet, mas era inconfundível. Era uma mulher robusta, de estatura baixa, lábios finos, cabelo cor de Pepsi preso num rabo de cavalo frouxo. Ela usava um casaco preto fino que ia até os joelhos, aberto na frente, por cima de uma camisa de botão cinza-escuro. Os olhos redondos e as rugas profundas que iam do nariz à boca lhe davam ares de preocupação permanente, o rosto quase franzido. Sua aparência não tinha nada de exagerado, nada que pudesse indicar que era uma figura importante na cena artística da cidade.

Sang fez que sim.

— Posso me sentar? — ela perguntou.

— Claro — respondeu, abrindo espaço.

Ficaram ali sentados por alguns segundos, depois um minuto inteiro, cada um concentrado em medir a textura do silêncio, a história entre eles. Um

passeador de cachorros passou, sendo arrastado por um boiadeiro australiano e dois border collies. Uma babá empurrava um carrinho duplo. Sang pegou um maço de cigarros colorido, da marca Nat Sherman, e ofereceu um a Cyrus. Primeiro, ele negou com a cabeça, depois pensou melhor e pegou um. Sang acendeu o cigarro para ele e ficaram ali, sentados. Para Cyrus, a fumaça do cigarro parecia o fantasma de uma pessoa amada retornando depois de uma longa ausência, deixando-o quentinho e com os dedos formigando. Até o chão parecia quente sob seus pés, embora o dia fosse de um frio fora da curva. Será que estava vibrando de leve, ou cantarolando?

— Está escutando? — Cyrus perguntou, por fim.

— A cidade? — questionou Sang.

Cyrus buscou de novo o som da cantoria, da vibração, mas não encontrou mais.

— Ah, deixa pra lá — ele disse. Seu pescoço doía de frio.

"É diferente aqui, o frio", Cyrus pensou. "Tem um cheiro diferente do frio do centro-oeste. O céu também é diferente. É mais molhado? Mais pesado?"

— Onde você mora? — Sang disse, exalando uma nuvem grossa de fumaça no ar.

— Em Indiana. Perto de Chicago. Não muito, na verdade.

Sang assentiu. Fumaram em silêncio por mais um minuto. O silêncio era uma misericórdia pela qual se sentiam gratos enquanto os corações se ajustavam ao momento, às revelações estonteantes e insanas do dia.

— Sabe — Sang começou, depois de um tempo —, quando Orkideh começou a emagrecer, por causa do câncer, ficamos obcecados em tentar alimentá-la. Minha esposa enchia umas cumbucas de kiwi, pera, carambola e pêssegos para ela, fatias tão macias que amassavam só de você respirar perto. Meu filho do meio, Truong, é chef de cozinha. Tem um restaurante em Jackson Heights. Ele preparava para ela uns pratos incríveis: caldos de carne, guiozas, rolinhos primavera preparados no vapor. Fazia uns bolinhos de arroz com coco que ela amava. Todo mundo queria alimentá-la, mais e mais. E aqui está você, todo magro e encolhido de frio e a única coisa que quero fazer nesse momento é te levar para o Truong e te alimentar também, te empanturrar de batata frita e macarrão.

Cyrus sorriu de leve. Sang prosseguiu:

— A Orkideh, Roya, costumava dizer que só existem dois tipos de pessoa num relacionamento, o que alimenta e o que é alimentado: a pessoa que quer cuidar e a pessoa que quer ser cuidada. Acho que ela dizia com mais crueza, mamãe e bebê, algo esdrúxulo assim. — Sang sorriu e balançou a cabeça. — Ela não gostava de precisar de nada, de ninguém. Acho que era tudo parte de um desprezo elaborado que tinha por si mesma.

— Soa exaustivo — disse Cyrus.

— Ela era uma mulher complicada — Sang acrescentou com simplicidade, o tipo de ladainha que deveria servir para aliviar alguma coisa, mas só ficou ali, meio perdida no ar.

Eu não saberia dizer, pensou Cyrus com amargura, mas não disse nada. Boa parte do que estava sentindo era raiva, percebeu. Dando o seu melhor para engoli-la, ele disse, baixinho:

— Obrigado por ter vindo me encontrar. Não sei bem o que dizer.

Sang concordou, depois olhou para o celular, que estava vibrando.

— Que merda, vou ter que atender — ela disse, se levantando do banco. — Dois minutos — murmurou para Cyrus, mostrando dois dedos, e depois se afastou.

Cyrus a observou caminhar para longe, conduzindo o que parecia ser uma conversa séria de negócios. Olhou para o céu, que começava a reunir um aglomerado de nuvens roxas. Por que Orkideh não revelou quem era? Sua mãe? Por que não tinha ido atrás dele? Ou do marido? E como explicar o voo? Nada fazia sentido. Cyrus pegou outro cigarro do maço colorido que Sang deixou no banco, mas quando percebeu que não tinha isqueiro e Sang não tinha deixado o dela, o colocou de volta. Foi engolido por uma onda de pena de si mesmo. Estava sozinho e com frio numa cidade desconhecida que não tinha lugar para ele. Estava sem amigos, sem padrinho, talvez com um leve cheiro de mijo e, de alguma forma, ainda mais sem mãe do que quando acordou pela manhã. *Se isso é um sinal, é um sinal de merda*, pensou ele para — quem? — deus. Seu pé latejava com a dor familiar. O vento dedilhava o ar do parque como uma harpa desacompanhada.

Ao concluir a ligação, Sang voltou depressa para perto de Cyrus e se sentou de novo ao seu lado. Ela tinha um cheiro bom, sólido, de estragão e tabaco.

— Me desculpe, querido. Continuo sendo a agente dela — Sang disse.

— Sem problema. Fiquei surpreso de você ter tempo para vir me encontrar. — Ele sabia que soava meio patético.

Sang revirou os olhos, depois disse:

— A Orkideh me contou que você está em reabilitação.

Cyrus olhou para ela, fez que sim.

— Estou sóbria faz quase trinta anos — Sang disse. — Continuo nas reuniões.

— Uau. É uma eternidade.

Sang sorriu.

— Digo porque quando comecei a frequentar os encontros no Tribeca, eu estava péssima. As reuniões do meio-dia eram nuvens imensas de fumaça. E depois delas, minha madrinha, a Janet, que na verdade ainda não era minha madrinha na época, me levava na lanchonete ao lado, Possum Diner, para tomar café e comer um sanduíche de ovo. Ela era uma motoqueira mais velha, de jaqueta de couro e a coisa toda. Fizemos isso todos os dias por meses a fio. Meus filhos na escola e eu fugindo todo meio-dia para encontrar aqueles bêbados e comer sanduíche de salada de ovo com uma senhora louca.

"Um dia, eu estava sóbria fazia uns três, quatro meses, e meus filhos piraram, o mais velho arrumava brigas na escola e eu mal conseguia manter a minha cabeça no lugar. Fizemos uma reunião e eu estava bem ansiosa para ir para a lanchonete com a Janet porque tinha uma lista enorme de coisas pra reclamar, que eu queria discutir com ela. Mas assim que a reunião acabou, ela convidou uma novata esfarrapada pra ir comer com a gente. Era óbvio que ela tinha acabado de sair das ruas, que devia ter ido à reunião só pra tomar café de graça e filar uns cigarros. E é claro que chegamos na lanchonete a moça não parava de falar, contou que o namorado tinha ferrado a vida dela e a perseguia, alguma coisa assim. Lembro de estar ali sentada, emputecida, encarando aquela intrusa, com raiva do jeito dela de mastigar, de beber água e café. Ela estava monopolizando a conversa, não me dava espaço nenhum. E aí, quando ela levantou pra ir ao banheiro e ficamos só eu e a Janet na mesa,

antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se inclinou na minha direção e disse devagar, em alto e bom som.

"'Sang, preciso que escute bem o que vou dizer. Você não é a paciente hoje.'

"E foi isso. Penso nisso todos os dias. *Você não é a paciente hoje, Sang.* Tem que ter muita sorte pra se estar do outro lado. Se você não é a paciente hoje, então hoje é um bom dia."

Cyrus sorriu para Sang. Tinha uma leveza na fala dela que parecia incompatível com os penhascos do seu rosto, com sua postura rigorosa. Ele conseguia entender por que gente importante confiava nela.

— É uma ótima história — disse Cyrus, com sinceridade. — Você e a Janet ainda trabalham juntas?

— Não, ela morreu alguns anos depois de eu ficar sóbria. Teve uma recaída e poucos meses depois, morreu de overdose.

— Meu Deus. Sinto muito.

— Tudo bem — disse Sang. — Ela ficou sóbria uma década, viveu dez anos mais do que deveria. Ajudou muitas mulheres a ficarem sóbrias, e sabe-se lá quantas pessoas cada uma de nós ajudou. Entende? Ela fez o bem. Deus ama Janet.

Cyrus deu um sorriso fraco. Ainda se sentia tonto. Ele disse:

— Digo isso sobre mim o tempo todo: "Já vivi alguns anos mais do que deveria." Eu estava quase com cirrose quando parei. Ainda na casa dos vinte. Um bebê. E continuo aqui, enquanto todas essas outras pessoas iguais a mim não estão mais. Então quem decide a parte do "deveria"? Quem escolhe?

Ao redor deles, começava a nevar. Ou talvez já estivesse nevando há algum tempo. Os flocos pairavam no ar, pelotas grandes, sem subir nem descer, mas suspensos no ar feito sons.

— Você não precisa passar por isso de um jeito gracioso — Sang disse, depois de um silêncio.

Cyrus concordou devagar.

— A vida toda… passei a vida toda acreditando que minha mãe estava naquele voo, sabe? Tinha um significado pra mim, se conectava com essa grande ideia de martírio.

— Você não queria que a morte dela tivesse sido em vão — sugeriu Sang.

— Isso mesmo. Exato. E então um amigo me falou da Orkideh e da instalação dela e pensei que poderia escrever um livro sobre isso. Sobre martírio. O abismo entre a morte da minha mãe ter sido em vão e essa artista no Brooklyn fazendo a morte dela valer alguma coisa. Essas duas mulheres iranianas de lados opostos… só que elas eram a mesma pessoa. — Cyrus se virou e olhou para Sang, com frieza. — Como que elas eram a mesma pessoa? Como que minha mãe não estava naquele voo?

Sang suspirou.

— Ela deu a passagem dela para a amante. Leila. Elas trocaram de passaporte. Era pra elas fugirem separadas, se reencontrarem, recomeçarem a vida. Juntas. Em outro lugar.

As palavras de Sang — não, não as palavras, mas os sons — destruíram qualquer fiapo de compostura que Cyrus tinha sido capaz de reunir. Ele balançou a cabeça em negação, confuso, perplexo, tentando assimilar o que Sang acabara de dizer. Leila. Amante. Recomeçar. Sem ele? Sang tinha dito isso, "sem você"? Não lembrava, embora ela tivesse acabado de falar. "Sem você" estava estampado em todos os lugares, mesmo que Sang não tivesse dito em voz alta. A mãe dele não foi derrubada do céu, afinal. Outra mulher aleatória — Leila, era isso? — é quem tinha sido. A mãe de Cyrus era só mais uma dessas que saiu-para-comprar-cigarros e abandonou a família. E ele era só um bebezinho. Era tudo esmagadoramente mundano. Roya Shams, a mãe caloteira. Ou era isso que queria, ser uma caloteira, antes da amante — a amante! Leila! — ser derrubada do céu. Cyrus se sentiu aniquilado. Furioso. Se encheu de raiva pensando no pai doente, tão doce e falecido. Se encheu de raiva pensando em si mesmo. Depois ele virou o objeto da própria raiva, por não conseguir ter um sentimento mais sublime: aceitação, ou talvez compaixão. Foi nesse ponto que ficou estagnado, sendo ele mesmo o objeto da sua raiva, da sua dor, apontada diretamente para ele mesmo. Cada célula do seu corpo queria beber para aliviar o peso daquele momento, o peso da sua consciência como um todo.

Após o que pareceu uma eternidade, Cyrus se ouviu perguntar:

— Meu pai sabia?

Sang olhou para Cyrus e deu um último trago no cigarro.

— Não acho que ele sabia de muita coisa. Talvez soubesse da Leila. O marido dela descobriu, então deve ter contado algo para o seu pai, em algum momento. Mas o marido da Leila ter descoberto, esse foi o motivo… — Ela parou, fitando Cyrus.

— O motivo de elas terem que ir embora? — ele terminou a frase por ela.

Sang assentiu. Uma mulher forte passou por eles, fazendo esforço para puxar uma caravana complicada de malas de rodinha. A neve pousava no seu cabelo sem derreter, como algodão no ar.

— Odeio isso — disse Cyrus.

Sang olhou para ele. Sua correntinha modesta de ouro apareceu sob a blusa, apoiada na gola de um dos lados. Pelo nível de elegância de Sang, aquilo era bem estranho.

— Gente gay morrendo por amor — Cyrus continuou. Sua cabeça ultrapassava em disparada a linguagem. — É uma merda. — Foi isso o que disse, o que conseguiu dizer.

— Acontecia. Ainda acontece — disse Sang. — Vocês americanos agem como se isso fosse coisa do passado. Tipo o George Bush de pé num navio em frente de um cartaz dizendo Missão Cumprida. Não é coisa do passado, não mesmo. Não acabou. Nós dois estamos aqui agora por causa disso.

Cyrus estremeceu ao ouvir "vocês americanos", apesar de Sang não estar errada.

— Acho insuportável estar assim tão bravo — ele disse, desesperado.

— Você acha que tem nobreza em ser bom demais pra sentir raiva? — Sang perguntou. — A raiva é uma espécie de medo. E o medo te salvou. Quando o mundo era só joelhos e quinas de mesa, foi o medo que te protegeu.

Cyrus não disse nada.

— Antes, quando eu ainda morava no Vietnã, meu marido era um bêbado — Sang prosseguiu. — Ele bebia todo o nosso dinheiro e o que sobrava ele perdia em apostas. Eu bebia também, mas não como ele. Não tínhamos dinheiro pra nada. Eu vivia com medo de passarmos fome ou ficarmos sem ter onde morar. E aí o universo, que você pode chamar de Deus se quiser, eu não ligo, me enviou meu primeiro filho. E tive medo por *nós*, e não só por

mim. Meu filho foi a minha razão para seguir tentando. Parei de beber. Fiz pincéis de pintura com grampos de roupa e esponjas velhas, fiz tintas com farinha e corante. Passei a pintar paisagens cafonas e vender para os turistas, escondia o dinheiro. O medo me fez trabalhar duro, melhorar. É um combustível horrível, mas funcionou. E a raiva? A raiva me ajudou a ir embora. A levar meus filhos para longe dele o mais rápido possível. A me tornar alguém nesse país que nem me considerava gente. A provar que estavam errados. Dá pra domar a raiva, Cyrus. Dá pra vestir uma sela nela.

Cyrus olhou para ela. De repente, se encheu de vergonha, muita vergonha por ter feito aquela senhora, mais-ou-menos-viúva, ter ficado ali o consolando, especialmente naquele dia. Quis pedir desculpas, quis convencê-la de que estava bem, de que ela não precisava falar com ele daquele jeito. Mas antes que pudesse colocar tudo isso em palavras, Sang continuou:

— Sabe, também estou brava com ela. Por vários motivos. Mas em especial por ter me obrigado a ser a pessoa que está tendo essa conversa com você.

— Pois é — disse Cyrus. — Posso imaginar. — Mas não podia.

O vento agitou os flocos de neve, levantou-os da grama feito faíscas de um incêndio. Cyrus se sentiu a anos-luz de distância do mundo.

— "Quem quer que suba nos nossos muros, nós subiremos no seu telhado" — Cyrus murmurou.

— Quê?

— Saddam disse isso no começo da Guerra Irã-Iraque. Esse tipo de raiva, de retaliação. Aquela merda de um-olho-por-metade-da-cara. Não tem nada mais feio que isso.

— Ahh.

— Penso muito nisso. Na feiura da raiva. Não discordo que possa ser proveitosa, mas continua absurdamente feia.

— Você é um ser humano, Cyrus — Sang disse, gentilmente. — A sua mãe também era. E eu também sou. Não somos personagens. Não precisamos ser éticos, nobres. Ou, Deus me livre, uma inspiração. Sentimos ódio, nos acovardamos. Ficamos feios. Egocêntricos.

Cyrus piscou os olhos. Sang tinha razão — a tempestade qualquer de confusão, raiva e sensação de ter sido traído que se abateu sobre ele naquele

momento começava e terminava nele. Flocos de neve caíam das nuvens que começaram, de forma quase imperceptível, a ficar mais leves, como se alguém as esvaziasse a colheradas.

— Me desculpe, Sang, de verdade — Cyrus disse.

— Pelo que?

— Por tudo. Por atrapalhar o seu dia. Não consigo nem imaginar as coisas que você precisaria estar resolvendo agora. E caramba, nem perguntei: como você está? Como está lidando com essa situação?

— Estou bem, Cyrus. Estou brava, como disse. Mas não surpresa. Não de verdade. Não foi uma surpresa. — Ela respirou fundo. — E sinceramente, estou muito feliz de te conhecer. Nunca imaginei que teria a chance. E, pra melhorar — ela acrescentou —, cada minuto que passo com você em vez de ficar olhando a minha caixa de mensagens, repleta de abutres do mundo das artes, é uma gentileza que você me faz.

Cyrus sorriu.

— Fico feliz de te conhecer também, Sang.

Sentaram ali, em silêncio, por um tempo, a neve os polvilhando feito açúcar. Então, Cyrus disse:

— Eu li uma história uma vez, um conto de fadas mulçumano das antigas, talvez um Hádice descartado, não sei, mas era sobre a primeira vez que o Diabo vê Adão. O Diabo o cerca, o inspeciona como um carro velho ou coisa assim, essa nova criação; aparentemente, a favorita de Deus. Mas ele não se impressiona, não compreende. Então, ele entra na boca de Adão, desaparece dentro dele, passa pelas tripas e intestinos até sair pelo ânus. E ao sair, o Diabo está rindo, rolando de rir. Ele atravessou o primeiro homem e não consegue parar de rir, está chorando até, e aí diz pra Deus: "*Essa* é a sua criação? Ele é vazio! Completamente oco!" Quanta sorte! O Diabo crê que seu trabalho será fácil, um humano é só um grande vazio querendo ser preenchido.

Sang sorriu.

— Soa como alguns homens que eu conheço — disse ela.

Cyrus riu também.

— Não é? Acho que a moral da história é que você deve encher o vazio com Deus. E que todo o resto é distração.

— *Humpf.* Então o seu vazio está cheio de Deus?

— Ah, não — Cyrus respondeu depressa. — Ou quase nunca. Talvez algumas vezes na vida. Tentei encher ele com bebida, com drogas. Ou sei lá, com a escrita. Mas é óbvio que nada disso deu muito certo.

— Nunca com amor? Me parece a primeira opção.

Cyrus pensou por um momento. O chão queimava sob seus pés. Sentiu uma pontada, lembrou de Zee.

— Não tanto, na verdade. Não tanto quanto deveria.

— Ah, esse "deveria"! Aí já não sei. Mas no geral é uma motivação melhor do que ficar chapado. No geral, melhor do que a arte também.

— É a sua motivação? O que você usa para preencher o seu vazio?

— Amor? Será? — Sang pensou por um momento. — Acho que sim, hoje em dia. Ou talvez, com a sua mãe, também poderia dizer. Com quem ela era, com a história dela, a arte dela. Sustentando tudo isso. Mas também com meus filhos. E as famílias deles. As esposas, os meus netos. Quero que você conheça eles um dia, Cyrus. Mas não sei dizer o que me preenche! — Ela riu. — Não tenho uma parte separada do cérebro para o amor romântico e outra para o amor narcótico, outra pra família, outra pra arte. É tudo junto e misturado. Tintoretto me faz pensar no meu filho caçula. O'Keeffe, no mais velho. Neste momento, Roya me faz pensar em lavanda. Em "Solitude", da Sarah Vaughan. E numa música da minha infância, "Hạ Trắng". Que também me faz pensar na minha esposa! O que é uma merda — ela riu. Cyrus riu junto.

— Acho que sei como é essa bagunça toda.

— Também acho que você sabe.

Ficaram sentados em silêncio por um tempo, observando. O pé de Cyrus latejava. Estava emputecido, confuso, enjoado — mas também meio animado. O que agravava a sua confusão. Um belo casal passou por eles comendo sanduíches de kimchi e queijo, conversando alto sobre a cultura do cancelamento. Do outro lado do gramado, um senhor grisalho estudava um tabuleiro de xadrez equilibrado nos joelhos. Cyrus leu uma vez um texto de uma antropóloga dizendo que o primeiro artefato da civilização não foi um martelo ou uma ponta de flecha, mas um fêmur humano — encontrado em

Madagascar — que demonstrava sinais de regeneração após uma fratura grave. No reino animal, uma perna quebrada era uma sentença de morte, então um fêmur quebrado que se recuperou era prova de que uma pessoa tinha cuidado de outra durante um longo período, lhe dando de comer, limpando a ferida. Era esse o ponto de partida da civilização, argumentava a autora. Vaticinada não por uma ferramenta de assassinato, mas por uma fratura curada, um ser humano que deu de comer a outro. Era uma ideia sedutora.

O sol, notou Cyrus, crepitava de volta no céu, em ondas.

TRINTA E UM



Em combate, não existem operações "sem falhas" — mesmo quando obtemos um bom resultado. Mas dizer que erros foram cometidos diz muito pouco por si só. Certas informações fornecidas ao Capitão Rogers durante o ocorrido se provaram incorretas. Infelizmente, a investigação não foi capaz, em todas as instâncias, de reconciliar as imprecisões.

William J. Crow Jr., Presidente, Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, 5 de agosto de 1988

ORKIDEH

A primeira vez que morri, eu nem estava lá. A grande recompensa, a resposta para a pergunta do que acontece depois — não tive nada disso. Leila teve, talvez. Talvez ela tenha obtido algo como clareza, paz, quando o avião explodiu. Mas fiquei com toda a perda e nenhuma recompensa. Condenada a me arrastar pela vida, a me arrastar de luto em luto. Só inércia, só cambaleando adiante. Sem nenhuma motivação para continuar. Dessa vez, eu queria pelo menos estar presente. Minha morte. Minha última instalação, *Fala-Morta*, foi meu jeito de marcar minha presença, minha presença literal no acontecimento.

Tem um momento na obra de Farrokhzad em que ela diz:

Não verei a primavera,
essas linhas são só o que restará.
Enquanto o Céu gira, me afundo em confusão.
Fui, meu coração está repleto de dor —
Oh, Muçulmanos, essa noite estou triste.

Penso nisso com frequência. Nem me considero muito muçulmana, suspeito que Farrokhzad também não se considerasse. Mas essa parte, quis usar como broche a primeira vez que a li. Sua simplicidade, a clareza. Era como se ela estivesse falando do além e dizendo não, não, isso não é decoração, não é artifício, é desesperador, é urgente. Chega de enrolação, é o que ela está dizendo. Não podemos mais nos dar ao luxo, não aqui, no abismo.

Para a nossa espécie, a ideia de arte como decorativa é relativamente nova. Nossos cérebros de símios cresceram, ficaram grandes demais para a nossa cabeça, grandes demais para nossas mães parirem. Então começamos a guardar todo o conhecimento extra na língua, na arte, nas histórias e livros e canções. A arte era um jeito de guardarmos nossos cérebros uns nos outros. Foi só recentemente, na história da humanidade, quando os mais ricos desejaram algo bonito para admirar durante o inverno, que a ideia de arte-como-enfeite surgiu. A pintura de uma rosa se abrindo para pendurar na lareira, enquanto todas as flores de verdade estão congeladas. E ainda assim no século XXI, é difícil para o pessoal superar essa ideia. De que a beleza é o grande horizonte rumo ao qual toda a arte avança. Meu interesse nunca foi esse.

"Enquanto o Céu gira, me afundo em confusão."

Essa pureza, essa simplicidade, é isso que é pra mim. Estou morrendo. Aqui estou eu. É feio. Um monte de tubos, um monte de fluidos saindo de mim. Às vezes a dimensão das coisas não cabe na linguagem, na pintura, na arte. Só se pode dizer: "Oh Muçulmanos, essa noite estou triste." A *Fala-Morta* é isso. É estar presente. Falar sem rodeios.

É óbvio que Sang odiou a ideia. Nosso romance tinha acabado anos antes; ela se acomodou, eu me agitei. Fiquei com outra pessoa por um tempo, é claro. Um sintoma, não a doença. É aquela velha história. Sang e eu funcionávamos mais como amigas, como colegas. Eu ainda ia jantar às vezes com ela e sua nova esposa, os filhos crescidos delas. Mas, embora uma etapa da nossa história tivesse chegado ao fim, ela ainda era a minha agente. E era uma boa agente, aprendi com o tempo a confiar na opinião dela. Então, quando sugeri a ideia da instalação final, na qual eu morreria, esse também foi o meu jeito de lhe contar que eu estava morrendo. Ela parou pela fração da fração de um segundo, depois bufou com desdém.

— *A artista está presente,* E ALÉM DISSO está morrendo? — ela disse, revirando os olhos. — Poxa vida.

Foi uma rejeição cruel, marcada pela raiva por eu ter escondido o diagnóstico. O que, sim, foi errado da minha parte. Sang era a única família

que me restava. Ela merecia saber, e não sei por que motivo não contei antes. A única coisa que consegui dizer foi…

— Eu vou levar a ideia a cabo, Sang. Gostaria que você fizesse parte, mas não preciso que faça. Vou fazer de qualquer jeito, no Met ou numa cadeira na Union Station. Pra mim tanto faz.

Ela analisou meu rosto e eu analisei o dela. Ela já havia me amado muito, e eu tinha amado vê-la me amar. Pode soar horrível, mas não é. É fácil ressentir-se daqueles que te amam. Aqueles que te sufocam de tanto afeto. Performativo demais. Mas eu amava o jeito como Sang me amava, como se fosse fácil, como se aquele amor tivesse alma própria no peito dela, que bombeava esse amor pelo seu corpo, que a animava com tanta naturalidade quanto o sangue. Mesmo que eu não a amasse da mesma forma. Nós duas sabíamos disso, todos esses anos. Eu esperando ela dormir, sistematicamente, para só então ir pra cama. Sang torcendo para que algo mudasse, sabendo que não mudaria. No geral, estávamos bem assim, éramos bastante felizes. E felizes passamos pelos museus, pela formatura dos filhos dela, pelas vernissages e pelos jantares chiques. Bastante felizes, até não sermos mais.

Quando disse a ela sobre minha última instalação, brigamos um pouco, mas eu sabia que ela cederia. Por fim, Sang disse:

— Se você for mesmo fazer isso, deve chamar de *Fala-Morta*.

— Adorei esse nome — eu disse, com sinceridade. Ela fez uma pausa.

— Você sabe que nem tudo está interligado, né? Que cada coisa específica não precisa fazer sentido com todo o resto?

— Eu sei.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei.

— É só que… É que…

— Eu sei.

TRINTA E DOIS



Me sinto perigoso. Não sei como dizer isso de um jeito pior. Mas como pode um iraniano ser perigoso sem se tornar "um iraniano perigoso"? Sem se tornar um perigo para todos os outros iranianos do mundo ou contribuir para o mito do iraniano patologicamente bravo? Que sai do útero já com uma bandeira queimando entre os dentes?

Qualquer vulcão que já entrou em erupção desde o Holoceno, história antiga, é considerado ativo. Eu não entrei em erupção. Isso me faz inerte? Ou atrasado?

— *do* livrodosmártires.docx de Cyrus Shams

SEGUNDA-FEIRA

Cyrus Shams

Brooklyn, dia 4

Depois que Sang foi embora — não sem antes fazer Cyrus prometer que ligaria, prometer que avisaria que chegou bem em Indiana —, Cyrus vagou pelo parque. O frio era revigorante, uma âncora. Quando pegou o celular para ver se Zee tinha entrado em contato, se deparou com uma única notificação, uma mensagem do James Deprê. Ao clicar nela, Cyrus leu:

"Você viu isso?"

E embaixo, um link. A prévia dele dizia: Obituário nyt: "Orkideh, nas próprias palavras". Cyrus clicou e uma página com uma foto enorme e heroica de Orkideh se abriu, a mesma que ele tinha visto no aviso do museu, os olhos cheios de carvão e injúria, as bochechas ainda brilhando, radiantes mesmo na foto em preto e branco. Cyrus demorou um instante, percebeu que aquela era uma imagem, um texto ao qual ele voltaria inúmeras vezes, por todo o tempo que lhe restasse de vida — ele ainda não sabia quanto seria —, e tentou ir com calma. Analisando a foto, procurou o próprio rosto no de Orkideh, nas sobrancelhas, no queixo ou nas rugas dela, mas no geral ela parecia ela mesma, um tipo único, como um anjo que adotou um rosto humano como uma concessão à convenção. Transformar as coisas em mito desse jeito era perigoso, Cyrus já sabia. E mesmo assim. Ele rolou a página para baixo.

"Orkideh (1963–2017)", dizia a manchete. Depois: "nas próprias palavras". Em itálico, a nota do editor:

Desde 5 de janeiro, a artista visual iraniana-americana Orkideh vinha fazendo uma residência no Museu do Brooklyn, realizando sua última instalação, "Fala-Morta". Diagnosticada meses atrás com câncer de mama em estágio terminal, com metástase no corpo inteiro, a artista escolheu passar suas últimas semanas numa performance abramoviciana qual os visitantes do museu podiam se sentar com ela, cada qual por alguns minutos, e ter uma conversa sincera sobre a morte. Orkideh, cujo trabalho público se estendeu por três décadas e uma variedade de mídias, foi reconhecida por Nora N. Barskova — a principal crítica de arte desta publicação — por ter sido a protagonista de "uma dolorosa e pungente revolução emocional". Abaixo está o obituário de Orkideh, nas suas próprias palavras.

Cyrus respirou fundo, e leu o texto de — sua mãe — Orkideh.

É isso o que importa: eu era iraniana, depois virei iraniana nos Estados Unidos. Fiz vários tipos de arte. Algumas delas bem boas, acho. Muitas, não. Mas vivi por bastante tempo, o suficiente para fazer muita arte. A criatividade habitava o meu cérebro assim como o ato de caminhar habitava as minhas pernas. Ela viveu dentro de cada pintura que vi, cada livro que li, cada conversa que já tive. O mundo já era tão cheio que nunca tive que guardar nada dentro de mim.

Usei joias de ouro que esquentam sob o sol. Fiz meus amigos rirem. Não permaneci para ver os feitos dos meus inimigos.

Mesmo quando estive sujeita aos caprichos violentos de nações e homens declaradamente maus, soube reconhecer a maldade por contrastá-la com a bondade. Eu não era o tipo de pessoa "com quem as coisas acontecem" o tempo todo. E quando era, tive a dádiva da imaginação, da arte.

Quando digo "nações", quero dizer "mercados armados". Sempre. Essa percepção tornou o mundo um pouco mais fácil de compreender, se não tolerável. Na medida em que fui uma fraude, não fui menos do que qualquer outra pessoa. Fui enxertada nessa minha vida por uma parte do universo que permanece sem nome, como a fumaça exalada de um grande incêndio.

Eu exijo ser perdoada.

Eu exijo a mesma tolerância, a mesma compreensão concedida aos homens medíocres durante séculos.

Se você está lendo isso, eu morri, dentro de um museu, de uma doença terrível e incompatível com qualquer romantização. Eu me recuso a ter a minha vida reduzida ao seu artefato mais grotesco. Eu andava com um raminho de lavanda no bolso — ao cheirá-lo, quase conseguia regressar a outros momentos da vida, e creio que ninguém jamais chegou tão perto de viajar no tempo. É por esse feito que gostaria de ser lembrada.

Sou bajulável, e é detestável minha tendência a ser desarmada por elogios.

Forugh Farrokhzad: "A questão não são os sussurros aterrorizados na escuridão. É a luz e a brisa fresca que entram pela janela."

Quando a terra era plana, as pessoas saltavam dela o tempo todo. Não há nada de extraordinário em morrer assim, mas espero ter feito algo de interessante com a minha existência. Um alfabeto, tal como a vida, é um conjunto de formas finitas. Com elas, se pode produzir quase tudo.

Orkideh

Cyrus de repente se deu conta de que estava rezando sem nem perceber. Sentado no banco, entoava uma oração, não exatamente com palavras, nem mesmo com sons. A oração mais básica de todas, ele ouviu uma vez, era algo como "me ajude me ajude me ajude, por favor por favor por favor, obrigado obrigado obrigado"; e a reza de Cyrus no parque, naquele momento, não era muito mais sofisticada. Mas mesmo assim era uma oração, identificada — como numa balança de Arquimedes — pelo peso daquilo que ela tinha deslocado.

O que se formava na mente de Cyrus era o apelo turvo e inexprimível de *ser dispensado*, de uma folga de ter que navegar o que para ele tinha se tornado um mundo inavegável, de não ter que passar a próxima década ou décadas tentando desvendar o que tudo aquilo significava, tinha significado, iria significar. A raiva que sentia da mãe. A desaparecida. A desertora. Mas ao mesmo tempo também se orgulhava dela. A grande artista. Tudo isso era insustentável. Rezava pelo fim da tirania de *todos* os símbolos, a começar pela linguagem. Entendia, com uma clareza que tinha lhe escapado a vida toda até então, que ele não tinha sido em nada feito para o mundo em que vivia, e que a arte e a escrita o tinham feito conseguir diminuir minimamente a distância necessária para fechar aquela falha estrutural, mas só como subir num telhado deixa alguém minimamente mais próximo de tocar a lua do que se estivesse no chão.

Me permita ser dispensado, ele pensou, desta vez em palavras, a carta da mãe ainda brilhando na tela em suas mãos. Ele fechou os olhos, tornou a dizer em voz alta.

— Me permita ser dispensado.

Quando abriu os olhos, ainda estava sozinho no banco do parque. Plantado ali, a movimentação da cidade ao seu redor o fazia sentir como um vídeo bugado, repetindo os mesmos quinze segundos de gravação inúmeras vezes, táxis amarelos e flocos de neve se mexendo no horizonte, depois retornando sem explicação para a posição original. O vento trazia um vago aroma de amêndoas. Sentiu o celular vibrar no bolso. Ele o pegou, viu que era uma ligação de "ZEE NOVAK". Atendeu depressa:

— Ei!

— Cyrus — disse Zee —, acabei de chegar no museu e vi… — Ele se interrompeu ao perceber que talvez Cyrus ainda não soubesse. — Você já foi ao museu hoje?

— Sim, fui de manhã.

— Eu sinto muito, cara. — Cyrus conseguiu captar, na voz de Zee, a dor que tinha provocado o seu êxodo do hotel, mas também que a dor havia sido, naquele momento, eclipsada por uma preocupação imediata com Cyrus, com a possibilidade de que ele cometesse alguma imprudência motivado pela morte da artista. A clareza disso, do amor e da preocupação do amigo, de repente ficou absurdamente evidente. Cyrus tinha sido tão negligente com a lealdade de Zee. Com a devoção de Zee. Cruel, até. A sobriedade significava que, com o tempo, Cyrus teria que se enxergar como ele realmente era. E doía. Cyrus sentiu nojo do que via.

— Me desculpe, Zee, é sério, me desculpe. Não só por ontem. Por tudo. De verdade.

Passou um instante — uma hora, um segundo.

— Onde você está? — Zee perguntou. Tinha uma agitação do seu lado da linha, dele trocando o celular de orelha mais de uma vez.

— Agora estou bem na frente do museu, no Prospect Park.

— Ah. Tudo bem se eu for até aí?

— Claro, por favor, sim, por favor — disse Cyrus, animado pela possibilidade de se desculpar pessoalmente, de abraçá-lo, atualizá-lo de tudo o que tinha acontecido. — Vou compartilhar a localização. Me desculpe mesmo, Zee.

Cyrus esperou, e ao esperar ficou cada vez mais consciente do quanto o chão abaixo dos seus pés estava quente. Ouvia de novo a cantoria, a vibração, como se a terra fosse um papel fino em volta de um ninho de vespas. Avistou Zee à distância, se aproximando, e o chão parecia uma grande fornalha preparando uma coisa enorme e delicada, areia em vidro. Ao ver Zee, o coração de Cyrus parou no peito diante algo que ele reconheceu na mesma hora como clareza. Uma clareza que ele desconhecia: doce e inquestionável. O ar cheirava a nozes e fumaça amadeirada, parecia ter engrossado. Próximo dali, alguém em algum lugar cantava uma canção.

— Zee! — Cyrus gritou, acenando para ele.

Zee sorriu e deu uma corridinha performática até ele, mas tomando cuidado para não escorregar no gelo com os seus Crocs horrendos. Cyrus se iluminou, assistindo o subir e descer da mochila de tecido de Zee, sincronizado com o gingado dos seus cachinhos. Cyrus o amava tanto.

— Eu te amo tanto — Cyrus disse, envolvendo Zee num abraço assim que chegou até a ele. Usou os polegares para afastar a franja de Zee e beijar sua testa. — Peço mil desculpas. — Era um pedido sincero. A doçura de Zee o preencheu feito uma droga.

— Ei! — disse Zee, sorrindo, afastando sua cabeça da de Cyrus. — Também te amo, seu besta. — Deram um beijo nos lábios, um beijo rápido e firme que foi ao mesmo tempo pequeno e inquebrável, como um seixo. Não foi certo, o jeito que Cyrus tratou Zee. As farpas da noite anterior, sim, mas também ao longo do relacionamento deles. Como se fosse merecedor da admiração do amigo. Como pôde ser tão cego? O amor é um quarto que surge quando você entra nele. Cyrus entendia isso agora, e ele entrou.

Em volta deles, algo que parecia espuma do mar atravessou o parque. Os galhos das árvores tinham se curvado para encostar na grama nova, despontando da neve.

Cyrus e Zee se sentaram. Zee confessou ter passado a noite toda perambulando pelo Brooklyn, se alternando entre estar bravo consigo mesmo e com Cyrus, até por fim apagar por algumas horas no banco de uma estação de metrô. Zee disse que pretendia falar com Orkideh naquele dia, ir perguntar — "ah, sei lá, na verdade", ele disse. Só queria vê-la com os próprios olhos.

Acreditava que isso fosse mudar as coisas, que ele encontraria as palavras certas. Mas quando chegou no museu, ela tinha partido.

Cyrus se encolheu diante de cada detalhe. Continuava pedindo desculpas. Eram sinceras. Zee repetia "eu sei", mas só quando Cyrus finalmente acreditou nessa resposta que contou sobre o *seu* dia: chegar para ver Orkideh naquela manhã, desmaiar na escadaria, Prateek e a tia, a mensagem de Sang, depois o encontro com ela, o que Sang disse sobre sua mãe, sua mãe e a queda do avião e Leila e a última carta de Orkideh no jornal, tudo isso, tudo soprando para fora dele como vapor.

— Caramba — Zee não parava de dizer. — Caramba.

Ao terminar de atualizar Zee, Cyrus se sentiu incrivelmente leve. De repente se deu conta de que, se existisse mesmo misericórdia no mundo, então ela vivia dentro de Zee. A maneira com que ele o abraçava, o entendia, o conhecia. Graça. Como toda vez que ele via um pássaro ou uma árvore ou um inseto, Zee realmente via *aquele* pássaro ou aquela árvore ou aquele inseto, e não seu conceito. Como ele enxergava Cyrus, de verdade, ouvia-o com atenção, o eu dentro de todos os dentros. Cyrus amava o fato de que Zee se movimentava pelo mundo imaculado pela ansiedade frenética que o governava, que corroía sua própria alma. Cyrus ficou tonto de tanto amor, da abrupta e total sobrecarga do sentimento.

Ao redor deles, a linha do horizonte da cidade, composta por torres desidratadas, piscava distraidamente, suas bordas crepitavam. As árvores do Prospect Park tinham em algum momento chacoalhado a neve e irrompido em flor. Ramos de lavandas, flores azuis e amarelas e escarlates que Cyrus não foi capaz de reconhecer.

— Você está vendo isso? — perguntou Zee, apontando para o mundo selvagem à sua volta.

— Estou. — Cyrus fez que sim. — Acho que é por nossa causa. — Suas palavras não estavam em total sincronia com os lábios.

— É a sua cara achar isso! — Zee riu. — Mas você não está errado. — As mãos dele formavam conchas apoiadas do seu colo. — Não está errado.

O aroma de penas e cobre encheu o ar. Se havia outras pessoas em volta deles antes — Cyrus não conseguia se lembrar —, tinham ido embora. Era só

Cyrus e Zee e quem quer que fosse o autor da música que ouviam ao redor. Trompetes, saxofones. E mais longe ainda, vozes. O cantarolado tinha se transformado numa espécie de arranhado sutil, como um dente raspando num taco de madeira. Cyrus se sentiu leve, tonto — o pé latejava muito.

— Me lembra daquele poema do Milosz — disse Cyrus. — "Aqueles que esperam pelas trombetas dos arcanjos, pelos gafanhotos e cavaleiros ficarão desapontados", algo assim. Devo ter bagunçado a frase. — Ele deslizou a mão para dentro da mão de Zee e a apertou com força. Zee lhe deu um beijo na bochecha.

— Todos esses poetas austeros discursando sem parar sobre o salário do pecado — Zee acrescentou —, mas ninguém fala do salário da virtude. O custo de tentar muito, muito mesmo, ser bom dentro de um jogo arranjado para que a bondade sempre perca.

Gemidos vítreos quase inaudíveis no horizonte. Nuvens escuras contra o céu claro, como amoras numa cumbuca de leite.

— Você é muito bom, Zee. Sei que é.

A neve caía mais rápido do que era plausível.

— Não foi isso que quis dizer — disse Zee, de repente com a voz aguda e estranha. — É só que... onde vai parar todo o nosso esforço? É difícil não ter inveja dos monstros quando a gente vê a vida fácil que eles têm. E que eles nem se incomodam de serem monstros.

— O céu e o inferno são pra isso, não é? Não é por isso que falam deles?

— Que nada, foda-se o inferno — disse Zee, balançando a cabeça. — O inferno é uma prisão. Só o que fazemos é construir prisões na terra. Não precisamos imaginar outras.

Cyrus sorriu.

— E foda-se o céu também! — Zee continuou. — Como se a bondade fosse um lugar onde você chega, um destino. Ou você está lá, ou não está. Essa ideia te fode. O você-real e o você-você, você-Cyrus. A literalidade de todos os símbolos.

A topografia da linha do horizonte do Brooklyn — e de alguma forma, a de Manhattan também, e várias outras desconhecidas — piscava ao redor deles. O crepitar das torres subia pelas laterais dos arranha-céus, líquidos fundidos se

agitando, virando fumaça, se acumulando nas superfícies de mármore e aço e vidro. A lava endurecida virando terra nova.

— Parece que alguém está nervoso — provocou Cyrus. Zee recostou a cabeça, levantou as sobrancelhas.

— Está vendo, *é assim* que você sabe que tudo isso é real — Zee disse, estendendo a mão para a cidade que se expandia ao redor deles.

— Como assim?

— É meio que essa *a* diferença entre a vida real e o sonho. Ninguém usa ironia nos sonhos. Ninguém sai por aí distribuindo piscadelas e risadinhas.

Pássaros canoros atravessavam o céu de forma quase imperceptível, entoando canções quebradiças para os seus companheiros. Dois pombos colidiram no céu, depois voaram os dois na mesma direção, rumo ao leste. Um falcão voava traçando uma reta, um pequeno estorninho preso em suas garras.

— Ninguém dá risadinhas nos seus sonhos? — Cyrus perguntou.

— Claro que não — disse Zee, com firmeza. — Sonhos são a grande reserva de sinceridade. Talvez a última delas. Alguém dá risadinhas nos seus sonhos?

Cyrus pensou por um momento.

— Agora não me lembro, mas acho que não. Acho que você está certo.

O chão respirava, relevando fissuras douradas na terra conforme ela se expandia. As árvores deixavam cair suas flores, depois seus galhos, no chão — devagar, de maneira quase delicada, como amantes se despindo na frente um do outro pela primeira vez. O céu mudava de cor, de branco para cinza para um laranja forte, um cigarro enorme sendo tragado de volta à vida. Teve um trovão, mas sem chuva. Ou talvez não tivesse sido um trovão, mas o som das coisas todas crepitando ao redor.

— Agora falta pouco — disse Zee.

Cyrus apertou sua mão de novo, respirou fundo.

— Por que não acho nada disso estranho? — perguntou. — Eu não deveria estar apavorado?

— Sob a sensação de estranheza existe a expectativa de calma — Zee disse, então fez uma pausa. — Por exemplo, a pessoa se surpreende quando tem a

expectativa da tranquilidade interrompida. Acho que a vida que você teve não te ensinou a esperar tranquilidade.

— Meu deus. É mesmo.

— Muitas pessoas confundem negligência com calma. Negligência cósmica, ou de outro tipo. Mas ninguém foi negligente com você, Cyrus. Consegue ver isso agora?

— Acho que sim, é — Cyrus respondeu. Então: — De onde veio tudo isso?

Espirais de neve se formavam no horizonte, mesmo com o calor emanado pelo chão. O cheiro forte de floresta, de coisas úmidas e em decomposição. Estragão, melaço de romã, capim-limão. De novo, o som dos metais, trompetes, saxofone, trompas. E agora, percussão também. Um assobio alegrinho no ar.

— Tive muito tempo pra pensar sobre isso — Zee respondeu, rindo. — Muito, muito tempo.

— Entendi — Cyrus respondeu, rindo também, embora ainda estivesse confuso.

Os dois permaneceram ali, sentados, assistindo a uma multidão de cavalos passar galopando, as narinas dilatadas, nuvens de vapor saindo dos seus músculos fortes. Atrás dele, um enorme garanhão preto, com o dobro do tamanho dos outros, com um cavaleiro iluminado segurando suas rédeas. Ele vestia um longo manto preto.

— É sério? — disse Cyrus.

Zee sorriu, deu de ombros.

— Você terá que perdoar o universo pelo momento dramático.

Ficaram ali mais um pouco, vendo o céu ondular e se agitar, feito leite no café — de mãos dadas, assistindo, quase sem pensar em nada, felizes. Então Zee perguntou:

— Você está pronto?

— Acho que sim — disse Cyrus. Seu pé queimava, um calor tão quente que entrava num *looping* de tão-quente-que-parece-frio, e de volta para o quente, escaldante. Cyrus olhou para baixo, para o sapato do pé que latejava, e se deparou com um vazio rodopiando, um cosmos de gravidade profunda e

ossos pálidos. Viu sua família, seus pais, seu livro, o próprio rosto. Sem futuro, como uma bola de cristal estilhaçada.

Juntos, Cyrus e Zee se levantaram. A luz dourada nas fissuras do chão tinham se unido numa enorme poça, morna e gorgolejante como um bebezinho sem supervisão. Cyrus se ajoelhou diante do redemoinho, ofegante. Estava, em algum lugar no fundo da mente, ciente de que chorava, de que Zee estava ajoelhado ao seu lado, secando as lágrimas que escorriam pela sua bochecha, enchendo-as de beijos. Era quase insuportável, como era bom e caloroso estarem ali — juntos — no córrego da luz dourada. O sentimento de oração — não a oração propriamente dita, mas a quietude que ela traz — emanou da terra, com cheiro de grama e fumaça amadeirada. Cyrus esticou a mão até o córrego e fechou os olhos. Sentiu outra mão — a sua ou a de Zee? — agarrá-la.

Ao redor deles, pássaros e flores radiantes despencavam do céu feito punhos de neve.

CODA

Sang Linh

Nova York, 1997

Desmontando o porquê de termos colocado espelhos nas gaiolas de pássaros com Roya e Duy, lembro de pensar que era isso, o alto da montanha. Meus dois filhos mais novos estavam em casa com a babá – Mytoan, a filha adolescente de uma conhecida minha. Isso foi antes de eu ter dinheiro para contratar Marguerite, a babá favorita dos meus filhos – mas pouquíssimo tempo antes. Gaiolas de Pássaros *foi a terceira exposição da Orkideh na minha galeria, e a terceira totalmente esgotada. Cobrei mais caro pelas obras, e poderia ter cobrado mais.*

Eu mesma fazia o serviço de entregas, teimosa que era, instalava e desinstalava as exposições com a ajuda do meu filho mais velho, Duy, para quem eu pagava cinquenta dólares por dia. Cinquenta dólares por dia parecia um valor escandaloso, tanto pra ele quanto para mim – e para os seus irmãos, que protestavam com inveja –, mas eu precisava mesmo da ajuda e gostava de tê-lo por perto. Roya também insistia em me ajudar a montar e desmontar, mais por conta da sua natureza obsessiva do que por gentileza. Depois de ter levado as pinturas do seu minúsculo apartamento na área cheia de açougues para o seu primeiro ateliê, ela nunca mais confiou que outra pessoa, nem mesmo eu, pudesse fazer esse trabalho com o cuidado que ela julgava necessário.

Eu e ela ouvíamos música pop no rádio enquanto lixávamos a parede para receber uma demão de tinta antes da próxima exposição quando Duy se aproximou com uma das maiores pinturas da exposição, Odi et Amo, *enrolada num casulo de papel e plástico bolha.*

— Onde coloco essa? — perguntou.

A pintura que ele carregava – uma mão crucificada, curvada para apertar o prego enfiado na palma – estava entre as favoritas de Roya, mas não entre as minhas. A mão envolvia o prego de maneira quase afetuosa, da mesma forma que alguém segura a mão de uma criança para atravessar a rua. Havia, na saliência da palma, quase o esboço de um rosto, um rosto infantil. A aquarela parecia escorrer, procurar. Às vezes, à noite, minha mãe derramava restos de chá da chaleira na minha água de banho, e as cores do Odi et Amo *me lembraram disso, o marrom se fundindo com o cinza. A semelhança era tanta que a primeira vez que vi a pintura, senti cheiro de folhas de pandan. Tamanho o choque do reconhecimento. Não era exatamente agradável, e fiquei contente que a pintura estava indo para algum lugar onde era improvável que eu a visse de novo.*

Apontei para o pacote de encomendas destinado a D. J. T. Swartzwelder, um magnata da saúde japonês que tinha adquirido para si um terço da exposição. Roya olhava para Duy com desconfiança enquanto ele levava a pintura para perto das outras. Vi que tentava se conter, mas acabou não conseguindo, e gritou: "Cuidado com os cantos! Por favor!"

Duy revirou os olhos, teatral. Encostei na mão de Roya. Ela olhou para mim e, quando nossos olhares se cruzaram, fui de repente tomada por uma onda de gratidão. Como um ataque de pânico, mas sem a parte ruim. Aquela mulher incrível e curiosa me amava e estávamos fazendo o que sempre tínhamos sonhado. Meus filhos estavam felizes e seguros. Construímos uma vida boa. E é claro, para Roya e eu, haveria sempre níveis mais altos de conquistas profissionais, financeiras e criativas a serem alcançados. Dinheiro, prêmios, viagens. Eu sabia disso, mesmo naquela época. Mas o que dizia respeito a nós, ao nosso casamento, ao nós de nós, aquele parecia, mesmo naquele momento, ser uma espécie de clímax.

Muitas vezes na vida, nos momentos de desespero absoluto, sob os abusos do meu marido, eu me senti condenada, com aquela sensação de "tudo vai continuar assim, esse tormento, para sempre, até eu morrer". Um medo irremediável e inescapável se espalhava em todas as direções, sem nunca ter fim. É trágico que só o terror nos traga essa sensação. Que mesmo quando Roya e eu tínhamos momentos maravilhosos, ainda assim eu via com indistinta clareza a necessidade de segurá-los, de guardá-los dentro de mim como reservas de gordura para estações mais cruéis.

— Ele sabe o que está fazendo — assegurei-lhe, assentindo para Duy, e vi Roya relaxar um pouco.

*Roya pôs sua lixa no chão. As caixas de som tocavam uma música sensual, que eu nunca tinha ouvido antes. A letra dizia "*If I could wear your clothes, I'd pretend I was you, And lose controoooool*". Como se tivesse ensaiado, Roya se aproximou de mim, passou os braços na minha cintura e beijou minha nuca.*

— Sabe qual a primeira coisa que vou comprar? — ela perguntou.

— O quê?

— Com o dinheiro da exposição? — ela esclareceu.

— Ah — respondi. — Um desodorante, quem sabe?

Ela bateu de leve no meu braço, brincando, e disse:

— É culpa sua que eu tive que passar os últimos dois dias aqui dentro. Se você não fosse tão boa no seu trabalho, não teríamos que despachar todas essas obras.

Revirei os olhos.

— Elas venderiam em qualquer lugar.

Ela deu de ombros.

— Vamos, pergunta o que vou comprar! — insistiu, um pouco alto demais no meu ouvido.

Duy chamou do meio das encomendas.

— Essa era a última pintura pra esse cara?

Fiz que não e apontei para uma menor, no corredor: Um Murmúrio*, era o nome dela. A sombra da sombra de uma pombinha. Branco sobre branco.*

— Aquela ali também.

Duy suspirou. Acrescentei:

— Obrigada, meu bem!

Voltando para Roya, perguntei:

— O que é que você vai comprar, meu ursinho?

— Uau, que bom que você perguntou! — ela disse, fingindo surpresa. — Vou comprar a maior porta de Cadillac que eu encontrar.

Ela ainda estava atrás de mim, as mãos na minha cintura, e me puxou mais para perto, apoiando o queixo no meu ombro. Entortei o pescoço para trás para enxergar seu rosto. Ela estava dando um de seus sorrisos de satisfação consigo mesma, que eu adorava a contragosto.

— Só a porta? — questionei.

— É.

Suspirei, entrando na brincadeira.

— Por que comprar só a porta do Cadillac, meu amor?

Ela me apertou mais forte e sussurrou no meu ouvido:

— Porque quando o mundo acabar e só sobrar a gente, lutando para sobreviver, vou poder baixar o vidro quando estiver calor!

Ela estava rindo, dando uma gargalhada tempestuosa que pensei, num segundo de insensatez, que fosse arrancar os quadros da parede, mais alto do que qualquer barulho que já a tinha ouvido fazer. Não tinha entendido a piada, também não sabia quem estava incluído naquele "a gente". Mas era tão ridículo, o quanto ela estava rindo por conta da própria piada péssima, que logo eu também estava rindo, rindo com tanta intensidade quanto ela estava rindo. Duy olhou para nós, balançou a cabeça, também riu de leve. Era um bom menino, cuidava dos irmãos, os ajudava a se vestirem quando eram pequenos e a fazer a lição de casa quando eram um pouco mais velhos. Ensinou Truong a usar o fogão.

Quando era mais novo, Duy e eu tínhamos visto um morador de rua tropeçar e derrubar seu saco de latinhas para todos os lados. Duy deu risada da cena, do som, mas, quando eu o censurei por rir, ele disse, em inglês:

— Mãe, é que eu não consigo segurar o riso!

E eu não entendia a expressão, ela era nova para mim, então gritei:

— O riso não precisa que você o segure!

Isso fez com que ele risse ainda mais. E sei lá o porquê, mas pensei nessa expressão enquanto ria com Roya na galeria, ria de sua piada ruim, baixar o vidro quando estiver calor, sem sentido, uma delícia, não conseguia segurar o riso. Não conseguia segurar o riso, mas o riso não precisava que eu o segurasse. Era ele que nos segurava, completo e bondoso, onde nada poderia nos estilhaçar, nada poderia nos fazer sumir do mapa. Nós três ficamos ali a noite toda, trabalhando na galeria, cantando com o rádio as músicas que conhecíamos, dançando ao som das que não conhecíamos, rindo de tudo, tudo mesmo, o completo absurdo da produção florescendo bem na nossa cara, de propósito.

Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.
Mas — mas eu também?! Não esquecer que
por enquanto é tempo de morangos.
— *Clarice Lispector*

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Tommy Orange: companheiro de banda, maestro. Esse romance não existiria se não fosse pelo seu exemplo, dentro e fora das páginas. Obrigado, Lauren Groff, por ter sido capaz de enxergar a coisa que eu queria escrever por detrás da coisa que eu tinha escrito, e por ter me dito isso. Pelo apoio essencial durante os vários rascunhos, obrigado, Dan Barden, Marie-Helene Bertino, Ingrid Rojas Contreras, Paige Lewis, Anne Meadows, Angel Nafis, Ben Purkert, Arman Salem e Clint Smith — o livro e eu somos imensuravelmente melhores por termos sido amados por vocês.

Agradeço à minha editora, Jordan Pavlin, por sempre perceber onde eu quero chegar, mesmo quando eu ainda não sei, por ser um exemplo de exuberância e competência, por me permitir chamar o livro de *Mártir!*. Agradeço à minha agente, Jacqueline Ko, pela confiança, paciência e pela firmeza da sua condução. Tabia Yapp, obrigado por ter cuidado de mim durante todos esses anos.

Paige Lewis, obrigado por me permitir te observar observando o mundo. Tem sido um imenso privilégio e uma escola.

Leitor, a sua atenção — uma medida de tempo, o seu bem mais precioso e irrecuperável — é um presente valioso, e dei o meu melhor para honrá-lo. Obrigado, muito obrigado.

Título original
MARTYR!

Copyright © 2024 *by* Kaveh Akbar

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

Copyright da edição brasileira © 2025 *by* Editora Rocco Ltda

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
DÉBORA LANDSBERG

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: novembro, 2025.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A264m
Akbar, Kaveh
Mártir! [recurso eletrônico] / Kaveh Akbar ; tradução Layla Gabriel de Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco digital, 2025.
recurso digital

Tradução de: Martyr!
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-408-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção iraniana. 2. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Layla Gabriel de. II. Título.

25-100181.0

CDD: 891.53

CDU: 82-3(55)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782
27/08/2025 28/08/2025

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

KAVEH AKBAR já teve seus poemas publicados em veículos como *The New Yorker, The New York Times, Paris Review* e *Best American Poetry.* É autor de duas coletâneas de poesia, *Pilgrim Bell* e *Calling a Wolf a Wolf*, além do livreto *Portrait of the Alcoholic.* Também foi editor da coletânea *The Penguin Book of Spiritual Verse: 110 Poets on the Divine* e mora em Iowa City.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Epígrafe
Capítulo 1: Cyrus Shams
Um
Capítulo 2: Segunda-feira
Dois
Interlúdio 1
Capítulo 3
Três
Capítulo 4
Quatro
Capítulo 5: Bandar Abbas, Irã
Cinco
Interlúdio 2
Capítulo 6: Cyrus e Ali Shams
Capítulo 7: Lisa Simpson e Roya Shams
Seis
Capítulo 8: Roya e Arash Shirazi
Sete
Interlúdio 3
Capítulo 9: Terça-feira
Oito
Capítulo 10: Zee Novak
Nove
Capítulo 11: Sexta-feira
Dez
Interlúdio 4
Capítulo 12: Ali Shams
Capítulo 13: Sexta-feira

Onze
Capítulo 14: Arash Shirazi
Doze
Interlúdio 5
Capítulo 15: Cyrus Shams
Treze
Interlúdio 6
Capítulo 16: Roya Shams
Catorze
Capítulo 17: Sábado
Quinze
Interlúdio 7
Capítulo 18: Kareem Abdul-Jabbar e Beethoven Shams
Dezesseis
Interlúdio 8
Capítulo 19: Arash Shirazi
Dezessete
Capítulo 20: Domingo
Capítulo 21: Interlúdio
Dezoito
Capítulo 22: Roya Shams
Dezenove
Capítulo 23: Domingo
Vinte
Interlúdio 9
Capítulo 24: Domingo
Vinte e um
Capítulo 25: Domingo
Vinte e dois
Capítulo 26: Orkideh e o Presidente Insolente
Vinte e três
Capítulo 27: Roya Shams
Vinte e quatro
Capítulo 28: Segunda-feira
Vinte e cinco
Interlúdio 10

Capítulo 29: Ali Shams e Rumi
Capítulo 30: Segunda-feira
Vinte e seis
Interlúdio 11
Capítulo 31: Roya Shams
Capítulo 32: Segunda-feira
Vinte e sete
Interlúdio 12
Capítulo 33
Vinte e oito
Interlúdio 13
Capítulo 34: Orkideh
Vinte e nove
Capítulo 35: Orkideh
Trinta
Capítulo 36: Segunda-feira
Trinta e um
Interlúdio 14
Capítulo 37: Orkideh
Trinta e dois
Interlúdio 15
Capítulo 38: Segunda-feira
Capítulo 39: Coda
Epígrafe final
Agradecimentos
Créditos
O Autor